# As garotas

Emma Cline

intrínseca

EMMA CLINE

# As garotas

TRADUÇÃO
Sergio Flaksman



Copyright © 2016 by Emma Cline

TÍTULO ORIGINAL
The Girls

PREPARAÇÃO
Juliana de Paiva Ferreira

REVISÃO
Taís Monteiro
Milena Vargas

DESIGN DE CAPA
Peter Mendelsund

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0136-3

Edição digital: 2017

1ª edição

*Todos os direitos desta edição reservados à*
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br




intrinseca.com.br

# Sumário


Folha de rosto
Mídias sociais
Créditos
Introdução
Parte um
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Parte dois
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10

Parte três
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15

Parte quatro
Agradecimentos
Sobre a autora
Leia também

Olhei naquela direção por causa das risadas, e continuei olhando por causa das garotas.

Primeiro reparei nos cabelos, longos e despenteados. Depois nas bijuterias que usavam, brilhando ao sol. As três estavam tão longe que só consegui distinguir o contorno de seus traços, mas não me importei com isso — sabia que elas eram diferentes de todas as outras pessoas no parque. Famílias formando filas desordenadas, à espera de salsichas e hambúrgueres que assavam na grelha. Mulheres de blusas com estampa xadrez se aproximando dos namorados, meninos atirando botões de eucalipto nas galinhas de aparência selvagem que invadiam a área. Aquelas garotas de cabelo comprido pareciam pairar acima de tudo o que acontecia à volta delas, trágicas e distantes. Como uma família real no exílio.

Observei as garotas sem disfarçar, com uma expressão descaradamente perplexa: não me parecia possível que pudessem levantar os olhos na minha direção e reparar em mim. O hambúrguer ficou esquecido no meu colo, o vento trazendo do rio um fedor de peixe. Era uma época na qual eu analisava e classificava outras garotas de imediato, calculando constantemente quanto eu deixava a desejar, e logo vi que a de cabelo preto era a mais bonita. Eu já esperava isso mesmo antes de discernir seus rostos. Ela tinha uma aura de quem pertence a outro mundo, com seu vestido sujo e largo que mal cobria a bunda. Vinha ladeada por uma ruiva magrela e uma garota mais velha, todas com roupas igualmente desleixadas. Como se recolhidas do fundo de um lago. Todos os anéis baratos formando um segundo conjunto de nós nos dedos. Estavam em um limiar instável, beleza e feiura ao mesmo tempo, e uma onda de atenção as seguiu pelo parque. Mães olhando em volta à procura dos filhos, movidas por algum sentimento que não sabiam definir. Mulheres pegando a mão dos namorados. O sol penetrava por entre as árvores, como sempre — os salgueiros sonolentos, o vento quente agitando as toalhas de piquenique —, mas o caráter familiar daquele dia foi perturbado pela passagem das garotas, rasgando o mundo real em seu trajeto. Graciosas e indiferentes como tubarões irrompendo na superfície do mar.

# PARTE UM

Tudo começa com o Ford subindo devagar a rua estreita, o doce sussurrar das madressilvas deixando o ar de agosto mais espesso. As garotas no banco de trás de mãos dadas, as janelas do carro abertas para deixar o sereno noturno entrar. O rádio tocando até que o motorista, subitamente tenso, o desliga com um gesto brusco.

Escalam o portão, ainda adornado com lâmpadas natalinas. Encontram, primeiro, o silêncio profundo do chalé do caseiro, que tirava um cochilo de fim de tarde no sofá, os pés descalços acomodados lado a lado como dois pães. A namorada dele no banheiro, removendo dos olhos a maquiagem em formato de meia-lua.

Em seguida, a casa principal, onde dão um susto na mulher que está lendo no quarto de hóspedes. O copo d'água estremecendo na mesa de cabeceira, o algodão úmido de sua calcinha. O filho de cinco anos ao lado dela, murmurando palavras sem sentido para lutar contra o sono.

Elas fazem com que todos se reúnam na sala. O momento em que essas pessoas amedrontadas entendem que o doce cotidiano de suas vidas — o suco de laranja matinal, a curva fechada feita em uma bicicleta — já deixou de existir. Seus rostos mudam como se uma cortina se abrisse; por trás dos olhos, algo se destranca.

* * *

Eu havia imaginado aquela noite tantas vezes. A estrada íngreme e escura, o mar sem sol. Uma mulher caída no gramado noturno. E, embora os detalhes tivessem se anuviado com o passar dos anos, cobertos por novas camadas de pele, foram a primeira coisa que me veio à mente quando ouvi a fechadura sendo destrancada pouco antes da meia-noite.

O estranho na porta.

Aguardei que o som revelasse sua origem. O filho de um vizinho derrubando uma lata de lixo na calçada. Um cervo agitado no meio do mato. Só podia ser isso, pensei, aquele barulho distante em outra parte da casa, e tentei imaginar como aquele lugar tornaria a parecer inofensivo à luz do dia, tranquilo e a salvo de qualquer perigo.

Mas o barulho continuou, atravessando impetuosamente o limiar da vida real. Agora havia risos no outro cômodo. Vozes. O zumbido da geladeira ao ser aberta. Tentei achar alguma explicação, mas não conseguia parar de pensar no pior. No fim das contas, era assim que tudo acabaria. Encurralada na casa de outra pessoa, em meio aos fatos e hábitos da vida de outra pessoa. Minhas pernas nuas, riscadas por varizes — como eu pareceria fraca quando viessem atrás de mim, uma senhora de meia-idade encolhida em algum

canto.

Continuei na cama, minha respiração curta enquanto eu fitava a porta fechada. Esperando os intrusos, os horrores que eu imaginava assumindo forma humana e povoando o cômodo, entendi que não haveria nenhum ato heroico. Só o terror embotado, a dor física que precisaria ser suportada até o fim. Eu não tentaria fugir.

* * *

Só me levantei da cama depois de ouvir a garota. A voz dela era aguda e inócua. Mas isso não deveria ter sido reconfortante — Suzanne e as outras também eram garotas na época, e isso não tinha ajudado ninguém.

* * *

Eu estava morando numa casa emprestada. Os escuros ciprestes marítimos aglomerados fora da janela, a contração do ar salgado. Eu comia com a mesma avidez de quando era criança — um monte de espaguete coberto de queijo. O espasmo do refrigerante em minha garganta. Eu molhava as plantas de Dan uma vez por semana, levando cada uma delas até a banheira e segurando o vaso debaixo da torneira até que a terra molhada começasse a borbulhar. Mais de uma vez tomei banho com amontoados de folhas mortas no fundo da banheira.

Já gastara minha herança dez anos antes: o que restou dos filmes da minha avó — horas de filmagens dela sorrindo com seu sorriso de ave de rapina, os cachos cerrados como um chapéu. Eu tomava conta dos espaços que acomodavam as existências de outras pessoas, em cujas casas eu morava trabalhando como cuidadora. Cultivava uma invisibilidade educada em roupas assexuadas, meu rosto embaçado pela expressão agradável e ambígua de um enfeite de jardim. Essa parte agradável era importante, o truque mágico da invisibilidade, possível somente quando parecia assegurar a ordem correta das coisas. Como se fosse algo que eu também desejava. Eu cuidava de pessoas de vários tipos. Um menino com necessidades especiais que tinha medo de tomadas e sinais de trânsito. Uma senhora idosa que assistia a programas de entrevistas enquanto eu separava um pires inteiro de comprimidos, cápsulas de um cor-de-rosa claro que lembravam confeitos.

Quando meu último trabalho chegou ao fim e nenhum outro apareceu, Dan me ofereceu sua casa de férias — o gesto preocupado de um velho amigo —, como se eu estivesse fazendo um favor a ele. A claraboia inundava os cômodos com a luz brumosa de um aquário, a madeira dilatando e inchando com a umidade. Como se a casa estivesse respirando.

A praia não era muito frequentada. Fria demais, sem ostras. A única estrada que cruzava a cidade era ladeada por trailers estacionados em

grandes lotes — o ruído de cata-ventos à brisa, varandas abarrotadas de boias e coletes salva-vidas desbotados, os ornamentos de gente humilde. Às vezes eu fumava um pouco da maconha penugenta e de cheiro forte do meu antigo senhorio, depois ia andando até a loja na cidade. Uma tarefa que eu era capaz de realizar, tão bem definida quanto lavar um prato. Ou estava sujo ou estava limpo, e esses estados binários me eram bem-vindos, a maneira como alicerçavam o dia.

Raramente deparava com alguém. Os poucos adolescentes da cidade pareciam se matar de formas horrivelmente rurais — ouvi histórias de acidentes de picape às duas da manhã, de uma festa do pijama em um trailer que terminou em intoxicação por monóxido de carbono e matou um jogador de futebol americano. Eu não sabia se a raiz desse problema era a vida no interior, o excesso de tempo, o tédio e os veículos recreativos, ou se era algo próprio da Califórnia: alguma característica da luz local que estimulava o risco e as proezas cinematográficas idiotas.

Eu jamais havia entrado no mar. Uma garçonete da cafeteria tinha me contado que aquela era uma área de acasalamento de tubarões-brancos.

* * *

Eles ergueram os olhos das fortes luzes da cozinha, como guaxinins flagrados no meio do lixo. A garota deu um grito. O rapaz se levantou, alto e magrelo. Só havia os dois. Meu coração batia forte, mas eram tão jovens — e deviam ser habitantes locais, imaginei, invadindo as casas de veraneio. Eu não ia morrer.

— Que porra é essa?

O rapaz deixou de lado sua garrafa de cerveja, a garota colada nele.

Ele aparentava ter uns vinte anos e usava uma bermuda cheia de bolsos. Meias brancas altas, acne rosada por baixo de uma barba fina. Mas a menina era uma criaturinha minúscula. Quinze ou dezesseis anos, pernas pálidas com um leve toque de azul.

Tentei reunir toda a autoridade possível enquanto puxava a barra da minha camiseta até as coxas. Quando eu disse que ia chamar a polícia, o rapaz riu com desdém.

— Vá em frente. — Ele envolveu a garota com o braço. — Ligue para a polícia. Quer saber? — Pegou o celular do bolso. — Foda-se, eu mesmo ligo.

O aperto de medo no meu peito se dissolveu de repente.

— Julian?

Senti vontade de rir. Da última vez que o vira, ele tinha treze anos, era magrelo e ainda informe. O filho único de Dan e Allison. Mimado, levado de carro às competições de violoncelo por todo o oeste dos Estados Unidos. Um professor particular de mandarim às quintas-feiras, pão integral e

vitaminas mastigáveis, muros que os pais ergueram para protegê-lo do fracasso. Nada disso dera certo, e ele tinha ido parar em uma universidade qualquer em Long Beach ou Irvine. Lembrei que houvera algum problema lá. Expulsão, ou talvez uma versão mais atenuada disso, uma sugestão de fazer um ano de curso pré-universitário. Julian fora um menino tímido e irritável, avesso a rádios de carro e comidas desconhecidas. Agora sua silhueta era angulosa, tatuagens parcialmente visíveis sob a camisa. Não se lembrava de mim, e por que deveria se lembrar? Eu era uma mulher fora do raio de suas atenções eróticas.

— Estou passando umas semanas aqui — falei, consciente de minhas pernas expostas e envergonhada por todo aquele melodrama, a menção à polícia. — Sou amiga do seu pai.

Pude ver o esforço que ele fazia para se lembrar de mim, atribuir algum significado à minha pessoa.

— Evie — falei.

Nada.

— Eu morava num apartamento em Berkeley. Do lado da casa do seu professor de violoncelo.

Dan e Julian às vezes me visitavam depois das aulas dele. Julian tomava com gosto um copo de leite e arranhava as pernas da minha mesa com pontapés robóticos.

— Ah, merda — disse ele. — É claro.

Eu não sabia dizer se ele realmente tinha se lembrado de mim ou se a quantidade de detalhes que invoquei havia sido suficiente para acalmá-lo.

A garota se virou para Julian, o rosto inexpressivo como uma colher.

— Está tudo bem, amor — afirmou ele, beijando-lhe a testa.

Uma ternura inesperada.

Julian sorriu para mim e percebi que estava bêbado, ou talvez só chapado. As feições dele estavam oleosas, uma umidade doentia na pele, mas mesmo assim os bons modos de alguém criado na classe alta vieram à tona instintivamente, como um idioma materno.

— Esta é a Sasha — disse ele, dando um empurrãozinho na garota.

— Oi — piou ela, encabulada.

Eu tinha esquecido aquela característica apalermada das adolescentes: o desejo pelo amor tão patente no rosto dela que me deixava constrangida.

— É, Sasha — disse Julian —, esta é...

Os olhos dele se esforçavam para fazer meu rosto entrar em foco.

— Evie — lembrei-o.

— Isso — disse ele. — Evie. Caramba.

Ele tomou um gole da cerveja, a garrafa âmbar refletindo as lâmpadas fortes. Julian estava olhando para além de mim. O olhar percorria a mobília, o conteúdo das prateleiras de livros, como se a casa fosse minha e o forasteiro fosse ele.

— Meu Deus, você deve ter achado que a gente estava, tipo, invadindo a casa ou alguma coisa assim.

— Achei que vocês fossem da região.

— Uma vez teve uma invasão aqui — disse Julian. — Quando eu era criança. A gente não estava em casa. Só roubaram as roupas de mergulho e um monte de mariscos do congelador.

Tomou mais um gole.

Sasha mantinha o olhar em Julian. Usava um shortinho jeans, o traje errado para o frio do litoral, e um suéter grande demais, que devia ser dele. As pontas das mangas puídas e parecendo molhadas. A maquiagem dela estava horrível, mas imagino que servisse mais como um símbolo. Pude ver que meu olhar a deixava nervosa. Entendi a preocupação. Na idade dela, eu não sabia direito como me mexer, se estava andando depressa demais, se as outras pessoas percebiam meu desconforto e minha rigidez. Como se, o tempo inteiro, todo mundo estivesse avaliando meu desempenho e concluindo que eu deixava a desejar. Ocorreu-me que Sasha era muito nova. Nova demais para estar ali com Julian. Ela parecia saber o que eu estava pensando, me fitando com um surpreendente ar de desafio.

— Sinto muito que o seu pai não tenha contado para você que eu estaria aqui — falei. — Posso dormir no outro quarto, se você quiser ficar com a cama maior. Ou, se vocês quiserem ficar aqui sozinhos, eu dou um jeito de...

— Não precisa — respondeu Julian. — Sasha e eu podemos dormir em qualquer lugar, não é, amor? A gente está só de passagem. Indo para o norte. Para buscar uma erva — falou. — Eu faço essa viagem de Los Angeles até Humboldt pelo menos uma vez por mês.

Ocorreu-me que Julian achou que eu ficaria impressionada.

— Eu não trafico nem nada — continuou ele, mais hesitante. — Só cuido do transporte. Na verdade, a pessoa só precisa de umas sacolas à prova d'água e um rádio que pegue a frequência da polícia.

Sasha parecia preocupada. Será que eu causaria problemas para eles?

— De onde você conhece o meu pai mesmo? — perguntou Julian, terminando sua cerveja e abrindo outra.

Eles tinham trazido alguns engradados. As outras provisões à vista: potinhos com mix de castanhas, misturadas como cascalho, um pacote ainda fechado de balinhas azedas em formato de minhoca, o papel amassado de uma sacola velha de fast-food.

— A gente se conheceu em Los Angeles — respondi. — E morou junto por um tempo.

Dan e eu dividimos um apartamento em Venice Beach no fim dos anos 1970, Venice com seus becos de terceiro mundo, as palmeiras batendo nas janelas, impelidas pelo vento morno da noite. Eu me sustentava com o dinheiro que minha avó tinha ganhado com filmes e estudava para obter um

diploma de enfermagem. Dan tentava engatar uma carreira de ator. Nunca conseguiria. Em vez disso, ele se casaria com uma mulher que tinha algum dinheiro de família e abriria uma empresa de comida vegetariana congelada. Agora era proprietário de uma casa em Pacific Heights, construída antes do terremoto de São Francisco.

— Ah, peraí, a amiga dele de Venice? — De repente Julian pareceu mais concentrado. — Como é mesmo o seu nome?

— Evie Boyd — respondi, e a expressão que surgiu de repente no rosto dele me surpreendeu: em parte reconhecimento, mas também um genuíno interesse.

— Peraí — repetiu. Afastou o braço da garota e ela pareceu enfraquecida pela ausência dele. — Você é aquela moça?

Talvez Dan tivesse contado a ele como as coisas tinham ido ladeira abaixo para mim. Essa ideia me deixou constrangida, e levei a mão ao rosto por reflexo. Um hábito ridículo da adolescência, a maneira como eu escondia uma espinha. A mão levada ao queixo, meus dedos mexendo casualmente nos lábios. Como se isso não atraísse ainda mais a atenção, tornando tudo pior.

Agora Julian tinha se animado.

— Ela fez parte daquele culto — contou ele à garota. — Não é? — perguntou, virando-se para mim.

Um buraco de pavor se abriu em meu estômago. Julian continuava olhando para mim, cheio de expectativa. Sua respiração rápida e arrítmica.

Eu tinha quatorze anos naquele verão. Suzanne tinha dezenove. Havia um incenso que o grupo queimava às vezes e que nos deixava sonolentas e complacentes. Suzanne lia em voz alta uma edição antiga da *Playboy*. As polaroides obscenas e luminosas que escondíamos e trocávamos como figurinhas de beisebol.

Eu sabia como era fácil ele aparecer, esse passado sempre acessível, como o inevitável lapso cognitivo de uma ilusão de ótica. O tom de um dia conectado a algum item específico: o lenço de chiffon da minha mãe, a umidade de uma abóbora cortada. Sombras projetadas em formatos familiares. Mesmo o reflexo brilhante do sol no capô de um carro branco podia causar um transe momentâneo em mim, permitindo um breve retorno. Eu já tinha visto bastões do antigo brilho labial da Yardley — a maquiagem agora só uma cera esfarelada — sendo vendidos por quase cem dólares na internet. Para que mulheres adultas pudessem sentir de novo o cheiro, aquele aroma químico de flores. O desejo das pessoas chegava a esse ponto — a vontade de ter certeza de que suas vidas tinham *de fato* acontecido, de que a pessoa que um dia haviam sido continuava a existir dentro delas.

Eram tantas coisas que voltavam a mim... O cheiro forte de soja, odor de fumaça no cabelo de alguém, as colinas cobertas de grama que se alouravam

em junho. A disposição de carvalhos e pedras, vislumbrada de canto de olho, tinha o poder de abrir algo em meu peito, o suor de adrenalina molhando de repente as palmas das minhas mãos.

Esperei que Julian demonstrasse aversão, talvez até medo. Seria a reação lógica. Mas fiquei confusa com a maneira como ele me olhava. Com uma espécie de admiração maravilhada.

Sem dúvida o pai dele tinha contado tudo. O verão naquela casa caindo aos pedaços, os garotinhos queimados de sol. Na primeira vez que eu tentara contar tudo a Dan, numa noite em Venice em que a queda de energia havia trazido uma intimidade apocalíptica à luz de velas, ele caíra na risada. Confundindo o tom sussurrante da minha voz com alguma sugestão de hilaridade. Mesmo depois que convenci Dan de que estava dizendo a verdade, ele continuou a falar do rancho naquele mesmo tom escrachado de paródia. Como um filme de terror com efeitos especiais ruins, o microfone aparecendo em quadro toda hora e transformando a chacina em comédia. E era um alívio exagerar a minha distância dos fatos, embalando meu envolvimento no embrulho bem-acabado de uma anedota.

O fato de eu não ter sido mencionada na maioria dos livros ajudava. Nem mesmo nas brochuras com o título escorrendo sangue e as páginas brilhosas cheias de fotos da cena do crime. Nem no livro menos popular, porém mais preciso, escrito pelo principal promotor envolvido no caso — rico em pormenores repulsivos, chegando até mesmo ao espaguete não digerido encontrado no estômago do garotinho. As poucas linhas que mencionavam meu nome estavam enterradas em uma obra fora de catálogo escrita por um ex-poeta, e mesmo assim ele tinha errado a grafia e não fizera qualquer conexão entre mim e minha avó. O mesmo poeta também afirmou que a CIA estava produzindo filmes pornôs estrelados por Marilyn Monroe sob o efeito de drogas, filmes vendidos para políticos e chefes de Estado estrangeiros.

— Foi há muito tempo — expliquei a Sasha, mas a expressão dela estava imperturbável.

— Mesmo assim — disse Julian, animando-se. — Sempre achei que foi lindo. Doentio, mas lindo. Uma forma de expressão fodida da cabeça, mas ainda assim uma forma de expressão, sabe. Um impulso artístico. A gente precisa destruir para conseguir criar, toda essa porra que os hinduístas dizem. — Pude ver que ele estava confundido meu choque aturdido com aprovação. — Meu Deus, não consigo nem imaginar — continuou. — Estar mesmo no meio de uma coisa assim.

Ele ficou esperando minha reação. Eu estava tonta com a emboscada das luzes da cozinha: será que eles não notavam que o cômodo estava iluminado demais? Até me perguntei se a garota era mesmo bonita. Os dentes dela tinham um tom amarelado.

Julian a cutucou com o cotovelo.

— A Sasha nem sabe do que a gente está falando.

A maioria das pessoas conhecia pelo menos um dos detalhes macabros. Estudantes universitários às vezes se fantasiavam de Russell no Halloween, encharcando as mãos com o ketchup que haviam pegado do refeitório. Uma banda de *black metal* usara o coração na capa de um disco, o mesmo coração enrugado que Suzanne desenhara na parede de Mitch. Com o sangue da mulher. Mas Sasha me parecia tão jovem — por que teria ouvido falar daquilo? E por que se importaria? Estava perdida naquela certeza profunda de que nada existia além de sua própria experiência. Como se as coisas só pudessem acontecer de um único modo, os anos conduzindo você por um corredor até a sala onde o seu inevitável eu aguarda — embrionário, pronto para ser revelado. Como era triste perceber que às vezes você não chega lá. Que às vezes você vive uma vida inteira só arranhando a superfície enquanto os anos passam, estéreis.

Julian acariciou o cabelo de Sasha.

— Foi um puta acontecimento. Umas pessoas no condado de Marin assassinadas por um bando de hippies.

O calor no rosto dele era familiar. O mesmo fervor daquelas pessoas que frequentavam os fóruns on-line que pareciam nunca sossegar ou morrer. Competiam pela liderança, adotando o mesmo tom de conhecimento profundo, um verniz de erudição mascarando a morbidez dos fatos. O que estavam procurando em meio a todas as banalidades? Como se fizesse alguma diferença se chovia ou fazia sol naquele dia. As menores migalhas pareciam importantes quando consideradas por tempo suficiente: a estação em que o rádio na cozinha de Mitch estava sintonizado, o número e a profundidade das facadas. Como as sombras teriam tremeluzido naquele carro específico subindo aquela rua específica.

— Eu só andei com eles por alguns meses — falei. — Não foi nada de mais.

Julian pareceu decepcionado. Imaginei a mulher que ele via quando olhava para mim: o cabelo desgrenhado, as marcas de preocupação ao redor dos olhos.

— Mas, sim — falei —, eu ficava bastante por lá.

Essa resposta me trouxe de volta com força ao interesse dele.

E então deixei o momento passar.

Não contei a ele que preferia nunca ter conhecido Suzanne. Que preferia ter ficado em segurança no meu quarto nas montanhas secas perto de Petaluma, as prateleiras repletas com meus livros de infância favoritos, suas lombadas enfeitadas a ouro. E de fato eu desejava isso. Mas havia noites em que, incapaz de dormir, eu descascava lentamente uma maçã à beira da pia, deixando a espiral se encompridar sob o brilho da faca. A casa toda escura à minha volta. E às vezes a sensação não era de arrependimento. Era de saudade.

* * *

Julian enxotou Sasha para o outro quarto como um pacífico pastor de cabras. Perguntando se eu precisava de alguma coisa antes de me dar boa-noite. Fiquei surpresa — ele me lembrava dos rapazes da escola que sempre pareciam mais bem-educados e funcionais quando drogados. Lavando diligentemente a louça do jantar de família enquanto suas mentes viajavam, hipnotizados pela magia psicodélica do sabão.

— Durma bem — disse Julian, fazendo uma pequena reverência de gueixa antes de fechar a porta.

* * *

Os lençóis da minha cama estavam bagunçados, a sensação de medo ainda pairando no quarto. Como fui ridícula. Ficando tão assustada. Mas mesmo a surpresa de haver gente inofensiva na casa me perturbava. Eu não queria minha podridão interior exposta, nem por acidente. Viver sozinha era assustador assim. Ninguém para policiar o que extravasou de você, as maneiras como você deixou transparecer seus desejos primitivos. Como um casulo construído à sua volta, feito de suas próprias propensões desnudas e jamais ajustado aos padrões da real vida humana.

Eu ainda estava alerta, e foi preciso me esforçar para relaxar, para controlar minha respiração. A casa era um lugar seguro, eu disse a mim mesma, eu estava bem. De repente me pareceu ridículo aquele encontro desajeitado. Através da parede fina, eu podia ouvir os sons de Sasha e Julian acomodando-se no outro quarto. O piso rangendo, portas de armário sendo abertas. Estavam provavelmente forrando com lençóis o colchão nu. Sacudindo anos de poeira acumulada. Imaginei Sasha examinando as fotos de família na prateleira, Julian ainda bebê segurando um gigantesco telefone vermelho. Julian aos onze ou doze anos, em um barco para ver baleias, seu rosto salpicado de sal e maravilhado. Ela estava provavelmente projetando toda aquela inocência e doçura no homem quase adulto que tirou a bermuda e deu tapinhas na cama, convidando a garota para se deitar. Os resquícios borrados de tatuagens amadoras ao longo dos braços dele.

Ouvi o rangido do colchão.

Não fiquei surpresa que fossem transar. Mas aí veio a voz de Sasha, gemendo como num filme pornô. Aguda e estridente. Eles não sabiam que eu estava no quarto ao lado? Virei-me de costas para a parede, fechando os olhos.

Julian grunhindo.

— Você é uma vadia? — perguntou ele.

A cabeceira da cama batia na parede.

— Você é?

* * *

Eu viria a pensar, depois, que Julian devia estar ciente de que eu podia ouvir tudo.

1969

# 1

Era o fim dos anos 1960, ou o verão antes do fim, e era essa a sensação, de um verão sem fim e sem forma. O Haight povoado de membros da Igreja do Processo do Juízo Final, vestidos de branco e distribuindo seus panfletos impressos em papel cor de aveia, os jasmins ao longo das estradas florescendo especialmente fortes e abundantes naquele ano. Todo mundo era saudável, bronzeado e cheio de enfeites, e, se você não fosse assim, isso também era significativo — você podia ser uma espécie de criatura lunar, chiffon cobrindo as cúpulas dos abajures, numa dieta digestiva de *kitchari* que manchava de cúrcuma todos os seus pratos.

Mas isso tudo estava acontecendo num outro lugar, não em Petaluma, com suas casas de rancho com telhados baixos, a carroça coberta perpetuamente estacionada diante do restaurante Hi-Ho. As faixas de pedestre chamuscadas pelo sol. Eu tinha quatorze anos, mas parecia muito mais jovem. As pessoas gostavam de dizer isso para mim. Connie jurava que eu podia passar por dezesseis, mas nós contávamos muitas mentiras uma para a outra. Éramos amigas desde antes do ensino médio, Connie sempre me esperando do lado de fora das salas de aula, paciente como um bovino, toda a nossa energia dedicada à encenação daquela amizade. Ela era rechonchuda, mas não se vestia como se fosse; usava blusas curtas de algodão com bordados mexicanos, saias justas demais que produziam um sulco enraivecido no alto de suas coxas. Eu sempre havia gostado dela de um modo que não me obrigava a refletir sobre isso: era um fato, como a existência de minhas próprias mãos.

Em setembro, eu seria mandada para o mesmo internato onde minha mãe tinha estudado. Construíram um campus bem-cuidado em torno de um antigo convento em Monterey, com gramados lisos em um suave declive. Farrapos de neblina pela manhã, breves indícios da proximidade da água salgada. Era uma escola só para meninas, e eu teria que usar uniforme — sapatos de salto baixo e nada de maquiagem, blusa de marinheiro com um laço azul-marinho no pescoço. Era uma área de confinamento de verdade, cercada por um muro de pedra e povoada por garotas insossas de rostos redondos. Escoteiras da organização Camp Fire e meninas de instituições de pedagogia mandadas para aprender a taquigrafar cento e sessenta palavras por minuto. Para fazer promessas entusiasmadas e sonhadoras de serem madrinhas umas das outras em casamentos no hotel Royal Hawaiian.

Minha partida iminente forçou uma distância inédita em minha amizade com Connie. Eu havia começado a notar certas coisas, quase contra a minha vontade. Connie dizendo: "A melhor maneira de superar uma pessoa é ficar com outra", como se nós duas fôssemos vendedoras de loja em Londres em vez de adolescentes sem experiência vivendo na área rural do condado de Sonoma. Lambíamos pilhas para sentir um choque metálico na língua, que os boatos diziam ser o equivalente a um dezoito avos de um orgasmo. Doía imaginar como essa nossa dupla era vista pelos outros, marcadas como o tipo de meninas que pertenciam uma à outra. As assexuadas, clichês do ensino médio.

Todo dia, depois da escola, enveredávamos sem dificuldade pela trilha já familiar das nossas tardes. Desperdiçando horas em alguma tarefa trabalhosa: seguindo a sugestão de Vidal Sassoon de usar ovos crus batidos para fortalecer os cabelos ou tirando cravos com a ponta esterilizada de uma agulha de costura. O projeto em andamento de nossos eus de menina parecia requerer atenções estranhas e precisas.

Como adulta, me pergunto a quantidade de tempo que desperdicei. A fartura e a escassez que nos ensinavam a esperar do mundo, as contagens regressivas das revistas, que insistiam que começássemos a nos preparar para o primeiro dia de escola com trinta dias de antecedência.

Dia 28: aplique uma máscara facial de abacate e mel.

Dia 14: teste a maquiagem que pretende usar em vários tipos de luz (natural, escritório, fim de tarde).

Naquela época, eu estava focada demais em receber atenção. Eu me vestia para provocar amor, puxando meu decote mais para baixo, ostentando no rosto um olhar distante aonde quer que fosse, o que insinuava muitos pensamentos profundos e promissores, para o caso de alguém olhar na minha direção. Quando criança, uma vez participei de uma exposição canina com fins de caridade, e desfilei segurando um belo *collie* pela coleira, uma bandana de seda em volta do pescoço dele. Fiquei tão empolgada com aquela performance consentida, com a maneira como eu abordava desconhecidos e deixava-os admirarem o cão, meu sorriso tão indulgente e constante quanto o de uma vendedora; e como me senti vazia quando o desfile acabou e ninguém precisava mais olhar para mim.

Eu ficava à espera de que me dissessem o que eu tinha de bom. E mais tarde me perguntei se não era por isso que no rancho tinha tantas mulheres a mais do que homens. Todo aquele tempo que eu gastara me preparando, os artigos que me ensinavam que a vida era, na verdade, só uma sala de espera até que alguém reparasse em você — os rapazes haviam gastado esse tempo tornando-se eles mesmos.

* * *

Aquele dia no parque foi a primeira vez que vi Suzanne e as outras. Eu tinha ido até lá de bicicleta, me orientando pela fumaça que saía da churrasqueira. Ninguém falou comigo a não ser o homem que pressionava os hambúrgueres contra o metal da grelha, produzindo um chiado úmido e monótono. As sombras dos carvalhos moviam-se pelos meus braços nus, minha bicicleta inclinada na grama. Quando um rapaz mais velho usando um chapéu de caubói trombou comigo, andei mais devagar de propósito para que ele esbarrasse em mim de novo. O tipo de flerte que Connie usaria, praticado como uma manobra militar.

— Qual é o seu problema? — murmurou ele.

Abri a boca para pedir desculpas, mas o rapaz já estava se afastando. Como se soubesse que não precisava ouvir nada que eu fosse lhe dizer.

O verão se escancarava à minha frente — o dissipar dos dias, a marcha das horas, minha mãe rondando a casa de forma casual como se fosse uma desconhecida. Eu falara com o meu pai algumas vezes ao telefone. E me pareceu que havia sido doloroso para ele também. Ele me fizera perguntas estranhamente formais, como um tio distante que só conhecia uma série de fatos de segunda mão a meu respeito. Evie tem quatorze anos, Evie é baixinha. Os silêncios entre nós teriam sido melhores se fossem tingidos de tristeza ou arrependimento, mas era pior — dava para ouvir quão feliz ele estava por ter ido embora.

Sentei-me sozinha num banco, com guardanapos abertos sobre os joelhos, e comi meu hambúrguer.

Era a primeira vez em muito tempo que eu comia carne. Minha mãe, Jean, parara de comer carne havia quatro meses, desde o divórcio. Parara de fazer muitas coisas. Não havia mais a mãe que se assegurava de que eu comprasse roupas íntimas novas a cada estação, a mãe que enrolava minhas meias soquete brancas como se fossem delicadas como ovos. Que costurara pijamas iguais aos meus para as minhas bonecas, inclusive com os mesmos botões de pérola. Estava pronta para cuidar da própria vida com a avidez de uma colegial resolvendo um problema difícil de matemática. Sempre que tinha um momento livre, alongava-se. Erguendo-se nas pontas dos pés para exercitar as panturrilhas. Acendia incensos que vinham embrulhados em papel-alumínio e faziam meus olhos lacrimejarem. Começou a tomar um chá novo, feito de alguma casca de árvore aromática, andava pela casa arrastando os pés e tomando pequenos goles, acariciando a garganta distraidamente, como quem se recupera de uma longa doença.

O mal-estar era vago, mas a cura era específica. As novas amigas sugeriram massagens. Sugeriram as águas salgadas de tanques de privação sensorial. O uso de eletropsicômetros, Gestalt terapia, comer apenas alimentos ricos em minerais plantados durante a lua cheia. Não pude acreditar que minha mãe seguiu aqueles conselhos, mas ela dava ouvidos a todo mundo. Louca por um alvo, um plano, acreditando que a resposta

poderia vir de qualquer direção, a qualquer momento, se ela ao menos se esforçasse o suficiente.

E ela buscou até só restar a própria busca. O astrólogo em Alameda que a fez chorar quando falou da sombra desfavorável projetada pelo ascendente dela. As terapias que envolviam se lançar num quarto de paredes almofadadas e cheio de desconhecidos e sair rodopiando até esbarrar em alguma coisa. Ela voltou para casa com manchas indistintas na pele, hematomas que iam mudando para uma vívida cor de carne. E eu a vi tocar os machucados com uma expressão próxima da afeição. Quando se deu conta de que eu estava olhando, enrubesceu. Tinha acabado de descolorir os cabelos, que fediam a produtos químicos e rosas artificiais.

— Você gostou? — perguntou ela, alisando com os dedos as pontas cortadas.

Eu assenti, embora a cor fizesse a pele dela parecer acometida por icterícia.

Ela continuava mudando, dia após dia. Pequenas coisas. Comprava brincos artesanais das mulheres em seu grupo de apoio para melhorar a expressão das emoções, voltava para casa com pedaços primitivos de madeira pendendo das orelhas, pulseiras esmaltadas da cor de pastilhas de hortelã chacoalhando nos pulsos. Começou a contornar os olhos com um lápis delineador que ela esquentava na chama de um isqueiro. Girava a ponta até que ficasse mole e ela pudesse traçar riscos em cada olho, fazendo-a parecer sonolenta e egípcia.

Parou na minha porta antes de sair à noite, vestia uma blusa vermelho-tomate que deixava seus ombros à mostra. Ela ficava puxando as mangas para baixo. Os ombros estavam salpicados de purpurina.

— Quer que eu pinte os seus olhos também, querida?

Mas eu não tinha para onde ir. Quem se importaria se meus olhos parecessem maiores ou mais azuis?

— Pode ser que eu chegue tarde. Então durma bem. — Minha mãe se inclinou para beijar o topo da minha cabeça. — Está tudo certo, não está? Entre nós duas?

Ela me deu tapinhas carinhosos, sorrindo tanto que seu rosto parecia rachar e revelar toda a dimensão de sua necessidade. Parte de mim de fato se sentia bem, ou eu estava confundindo familiaridade com felicidade. Porque isso estava presente mesmo quando o amor não estava — a rede da família, a pureza do hábito e do lar. Era tão insondável o tempo que você passava em casa, e talvez fosse mesmo o melhor ao seu alcance — aquela sensação de enclausuramento interminável, como procurar a ponta da fita adesiva mas nunca conseguir encontrá-la. Não havia cortes ou interrupções — só os marcos da sua vida que tinham sido absorvidos por você a tal ponto que nem era mais possível reconhecê-los. O prato rachado com padrão de folhas de salgueiro, que eu preferia por razões que não lembro. O papel de parede do

corredor, tão conhecido meu de um jeito que chegava a ser incomunicável para qualquer outra pessoa — cada bosque de palmeiras desbotado em tom pastel, as personalidades distintas que eu atribuía a cada hibisco florescendo.

Minha mãe parou de impor horários regulares para as refeições, deixando uvas num escorredor na pia ou trazendo para casa sopa de missô com aneto em potes de vidro de suas aulas de culinária macrobiótica. Saladas de algas pingando um óleo nauseante de cor âmbar.

— Coma isso todo dia no café da manhã — dizia ela — e nunca mais vai ter uma espinha.

Eu me afastava, tirando rapidamente os dedos da espinha na minha testa.

Houve muitas sessões de planejamento noite adentro entre minha mãe e Sal, a mulher mais velha que ela conhecera no grupo. Sal estava eternamente disponível para minha mãe, vindo nos visitar nos horários mais incomuns, ávida por drama. Usava túnicas com gola mandarim, os cabelos grisalhos bem curtos deixando as orelhas à mostra, o que lhe dava a aparência de um menino idoso. Minha mãe conversava com Sal sobre acupuntura, o deslocamento das energias pelos meridianos do corpo. Os diagramas.

— Eu só quero mais espaço para mim — disse minha mãe. — Esse mundo deixa a gente exausto, não é?

Sal mudou de posição, movendo a ampla retaguarda, e assentiu. Fiel como um cavalo com as rédeas a postos.

Minha mãe e Sal estavam tomando seu chá amadeirado em tigelas, uma nova afetação que minha mãe tinha adotado.

— É a moda europeia — declarou, na defensiva, embora eu não tivesse falado nada.

Quando entrei na cozinha, as duas pararam de conversar, mas minha mãe inclinou a cabeça.

— Querida — disse, fazendo um gesto para eu me aproximar. Semicerrou os olhos. — Reparta sua franja para o lado direito. Fica melhor.

Eu tinha penteado o cabelo daquele jeito para cobrir a espinha, que de tanto eu cutucar tinha criado uma casquinha. Eu a tinha coberto com óleo de vitamina E, mas não conseguia parar de mexer nela, usando pedaços de papel higiênico para absorver o sangue.

Sal concordou.

— Rosto redondo — disse com autoridade. — Talvez franjas não sejam uma ideia nada boa para ela.

Eu imaginei como seria a sensação de derrubar Sal da cadeira, como o peso dela a faria desabar num instante. O chá de casca de árvore derramado pelo piso de linóleo.

As duas logo perderam o interesse em mim. Minha mãe recontou sua história familiar, como a sobrevivente em choque de um acidente de carro. Baixando os ombros como se para se acomodar ainda mais no sofrimento.

— E a parte mais hilária — prosseguiu minha mãe —, a parte que realmente mexe comigo? — Sorriu para as próprias mãos. — Carl está ganhando dinheiro — disse ela. — Com aquele negócio de câmbio lá. — Riu de novo. — Finalmente. Deu mesmo certo. Mas era o meu dinheiro que pagava o salário dela — afirmou. — O dinheiro que a minha mãe ganhou com os filmes. Gasto com aquela garota.

* * *

Minha mãe se referia a Tamar, a assistente que meu pai contratara para seu mais recente empreendimento. Tinha alguma coisa a ver com operações de câmbio. Comprar moeda estrangeira, depois vender e tornar a comprar, repetindo isso até que, insistia meu pai, sobrasse apenas o puro lucro, ilusionismo em grande escala. Era por isso que havia fitas que ensinavam francês no carro dele: meu pai vinha tentando negociar uma transação envolvendo francos e liras.

Agora ele e Tamar estavam vivendo juntos em Palo Alto. Eu só a encontrara em poucas ocasiões: ela tinha ido me buscar na escola uma vez, antes do divórcio. Acenando preguiçosamente para mim do volante de seu Plymouth Fury. Com vinte e poucos anos, magra e animada, Tamar constantemente aludia aos planos que tinha para o fim de semana, ao apartamento que preferia que fosse maior, sua vida com texturas que eu não conseguia imaginar. De tão louros, os cabelos eram quase cinza, e ela os usava soltos, diferente de minha mãe, com seus cachos suaves. Naquela época, eu olhava para mulheres com um julgamento brutal e impassível. Avaliando o volume de seus seios, imaginando a aparência deles em diversas posições. Tamar era muito bonita. Prendia os cabelos no alto com uma presilha de plástico parecida com um pente e estalava o pescoço, sorrindo para mim enquanto dirigia.

— Quer chiclete?

Desembrulhei dois tabletes opacos de suas embalagens prateadas. Sentia algo próximo a amor ao lado de Tamar, minhas coxas escorregando no vinil do assento. Garotas são as únicas que podem dar atenção de verdade umas às outras, o tipo de atenção que é igual a sermos amadas. Percebem o que queremos que seja percebido. E era isso que eu fazia por Tamar — respondia aos seus símbolos, ao estilo do seu penteado e de suas roupas, e ao aroma do seu perfume L'Air du Temps, como se fossem dados importantes, sinais que refletiam algo do seu eu interior. A beleza dela era algo que eu levava para o lado pessoal.

Quando chegamos em casa, com o cascalho crepitando sob as rodas do carro, ela me perguntou se podia usar o banheiro.

— Claro — respondi, vagamente animada por tê-la em minha casa, como uma dignitária em visita.

Indiquei-lhe o banheiro bom, ao lado do quarto dos meus pais. Tamar deu uma espiada na cama e franziu o nariz.

— Que edredom feio — disse baixinho.

Até então, aquele fora só o edredom dos meus pais, mas então abruptamente senti vergonha alheia pela minha mãe, pelo edredom cafona que ela escolhera, pelo fato de que tinha sido tola o suficiente para gostar.

Sentei à mesa de jantar escutando o som abafado de Tamar fazendo xixi, da torneira aberta. Ela passou um longo tempo lá dentro. Quando finalmente ressurgiu, alguma coisa estava diferente. Levou um instante para que eu percebesse que ela estava usando o batom da minha mãe, e quando me notou reparando nela foi como se eu tivesse interrompido um filme a que ela estava assistindo. Seu olhar absorto pelo presságio de uma vida diferente.

* * *

Minha fantasia favorita era a da terapia do sono, que eu tinha conhecido lendo *O vale das bonecas*. O médico induzia o sono prolongado num quarto de hospital, a única solução para a pobre e estridente Neely, a mente desorientada de Demerol. Parecia perfeito — meu corpo mantido vivo por máquinas pacíficas e confiáveis, meu cérebro repousando em espaço aquoso, plácido como um peixe dourado num pequeno aquário. Eu acordaria semanas depois. E embora a vida fosse retomar seu caráter decepcionante, ainda haveria aquele período de nada.

O internato era para ser um corretivo, o empurrão de que eu precisava. Meus pais, mesmo em seus mundos separados e absortos, estavam decepcionados comigo, aflitos com minhas notas medíocres. Eu era uma garota comum, e essa era a maior decepção de todas — não havia brilho de grandeza em mim. Eu não era bonita o suficiente para compensar as notas que tirava, a balança não pendia nem para a aparência nem para a inteligência. Às vezes eu era tomada por impulsos fervorosos de ter um desempenho melhor, de me esforçar mais, mas claro que nada mudava. Outras forças misteriosas pareciam estar envolvidas. A janela deixada aberta ao lado da minha mesa fazia com que eu perdesse as aulas de matemática assistindo ao oscilar das folhas das árvores. Minha caneta vazava, me impedindo de fazer anotações. As coisas que eu fazia bem não tinham utilidade ou aplicações práticas: endereçar envelopes com letras gordinhas e com criaturinhas sorridentes desenhadas na aba. Fazer um café lamacento que eu tomava com ar de seriedade. Encontrar uma música que eu queria ouvir tocando no rádio, como uma médium procurando a frequência que lhe traria notícias dos mortos.

Minha mãe dizia que eu era parecida com a minha avó, mas isso parecia suspeito, uma mentira atraente criada para me dar falsas esperanças. Eu

conhecia bem a história da minha avó, repetida como uma prece. Harriet, filha de um cultivador de tâmaras, resgatada da ensolarada obscuridade de Indio e levada para Los Angeles. O contorno suave de seu queixo e os olhos úmidos. Dentes pequenos, bem-alinhados e levemente pontudos, como os de um belo e estranho gato. Mimada pelo sistema dos grandes estúdios hollywoodianos, alimentada a leite batido e ovos, ou fígado grelhado e cinco cenouras, a mesma refeição que minha avó comia todas as noites de minha infância. A família enfurnada no vasto rancho de Petaluma depois que ela se aposentou, cuidando de cavalos e plantando rosas de exposição a partir de mudas desenvolvidas pelo botânico Luther Burbank.

Quando minha avó morreu, éramos como um pequeno país naquelas colinas, vivendo do dinheiro dela, embora fosse possível ir à cidade de bicicleta. A distância era mais psicológica — depois de adulta, eu pensava sobre nosso isolamento. Minha mãe andava nas pontas dos pés perto do meu pai, e eu também — os olhares enviesados que ele nos lançava, a maneira como nos encorajava a comer mais proteína, ler Dickens ou respirar mais fundo. Comia ovos crus e bifes muito salgados, e mantinha sempre um prato de *steak tartare* na geladeira, que comia de colherada em colherada cinco ou seis vezes por dia. "O exterior do seu corpo reflete seu eu interior", dizia, e fazia seus exercícios de ginástica num tatame ao lado da piscina, cinquenta flexões de braço comigo sentada em suas costas. Era uma espécie de mágica, ser erguida no ar de pernas cruzadas. Os ramos de aveia, o cheiro da terra esfriando.

Quando um coiote descia das colinas e puxava briga com o cachorro — com aquele chiado curto e feroz que eu achava tão emocionante —, meu pai matava o coiote a tiros. Tudo parecia simples assim. Os cavalos que eu copiava a lápis de um livro de desenho, sombreando as crinas com grafite. Traçava a imagem de um lince carregando um rato-do-campo na mandíbula, a presa afiada da natureza. Mais tarde eu veria que o medo sempre havia existido. A agitação que eu sentia quando minha mãe me deixava sozinha com a babá, Carson, que cheirava a mofo e sentava na cadeira errada. A maneira como todos me diziam que eu estava me divertindo o tempo todo, e eu não tinha como explicar que não era verdade. E até os momentos de felicidade eram sucedidos por algum desapontamento — a risada do meu pai, e em seguida meu esforço para conseguir alcançá-lo enquanto ele caminhava muito à minha frente. As mãos da minha mãe na minha testa febril, e então a solidão desesperada do meu quarto de enferma, minha mãe enfiada em algum lugar da casa, falando ao telefone com alguém numa voz que eu não reconhecia. Uma bandeja com biscoitos salgados redondos e canja com macarrão já fria, carne pálida emergindo da película de gordura. Um vazio povoado de estrelas que me parecia, mesmo quando criança, algo semelhante à morte.

Eu não me perguntava como minha mãe passava seus dias. Como devia

se sentar na cozinha vazia, a mesa cheirando à decomposição doméstica da esponja, e esperar até o alvoroço da minha volta da escola, que meu pai chegasse em casa.

Meu pai, que a beijava com uma formalidade que constrangia a todos nós, que largava nos degraus garrafas de cerveja aprisionando vespas e esmurrava o peito nu toda manhã para manter os pulmões fortes. Ele se agarrava com força à realidade bruta do seu corpo, as meias grossas e com sulcos à mostra acima dos sapatos, salpicadas de manchas dos sachês de cedro que mantinha nas gavetas. A maneira como brincava de conferir seu reflexo no capô do carro. Eu tentava guardar na mente coisas para contar ao meu pai, vasculhando meus dias à procura de algo que despertasse uma centelha de interesse. Não me ocorreu, até ficar adulta, que era estranho eu saber tantas coisas sobre ele enquanto ele parecia não saber nada sobre mim. Saber que amava Leonardo da Vinci porque ele inventara a energia solar e nascera na pobreza. Que era capaz de identificar qualquer modelo de carro só pelo som do motor e achava que todo mundo devia saber os nomes das árvores. Ficava satisfeito quando eu concordava que escolas de negócios eram uma enganação, ou eu assentia com a cabeça quando ele chamava de traidor o adolescente da cidade que pintara símbolos da paz no carro dele. Uma vez me disse que eu devia aprender violão clássico, embora eu jamais o tivesse visto escutar qualquer música a não ser aquelas bandas de caubóis bem teatrais, que batiam as botas de caubói verde-esmeralda no mesmo ritmo e cantavam letras sobre rosas amarelas. Achava que sua estatura fora a única coisa que o impedira de ser bem-sucedido.

"Robert Mitchum também é baixo", dissera para mim, certa vez. "Sempre o colocam em cima de caixotes de laranja nas filmagens."

* * *

Assim que avistei as garotas abrindo caminho pelo parque, minha atenção se fixou nelas. A de cabelo preto com suas damas de companhia, o riso delas uma reprimenda à minha solidão. Eu estava à espera de algo sem saber o que era. E então aconteceu. Foi rápido, mas ainda assim eu vi: a menina de cabelo preto puxou o decote do vestido para baixo por um breve instante, expondo o mamilo avermelhado de seu seio nu. Bem no meio de um parque cheio de gente. Antes que eu pudesse acreditar plenamente no que via, ela puxou o vestido de volta para cima. Estavam todas rindo, lascivas e despreocupadas; nenhuma delas nem sequer olhou em volta para ver quem poderia estar observando.

Foram para o beco ao lado do restaurante, mais além da churrasqueira. Experientes e tranquilas. Eu não desviei o olhar. A mais velha levantou a tampa de uma caçamba de lixo. A ruiva se abaixou, e então a garota de cabelo preto usou o joelho dela como degrau para alcançar a beirada da

caçamba. Estava procurando alguma coisa ali dentro, mas eu nem imaginava o que poderia ser. Levantei para jogar fora meus guardanapos e parei diante de uma lata de lixo, observando as três. A garota de cabelo preto estava tirando coisas de dentro da caçamba e passando para as outras duas: um saco de pão de forma ainda na embalagem, um repolho de aparência anêmica que cheiraram e então jogaram de volta no lixo. Um comportamento aparentemente já bem habitual — iriam mesmo comer aquilo? Quando a garota de cabelo preto emergiu da caçamba pela última vez, escalando a borda e pulando de volta para o chão, estava segurando algo. O objeto tinha um formato estranho, era da cor da minha pele, e me aproximei aos poucos.

Quando percebi que era um frango cru, brilhando por causa da embalagem de plástico, devo tê-la encarado com mais intensidade, porque a garota de cabelo preto se virou e viu meu olhar. Ela sorriu, e senti meu estômago se contrair. Algo pareceu passar entre nós, um rearranjo sutil do ar. A maneira franca e sem remorso como sustentou meu olhar. Mas ela voltou a si bruscamente quando a porta de tela do restaurante se abriu com um estrondo. Dali saiu um homem corpulento, já aos berros. Enxotando as garotas como se fossem cachorros. Elas pegaram o saco de pão e o frango e saíram correndo. O homem parou e as observou por um minuto. Enxugando as mãos grandes no avental, o peito arfando com dificuldade.

Àquela altura as garotas já estavam a um quarteirão dali, os cabelos esvoaçando como bandeiras, e um ônibus escolar preto passou por elas, reduziu a marcha, e as três desapareceram dentro dele.

* * *

A imagem das três; a macabra aparência fetal daquele frango, o vermelho-cereja do mamilo da garota. Tudo aquilo era tão berrante, e talvez fosse por isso que eu continuava pensando nelas. Eu não conseguia entender. O porquê de aquelas garotas precisarem catar comida no lixo. Quem estava dirigindo aquele ônibus e que tipo de pessoa escolheria pintá-lo daquela cor. Eu tinha visto que eram carinhosas umas com as outras, as garotas, que havia entre elas algum contrato de família — estavam seguras quanto ao que eram juntas. A longa noite que se estendia à minha frente, minha mãe havia saído com Sal, de repente me parecia insuportável.

* * *

Foi a primeira vez que vi Suzanne — o cabelo preto destacando-a, mesmo de longe, como uma pessoa diferente; o sorriso que me lançou era direto e analítico. Eu não sabia explicar para mim mesma a fisgada que senti ao olhar para ela. Suzanne parecia tão estranha e crua, como essas flores que

desabrocham numa explosão extravagante uma vez a cada cinco anos, um estímulo intenso e provocador que era quase igual a beleza. E o que aquela garota tinha visto ao olhar para mim?

Entrei no banheiro do restaurante. *Siga em frente*, rabiscado à caneta. *Tess Pyle chupa meu pau!* As ilustrações que acompanhavam a frase haviam sido riscadas. Todos os vestígios bobos e enigmáticos de seres humanos que estavam resignados a serem mantidos no mesmo lugar, ignorados pela ordem indiferente das coisas. Que queriam fazer algum pequeno protesto. O mais triste de todos: *Caralho*, escrito a lápis.

Enquanto eu lavava as mãos, enxugando-as com uma toalha endurecida, examinei minha aparência no espelho acima da pia. Por um instante, tentei me enxergar através dos olhos da garota de cabelo preto, ou mesmo do rapaz de chapéu de caubói, analisando minhas feições em busca de uma vibração sob a pele. O esforço era visível em meu rosto, e me senti envergonhada. Não era surpreendente que o rapaz tivesse parecido enojado: deve ter visto a ânsia em mim. Visto como meu rosto emanava carência, tal como o prato vazio de um órfão. E era aquela a diferença entre mim e a garota de cabelo preto — o rosto dela respondia a todas as suas perguntas.

Eu não queria saber essas coisas sobre mim mesma. Joguei água no rosto, água fria, como Connie me recomendara certa vez. "A água fria faz os poros se fecharem", e talvez fosse verdade: senti minha pele se contrair, a água escorrendo pelo meu rosto e meu pescoço. Quão desesperadamente Connie e eu acreditávamos que cumprir aqueles rituais — lavar o rosto com água fria, pentear os cabelos com uma escova de cerdas de javali antes de ir para a cama, até que os fios virassem um frenesi de estática — faria alguma prova se esclarecer por conta própria e uma nova vida se apresentar à nossa frente.

# 2

*Tcha-tching*, fez a máquina caça-níqueis na garagem de Connie, como num desenho animado, sua luz rosada embebendo as feições de Peter. Ele tinha dezoito anos, o irmão mais velho de Connie, e seus antebraços eram da cor de torradas. Seu amigo Henry pairava ao lado dele. Connie decidira que tinha uma queda por Henry e, portanto, a nossa noite de sexta-feira seria dedicada a ficarmos sentadas no banco de levantamento de peso, com a motocicleta laranja de Henry estacionada ao nosso lado como um pônei premiado. Olhávamos os rapazes jogarem na máquina, bebendo a cerveja genérica que o pai de Connie guardava na geladeira da garagem. Mais tarde eles iriam atirar nas garrafas com uma pistola de ar comprimido, gabando-se a cada explosão de vidro.

Eu sabia que ia ver Peter aquela noite, por isso tinha colocado uma blusa bordada, o cabelo fedendo a laquê. Eu cobrira uma espinha no queixo com um pouco da base bege da Merle Norman, mas a maquiagem se acumulara nas bordas e a destacara. Contanto que meu cabelo não se desmanchasse, eu estava bonita, ou pelo menos era o que eu achava, e enfiei a blusa para dentro da saia para dar destaque ao topo dos meus pequenos seios, o volume artificial propiciado pelo aperto do sutiã. A sensação de exposição me dava um prazer ansioso que me deixava com a postura mais ereta, mantendo minha cabeça junto ao pescoço como um ovo numa xícara. Tentando ser mais como a garota de cabelo preto no parque, aquela expressão de tranquilidade confiante no rosto dela. Connie estreitou os olhos quando me viu, um músculo do lado de sua boca se contraindo levemente, mas ela não disse nada.

* * *

Peter só tinha falado comigo pela primeira vez havia duas semanas. Eu estava esperando Connie no térreo. O quarto dela era muito menor que o meu, sua casa, mais modesta, mas passávamos a maior parte de nosso tempo lá. A casa tinha um tema marítimo, a tentativa equivocada do pai dela de se aproximar de uma decoração feminina. Eu sentia pena do pai de Connie: seu emprego noturno numa fábrica de laticínios, as mãos com artrite que ele fechava e abria nervosamente. A mãe de Connie vivia em algum lugar do Novo México, perto de uma fonte termal, tinha filhos gêmeos e outra vida

da qual ninguém nunca falava. No Natal, havia mandado certa vez para Connie um potinho de blush compacto quebrado e um suéter colorido de tricô tão pequeno que nenhuma de nós conseguira fazer a cabeça passar pela gola.

— As cores são bonitas — eu dissera, esperançosa.

Connie apenas dera de ombros.

— Ela é uma vaca.

Peter entrou de supetão pela porta da frente, largando um livro na mesa da cozinha. Fez um aceno para mim com a cabeça, naquele jeito contido dele, e começou a preparar um sanduíche — pegando fatias de pão de forma e um pote de mostarda de cor ácida.

— Onde está a princesa? — perguntou.

A boca dele estava rachada em um intenso cor-de-rosa. Levemente coberta, imaginei, com resina de maconha.

— Foi buscar um casaco.

— Ah.

Ele juntou as fatias de pão e deu uma mordida. Ficou olhando para mim enquanto mastigava.

— Você anda bonita ultimamente, Boyd — disse ele, antes de engolir com força.

A avaliação dele me pegou tão de surpresa que quase pensei ter sido minha imaginação. Será que era para eu responder alguma coisa? Eu já tinha memorizado a frase.

Ele se virou para a porta da frente ao ouvir um barulho, uma garota de jaqueta de brim, sua silhueta borrada pela tela. Pamela, a namorada dele. Eram um casal firme, absorviam um ao outro; usavam roupas parecidas, silenciosamente passando o jornal no sofá ou assistindo a *O Agente da U.N.C.L.E.* Removiam os fiapos da roupa um do outro como se fosse de si mesmos. Eu tinha visto Pamela na escola quando ela estava no ensino médio, nas vezes que passei de bicicleta pelo prédio de cor parda. Os retângulos de grama quase seca, os degraus baixos e largos onde as garotas mais velhas passavam o tempo todo sentadas com suas blusas justas de malha canelada, os dedos mínimos entrelaçados, segurando maços de cigarro Kent. Um quê de morte entre elas, os namorados em selvas úmidas. Pareciam adultas, até na maneira como batiam as cinzas dos cigarros com movimentos entediados dos pulsos.

— Oi, Evie — disse Pamela.

Para algumas garotas era fácil ser simpática. Lembrar o seu nome. Pamela era linda, é verdade, e eu sentia por ela aquela atração submersa que todos sentem por quem é lindo. As mangas da jaqueta jeans estavam arregaçadas até o cotovelo, os olhos exibiam um ar dopado por causa do delineador. As pernas dela estavam nuas e bronzeadas. As minhas eram pontilhadas por marcas de picada de mosquito que eu transformava em feridas abertas,

minhas panturrilhas tracejadas de pelos claros.

— Amor — disse Peter com a boca cheia, e andou rápido até ela para lhe dar um abraço, enterrando o rosto em seu pescoço.

Pamela guinchou e o empurrou para longe. Quando ela ria, seu dente torto aparecia de relance.

— Que coisa horrível — sussurrou Connie ao entrar.

Mas fiquei calada, tentando imaginar como seria isto: alguém conhecer você tão bem que os dois se tornam quase a mesma pessoa.

* * *

Estávamos no andar de cima, mais tarde, fumando a maconha que Connie tinha roubado de Peter. Tapando a fresta debaixo da porta com uma toalha grossa torcida. A todo momento ela precisava apertar com os dedos o cigarro de maconha para fechar o papel que o enrolava, nós duas fumando num silêncio solene de estufa. Pela janela eu podia ver o carro de Peter estacionado completamente torto, como se ele tivesse precisado abandoná-lo com grande urgência. Eu sempre estivera consciente da presença de Peter, assim como gostava de qualquer rapaz mais velho naquela idade — a mera existência deles demandava atenção. Mas meus sentimentos de repente haviam ficado maiores e mais prementes, tão exagerados e inevitáveis como parecem as coisas nos sonhos. Eu me empanturrava de banalidades sobre ele, o ciclo de camisetas que ele usava, a pele tenra onde sua nuca desaparecia dentro da gola. As cornetas de Paul Revere and the Raiders tocando em seu quarto, e como às vezes ele andava pela casa ostentando um ar orgulhoso de sigilo, e assim eu percebia que ele tinha tomado ácido. Enchendo e reenchendo um copo d'água na cozinha com extravagante cuidado.

Eu já entrara no quarto de Peter enquanto Connie estava no banho. Fedia ao que mais tarde eu identificaria como masturbação, uma ruptura úmida no ar. Todos os seus pertences emanando um ar misterioso: seu futon baixo, uma sacola plástica cheia de trouxinhas de maconha cinzentas ao lado do travesseiro. Manuais para virar aprendiz de mecânico. O copo no chão, engordurado de impressões digitais, estava cheio até a metade de água que parecia velha, e havia uma fileira de pedras de rio lisas em cima de sua cômoda. Uma pulseira barata de cobre que eu o vira usar algumas vezes. Absorvi aquilo tudo como se eu fosse capaz de decodificar o significado secreto de cada objeto, decifrar a arquitetura interior da vida dele.

Uma grande parte do desejo, naquela época, era um ato intencional. Tentando incessantemente moldar as quinas ásperas e decepcionantes dos meninos no formato de alguém que pudéssemos amar. Falávamos de nossa carência desesperada por eles usando palavras familiares já sabidas de cor, como se recitássemos as falas de uma peça. Mais tarde eu veria isto: como o

nosso amor era impessoal e ávido, vasculhando o universo, na esperança de um hospedeiro que moldasse nossos desejos.

* * *

Quando eu era jovem, encontrei revistas numa gaveta do banheiro, revistas do meu pai, as páginas deformadas pela umidade. O interior cheio de mulheres. A tensão da renda esticada nas partes íntimas, a luz difusa que deixava as peles iluminadas e pálidas. A minha garota favorita usava uma fita xadrez amarrada em forma de laço em torno do pescoço. Era tão estranho e emocionante que alguém pudesse estar nua e ao mesmo tempo usar uma fita no pescoço. Dava um ar formal à nudez.

Eu voltava à revista com uma regularidade de penitente, toda vez colocando-a de volta no lugar com cuidado. Trancava a porta do banheiro com um prazer esbaforido e pernicioso que logo evoluiu para o esfregar da minha genitália nas costuras de tapetes, na costura do meu colchão. No encosto de uma poltrona. Como aquilo funcionava, de fato? Que, evocando na minha mente aquela imagem pairando da garota, eu pudesse construir aquela sensação, uma onda de prazer que ia crescendo até se tornar compulsiva, o desejo de sentir aquilo de novo e de novo. Era estranho que eu imaginasse uma garota, não um rapaz. E que aquela sensação também pudesse ser reacendida por outras estranhezas: a ilustração colorida no meu livro de contos de fadas, de uma menina presa numa teia de aranha. Os olhos que facetavam criaturas malévolas, observando-a. A memória do meu pai apertando a bunda de uma vizinha por cima do maiô molhado.

Eu já tinha feito algumas coisas antes — não exatamente sexo, mas próximo disso. Amassos secos e desajeitados nos corredores durante as festas da escola. O sufocamento desconfortavelmente quente do sofá dos pais de alguém, a parte de trás dos meus joelhos suando. Alex Posner descendo a mão lentamente para dentro do meu short daquele jeito exploratório e distante dele, tirando-a bruscamente quando ouvíamos passos. E nada daquilo — os beijos, a mão dele enveredando pela minha roupa íntima, a intensidade bruta da ereção de um pênis na minha mão — se parecia com o que eu fazia sozinha, a pressão se propagando, como um subir de escadas. Eu via Peter quase como um corretivo para os meus próprios desejos, cuja compulsão às vezes me assustava.

* * *

Eu estava deitada na fina tapeçaria que cobria a cama de Connie. Ela tinha uma queimadura feia de sol; observei-a esfregar a pele esbranquiçada que descascava de seu ombro e enrolar os pedaços até virarem pequenas bolas cinzentas. Minha vaga repulsa a isso era abrandada quando eu pensava em

Peter, que morava na mesma casa que Connie, que respirava o mesmo ar. Que comia usando os mesmos utensílios. Os dois estavam misturados de um modo essencial, como duas espécies diferentes criadas no mesmo laboratório.

Do andar de baixo, ouvi o riso inebriado de Pamela.

— Quando eu arranjar um namorado, vou fazer com que ele me leve para jantar — disse Connie com autoridade. — Peter só traz ela aqui para trepar, e ela nem liga.

Peter nunca usava cueca, queixara-se Connie, e esse fato foi crescendo em minha mente, causando uma náusea de um jeito nada desagradável. Os olhos semicerrados e sonolentos dele, sempre chapado. Connie empalidecia se comparada a ele: eu não acreditava que a amizade pudesse ser um fim em si mesma, e não apenas um vago cenário para o drama de garotos amando ou não você.

Connie ficou de pé diante do espelho e tentou cantar no ritmo de um dos discos doces e tristes que escutávamos com uma obsessão fanática. Canções que superaqueciam minha tristeza genuína, o alinhamento que eu imaginava ter com a natureza trágica do mundo. Como eu amava me torturar desse jeito, nutrindo meus sentimentos até torná-los insuportáveis. Queria que a vida fosse tão frenética e impulsionada por portentos, de modo que até as cores, o clima e os sabores ficassem mais saturados. Era o que as canções prometiam, o que recolhiam de dentro de mim.

Havia uma canção que parecia vibrar com um eco só meu, como se fosse óbvio. Os versos simples sobre uma mulher, sobre o formato de suas costas quando ela as vira para o homem pela última vez. As cinzas de cigarro que ela deixa na cama. A música tocou uma vez do começo ao fim e Connie levantou de um salto para virar o disco.

— Coloque de novo — falei.

Tentei me imaginar da mesma forma que o cantor enxergava a mulher: o balançar da pulseira de prata, com um toque de verde, o cair de seus cabelos. Mas só me senti tola, abrindo os olhos para deparar com a imagem de Connie diante do espelho, separando os cílios com um alfinete de fralda, o short enfiado na bunda. Não é igual a perceber coisas sobre si mesmo. Apenas poucas garotas provocam esse tipo de atenção. Como a garota que eu vira no parque. Ou Pamela e as garotas sentadas nos degraus da escola, à espera da agitação preguiçosa dos carros de seus namorados, parados com o motor ligado, o sinal para se levantarem num salto. Para espanarem o assento e dirigirem em direção ao sol, acenando um adeus para aqueles deixados para trás.

* * *

Pouco depois daquele dia, entrei no quarto de Peter enquanto Connie

dormia. O comentário que ele tinha feito para mim na cozinha me parecera um convite com tempo determinado que eu precisava usar antes de perder a oportunidade. Connie e eu tínhamos bebido cerveja antes de ir para a cama, descansando apoiadas nas pernas de vime dos móveis, comendo queijo cottage que pegávamos de um pote com os dedos. Eu tinha bebido muito mais que ela. Queria que algum outro impulso me tomasse, me obrigasse a agir. Não queria ser como Connie, que nunca mudava, esperando alguma coisa acontecer, comendo um pacote inteiro de cream-crackers com gergelim e depois fazendo dez polichinelos no quarto. Continuei acordada depois que Connie mergulhou em seu sono profundo e agitado. Esperando ouvir os passos de Peter nos degraus da escada.

Ele subiu para o quarto, finalmente, e fiquei esperando o que me pareceu um bom tempo antes de segui-lo. Arrastando-me pelo corredor como um fantasma de pijama curto, o poliéster lustroso ocupando a melancólica lacuna entre vestidos de princesa e peças de lingerie. O silêncio da casa era uma coisa viva, opressiva e presente, mas também coloria tudo com uma liberdade desconhecida, preenchendo os cômodos com um ar mais denso.

O corpo de Peter debaixo das cobertas estava imóvel, seus nodosos pés de homem expostos. Fiquei escutando sua respiração, afetada pelos efeitos tardios de fossem lá quais drogas ele tivesse consumido. O quarto parecia acalentá-lo. Isso poderia ter sido suficiente — observá-lo dormir, como pais fariam, permitindo-me o privilégio de imaginar sonhos felizes. A respiração dele era como as contas de um rosário, cada inspiração ou exalação um consolo. Mas eu não queria que isso fosse suficiente.

Quando cheguei mais perto, seu rosto ficou mais nítido, seus traços se completando à medida que meus olhos se ajustavam à escuridão. Eu me permiti ficar olhando para ele sem vergonha. Peter abriu os olhos de repente, e de alguma forma não pareceu surpreso com a minha presença ao lado de sua cama. Lançou-me um olhar brando como um copo de leite.

— Boyd — disse ele, a voz ainda grogue de sono.

Mas piscou e havia uma resignação no tom com que disse meu nome que me fez sentir que ele estivera me esperando. Que sabia que eu viria.

Fiquei encabulada de estar de pé daquele jeito.

— Pode se sentar — disse ele.

Eu me agachei ao lado do futon, acomodando-me numa posição ridícula. Minhas pernas já estavam começando a arder por causa do esforço. Peter estendeu a mão para me puxar para o colchão e eu dei um sorriso, embora não tivesse certeza de que ele conseguia enxergar meu rosto. Ele ficou quieto e eu também. O quarto parecia estranho, visto do chão; o tamanho da cômoda, o formato da porta. Eu não conseguia imaginar Connie no outro quarto. Connie murmurando durante o sono, como sempre fazia, às vezes anunciando um número como uma jogadora de bingo confusa.

— Pode vir para debaixo do cobertor se estiver com frio — disse ele,

erguendo as cobertas de forma que eu pudesse ver seu peito exposto, sua nudez.

Acomodei-me ao lado dele num silêncio ritualístico. Fora fácil assim: eu entrara numa possibilidade que sempre estivera presente.

Ele não disse nada, depois disso, nem eu. Ele me puxou para perto, minhas costas junto a seu peito, e eu pude sentir o pau dele encostado nas minhas coxas. Eu não queria respirar, sentia que poderia ser um abuso, até o simples expandir e contrair de minhas costelas, um incômodo. Eu respirava muito de leve pelo nariz, aos poucos começando a me sentir tonta. A estridência do forte cheiro dele no escuro, dos seus cobertores, dos seus lençóis — era isso que Pamela tinha o tempo todo, aquela fácil ocupação pela presença dele. Um dos seus braços me envolvia, um peso que eu ficava identificando como o peso do braço de um rapaz. Peter agia como se fosse dormir, mexendo-se e suspirando de forma casual, mas isso dava coesão a tudo. Você tinha que agir como se nada de estranho estivesse acontecendo. Quando ele passou de leve o dedo pelo meu mamilo, fiquei totalmente imóvel. Podia sentir sua respiração estável no meu pescoço. A mão impessoal tirando medidas. Torceu o mamilo e eu arquejei audivelmente; ele hesitou por um instante, mas continuou. Seu pau lambuzando minhas coxas nuas. Entendi que fosse lá o que acontecesse, eu seria levada junto. Para onde quer que ele pilotasse a noite. E não havia medo, só um sentimento próximo da excitação, assistindo a tudo dos bastidores. O que aconteceria com Evie?

Quando os tacos do assoalho rangeram no corredor, o encanto se quebrou. Peter recolheu a mão, virando-se abruptamente de barriga para cima. Fitando o teto para que eu pudesse ver seus olhos.

— Preciso dormir — disse ele com uma voz cuidadosamente esgotada.

Uma voz que era como uma borracha, com a insistente inexpressividade que tinha a intenção de fazer com que eu me perguntasse se alguma coisa havia de fato acontecido. E eu demorei para me levantar, um pouco aturdida, mas também tomada de uma vertigem feliz, como se mesmo aquele pouquinho tivesse me saciado.

* * *

Os rapazes jogaram na máquina caça-níqueis pelo que me pareceram horas. Connie e eu sentadas no banco, vibrando com desatenção forçada. Eu continuava aguardando que Peter desse algum sinal de admitir o que acontecera entre nós. Um olhar de relance, imbuído com nossa história. Mas ele não olhava para mim. A garagem úmida cheirava a concreto frio e ao mofo das barracas de acampamento dobradas antes de secar. O calendário de posto de gasolina na parede: uma mulher numa banheira de água quente, os olhos imóveis e os dentes expostos como um exemplar de taxidermia. Eu

me sentia agradecida pela ausência de Pamela naquela noite. Tinha havido alguma briga entre ela e Peter, Connie me contara. Eu quis pedir mais detalhes, mas havia uma advertência no rosto dela — eu não podia me interessar demais.

— Crianças, vocês não têm nada melhor para fazer? — perguntou Henry. — Ver se tem alguém na sorveteria, algo assim?

Connie moveu a cabeça para afastar o cabelo do rosto e foi pegar mais cerveja. Henry observou a aproximação dela com divertimento.

— Me dê aqui — protestou ela quando Henry ergueu duas garrafas fora de seu alcance.

Lembro-me de ter reparado logo na primeira vez como ela era barulhenta, a voz endurecida com uma agressividade tola. As queixas de Connie e seus ataques fingidos, a risada irritante que parecia, e era, ensaiada. Um espaço surgiu entre nós duas no momento em que comecei a reparar nessas coisas, a catalogar seus defeitos como um garoto faria. Me arrependo de ter sido tão pouco generosa. Como se, criando distância entre nós, eu pudesse me curar da mesma doença.

— O que você vai me dar em troca delas? — perguntou Henry. — Nada é de graça neste mundo, Connie.

Ela deu de ombros, depois pulou para pegar as cervejas. Henry pressionou seu corpo sólido e volumoso no dela, sorrindo enquanto ela se debatia. Peter revirou os olhos. Também não gostava daquele tipo de coisa, daquele vaudevile lamuriento. Tinha amigos mais velhos que haviam desaparecido em selvas de difícil acesso, em rios densos de sedimento. Que tinham voltado para casa balbuciantes e viciados em minúsculos cigarros pretos, as namoradas de sua cidade natal escondendo-se atrás deles como pequenas sombras nervosas. Tentei sentar mais ereta, expressar em meu rosto um tédio de adulta. Querendo que Peter olhasse em minha direção. Eu desejava partes dele que eu tinha certeza que Pamela era incapaz de enxergar, as pontadas de tristeza que às vezes percebia no seu olhar ou a gentileza secreta que ele demonstrava com Connie, levando nós duas até o lago Arrowhead no ano em que a mãe dos dois havia esquecido completamente o aniversário dela. Pamela não sabia dessas coisas, e eu me apegava àquela certeza, a qualquer vantagem que pudesse pertencer só a mim.

Henry beliscou a pele macia logo acima da cintura do short de Connie.

— Tem passado fome ultimamente, né?

— Não toque em mim, seu tarado — disse ela, tirando a mão dele com um tapa. E deu uma risadinha. — Vai se foder.

— Beleza — falou ele, agarrando as mãos de Connie pelos pulsos. — Vem me foder.

Ela tentou se desvencilhar sem grande esforço, choramingando até que Henry a soltasse. Esfregou os pulsos.

— Babaca — murmurou, mas não estava irritada de verdade.

Aquilo fazia parte de ser garota: você se resignava a qualquer resposta que obtivesse. Se ficasse irritada, era uma louca, e se não reagisse, era uma puta. A única coisa que podia fazer era sorrir do canto onde tinha sido encurralada. Participar da piada mesmo se a piada sempre fosse você.

Eu não gostava do sabor de cerveja, a amargura granulosa que não era nada como o agradável frescor higiênico dos martínis do meu pai, mas tomei uma e depois outra. Os garotos iam pondo na máquina moedas de cinco *cents* que tiravam de um saco de compras cheio delas, até quase acabarem com todas.

— Precisamos da chave da máquina — disse Peter, acendendo um baseado fino que tirou do bolso. — Para poder abrir.

— Vou pegar — disse Connie. — Tente não sentir muita saudade de mim — cantarolou para Henry, acenando um adeusinho enquanto partia.

Para mim, ela só ergueu as sobrancelhas. Entendi que aquilo era parte de algum plano que ela inventara para chamar a atenção de Henry. Ir embora e depois voltar. Provavelmente lera sobre isso em alguma revista.

Esse foi o nosso erro, acho. Um dos muitos erros. Acreditar que os rapazes estavam agindo de acordo com alguma lógica que um dia conseguiríamos entender. Acreditar que seus atos tinham algum significado além do impulso irracional. Parecíamos teóricas da conspiração, enxergando sinais e intenções em cada detalhe, desejando desesperadamente ter importância o bastante para sermos os objetos de planos e especulação. Mas eles eram só garotos. Bobos, jovens e diretos; não estavam escondendo nada.

Peter deixou a alavanca da máquina voltar à posição inicial e saiu da frente para dar vez a Henry, os dois passando o baseado um para o outro. Usavam camisetas brancas já finas depois de muitas lavagens. Peter sorria com a algazarra da máquina quando dela jorrava uma pilha de moedas, mas parecia distraído, terminando mais uma cerveja, fumando o baseado até reduzi-lo a uma ponta amassada e oleosa. Falavam baixo. Escutei uma coisa ou outra.

Conversavam sobre Willie Poteracke: todos nós o conhecíamos, o primeiro rapaz de Petaluma a se alistar. O pai tinha levado Willie de carro para o alistamento. Depois eu o havia visto no Hamburger Hamlet com uma morena baixinha de cujas narinas escorria muco. Ela teimava em chamá-lo pelo nome completo, Will-*iam*, como se a sílaba adicional fosse uma senha secreta para transformá-lo num homem adulto e responsável. Grudava nele como se fosse um carrapicho.

— Ele está sempre na frente de casa — disse Peter. — Lavando o carro como se nada tivesse mudado. Acho que ele nem consegue mais dirigir.

Eram notícias de um outro mundo. Fiquei envergonhada ao ver o rosto de Peter, pelo modo como eu apenas simulava ter sentimentos reais, tentando entender o mundo através de músicas. Peter poderia ser realmente

mandado para longe, poderia realmente morrer. Não precisava se forçar a sentir isso, como nos exercícios emocionais com os quais Connie e eu nos ocupávamos: o que você faria se o seu pai morresse? O que faria se ficasse grávida? O que faria se um professor quisesse comer você, como no caso do Sr. Garrison e Patricia Bell?

— Estava todo enrugado, o toco dele — disse Peter. — Cor-de-rosa.

— Nojento — comentou Henry, diante da máquina. Não desviou os olhos das imagens giratórias de cerejas que passavam à sua frente. — Se você quer matar pessoas, melhor aceitar que aquela gente pode tacar uma bomba em você e arrancar suas pernas.

— E ele ainda tem orgulho disso — continuou Peter, a voz ficando mais alta enquanto jogava a ponta do baseado no chão da garagem. Ficou olhando enquanto se apagava. — Querendo que todo mundo veja. Isso que é insano.

O drama daquela conversa fez com que eu me sentisse dramática também. Eu estava afetada pelo álcool, e exagerei a queimação no meu peito até me sentir movida por uma autoridade exterior a mim. Levantei-me. Os rapazes não notaram. Estavam falando de um filme que tinham visto em São Francisco. Reconheci o título — não tinha passado na nossa cidade porque supostamente era pervertido, embora eu não lembrasse por quê.

Quando finalmente assisti ao filme, já adulta, a inocência palpável das cenas de sexo me surpreendeu. O humilde volume de gordura acima dos pelos pubianos das atrizes. Como ela ria ao pressionar o rosto do capitão do iate contra seus belos seios pendentes. Havia um bom humor na vulgaridade, como se a diversão ainda fosse uma noção erótica. Diferente dos filmes que vieram depois, garotas fazendo caretas enquanto suas pernas pendiam como algo sem vida.

Henry piscava depressa, com a língua num ricto obsceno. Imitando alguma cena do filme.

Peter ria.

— Que foda.

Perguntaram-se em voz alta se a atriz estaria sendo comida de verdade. Não pareciam se importar com o fato de eu estar ao lado deles.

— Dá para ver que ela gostou — disse Henry. — Ahh — gemeu ele imitando uma voz feminina aguda. — Ahh, isso, humm.

E movimentava os quadris como se comesse a máquina caça-níqueis.

— Eu também assisti — falei sem pensar.

Queria algum ponto de entrada na conversa, mesmo que fosse uma mentira. Os dois olharam para mim.

— Olha só — disse Henry —, a fantasma finalmente está falando.

Enrubesci.

— Você assistiu ao filme?

Peter parecia duvidar. Eu disse a mim mesma que ele estava sendo

protetor.

— Assisti — respondi. — É bem louco.

Os dois se entreolharam. Será que eu realmente achava que iam acreditar que de algum modo eu tinha arranjado uma carona até a cidade? Que eu tinha ido ver algo que era, basicamente, um pornô?

— Então. — Os olhos de Henry cintilavam. — Qual foi sua parte favorita?

— A que vocês estavam falando — respondi. — Com a garota.

— Mas qual cena dessa parte você gostou mais? — perguntou Henry.

— Deixa ela em paz — falou Peter com um ar de cansaço, já entediado.

— Gostou da cena do Natal? — continuou Henry. Seu sorriso me induziu a achar que estávamos tendo uma conversa de verdade, que eu estava progredindo. — Com aquela árvore grande? Toda aquela neve?

Eu assenti. Quase acreditando na minha própria mentira.

Henry riu.

— O filme se passa em Fiji. Tudo acontece numa ilha.

Henry estava resfolegando, incapaz de controlar o riso, e lançou um olhar para Peter, que pareceu envergonhado por mim, da forma que você se sentiria envergonhado por um desconhecido que tropeça na rua, como se absolutamente nada tivesse acontecido entre nós.

Dei um empurrão na motocicleta de Henry. Eu não esperava que ela fosse cair no chão, não mesmo; talvez que balançasse um pouco, só o bastante para interrompê-lo, fazer com que ele tomasse um susto rápido, disfarçasse com alguma piada sarcástica e esquecesse minha mentira. Mas eu tinha empurrado com força demais. A motocicleta desabou no chão de cimento com um barulho forte de trituração.

Henry me encarou.

— Sua escrota.

Ele correu para a moto caída como se fosse um animal de estimação baleado. Praticamente aninhando-a nos braços.

— Não está quebrada — falei, estupidamente.

— Porra, você é uma louca — murmurou ele. Correu as mãos pela moto e ergueu um pedaço de metal laranja para Peter. — Dá para acreditar nessa merda?

Quando Peter olhou para mim, seu rosto se solidificou numa expressão de pena, o que conseguia ser pior do que raiva. Eu era como uma criança, digna apenas de emoções abreviadas.

Connie apareceu junto à porta.

— Toc toc — disse ela, as chaves pendendo de seu dedo dobrado.

Ela absorveu a cena: Henry agachado ao lado da moto, Peter de braços cruzados.

Henry soltou uma risada áspera.

— A sua amiga é uma puta mesmo — falou ele, disparando um olhar

para mim.

— Evie derrubou a moto — contou Peter.

— Crianças de merda — disse Henry. — Arranjem uma babá da próxima vez, não venham ficar com a gente. Porra.

— Desculpe — falei, minha voz fraca, mas ninguém estava escutando, mesmo depois de Peter ajudar Henry a pôr a moto de pé, examinando de perto a parte quebrada.

— É só superficial — anunciou ele. — Dá para consertar facilmente.

Entendi que outras coisas tinham quebrado. Connie me observava com um espanto gélido, como se eu a tivesse traído, e talvez eu tivesse. Eu fizera o que não devia ter feito. Revelei um pedaço de fraqueza interior, expus o nervosismo do coração acelerado.

# 3

O dono do Flying A era um homem gordo, o balcão dividia sua barriga, e inclinou-se apoiado nos cotovelos para rastrear meus movimentos pelos corredores de prateleiras, minha bolsinha batendo repetidamente nas minhas coxas. Havia um jornal aberto na frente dele, embora o homem parecesse nunca virar a página. Ele tinha um ar cansado de responsabilidade, tanto burocrático quanto mitológico, como alguém condenado a guardar uma caverna por toda a eternidade.

Eu estava sozinha naquela tarde. Connie provavelmente furiosa em seu quartinho, escutando "Positively 4th Street" com indulgência magoada e justificada. Pensar em Peter era doloroso — eu queria esquecer aquela noite, calcificar minha vergonha em algo abstrato e manuseável, como um boato sobre algum desconhecido. Eu tentara pedir desculpas a Connie; os rapazes ainda estavam preocupados com a motocicleta como se fossem médicos de campo de batalha. Até tinha me oferecido para pagar pelo conserto, entregando a Henry tudo o que eu tinha na bolsa. Oito dólares, que ele aceitara com uma careta. Depois de alguns instantes, Connie dissera que era melhor eu simplesmente ir para casa.

* * *

Eu havia voltado alguns dias depois — o pai de Connie atendeu à porta quase instantaneamente, como se já estivesse à minha espera. Normalmente ele trabalhava na fábrica de laticínios até depois da meia-noite, então era estranho vê-lo em casa.

— Connie está lá em cima — disse.

No balcão atrás dele, vi um copo de uísque, aguado e refletindo a luz do sol. Eu estava tão focada nos meus próprios planos que não notei o clima de crise na casa, a informação atípica da presença dele.

Connie estava deitada na cama, a saia arregaçada para cima, de forma que eu podia ver sua calcinha branca e toda a extensão de suas coxas sardentas. Ela sentou quando entrei, piscando várias vezes.

— Bela maquiagem — falou. — Fez isso só para mim? — Ela desabou de volta no travesseiro. — Você vai gostar dessa notícia. Peter foi embora. Tipo, embora embora. Junto com a Pamela, *quelle surprise*.

Ela revirou os olhos, mas entoou o nome de Pamela com uma felicidade

perversa, me lançando um olhar.

— Como assim, foi embora?

O pânico já estava alterando a minha voz.

— Ele é tão *egoísta* — disse ela. — Papai contou para a gente que poderíamos ter que nos mudar para San Diego. No dia seguinte, Peter caiu fora. Levou um monte de roupas e umas coisas. Acho que foram para a casa da irmã dela, em Portland. Quer dizer, tenho quase certeza de que foram para lá. — Ela soprou a franja. — Ele é um covarde. E Pamela é o tipo de garota que vai ficar gorda depois de ter um bebê.

— Pamela está grávida?

Ela me lançou outro olhar.

— Que surpresa. Você nem liga se eu tiver que me mudar para San Diego?

Eu sabia que devia começar a enumerar todas as formas de amor que sentia por ela, e como ficaria triste se ela fosse embora, mas estava hipnotizada por uma imagem de Pamela ao lado de Peter no carro dele, caindo no sono com a cabeça em seu ombro. Mapas da locadora de carros Avis espalhados aos pés dos dois, translúcidos de gordura de hambúrguer, o banco traseiro cheio de roupas e os manuais de mecânica dele. Como Peter olharia para baixo e veria a linha branca do couro cabeludo de Pamela, no ponto onde ela repartia o cabelo. Poderia beijá-la, movido por uma ternura doméstica, mesmo que ela estivesse dormindo e nunca fosse saber.

— Talvez ele esteja só de sacanagem — falei. — Digo, ele ainda pode aparecer, não?

— Vai à merda — disse Connie.

Ela também pareceu surpresa com essas palavras.

— O que eu fiz contra você? — perguntei.

É claro que ambas sabíamos.

— Acho que eu prefiro ficar sozinha agora — anunciou Connie em tom esnobe, e olhou com ênfase para fora da janela.

Peter, fugindo para o norte com a namorada que poderia até estar grávida dele — não havia como abstrair a biologia, o fato de as proteínas estarem se multiplicando na barriga de Pamela. Mas ali estava Connie, seu corpo rechonchudo na cama, tão familiar que eu poderia desenhar um mapa de suas sardas, indicar a marca de catapora no seu ombro. Sempre restava Connie, subitamente amada.

— Vamos ver um filme ou algo assim — propus.

Ela fungou e observou as pontas claras das unhas.

— Peter nem está mais por aqui — respondeu. — Então você não tem mais motivo para estar aqui. Vai para o internato mesmo.

A vibração do meu desespero era óbvia.

— Talvez a gente possa ir ao Flying A.

Ela mordeu o lábio.

— May diz que você não é muito legal comigo.

May era a filha do dentista. Usava calças xadrez com coletes que combinavam, como uma auxiliar de contabilidade.

— Você disse que May era chata.

Connie ficou em silêncio. Costumávamos sentir pena de May, que era rica mas ridícula, no entanto agora Connie estava com pena de mim, vendo-me ofegar por Peter, que provavelmente já vinha planejando ir para Portland havia semanas. Meses.

— May é legal — disse Connie. — Bem legal.

— Nós três podíamos ir assistir a algum filme juntas.

Agora eu estava pedalando, em busca de qualquer tipo de tração, um baluarte contra o verão vazio. May não era tão ruim, eu disse a mim mesma, embora ela não tivesse permissão de comer doces nem pipoca por causa do aparelho, e sim, eu conseguia imaginar isso, nós três juntas.

— Ela acha que você é vulgar — disse Connie.

E virou de novo para a janela. Eu fiquei olhando para as cortinas de renda cuja bainha tinha ajudado Connie a fazer com cola quando tínhamos doze anos. Eu esperara tempo demais, minha presença no quarto um erro óbvio, e estava claro que não havia nada a ser feito a não ser ir embora, dar adeus com um nó na garganta ao pai de Connie no andar de baixo (ele me respondeu assentindo distraidamente) e conduzir ruidosamente minha bicicleta de volta para a rua.

* * *

Será que alguma vez eu já me sentira sozinha desse jeito, o dia inteiro para aproveitar e ninguém para se importar comigo? Eu quase conseguia imaginar a dor no meu âmago como prazer. Era questão de se manter ocupada, eu disse a mim mesma, gastar as horas sem conflitos. Preparei um martíni da maneira como meu pai me ensinara, agitando o vermute em minha mão e ignorando o derramamento na mesinha de bar. Eu sempre havia detestado copos de martíni — o pé deles e o formato estranho pareciam constrangedores, como se os adultos estivessem se esforçando demais para serem adultos. Preferi despejar o martíni em um copo de suco com borda dourada, e me forcei a beber. Então preparei outro e bebi também. Era divertido me sentir solta e entretida na minha própria casa, percebendo, em uma onda de hilaridade, que a mobília sempre fora feia, cadeiras pesadas e extravagantes como gárgulas. Perceber que o ar estava adocicado de silêncio, que as cortinas estavam sempre fechadas. Eu as abri e me esforcei para levantar uma janela. Fazia calor do lado de fora — imaginei meu pai, reclamando por eu estar deixando o ar quente entrar —, mas deixei a janela aberta mesmo assim.

Minha mãe ia ficar fora o dia inteiro, o álcool ajudando a abreviar minha

solidão. Era estranho que eu pudesse me sentir diferente com tanta facilidade, que houvesse uma forma certeira de suavizar o caráter desprezível da minha tristeza. Eu podia beber até que meus problemas parecessem menores e bonitos, algo que eu pudesse admirar. Forcei-me a gostar do sabor, a respirar devagar quando me sentia enjoada. Regurgitei um vômito acre nos meus lençóis, depois os limpei, de forma que só sobrou no ar um aroma azedo e coagulado do qual eu quase gostei. Derrubei um abajur e apliquei sombra escura nos olhos com uma atenção inexperiente, mas ávida. Sentei diante do espelho iluminado da minha mãe, com suas diferentes configurações: Escritório. Luz do dia. Fim de tarde. Banhos de luz colorida, minhas feições ficando assombrosas e pálidas conforme eu ia clicando, mudando a hora do dia artificialmente.

Tentei ler trechos de livros dos quais eu gostara quando era jovem. Uma menina mimada é banida para o subterrâneo, para uma cidade governada por *goblins*. Os joelhos expostos dela em seu vestido infantil, as xilogravuras de florestas escuras. As ilustrações da garota amarrada me abalaram tanto que precisei limitar o tempo que passava olhando para elas. Desejei ser capaz de desenhar algo assim, como o interior apavorante da mente de alguém. Ou desenhar o rosto da garota de cabelo preto que eu vira na cidade — analisando-a por tempo suficiente para ver como suas feições funcionavam juntas. As horas que perdi com a masturbação, o rosto pressionando meu travesseiro, passando do ponto de me importar. Eu ficava com dor de cabeça depois de um tempo, músculos com espasmos, minhas pernas trêmulas e sensíveis. Minha calcinha molhada, o alto de minhas coxas também.

Outro livro: um ourives que trabalhava com prata derrama por acidente o metal derretido em sua mão. O braço e a mão provavelmente ficaram com aparência de esfolados depois que a queimadura formou uma crosta e descascou. A pele esticada, rosada e nova, sem pelos nem sardas. Pensei em Willie e no seu toco, a água morna da mangueira se esparramando sobre o carro dele. Como as poças gradualmente evaporariam do asfalto. Pratiquei descascar uma laranja como se meu braço estivesse queimado até o cotovelo e eu não tivesse unhas.

A morte me parecia um saguão de hotel. Um ambiente civilizado e bem iluminado, onde você poderia entrar e sair com facilidade. Um rapaz da cidade tinha atirado em si mesmo em seu porão bem-acabado, depois de ter sido flagrado vendendo bilhetes falsificados de rifa. Eu não pensei no sangue derramado, no ferimento molhado, só na calma do momento antes de puxar o gatilho, quão limpo e ordenado o mundo deve ter parecido. Todas as decepções, toda a vida normal, com suas punições e indignidades tornadas supérfluas com um único e simples movimento.

* * *

Os corredores do mercado me pareciam novos, meus pensamentos vagos por causa da bebida. O constante brilho intermitente das luzes, as balas de limão velhas em uma caixa, os artigos de maquiagem dispostos em grupos agradáveis e fetichistas. Destampei um batom para testá-lo na pele do pulso, como eu lera que devia fazer. A sineta da porta fez seu som de comércio. Ergui os olhos. Era a garota de cabelo preto do parque, calçando tênis de brim, usando um vestido cujas mangas haviam sido cortadas na altura dos ombros. Senti uma onda de animação. Logo de cara eu já estava tentando imaginar o que diria a ela. Seu surgimento inesperado fez o dia parecer cuidadosamente envolto em sincronia, o ângulo da luz do sol ter um novo peso.

A garota não era linda, percebi ao vê-la novamente. Era outra coisa. Como as fotos que eu tinha visto da filha do ator John Huston. O rosto dela poderia ter sido um erro, mas havia algum outro processo em andamento. Era melhor que beleza.

O homem atrás do balcão fez cara feia.

— Eu falei para você — disse ele. — Não vou mais deixar nenhum de vocês entrar aqui. Vá embora.

A garota lhe lançou um sorriso preguiçoso, erguendo as mãos. Vi alguns pelos em suas axilas.

— Ei — respondeu ela —, só estou tentando comprar papel higiênico.

— Vocês me roubaram — disse o homem, ficando vermelho. — Você e seus amigos. Descalços, correndo por aí com seus pés imundos. Tentando me confundir.

Eu teria ficado aterrorizada se fosse o foco daquela raiva, mas a garota estava calma. Até risonha.

— Acho que isso não é verdade. — Inclinou a cabeça. — Talvez tenha sido outra pessoa.

O homem cruzou os braços.

— Eu me lembro de você.

O rosto da garota mudou, algo endurecendo em seus olhos, mas ela continuou a sorrir.

— Beleza — disse ela. — Como você quiser. — Ela me fitou brevemente, seu olhar tranquilo e distante. Como se mal me enxergasse. Senti o desejo acender dentro de mim: surpreendi-me com o quanto eu não queria que ela desaparecesse.

— Saia daqui — ordenou o homem. — Já.

Antes de partir, ela mostrou a língua para ele. Só a ponta, como um gatinho brincalhão.

* * *

Eu hesitei só por um momento antes de seguir a garota para fora da loja, mas

ela já estava cruzando o estacionamento, mantendo um passo rápido. Corri atrás dela.

— Ei — chamei.

Ela continuou andando.

Chamei outra vez, mais alto, e ela parou. Deixando que eu a alcançasse.

— Que babaca — comentei.

Eu devia estar lustrosa como uma maçã. Bochechas coradas por conta daquele esforço semibêbado.

Ela olhou com raiva na direção da loja.

— Gordo filho da puta — murmurou. — Não posso nem comprar papel higiênico.

Ela finalmente pareceu se dar conta da minha presença, examinando meu rosto por um longo momento. Pude notar que me achava jovem. Que considerava um luxo a minha blusa com peitilho decorado, um presente da minha mãe. Eu queria algo maior do que aquilo. Fiz a oferta antes de realmente refletir sobre ela.

— Eu vou lá roubar — falei, minha voz com uma animação que não soava natural. — O papel higiênico. Fácil. Eu roubo coisas de lá o tempo todo.

Perguntei-me se ela acreditou em mim. Deve ter parecido óbvio como eu estava mentindo mal. Mas talvez ela tenha respeitado isso. O desespero do meu desejo. Ou talvez só quisesse ver o desenrolar da situação. A menina rica experimentando crimes de iniciante.

— Tem certeza? — perguntou ela.

Dei de ombros, meu coração batendo forte. Se ela sentiu pena de mim, não percebi.

* * *

Meu retorno inexplicado deixou o homem atrás do balcão agitado.

— Já voltou?

Mesmo que eu tivesse de fato planejado roubar alguma coisa, teria sido impossível. Perambulei pelos corredores de prateleiras, me esforçando para varrer de meu rosto qualquer fulgor delinquente, mas o sujeito não desviou os olhos. Ele me encarou até eu pegar o papel higiênico e levar até o caixa, envergonhada pela minha facilidade de voltar aos gestos habituais. Claro que eu não iria roubar nada. Isso não tinha a menor chance de acontecer.

Ele começou um discurso enquanto registrava a venda do papel higiênico.

— Uma menina legal como você não deveria andar com garotas como aquela — falou. — Uma gente imunda, esse bando. Um sujeito com um cachorro preto. — Ele parecia estressado. — Na minha loja, não.

Através das marcas no vidro, eu podia ver a garota perambulando pelo

estacionamento do lado de fora. A mão protegendo os olhos do sol. Aquela sorte repentina e inesperada: ela estava me esperando.

Depois que eu paguei, o homem olhou para mim por um longo momento.

— Você ainda é muito nova — disse ele. — Por que não volta logo para casa?

Até esse momento, eu sentira pena dele.

— Não preciso de sacola — falei, e enfiei o papel higiênico na minha bolsa.

Fiquei em silêncio enquanto ele me entregava o troco, lambendo os lábios como se para tentar tirar um gosto ruim da boca.

* * *

A garota pareceu animada quando me aproximei.

— Pegou?

Assenti, e ela me conduziu para além da esquina, o braço me apressando. Eu quase conseguia acreditar que tinha realmente roubado alguma coisa, a adrenalina avivando minhas veias enquanto eu mostrava a bolsa.

— Rá — disse ela, olhando dentro. — Bem feito para aquele babaca. Foi fácil?

— Bem fácil — respondi. — Do jeito que ele é desligado...

Eu estava animadíssima com o nosso conluio, pelo fato de termos virado uma equipe. O vestido da garota não estava totalmente abotoado, deixando à mostra um triângulo de barriga. Como era fácil para ela evocar uma espécie de sexualidade desleixada, como se suas roupas tivessem sido apressadamente vestidas em um corpo ainda esfriando com o suor.

— Meu nome é Suzanne — disse ela. — Aliás.

— Evie.

Estendi a mão. Suzanne riu de um modo que me fez entender que trocar um aperto de mão era a coisa errada a fazer, um símbolo vazio do mundo dos certinhos. Corei. Era difícil saber como me comportar sem as típicas cortesias e bons modos. Eu não sabia o que deveria fazer no lugar deles. Instaurou-se um silêncio: eu me apressei para preenchê-lo.

— Acho que vi você, outro dia — falei. — Perto do Hi-Ho?

Ela não reagiu, deixando-me sem nada para seguir em frente.

— Você não estava com umas garotas? — continuei. — E aí chegou um ônibus?

— Ah — disse ela, seu rosto se reanimando. — É, aquele idiota ficou muito puto. — Ela relaxou com a lembrança. — Preciso manter as outras garotas na linha, sabe, ou elas extrapolam. A gente acabaria sendo presa.

Eu observava Suzanne com um interesse que devia ser óbvio: ela me deixava encará-la sem qualquer constrangimento.

— Eu me lembrei por causa do seu cabelo — falei.

Suzanne pareceu contente. Tocando as pontas dos cabelos com um ar distraído.

— Nunca corto o cabelo.

Eu viria a descobrir, depois, que isso era algo que Russell mandava as garotas fazerem.

Suzanne aconchegou o papel higiênico junto ao peito, subitamente orgulhosa.

— Quer que eu pague alguma coisa pelo papel?

Ela não tinha bolsos nem bolsa.

— Não — respondi. — Não custou nada.

— Bem, obrigada — disse ela, com alívio evidente. — Você mora por aqui?

— Bem perto — respondi. — Com a minha mãe.

Suzanne assentiu.

— Em qual rua?

— Na Morning Star Lane.

Ela soltou um murmúrio de surpresa.

— Chique.

Pude ver que aquilo tinha alguma importância para ela, eu morar na parte boa da cidade, mas não consegui imaginar por quê, além da vaga antipatia que qualquer jovem sentia pelos ricos. Misturando as pessoas endinheiradas, a grande mídia e o governo no mesmo barco indistinto de malevolência, perpetradores da grande fraude. Eu estava apenas começando a aprender como dizer certas informações com o tom de quem pede desculpas. Como zombar de mim mesma antes dos outros.

— E você?

Ela fez um floreio com os dedos.

— Ah, sabe como é. A gente tem algumas coisas rolando. Mas muita gente num só lugar — ela ergueu a sacola — significa muita bunda para limpar. Estamos mal de dinheiro, neste exato momento, mas isso vai mudar em breve, tenho certeza.

*A gente*. A garota fazia parte de um *a gente*, e eu invejava a tranquilidade dela, a certeza que tinha de seu rumo depois de sair daquele estacionamento. Aquelas duas garotas que eu vira com ela no parque, as outras pessoas com quem ela morava, quem quer que fossem. Pessoas que notariam a ausência dela e comemorariam o seu retorno.

— Você está quieta — disse Suzanne depois de alguns instantes.

— Desculpe.

Eu me controlava para não coçar minhas picadas de mosquito, embora minha pele estivesse coçando tanto que eu queria me contorcer. Procurei algum assunto, mas todas as possibilidades que me ocorreram eram coisas que eu não podia dizer. Não deveria contar a ela quantas vezes, sem

qualquer esforço, eu pensara nela desde aquele dia. Não deveria contar que não tinha amigos, que eu seria largada num internato, a perpétua residência dos filhos indesejados. Que eu não era nada para Peter.

— Tranquilo. — Ela fez um gesto vago com a mão. — As pessoas são do jeito que são, sabe? Deu para sacar assim que eu vi você — continuou ela. — Você é uma pessoa pensativa. Numa viagem toda sua, toda dentro da sua mente.

Eu não estava acostumada com esse tipo de atenção direta. Especialmente vinda de uma garota. Geralmente, era só um pedido de desculpa por estar focada em qualquer rapaz que estivesse por perto. Eu me permiti imaginar que era uma garota que os outros viam como pensativa. Suzanne mudou de postura: percebi que era um prelúdio de sua partida, mas não consegui pensar em nenhum meio de prolongar nossa conversa.

— Bem — disse ela. — Meu carro está ali.

Ela indicou com a cabeça um veículo estacionado à sombra. Era um Rolls-Royce coberto de poeira.

Quando ela viu minha confusão, abriu um sorriso.

— A gente pegou emprestado — disse.

Como se isso explicasse tudo.

Eu a observei se afastar sem tentar detê-la. Não queria ser gananciosa: devia estar feliz por ter conseguido qualquer coisa que fosse.

# 4

Minha mãe tinha voltado a sair com homens. Primeiro, um sujeito que se apresentou como Vismaya e que ficava massageando o couro cabeludo dela com os dedos em forma de garra. Que disse que minha data de nascimento, na cúspide de Aquário e Peixes, significava que meus dois lemas eram "Eu acredito" e "Eu sei".

— Qual dos dois? — perguntou Vismaya. — Você acredita que sabe, ou sabe que acredita?

Depois, foi um sujeito que pilotava pequenos aviões prateados e me disse que os meus mamilos apareciam através da camisa. Falou isso em tom neutro, como se fosse uma informação útil. Desenhava retratos em pastel de índios norte-americanos e queria que minha mãe o ajudasse a abrir um museu para exibir seus trabalhos no Arizona. Depois, um empreendedor imobiliário de Tiburon que nos levava a restaurantes de comida chinesa. Ficava me encorajando a conhecer a filha dele. Repetindo sem parar como tinha certeza de que nós duas íamos nos dar às mil maravilhas. A filha dele tinha onze anos, vim a saber depois. Connie teria rido, dissecando a maneira como o arroz grudava nos dentes do homem, mas eu não falava com ela desde aquele dia em sua casa.

— Eu tenho quatorze anos — expliquei.

Ele olhou para minha mãe, que confirmou com a cabeça.

— É claro — disse ele, um cheiro forte de molho de soja em seu hálito. — Agora vejo que você é praticamente uma adulta.

— Desculpe — murmurou minha mãe, silenciosamente, do outro lado da mesa.

Mas quando o homem se virou para lhe dar uma garfada da ervilha de aparência gosmenta, ela abriu obedientemente a boca, como um passarinho.

* * *

A pena que eu sentia da minha mãe nessas situações era inédita e desconfortável, mas eu também tinha a sensação de que eu merecia carregar esse sentimento comigo — uma responsabilidade dura e individual, como uma doença.

Meus pais organizaram um coquetel um ano antes do divórcio. Foi ideia do meu pai — até ele sair de casa, minha mãe não era sociável, e eu podia

sentir uma profunda agitação nela durante festas ou eventos, um intenso desconforto que ela se forçava a converter em sorrisos forçados. A festa era para celebrar o investidor que meu pai encontrara. Foi a primeira vez, acho, que ele tinha recebido dinheiro de alguém que não fosse a minha mãe, e no calor disso ficou ainda mais imponente, bebendo antes de os convidados chegarem. Os cabelos impregnados do denso aroma paternal de loção Vitalis, seu hálito mesclado com álcool.

Minha mãe fizera costelas à moda chinesa com ketchup, e elas tinham um lustro glandular, como se envernizadas com laca. Azeitonas em lata, nozes e outros frutos secos amanteigados. Palitinhos de queijo. Alguma sobremesa pastosa feita à base de tangerina, uma receita que ela encontrara nas páginas do livro de receitas *McCall's*. Ela me perguntou, antes da chegada dos convidados, se estava bonita. Alisava a saia adamascada. Eu me lembro de ter ficado surpresa com a pergunta.

— Muito bonita — respondi, sentindo-me estranhamente incomodada.

Haviam permitido que eu tomasse um pouco de xerez num cálice cor-de-rosa: gostei da sensação adstringente provocada pelo sabor fermentado e, sorrateiramente, tomei outro cálice.

Os convidados eram amigos do meu pai, em sua maioria, e fiquei surpresa com a vastidão daquela outra vida dele, uma vida que eu via apenas de relance. Pois ali estavam pessoas que pareciam conhecê-lo bem, que tinham uma visão dele informada por almoços, visitas ao hipódromo de Golden Gate Fields e discussões sobre Sandy Koufax. Minha mãe vagava nervosamente pela área do bufê: dispusera vários pares de *hashi*, mas ninguém os usava, e pude ver que isso a desapontava. Tentou convencer um homem corpulento e sua mulher a utilizá-los e os dois balançaram a cabeça, o homem fazendo alguma piada que não consegui ouvir. Vi certo desespero passar pelo rosto da minha mãe. Ela estava bebendo também. Era o tipo de festa em que todo mundo ficava bêbado cedo, uma embriaguez comunal dando um tom grogue às conversas. Mais cedo, um dos amigos do meu pai tinha acendido um baseado, e vi a expressão da minha mãe transitar da reprovação para uma indulgência resignada. Alguns limites foram ficando mais indistintos. Esposas olhando para cima à passagem de aviões, arqueando o corpo na direção do Aeroporto Internacional de São Francisco. Alguém deixou cair um copo na piscina. Fiquei olhando-o afundar vagarosamente até o fundo. Talvez tivesse sido um cinzeiro.

Eu perambulava pela festa, sentindo-me como uma criança bem mais nova, aquele desejo de ser invisível combinado a uma vontade de participar de uma forma adjacente. Eu já ficava feliz o bastante em indicar o caminho do banheiro quando me perguntavam, em embrulhar num guardanapo nozes amanteigadas que comia à beira da piscina, uma a uma, seu pó salgado cobrindo meus dedos. A liberdade de ser tão nova que ninguém esperava nada de mim.

Eu não via Tamar desde o dia em que ela me buscara na escola, e me lembro de ter ficado decepcionada quando ela chegou à festa — eu teria que agir como adulta agora que ela estava lá como testemunha. Tamar estava com um homem um pouco mais velho. Apresentou-o a todos, beijando alguém no rosto, apertando mãos. Todos pareciam conhecê-la. Senti inveja da maneira como o namorado de Tamar repousava a mão nas costas dela enquanto ela falava, na pele exposta pelo recorte do vestido, entre a parte de cima e a saia. Eu queria que ela visse que eu estava bebendo: fui até o bar na mesma hora que ela e me servi de mais um cálice de xerez.

— Gostei da sua roupa — comentei, impelida a falar pela queimação em meu peito.

Tamar estava de costas para mim e não me ouviu. Repeti, e ela se sobressaltou.

— Evie — disse, num tom simpático. — Você me assustou.

— Desculpe.

Eu me sentia tola, sem graça com meu vestidinho solto. A roupa dela era reluzente e de aparência nova, diamantes com ondulações em violeta, verde e vermelho.

— Festa divertida — comentou ela, correndo os olhos pela multidão.

Antes que eu pudesse pensar numa resposta, algum comentário engraçado para mostrar que eu sabia que as tochas de bambu eram estúpidas, minha mãe se juntou a nós. Rapidamente pousei meu cálice de volta na mesa. Detestando a forma como estava me sentindo: todo o meu conforto antes da chegada de Tamar tinha se transformado numa consciência dolorosa de cada objeto da minha casa, de cada detalhe dos meus pais, como se eu fosse responsável por aquilo tudo. Senti vergonha da saia comprida da minha mãe, que parecia ultrapassada ao lado da roupa de Tamar, e da maneira entusiasmada como minha mãe a cumprimentou. O pescoço dela foi ficando com manchas vermelhas de nervosismo. Eu me esgueirei para longe enquanto as duas estavam distraídas por sua conversa educada.

Sentindo-me nauseada e com o desconforto de quem tomou sol demais, eu queria me sentar em algum lugar sem ter que conversar com ninguém, sem ter que observar os olhares de Tamar ou ver minha mãe usando seu *hashi*, anunciando alegremente que não era tão difícil, mesmo enquanto um pedaço de tangerina escorregava de volta para seu prato. Desejei que Connie estivesse lá — ainda éramos amigas naquela época. Meu lugar à beira da piscina fora ocupado por um amontoado de esposas fofoqueiras: do outro lado do pátio, ouvi a risada trovejante do meu pai, o grupo que o cercava rindo também. Puxei a barra do meu vestido, desajeitada, sentindo a falta do peso de um copo em minhas mãos. O namorado de Tamar estava por perto, comendo costelas.

— Você é a filha do Carl, não é? — perguntou ele.

Lembro-me de ter achado estranho que ele e Tamar tivessem ido parar longe um do outro, que ele estivesse simplesmente sozinho, comendo de seu prato. Era até estranho que ele quisesse falar comigo. Assenti.

— Bela casa — disse ele com a boca cheia, os lábios brilhantes e úmidos das costelas. Era bonito, pude ver, mas havia algo nele que lembrava um desenho animado, a forma arrebitada de seu nariz. A pele em excesso, dobrada sob o queixo. — O terreno é tão grande — acrescentou.

— Era a casa dos meus avós.

O olhar dele se moveu.

— Eu ouvi falar dela — respondeu. — Da sua avó. Eu costumava ver os filmes dela quando era pequeno. — Só naquele momento percebi quão bêbado ele estava. A língua dele encostada no canto da boca. — Aquele episódio em que ela encontra o crocodilo na fonte. Clássico.

Eu estava acostumada a ouvir as pessoas falarem com carinho sobre minha avó. A maneira como gostavam de demonstrar sua admiração, me contando que tinham crescido com ela nas telas de suas televisões, minha avó teletransportada para o interior de suas salas de estar como um membro adicional, e melhor, da família.

— Faz sentido — disse o namorado, olhando em volta. — Que aqui fosse a casa dela. Porque o seu pai não teria como pagar por isso de jeito nenhum.

Entendi que ele estava insultando meu pai.

— É estranho — continuou o homem, limpando a boca com a mão. — O que sua mãe se dispõe a aturar.

Meu rosto devia estar inexpressivo: ele balançou os dedos na direção de Tamar, que continuava no bar. Meu pai havia se juntado a ela. Minha mãe não estava em nenhum lugar à vista. As pulseiras de Tamar faziam barulho enquanto ela gesticulava com o copo. Ela e meu pai estavam apenas conversando. Nada estava acontecendo. Não entendi por que o namorado dela estava sorrindo tão furiosamente, esperando que eu dissesse alguma coisa.

— Seu pai trepa com tudo o que pode — comentou ele.

— Posso levar seu prato? — perguntei, chocada demais para vacilar.

Era uma coisa que eu tinha aprendido com minha mãe: recorrer aos bons modos. Reduzir a dor com um gesto de civilidade. Como Jackie Kennedy. Era uma virtude daquela geração, uma habilidade de desviar o desconforto, abafá-lo com cerimônia. Mas agora isso estava fora de moda, e vi algo próximo de desdém nos olhos dele quando me entregou seu prato. Embora talvez isso tivesse sido apenas minha imaginação.

* * *

A festa acabou depois do anoitecer. Algumas tochas de bambu continuavam acesas, emitindo suas chamas turvas para a noite azul-marinho. Os imensos e

vívidos carros sacolejando ao descer pelo caminho de volta para a rua, meu pai gritando palavras de despedida enquanto minha mãe empilhava guardanapos e varria as mesas com as mãos, juntando caroços de azeitona banhados com saliva alheia. Meu pai colocou o disco para tocar outra vez; olhei pela janela do meu quarto e o vi tentando tirar minha mãe para dançar.

— *I'll be looking at the moon* — cantou ele, a face distante da lua evocando tantos desejos naquela época.

Eu sabia que devia odiar meu pai. Mas eu só me sentia tola. Constrangida — não por ele, mas por minha mãe. Alisando sua saia comprida, perguntando-me se estava bonita. A maneira como pedaços de comida às vezes grudavam em seus dentes e ela corava quando eu lhe dizia. As vezes que ficou de pé junto à janela quando meu pai demorou a chegar em casa, olhando fixamente para a entrada de garagem vazia como se tentasse decifrar algum novo significado nela.

Ela devia saber o que estava acontecendo — tinha que saber —, mas queria ficar com ele mesmo assim. Como Connie, pulando para pegar cerveja mesmo sabendo que pareceria estúpida. Até mesmo como o namorado de Tamar, comendo com sua frenética e infindável avidez. Mastigando mais depressa do que era capaz de engolir. Ele sabia como a fome podia expor você.

Minha embriaguez estava passando. Eu estava sonolenta e vazia, voltando desconfortavelmente a ser eu mesma. Tinha desprezo por tudo: meu quarto com os restos da minha infância, os enfeites de renda em torno da minha mesa. O toca-discos de plástico com a alça grossa de baquelite, um pufe de aparência molhada que sempre grudava na parte de trás da minha perna. Aquela festa com seus ávidos aperitivos, os homens usando camisas havaianas num clamor indumentário por festividade. Tudo aquilo parecia se somar para explicar o motivo pelo qual meu pai desejaria outra coisa. Imaginei Tamar com um laço no pescoço, deitada num carpete em algum apartamento pequeno demais de Palo Alto. Meu pai lá — observando Tamar? Sentado numa cadeira? A voltagem perversa do batom cor-de-rosa dela. Tentei odiá-la, mas não consegui. Eu não conseguia nem odiar meu pai. A única pessoa que restava era minha mãe, que deixara aquilo acontecer, que fora mole e maleável como massa de biscoito. Oferecendo dinheiro, preparando o jantar toda noite. E não era nenhuma surpresa que meu pai quisesse outra coisa — as opiniões exageradas de Tamar; a vida dela era como um programa de TV sobre o verão.

Era uma época em que eu imaginava o casamento de uma forma simples e esperançosa. A época em que alguém prometia tomar conta de você, prometia notar se você estava triste, ou cansada, ou se detestava comida com sabor de geladeira. Que prometia que a própria vida correria paralela à sua. Minha mãe devia saber e mesmo assim não fazia nada, e o que isso revelava

sobre o amor? Nunca seria seguro — todos os refrãos tristes das canções que entoavam, em desespero, *você não me amou como eu te amei*.

A parte mais assustadora: era impossível detectar a fonte, o momento em que as coisas mudavam. A visão das costas de uma mulher de vestido decotado mesclada à consciência da presença da esposa em outro aposento.

* * *

Quando a música parou, eu soube que minha mãe viria me desejar boa-noite. Era um momento que eu vinha temendo — ter que perceber como os cachos do seu cabelo teriam murchado, o batom borrado ao redor da sua boca. Quando ela bateu à porta, pensei em fingir que tinha adormecido. Mas minha luz estava acesa: a porta se abriu de mansinho.

Ela fez uma breve careta.

— Você ainda está toda vestida.

Eu a teria ignorado, ou feito alguma piada, mas não quis lhe causar nenhuma mágoa. Não naquele momento. Sentei-me na cama.

— Foi bom, não foi? — perguntou ela. Recostou-se no batente da porta. — Achei que as costelas ficaram bem boas.

Talvez eu genuinamente pensasse que a minha mãe gostaria de saber. Ou talvez eu quisesse ser consolada por ela, que ela oferecesse algum resumo adulto e tranquilizante da situação.

Pigarreei.

— Aconteceu uma coisa.

Senti-a ficar tensa na porta.

— É?

Mais tarde, fiz careta ao me lembrar desse momento. Ela já devia saber o que iria acontecer. Deve ter desejado ardentemente que eu ficasse quieta.

— Papai estava conversando. — Fixei a atenção nos meus sapatos, mexendo nas fivelas. — Com Tamar.

Ela deixou a respiração escapar.

— E?

Ela estava sorrindo um pouco. Um sorriso despreocupado.

Fiquei confusa: ela devia ter entendido o que eu quis dizer.

— Só isso — falei.

Minha mãe fitou a parede.

— A sobremesa é que foi o único problema — disse ela. — Da próxima vez eu faria uns *macarons*, *macarons* de coco. Aquelas tangerinas eram muito difíceis de comer.

Fiquei calada, o choque me deixando cautelosa. Tirei meus sapatos e os coloquei debaixo da cama, lado a lado. Murmurei boa-noite, inclinei a cabeça para receber o beijo dela.

— Quer que eu apague a luz? — perguntou minha mãe, parando na

porta.

Fiz que não com a cabeça. Ela fechou a porta suavemente. Como era conscienciosa, girando a maçaneta até que soasse o clique da porta fechada. Olhei para os meus pés vermelhos, marcados pela borda dos sapatos. Pensei em como pareciam estrangulados e estranhos, fora de proporção, e quem poderia amar alguém cujos pés ficassem daquele jeito?

* * *

Depois do divórcio, minha mãe falava dos homens com quem saía com o otimismo desesperado de uma religiosa recém-convertida. E eu via o esforço devoto que isso requeria: ela fazia exercícios de ginástica sobre uma toalha de banho na sala de estar, a roupa marcada de suor. Lambia a palma da mão e cheirava para testar o próprio hálito. Saía com homens cujos pescoços tinham abcessos nos pontos onde se cortaram ao fazer a barba, homens que estendiam a mão para pagar a conta mas faziam uma expressão agradecida quando minha mãe puxava seu cartão Air Travel. Ela conhecia homens assim e parecia feliz com isso.

Eu imaginava Peter durante nossos jantares com esses homens. Adormecido com Pamela num apartamento de subsolo em alguma cidade desconhecida do Oregon. Inveja estranhamente combinada a um sentimento protetor em relação a eles dois, à criança que crescia na barriga de Pamela. Não eram muitas, eu entendi, as garotas que podiam ser alvos do amor. Como aquela garota, Suzanne, que provocava essa reação apenas existindo.

* * *

O homem de quem minha mãe mais gostou era mineiro de ouro. Ou pelo menos foi assim que Frank se apresentou, rindo, com uma enxurrada de saliva no canto da boca.

— Prazer em conhecê-la, querida — disse ele na primeira noite, seu braço volumoso me puxando para junto dele em um abraço desajeitado.

Minha mãe estava alegre e um pouco bêbada, como se a vida fosse um mundo onde pepitas de ouro estivessem escondidas nos leitos de córregos ou incrustadas nas bases de penhascos, coletadas com a mesma facilidade de um pêssego.

Eu tinha ouvido minha mãe contar a Sal que Frank ainda estava casado, mas não por muito tempo. Não sabia se isso era verdade. Frank não me parecia do tipo que larga a família. Usava uma camisa com botões cor de creme e peônias bordadas em vermelho nos ombros. Minha mãe parecia nervosa, levava a mão aos cabelos, passava a unha entre os dentes da frente. Ela olhou de mim para Frank.

— Evie é uma garota muito inteligente. — Estava falando alto demais. Ainda assim, foi bom ouvi-la dizer aquilo. — Vai florescer de verdade em Catalina.

Esse era o internato para onde eu ia, embora setembro ainda parecesse a anos de distância.

— Cabeça boa — trovejou Frank. — Com isso, não tem como dar errado, né?

Eu não sabia se ele estava brincando ou não, e minha mãe tampouco.

Comemos o ensopado em silêncio na sala de jantar, e eu catei os pedaços de tofu e fui empilhando no canto do meu prato. Vi minha mãe decidir não dizer nada.

Frank era bonito, apesar da camisa estranha, espalhafatosa e feminina demais, e fazia minha mãe rir. Não era tão bonito quanto o meu pai, mas mesmo assim. A todo momento ela estendia a mão para encostar no braço dele com as pontas dos dedos.

— Quatorze anos, hein? — disse Frank. — Aposto que você tem um monte de namorados.

Os adultos sempre brincavam comigo sobre ter namorados, mas chegava uma idade em que aquilo não era mais piada, a ideia de que rapazes pudessem realmente querer você.

— Ah, um montão — respondi, e minha mãe ficou alerta, escutando a frieza em minha voz.

Frank não deu sinal de ter reparado, lançando um sorriso largo para a minha mãe, dando tapinhas na mão dela. Ela estava sorrindo também, de forma semelhante a uma máscara, seus olhos correndo de mim para ele, de um lado para o outro da mesa.

Frank tinha minas de ouro no México.

— Nada de regulamentações por lá — disse ele. — Mão de obra barata. Não tem erro.

— Quanto ouro você encontrou? — perguntei. — Quero dizer, até agora.

— Bem, quando todo o equipamento estiver pronto, vão ser toneladas.

Ele tomou um gole de vinho da taça, seus dedos deixando fantasmas gordurosos no cristal. Minha mãe amolecia sob o olhar de Frank, os ombros relaxando, os lábios entreabrindo. Ela estava com um ar jovial naquela noite. Tive uma estranha pontada de sentimento maternal por ela, e o desconforto disso me fazia contrair o rosto.

— Talvez eu leve vocês para lá — disse Frank. — Vocês duas. Uma viagenzinha ao México. Flores nos cabelos.

Ele arrotou com a boca fechada, engolindo em seguida, e minha mãe corou, o vinho movendo-se em sua taça.

Minha mãe gostava daquele homem. Fazia os exercícios idiotas dela para ficar linda para ele sem roupa. Estava arrumada e untada de cremes, seu rosto ávido por amor. Era doloroso pensar nisso, na minha mãe precisando

de qualquer coisa, e eu olhei para ela querendo sorrir, demonstrar que estava tudo bem entre nós duas. Mas ela não estava olhando para mim. Em vez disso, estava atenta a Frank, querendo receber o que quer que ele quisesse lhe dar. Cerrei os punhos com força debaixo da mesa.

— E a sua esposa? — perguntei.

— Evie — sibilou minha mãe.

— Não, tudo bem — disse Frank, erguendo as mãos, apaziguador. — É uma pergunta justa. — Esfregou os olhos com força, e então pousou o garfo. — É uma situação complicada.

— Não é tão complicada assim — respondi.

— Você é uma menina muito grosseira — disse minha mãe.

Frank pôs a mão no ombro dela, mas ela já tinha se levantado para tirar os pratos da mesa com uma concentração amarga fixada no rosto, e Frank lhe entregou seu prato com um sorriso preocupado. Esfregando as mãos secas nas calças jeans. Eu não olhei nem para ela nem para ele. Estava cutucando a pele em torno da minha unha, puxando até conseguir fazer um ferimento gratificante.

Quando minha mãe saiu da sala, Frank pigarreou.

— Você não devia deixar sua mãe tão irritada — comentou ele. — Ela é uma mulher legal.

— Isso não é da sua conta.

Minha cutícula estava sangrando um pouco: fiz pressão para sentir a pontada de dor.

— Ei — disse ele, sua voz tranquila, como se estivesse tentando ser meu amigo. — Eu entendo. Você quer sair logo de casa. Cansada de morar com a mãe, né?

— Patético — movimentei a boca sem emitir qualquer som.

Ele não entendeu o que eu disse, só que eu não tinha respondido da maneira que ele queria.

— Roer as unhas é um hábito feio — disse ele, em um tom veemente. — Um hábito feio, sujo, de gente suja. Você é uma pessoa feia?

Minha mãe reapareceu na porta. Eu tinha certeza de que ela ouvira, e que agora sabia que Frank não era um homem legal. Ela ficaria decepcionada, mas decidi que eu começaria a ser mais gentil, que a ajudaria mais nas tarefas domésticas.

Mas minha mãe só franziu o rosto.

— O que está acontecendo?

— Eu estava só dizendo para Evie que ela não devia roer as unhas.

— Eu digo isso para ela também — respondeu minha mãe. A voz dela tremia, e seus lábios se contraíram. — Ela pode ficar doente, ingerindo tantos germes.

Analisei as possibilidades. Minha mãe estava simplesmente enrolando. Ganhando tempo para pensar na melhor maneira de expulsar Frank das

nossas vidas, para dizer a ele que minha vida não era da conta de mais ninguém. Mas quando ela se sentou e permitiu que Frank passasse a mão pelo braço dela, chegando até a se inclinar na direção dele, entendi o rumo que as coisas iam tomar.

Quando Frank foi ao banheiro, imaginei que haveria algum pedido de desculpas da parte dela.

— Essa blusa é apertada demais — sussurrou ela em tom áspero. — Muito inadequada, na sua idade.

Abri a boca para falar.

— Amanhã a gente conversa — disse ela. — Pode ter certeza de que a gente vai ter uma conversinha.

Quando ouviu os passos de Frank voltando, ela me lançou um último olhar e então se levantou para ir ao encontro dele. Deixaram-me sozinha à mesa. A luz do teto nos meus braços e nas minhas mãos era severa e desagradável.

Eles foram se sentar na varanda, minha mãe deixando suas pontas de cigarro numa lata com a imagem de uma sereia. Do meu quarto, fiquei ouvindo a conversa irregular dos dois noite adentro, o riso da minha mãe, simples e despreocupado. A fumaça dos cigarros dos dois insinuando-se pela porta de tela. A noite fervia dentro de mim. Minha mãe achava que a vida era fácil como recolher ouro do chão, como se as coisas pudessem simplesmente ser assim para ela. Connie não estava ali para acalmar minha raiva, só havia a constância sufocante de mim mesma, aquela companhia insensível e desesperada.

* * *

De várias maneiras, mais tarde o comportamento da minha mãe viria a fazer sentido para mim. Como os quinze anos vividos com o meu pai tinham deixado em sua vida grandes lacunas que ela estava aprendendo a preencher, como aquelas vítimas de derrame reaprendendo palavras como "carro", "mesa" e "lápis". A maneira tímida como ela olhava para si mesma no oráculo do espelho, tão crítica e esperançosa quanto uma adolescente. Encolhendo a barriga para fechar o zíper de sua calça jeans nova.

* * *

De manhã, entrei na cozinha e encontrei minha mãe sentada à mesa, sua tigela de chá já vazia, sedimentos salpicando o fundo. Os lábios dela estavam contraídos, os olhos magoados. Passei por ela sem dizer nada, abrindo um saco de café moído, roxo e forte, o substituto da minha mãe para o Sanka que meu pai gostava.

— O que foi aquilo?

Ela estava tentando manter a calma, dava para ver, mas as palavras saíram às pressas.

Pus o pó na cafeteira, acendi a boca do fogão. Mantendo uma tranquilidade budista no rosto enquanto executava minhas tarefas, despreocupada. Essa era a minha melhor arma, e pude senti-la ficando agitada.

— Ah, agora você fica calada — disse ela. — Você foi muito grosseira com o Frank ontem à noite.

Não respondi.

— Você quer que eu fique infeliz? — Ela se levantou. — Estou falando com você — insistiu, estendendo a mão para desligar a boca do fogão.

— Ei — falei, mas a expressão dela me fez calar a boca.

— Por que você não pode me deixar ter nada? — perguntou ela. — Só uma coisinha que seja.

— Ele não vai largar a mulher. — A intensidade do meu sentimento me espantou. — Ele nunca vai ficar com você.

— Você não sabe de nada da vida dele — respondeu ela. — Nada. Você acha que sabe de tanta coisa.

— Ah, sim — respondi. — Ouro. Claro. Um sucesso retumbante, esse aí. Igual ao papai. Aposto que ele pediu dinheiro para você.

Minha mãe se retraiu.

— Eu bem que tento com você — disse ela. — Sempre tentei, mas você não se esforça nem um pouco. Olhe para si mesma. Não faz nada. — Balançou a cabeça, ajustando o roupão. — Você vai ver. A vida vai vir de supetão e, adivinhe só, você vai estar presa com essa pessoa que é. Sem ambição, sem motivação. Você tem uma chance de verdade em Catalina, mas precisa tentar. Você sabe o que a minha mãe já fazia quando tinha a sua idade?

— Você nunca fez nada! — Algo transbordou dentro de mim. — Tudo o que você fez foi cuidar do papai. E ele foi embora. — Meu rosto estava queimando. — Sinto muito por decepcionar você. Sinto muito por ser tão horrível. Eu devia pagar as pessoas para me dizerem que sou maravilhosa, que nem você faz. Por que o papai foi embora se você é uma pessoa tão maravilhosamente foda?

Ela chegou para a frente e me deu um tapa na cara, não com muita força, mas força suficiente para ser audível. Eu sorri, como uma pessoa louca, mostrando dentes demais.

— Sai daqui. — O pescoço dela estava vermelho de urticária, os pulsos finos. — Sai daqui — sibilou de novo, fracamente, e eu corri para fora.

* * *

Enveredei com a bicicleta pela estrada de terra. Meu coração batendo forte,

o aperto da pressão em minha testa. Gostei de sentir a ardência do tapa da minha mãe, a aura de bondade que ela vinha cultivando com tanto cuidado no último mês — o chá, os pés descalços — desfeita em um instante. Ótimo. Ela que se envergonhasse. Todas as aulas, dietas purificadoras e leituras dela não tinham adiantado nada. Ela era a mesma pessoa fraca de sempre. Pedalei mais depressa, com uma agitação na garganta. Eu podia ir até o Flying A comprar um saco de estrelinhas de chocolate. Podia ver o que estava passando no cinema ou caminhar ao longo do grosso caldo das águas do rio. Meus cabelos se eriçaram um pouco no calor seco. Senti o ódio endurecer dentro de mim, e era quase bom constatar como era grande, puro e intenso.

Minhas pedaladas furiosas se afrouxaram abruptamente: a corrente tinha se soltado. A bicicleta estava perdendo velocidade. Parei de supetão na terra ao lado da estrada. Minhas axilas e a parte de trás dos joelhos estavam suando. O sol ardendo através da treliça entrecortada de um grande carvalho. Eu estava tentando não chorar. Agachei-me no chão para tentar realinhar a corrente, lágrimas correndo dos meus olhos com a pontada da brisa, meus dedos escorregadios de graxa. Era difícil demais segurar direito, a corrente ficava caindo.

— Puta que pariu — falei, e então falei mais alto.

Queria chutar a bicicleta, silenciar alguma coisa, mas seria muito digno de pena, um teatro da raiva encenado para ninguém. Tentei mais uma vez prender a corrente na engrenagem, mas não encaixava, e se soltou. Deixei a bicicleta cair no chão de terra e sentei ao lado dela. A roda da frente girou um pouco, depois foi desacelerando até parar. Eu encarei a bicicleta, caída e inútil: o quadro dela era "Campus Green", de uma cor verde que, na loja, tinha invocado a imagem de um forte aluno de faculdade me levando para casa depois de uma aula de fim de tarde. Uma fantasia ridícula, uma bicicleta idiota, e deixei aquela série de decepções crescer até virar um canto fúnebre de mediocridade. Connie provavelmente estava com May Lopes. Peter e Pamela comprando vasos de plantas para um apartamento em Oregon e pondo lentilhas de molho para o jantar. E o que eu tinha? As lágrimas pingaram do meu queixo e caíram na terra, prova gratificante do meu sofrimento. Aquela ausência em mim, em torno da qual eu podia me encolher como um animal.

Eu ouvi antes de ver: o ônibus preto sacolejando pesadamente pela estrada, poeira levantando atrás das rodas. As janelas eram salpicadas de sujeira e cinzentas, as formas borradas de pessoas no interior do veículo. Pintado no capô de forma rudimentar estava um coração coroado com cílios gotejantes, que nem um olho.

* * *

Uma garota vestindo uma camisa masculina e um colete de tricô desceu do ônibus, sacudindo para trás os cabelos lisos alaranjados. Eu podia ouvir outras vozes, um burburinho perto das janelas. Um rosto redondo apareceu, me observando.

A voz da garota era meio cantada.

— Qual é o problema? — perguntou.

— A bicicleta — respondi. A corrente está ferrada.

A garota encostou na roda com a ponta do pé; usava uma sandália. Antes que eu pudesse perguntar quem ela era, Suzanne desceu a escada do ônibus e meu coração deu um salto. Eu me levantei, tentando espanar a terra dos meus joelhos. Suzanne sorriu, mas parecia distraída. Percebi que eu tinha que lembrá-la do meu nome.

— Da loja em East Washington — falei. — No outro dia.

— Ah, sim.

Eu esperava que ela fosse dizer algo sobre a sorte bizarra de nos encontrarmos de novo, mas ela parecia um pouco entediada. Eu não parava de olhar de relance para ela. Queria lembrá-la da nossa conversa, de como ela tinha falado que eu era pensativa. Mas ela não chegava a olhar diretamente nos meus olhos.

— Vimos você sentada aí e pensamos "Que merda, coitadinha" — disse a ruiva.

Essa era Donna, eu viria a saber. Tinha uma aparência excêntrica, as sobrancelhas invisíveis de forma que seu rosto apresentava uma estranha inexpressividade. Ela se agachou para examinar minha bicicleta.

— Suzanne disse que conhecia você.

* * *

Nós três trabalhamos juntas para colocar a corrente de volta. O cheiro do suor delas enquanto levantávamos a bicicleta e a apoiávamos no descanso. De alguma forma eu tinha entortado as engrenagens quando a bicicleta caiu e os buracos da corrente não se alinhavam com os dentes das rodas.

— Merda — suspirou Suzanne. — Ela está toda ferrada.

— Você precisa de um alicate ou algo do tipo — disse Donna. — Não vai consertar isso agora. Enfia a bicicleta no ônibus e vem andar um pouco com a gente.

— Vamos só dar uma carona para ela até a cidade — disse Suzanne.

Ela falou rápido, como se eu fosse uma bagunça que precisava ser arrumada. Ainda assim, fiquei contente. Eu estava acostumada a pensar em gente que nunca pensava em mim.

— Vamos fazer uma festa do solstício — disse Donna.

Eu não queria voltar para junto da minha mãe, para a guarda desolada de mim mesma. Tinha a sensação de que, se eu deixasse Suzanne ir embora,

não a veria de novo.

— Evie quer vir com a gente — disse Donna. — Dá para ver que ela está a fim. Você gosta de se divertir, não é?

— Ah, por favor — respondeu Suzanne. — Ela é uma criança.

Senti uma onda de vergonha.

— Tenho dezesseis anos — menti.

— Ela tem *dezesseis anos* — repetiu Donna. — Você não acha que Russell ia querer que a gente fosse hospitaleira? Eu acho que ele ia ficar aborrecido se eu contasse a ele que não fomos hospitaleiras.

Não percebi nenhuma ameaça na voz de Donna, só provocação.

A boca de Suzanne estava contraída; ela finalmente sorriu.

— Tudo bem — disse. — Ponha a bicicleta lá no fundo.

* * *

Vi que o ônibus fora esvaziado e remontado, o interior atulhado e decorado com o excesso habitual naquela época — o chão quadriculado de tapetes orientais, acinzentados de poeira, os tufos secos de almofadas de brechó. O cheiro forte de incenso no ar, prismas de cristal tilintando contra as janelas. Pedaços de papelão rabiscados com frases idiotas.

Havia outras três garotas no ônibus, e elas se viraram para mim com avidez, uma atenção feroz que interpretei como lisonjeira. Cigarros acesos nas mãos enquanto me examinavam de cima a baixo, um ar de festa e atemporalidade. Um saco de batatas verdes, pães de cachorro-quente pálidos. Um caixote de tomates molhados e muito maduros.

— A gente estava numa excursão alimentícia — explicou Donna, embora eu não tenha entendido exatamente o que isso significava.

Minha mente estava ocupada com aquela mudança repentina da sorte, em monitorar o lento escorrer de suor debaixo dos meus braços. Eu ficava esperando ser detectada, ser identificada como uma intrusa que não pertencia ao grupo. Meus cabelos limpos demais. Pequenos cuidados com apresentação e decoro que não pareciam ter importância para mais ninguém ali. O vento entrava pelas janelas abertas e fazia meu cabelo esvoaçar loucamente, cobrindo meus olhos e intensificando o deslocamento, a subitaneidade de estar naquele estranho ônibus. Uma pena pendia do retrovisor, presa a um aglomerado de miçangas. Um pouco de lavanda seca no painel, descolorida pelo sol.

— Ela vem para o solstício — disse Donna —, o solstício de verão.

Era início de junho e eu sabia que o solstício era no fim do mês: não falei nada. O primeiro de muitos silêncios.

— Ela vai ser a nossa oferenda — disse Donna às outras, dando risadinhas. — Vamos sacrificá-la.

Olhei para Suzanne — nossa história, mesmo breve, parecia ratificar

minha presença em meio àquelas garotas —, mas ela estava sentada a certa distância, concentrada no caixote de tomates. Aplicando pressão às peles, separando as partes apodrecidas. Enxotando as abelhas. Mais tarde, me ocorreria que Suzanne fora a única que não parecera muito entusiasmada ao deparar comigo naquela estrada. Algo formal e distante em seu comportamento. Só posso imaginar que estivesse sendo protetora. Que Suzanne vira a fraqueza em mim, luminosa e óbvia: ela sabia o que acontecia com garotas fracas.

* * *

Donna me apresentou às outras, e eu tentei memorizar os nomes delas. Helen, uma garota que parecia mais ou menos da minha idade, embora talvez fosse só o penteado maria-chiquinha. Ela era bonita daquele jeito jovem das beldades de cidade pequena, o narizinho achatado, suas feições inteligíveis embora com um prazo de validade evidente. Roos.

— Abreviação de Roosevelt — esclareceu ela. — Igual ao presidente, Franklin D.

Ela era mais velha do que as outras garotas, com um rosto redondo e rosado como o de uma personagem de um livro de histórias infantis.

Não consegui lembrar o nome da garota alta que estava dirigindo: nunca mais a vi depois daquele dia.

Donna abriu um espaço entre elas, dando tapinhas numa almofada bordada.

— Venha aqui — disse ela, e sentei na almofada que pinicava.

Donna parecia estranha, um pouco abrutalhada, mas gostei dela. Toda a sua ganância e mesquinharia apareciam claramente na superfície.

O ônibus arrancou: meu estômago chacoalhou e se contraiu, mas tomei um gole do garrafão de vinho tinto barato que elas me passaram, deixando derramar um pouco em minhas mãos. Elas pareciam felizes, sorrindo, suas vozes às vezes irrompendo em trechos de canções, como um grupo acampando em torno de uma fogueira. Eu reparava nas particularidades — como davam as mãos umas para as outras sem qualquer constrangimento e usavam palavras como "harmonia", "amor" e "eternidade". Como Helen se comportava como um bebê, puxando os rabos de sua maria-chiquinha e falando com voz de bebê, deitando subitamente no colo de Roos como se isso fosse um truque para fazer com que cuidasse dela. Roos não reclamava: parecia plácida, simpática. Aquelas bochechas rosadas, o cabelo liso e louro caído sobre os olhos. Embora depois eu viesse a achar que talvez fosse menos simpatia e mais um vazio discreto onde a simpatia deveria estar. Donna fez perguntas sobre mim, e as outras também, uma torrente constante de perguntas. Eu não consegui evitar meu prazer em ser o foco da atenção delas. Inexplicavelmente, elas pareciam gostar de mim, e a sensação

era estranha e animadora, um presente misterioso que eu não queria analisar demais. Até consegui enxergar o silêncio de Suzanne sob uma luz favorável, imaginando que ela fosse tímida, que nem eu.

— Legal — disse Donna, tocando minha blusa.

Helen beliscou uma das mangas também.

— Você parece uma bonequinha — comentou Donna. — Russell vai amar você.

Ela lançava o nome dele assim, como se fosse inimaginável que eu pudesse não saber quem era Russell. Helen deu um risinho ao som do nome dele, remexendo os ombros de prazer, como se chupasse um doce. Donna me viu piscar de incerteza e riu.

— Você vai amá-lo — disse ela. — Ele é único. Sem sacanagem. É como ficar naturalmente chapada só de estar perto dele. É como o sol ou coisa do tipo. Grande e verdadeiro assim.

Ela olhou na minha direção para ter certeza de que eu estava escutando, e pareceu satisfeita ao ver que sim.

Ela disse que o lugar para onde estávamos indo era um modo de viver. Russell estava ensinando a elas como descobrir o caminho para a verdade, como libertar o verdadeiro eu que vivia encolhido dentro delas. Também falou de alguém chamado Guy, que já fora adestrador de falcões mas juntou-se ao grupo e agora queria ser poeta.

— Quando conhecemos Guy, ele estava numa viagem doida, comendo só carne. Achava que era o diabo ou coisa assim. Mas Russell o ajudou. Ensinou ele a amar — disse Donna. — Todo mundo é capaz de amar, de transcender as bobagens da vida, mas tem tanta coisa que fica impedindo a gente...

* * *

Eu não sabia como imaginar Russell. Só tinha o limitado ponto de referência de homens como meu pai ou rapazes por quem tive quedas. A maneira como aquelas garotas falavam de Russell era diferente, a veneração delas era mais prática, sem nada da ansiedade brincalhona de menininha que eu conhecia. A certeza delas era inabalável, invocando o poder e a magia de Russell como se fossem tão universalmente reconhecidos quanto a órbita da Terra ou a influência da lua sobre as marés.

Donna disse que Russell era diferente de qualquer outro ser humano. Que era capaz de receber mensagens dos animais. Que era capaz de curar um homem com as mãos, tirar a podridão de você como se fosse um tumor.

— Ele enxerga cada parte de você — acrescentou Roos.

Como se isso fosse uma coisa boa.

A possibilidade de me ver submetida a algum julgamento suplantava quaisquer preocupações ou dúvidas que eu pudesse ter quanto a Russell.

Naquela idade, eu me sentia, antes de mais nada, uma coisa a ser julgada, e isso transferia o poder para a outra pessoa em toda interação.

A insinuação de sexo que passava pelo rosto delas sempre que falavam de Russell, uma excitação risonha de baile de formatura. Entendi, sem que ninguém precisasse dizer exatamente, que todas dormiam com ele. E esse acordo me fez enrubescer, chocada. Ninguém parecia sentir ciúme de ninguém.

— O coração não é dono de nada — anunciou Donna. — O amor não é isso — disse, apertando a mão de Helen, um olhar entre elas.

Embora Suzanne estivesse em silêncio na maior parte do tempo, sentada a certa distância de nós, vi seu rosto mudar à menção de Russell. Uma ternura de esposa em seus olhos que eu queria sentir também.

Posso ter sorrido para mim mesma enquanto assistia às formas familiares da cidade passando, o ônibus viajando da sombra ao sol. Eu crescera naquele lugar, tinha um conhecimento dele tão entranhado em mim que nem sabia o nome da maioria das ruas, orientando-me em vez disso pelos pontos de referência visuais ou da memória. A esquina onde minha mãe torcera o tornozelo, vestida com um terninho cor de malva. O aglomerado de árvores que sempre parecera vagamente maligno. A farmácia com seu toldo rasgado. Pela janela daquele ônibus desconhecido, com o carpete nodoso e velho sob minhas pernas, minha cidade natal pareceu limpa de minha presença. Era fácil deixá-la para trás.

* * *

Elas falavam dos planos para a festa do solstício. Helen ajoelhada, apertando alegremente os rabos de sua maria-chiquinha com a agilidade de quem tem isso como hábito. Animadas enquanto descreviam os vestidos que usariam, trechos de uma canção boba sobre solstício que Russell tinha inventado. Alguém chamado Mitch tinha lhes dado dinheiro suficiente para comprar bebidas alcóolicas: Donna disse o nome dele com uma ênfase que me deixou confusa.

— Você sabe — repetiu ela. — Mitch. Mitch Lewis.

Eu não havia reconhecido o nome, mas já ouvira falar da banda de Mitch — eu os assistira na TV, tocando sob os refletores quentes de um estúdio, o suor pontilhando suas testas. O cenário de fundo era um mural felpudo de ouropel, o palco girando de forma que os membros da banda rodavam como bailarinas de caixinhas de música.

Assumi um ar de descaso, mas ali estava ele: o mundo que eu sempre suspeitei que existisse, o mundo em que você chamava músicos famosos pelo primeiro nome.

— Mitch fez uma sessão de gravação com Russell — contou Donna. — Russell deixou ele de boca aberta.

Lá estava de novo, a admiração maravilhada delas por Russell, a certeza delas. Tive inveja daquela confiança, que outra pessoa pudesse costurar as partes vazias da sua vida de modo que você sentisse que havia uma rede de proteção embaixo de você, ligando um dia ao outro.

— Russell vai ficar famoso, tipo *assim* — acrescentou Helen. — Já fechou a gravação de um disco.

Era como se ela estivesse narrando um conto de fadas, mas ainda melhor, porque ela sabia que iria acontecer de verdade.

— Sabe como o Mitch chama o Russell? — Donna fez com as mãos um gesto de espanto que era ao mesmo tempo distraído. — O Feiticeiro. Isso não é a maior viagem?

* * *

Depois de passar um tempo no rancho, vi como todos falavam de Mitch. Do contrato iminente de Russell para gravar um disco. Mitch era o santo padroeiro deles, mandando carregamentos de laticínios Clover Dairy para o rancho para que as crianças pudessem consumir cálcio, sustentando o lugar financeiramente. Eu não ouviria a história completa até muito tempo depois. Mitch conhecera Russell em Baker Beach, num encontro focado em meditação, amor, música, sexo e uso de drogas psicodélicas. Russell compareceu em suas roupas de camurça, com um violão mexicano preso às costas pela correia. Cercado de suas mulheres implorando por trocados com seu ar de pobreza bíblica. A areia fria e escura, uma fogueira, Mitch no intervalo entre as gravações. Alguém com um chapéu *pork pie* cuidando de um caldeirão de mexilhões cozinhando no vapor.

Mitch, eu saberia depois, vinha vivendo uma crise — brigas por dinheiro com seu empresário, que fora um amigo de infância, uma detenção por porte de maconha que tinha sido apagada da sua ficha, mas mesmo assim —, e Russell deve ter lhe parecido um cidadão de um mundo mais real, atiçando a culpa que ele sentia por seus discos de ouro, pelas festas onde mandava cobrir a piscina com placas de acrílico. Russell ofereceu uma salvação mística, reforçada pela presença das jovens que baixavam os olhos em adoração toda vez que ele falava. Mitch convidou todo o grupo para sua casa em Tiburon, deixando que se empanturrassem com o conteúdo de sua geladeira e passassem a noite em seu quarto de hóspedes. Esvaziaram garrafas de suco de maçã e champanhe *rosé*, e deixaram marcas de lama na cama com a falta de consideração de um exército invasor. De manhã, Mitch lhes deu carona de volta para o rancho: àquela altura, Russell já o seduzira, falando suavemente sobre a verdade e o amor, invocações especialmente potentes para pessoas ricas em busca de respostas.

Acreditei em tudo o que as garotas me disseram naquele dia, o orgulho animado e coletivo delas quando falavam do brilhantismo de Russell. Como

dali a pouco ele não poderia andar pelas ruas sem se ver cercado pela multidão. Como ele poderia ensinar o mundo inteiro a ser livre. E era verdade que Mitch tinha marcado uma sessão de gravação para Russell. Esperando que o selo que o contratava acharia a *vibe* de Russell interessante e atual. Só vim a saber muito depois que a sessão tinha dado errado, um fracasso lendário. Isso foi antes de todo o resto ter acontecido.

* * *

Os relatos de muitos sobreviventes de desastres jamais começam com o aviso da chegada de um tornado ou com o comandante anunciando a falha de um motor, mas num momento muito anterior: uma insistência de que tinham notado uma característica estranha na luz do sol naquela manhã, ou um excesso de estática em seus lençóis. Uma briga sem sentido com o namorado. Como se o pressentimento da catástrofe se entrelaçasse a tudo o que veio anteriormente.

Será que deixei de perceber algum sinal? Alguma pontada interna? As abelhas reluzindo e se movimentando pelo caixote de tomates? Uma ausência incomum de carros na estrada? A pergunta que me lembro de Donna ter me feito no ônibus — casualmente, quase como quem não quer nada. "Você já ouviu falar alguma coisa sobre o Russell?"

A pergunta não fez sentido para mim. Não entendi que ela estava tentando ter uma ideia de quantos boatos eu já ouvira: sobre orgias, viagens alucinadas de ácido e adolescentes que haviam fugido de casa sendo forçadas a se entregar a homens mais velhos. Cães sacrificados em praias sob o luar, cabeças de bode apodrecendo na areia. Se eu tivesse tido algum amigo além de Connie, poderia ter ouvido conversas sobre Russell em festas, alguma fofoca sussurrada na cozinha. Poderia ter sabido que tinha que tomar cuidado.

Mas fiz que não com a cabeça. Eu não tinha ouvido nada.

# 5

Mesmo mais tarde, mesmo sabendo as coisas que eu sabia, foi impossível, naquela primeira noite, enxergar além do imediato. A camisa de camurça de Russell, cheirando a carne e podridão e macia como veludo. O sorriso de Suzanne florescendo dentro de mim como fogos de artifício, perdendo sua fumaça colorida, suas lindas fagulhas carregadas pelo vento.

* * *

— Nossa casa no campo — disse Donna quando descemos do ônibus naquela tarde.

Precisei de um momento para ver onde estava. O ônibus tinha ido para longe da rodovia, sacolejando por uma estrada de terra que terminava em meio às colinas douradas pelo verão, salpicadas de carvalhos. Uma velha casa de madeira: as rosetas em relevo e as colunas de gesso lhe davam o ar de um pequeno castelo. Era parte de uma existência improvisada que incluía, até onde eu conseguia ver, um celeiro e uma piscina com aparência de pântano. Seis lhamas peludas cochilando em um curral. Figuras distantes aparando o mato ao longo da cerca. Então ergueram as mãos em um cumprimento, depois curvaram-se de volta para o trabalho.

— O riacho está raso, mas ainda dá para nadar — disse Donna.

Parecia mágico para mim que elas realmente morassem ali juntas. Os símbolos pintados em tinta fluorescente Day-Glo nas paredes do celeiro, as roupas no varal esvoaçando ao vento. Um orfanato para crianças despudoradas.

Certa vez tinham filmado um comercial de automóvel no rancho, disse Helen com sua voz de bebê.

— Já faz um tempo, mas mesmo assim.

Donna me cutucou.

— Aqui é uma loucura, né?

— Como foi que vocês acharam este lugar? — perguntei.

— Tinha um velho que morava aqui, mas ele precisou sair porque o telhado estava ruim. — Donna deu de ombros. — E a gente meio que consertou. O neto dele é quem aluga o lugar para a gente.

Para ganhar dinheiro, explicou ela, cuidavam das lhamas e trabalhavam para o fazendeiro vizinho, colhendo pés de alface com seus canivetes e

vendendo na feira o que ele produzia. Girassóis e potes de geleia grudenta de tanta pectina.

— Três dólares por hora. Nada mau — disse Donna. — Mas o dinheiro é apertado.

Assenti, como se entendesse preocupações como aquela. Vi um garotinho, de quatro ou cinco anos, vir correndo na direção de Roos, colidindo com as pernas dela. Estava muito queimado de sol, seu cabelo descolorido a ponto de ficar branco, e parecia velho demais para ainda usar fraldas. Presumi que fosse filho dela. Russell seria o pai? Esse rápido pensamento sobre sexo provocou uma falta de ar nauseante em meu peito. O menino ergueu a cabeça, como um cachorro sendo acordado, e olhou para mim, seus olhos semicerrados numa expressão de tédio e desconfiança.

Donna inclinou-se para perto de mim.

— Venha conhecer o Russell — disse ela. — Você vai amá-lo, juro.

— Ela vai conhecê-lo na festa — falou Suzanne, interrompendo nossa conversa.

Eu não tinha reparado em sua chegada: a proximidade de Suzanne me causou um sobressalto. Ela me entregou um saco de batatas e levantou um caixote de papelão nos braços.

— Vamos deixar essas coisas na cozinha primeiro. Para o banquete.

Donna fez uma careta, chateada, mas eu segui Suzanne.

— Tchau, boneca — disse ela, acenando com os dedos finos e rindo, sem maldade.

* * *

Segui os cabelos negros de Suzanne em meio a uma multidão de desconhecidos. O piso era irregular, um declive desorientador. Tinha o cheiro, também, uma fumaça pesada. Eu estava lisonjeada por Suzanne recrutar minha ajuda, como se isso confirmasse que eu era um deles. Havia jovens andando de um lado para outro, descalços ou de botas, seus cabelos desgrenhados e clareados pelo sol. Entreouvi invocações fervorosas da festa do solstício. Eu ainda não sabia àquela altura, mas era coisa rara no rancho todo aquele trabalho eficiente. As garotas usavam seus melhores trapos de brechó e carregavam instrumentos nos braços com a gentileza de quem segura bebês, o sol batendo no aço da guitarra e decompondo-se em fractais de ardentes diamantes de luz. Os pandeiros chacoalhando desafinados em seus braços.

— Essas filhas da puta me mordem a noite toda — disse Suzanne, dando um tapa numa das ferozes mutucas que voavam à nossa volta. — Acordo sangrando de tanto me coçar.

Para além da casa, a terra era marcada por grandes pedras e carvalhos que filtravam a luz, alguns carros vazios em estado de abandono. Eu gostava de

Suzanne, mas não conseguia deixar de sentir que estava tendo que me esforçar para acompanhar o ritmo dela: era uma época em que eu com frequência misturava a ideia de gostar das pessoas com o fato de ficar nervosa perto delas. Um rapaz sem camisa e com uma grossa fivela de prata no cinto assobiou quando passamos por ele.

— O que você está levando aí? Um presente de solstício?

— Cale a boca — respondeu Suzanne.

O rapaz deu um sorriso vulgar, e eu tentei sorrir de volta. Ele era jovem, seu cabelo comprido e escuro, e suas feições tinham uma inclinação medieval que considerei romântica. Bonito, com o ar feminino sombrio de um vilão de cinema, embora depois eu viesse a descobrir que era só um nativo do Kansas.

Esse era Guy. O jovem fazendeiro que tinha desertado da Base da Força Aérea de Travis quando descobrira que era essencialmente a mesma merda que a casa do seu pai. Tinha passado algum tempo trabalhando em Big Sur, depois seguira para o norte. E se envolvera com um grupo de agitadores na periferia de Haight, os satanistas por hobby, que usavam mais bijuterias que uma adolescente. Medalhões de escaravelho e adagas de platina, velas vermelhas e música de órgão. E então Guy encontrou Russell tocando violão no parque certo dia. Russell usando sua jaqueta de camurça de homem da fronteira, roupas que talvez tenham lembrado Guy dos livros de aventuras de sua juventude, seriados estrelados por homens que limpavam as peles de caribu e vadeavam os gélidos rios do Alasca. Guy permanecera com Russell desde então.

Guy ia ser o motorista das garotas naquele verão. Amarrando o próprio cinto em torno dos pulsos do caseiro, aquela grande fivela de prata pressionando a pele tenra e deixando um carimbo de formato estranho, como uma marca feita a ferro quente.

Mas naquele primeiro dia ele era só um rapaz, emanando uma aura suja de desordem como um feiticeiro, e eu olhei de novo para ele com um arrepio de excitação.

Suzanne deteve uma garota que passava.

— Diga a Roos para trazer Nico de volta para a creche. Ele não devia ficar aqui fora.

A garota assentiu.

Suzanne olhou de relance para mim enquanto caminhávamos, percebendo a minha confusão.

— Russell não quer que a gente fique apegada demais às crianças. Especialmente se são nossos filhos. — Ela deu um riso amargo. — Elas não são nossa propriedade, sabe? Não temos o direito de foder com a cabeça delas só porque queremos alguém para afagar.

Precisei de um momento para processar essa ideia de que mães e pais não tinham esse direito. De repente me pareceu uma verdade retumbante.

Minha mãe não era dona de mim só por ter me parido. Mandando-me para o internato porque deu na telha dela. Talvez esse fosse um método melhor, mesmo parecendo tão estranho. Ser parte desse grupo sem forma, acreditando que o amor poderia vir de qualquer direção. Dessa forma você não ficaria decepcionada se ele não viesse em quantidade suficiente da direção que você queria.

* * *

A cozinha era muito mais escura que o lado de fora, e fiquei piscando na súbita penumbra. Todos os cômodos tinham um aroma pungente de terra, alguma mistura do cheiro de corpos com o de comida sendo preparada em grandes quantidades. As paredes eram quase todas nuas, exceto por faixas de papel de parede com desenhos de margaridas e outro estranho coração pintado ali também, igual ao do ônibus. As esquadrias das janelas estavam se desfazendo, camisetas presas com tachinhas no lugar de cortinas. Em algum lugar próximo, um rádio estava ligado.

Havia dez garotas ou mais na cozinha, concentradas em suas tarefas e preparando a comida, e todas tinham aparência saudável, seus braços delgados e bronzeados, os cabelos abundantes. Pés descalços plantados nas tábuas ásperas do piso. Riam e brincavam umas com as outras, beliscando a pele à mostra e trocando pancadinhas com as colheres. Tudo parecia pegajoso e meio podre. Assim que coloquei o saco de batatas no balcão, uma garota começou a separá-las.

— Batatas verdes são venenosas — disse ela.

A garota sugava os dentes enquanto revirava o saco.

— Não se forem cozidas — retrucou Suzanne. — Então pode cozinhar todas elas.

* * *

Suzanne dormia numa casinha externa com chão de terra, dois colchões de solteiro sem lençóis que encostavam em cada uma das quatro paredes.

— Na maioria das vezes, quem dorme aqui são as garotas — disse ela —, depende. E às vezes o Nico, embora eu não queira. Eu quero que ele cresça livre. Mas ele gosta de mim.

Um quadrado de seda manchada estava preso com tachinhas acima de um dos colchões, e sobre a cama havia uma fronha com estampa de Mickey Mouse. Suzanne me passou um cigarro enrolado à mão, uma das pontas molhada com a saliva dela. Cinzas caíram em sua coxa nua, mas ela não pareceu notar. Era maconha, só que mais forte do que aquela que eu e Connie costumávamos fumar, os restos ressecados da gaveta de meias de Peter. Esta era gordurosa e densa, e a fumaça enjoativa que produzia não se

dissipava depressa. Fiquei esperando o momento em que começaria a me sentir diferente. Connie teria detestado tudo aquilo. Acharia o lugar sujo e estranho, acharia Guy assustador — e saber disso me deixou orgulhosa. Meus pensamentos estavam se tornando mais suaves, a maconha começava a fazer efeito.

— Você tem mesmo dezesseis anos? — perguntou Suzanne.

Eu queria sustentar a mentira, mas o olhar dela era inteligente demais.

— Tenho quatorze — respondi.

Suzanne não pareceu surpresa.

— Eu dou uma carona para você até a sua casa, se quiser. Você não tem que ficar aqui.

Passei a língua pelos lábios — será que ela achava que eu não seria capaz de lidar com tudo aquilo? Ou talvez achasse que eu fosse constrangê-la.

— Eu não preciso ir para outro lugar — respondi.

Suzanne abriu a boca para dizer alguma coisa, depois hesitou.

— De verdade — falei, começando a sentir desespero. — Está tudo bem.

Houve um momento, quando Suzanne olhou para mim, em que tive a certeza de que iria me mandar para casa. De volta para a casa da minha mãe, como uma aluna que matou aula. Mas então o olhar se esvaziou, virou alguma outra coisa, e ela se levantou.

— Você pode pegar um vestido emprestado — falou.

* * *

Havia uma arara com roupas penduradas, e mais delas transbordando de um saco de lixo: brim rasgado. Camisas com estampa *paisley*, saias compridas. As bainhas oscilando com a costura solta. As roupas não eram bonitas, mas a quantidade e a estranheza delas me deixaram impressionada. Eu sempre invejara as meninas que usavam as roupas herdadas das irmãs mais velhas, como o uniforme de um time que adoramos.

— Tudo isso é seu?

— Eu divido com as garotas.

Suzanne parecia resignada à minha presença: talvez tivesse visto que o meu desespero era maior que qualquer desejo ou habilidade que ela tivesse de me enxotar dali. Ou talvez a admiração fosse lisonjeira, meus olhos arregalados, gananciosos pelos detalhes dela.

— Só a Helen cria caso. A gente tem que ir pegar coisas de volta, ela esconde debaixo do travesseiro.

— Você não quer algumas só para você?

— Por quê? — Ela deu uma tragada no baseado e prendeu a respiração. Quando falou, sua voz saiu rouca. — Não estou nesse tipo de viagem no momento. Eu, eu, eu. Eu amo as outras garotas, sabe. Eu gosto que a gente divida as coisas. E elas também me amam.

Ela me observava em meio à fumaça. Senti-me envergonhada. Por duvidar de Suzanne ou por achar que era estranho dividir as coisas. Pelos limites do meu quarto acarpetado na minha casa. Enfiei as mãos no meu short. Aquilo não era uma conversa superficial, como nos *workshops* que a minha mãe frequentava durante a tarde.

— Eu entendo — falei.

E entendia mesmo, e tentei isolar o palpitar de solidariedade dentro de mim.

O vestido que Suzanne escolheu para mim fedia a merda de rato, meu nariz se torceu enquanto enfiava a cabeça pela gola, mas me senti feliz usando-o — o vestido pertencia a outra pessoa, e esse aval me liberava da pressão de meus próprios julgamentos.

— Ótimo — comentou Suzanne, me avaliando.

Dei mais significado à pronúncia de cada palavra dela do que atribuíra a Connie. Havia algo relutante na atenção de Suzanne, e isso fazia com que eu desse valor em dobro.

— Deixe eu fazer uma trança no seu cabelo — disse ela. — Venha aqui. Ele vai ficar embaraçado se você dançar com ele solto.

Sentei-me no chão na frente de Suzanne, entre suas pernas afastadas, e tentei me sentir confortável com a proximidade, aquela intimidade súbita e inocente. Meus pais não eram afetuosos, e me surpreendeu que alguém pudesse tocar em mim a qualquer momento; a mão dela era um presente dado tão casualmente quanto um pedaço de chiclete. Uma bênção inesperada. O hálito forte de Suzanne em minha nuca enquanto ela afastava os meus cabelos para um lado. Passando os dedos pelo meu couro cabeludo, fazendo uma linha reta para repartir o penteado. Até as espinhas que eu vira em seu maxilar me pareciam de uma beleza oblíqua, a inflamação rosada um excesso interior tornado visível.

* * *

Nós duas ficamos em silêncio enquanto ela trançava meu cabelo. Peguei uma das pedras avermelhadas do chão, enfileiradas ao pé do espelho como os ovos de uma espécie desconhecida.

— Vivemos no deserto por um tempo — disse Suzanne. — Foi lá que eu encontrei isso.

Ela me contou do casarão vitoriano que tinham alugado em São Francisco. Que tinham precisado ir embora depois de Donna ter acidentalmente causado um incêndio no quarto. Do tempo que passaram no Vale da Morte, onde todos se bronzearam tanto que ficaram dias sem conseguir dormir. Os restos de uma fábrica de sal depredada e sem telhado no Yucatán, onde ficaram por seis meses, a lagoa de águas turvas onde Nico aprendera a nadar. Era doloroso pensar no que eu fizera ao longo daquele

mesmo período: beber a água morna e metálica do bebedouro da minha escola. Pedalar até a casa de Connie. Reclinar-me na cadeira do dentista, minhas mãos educadamente repousadas em meu colo, enquanto o Dr. Lopes trabalhava na minha boca, suas luvas molhadas com minha baba de idiota.

* * *

A noite estava quente, e a celebração começou cedo. Éramos talvez quarenta pessoas, aglomerando-nos numa área com chão de terra, ar quente passando em rajadas sobre a fileira de mesas, a luz ondulante de um lampião a querosene. A festa parecia muito maior do que era de fato. Havia uma atmosfera um tanto bizarra que distorcia a minha memória, a casa erguendo-se atrás de nós, conferindo a tudo um tremor de projeção cinematográfica. A música estava alta, o som doce e rítmico dos acordes graves me preenchendo de um jeito emocionante, e as pessoas estavam dançando e estendendo os braços umas para as outras, as mãos segurando os pulsos: saltitavam em círculos, aproximando-se e afastando-se. Uma corrente bêbada e animada que se partiu quando Roos sentou pesadamente no chão de terra, rindo. Algumas crianças se esgueiravam em torno da mesa como cães, solitárias e invejosas da animação dos adultos, os lábios rachados de tanto serem mordiscados.

— Cadê o Russell? — perguntei a Suzanne.

Ela estava chapada que nem eu, o cabelo preto solto. Alguém dera a ela uma rosa meio murcha que ela tentava prender no cabelo.

— Ele vai vir — respondeu ela. — As coisas não começam de verdade até ele chegar.

Ela espanou algumas cinzas do meu vestido, e o gesto mexeu comigo.

— Aí está a nossa bonequinha — cantarolou Donna quando me viu.

Usava uma coroa de papel-alumínio que caía o tempo todo da cabeça dela. Tinha desenhado um padrão egípcio nas mãos e nos braços sardentos com *kohl* até claramente perder o interesse; seus dedos estavam cobertos do pó preto, manchando seu vestido e parte de seu maxilar. Guy se desviou, evitando as mãos dela.

— Ela é o nosso sacrifício — disse-lhe Donna, suas palavras já oscilando. — Nossa oferenda de solstício.

Guy sorriu para mim, os dentes dele manchados de vinho.

* * *

Incendiaram um carro naquela noite como parte da celebração, e as chamas estavam quentes e agitadas, e eu ri alto, sem motivo — o contorno das colinas era tão escuro em contraste com o céu, e ninguém da minha vida

real sabia onde eu estava, e era o *solstício*, e quem se importava se não fosse o dia certo? Tive pensamentos distantes sobre a minha mãe, fisgadas insistentes de preocupação, mas ela presumiria que eu estava na casa de Connie. Onde mais eu estaria? Ela não conseguiria nem imaginar que um lugar como este pudesse existir e, mesmo que conseguisse, mesmo que se por algum milagre ela aparecesse ali, não seria capaz de me reconhecer. O vestido de Suzanne era grande demais, e frequentemente escorregava dos meus ombros, mas logo parei de puxar rapidamente as mangas de volta para cima. Gostei da exposição, da maneira como podia fingir que não me importava, e de como realmente parei de me importar, mesmo quando acidentalmente deixei aparecer um seio quase inteiro ao levantar as mangas. Um rapaz chapado, em transe — com uma lua crescente pintada no rosto — sorriu para mim como se eu sempre tivesse estado ali em meio a eles.

O banquete não foi banquete nenhum. Profiteroles inchados suando numa tigela até alguém os dar para os cachorros. Um recipiente plástico de chantilly industrializado *Cool Whip*, vagens fervidas até ficarem de um cinza disforme, com acompanhamentos catados em alguma caçamba de lixo. Doze garfos tilintando numa panela gigantesca — todos se revezavam servindo-se de um pábulo vegetal aguado, a mistura de batatas com ketchup e sopa de cebola de saquinho. Havia uma única melancia, sua casca lembrando uma pele de cobra, mas ninguém conseguia achar uma faca. Finalmente, Guy abriu a melancia com violência na quina de uma mesa. As crianças atacaram a polpa estraçalhada como ratos.

Não era nada como o banquete que eu tinha imaginado. A distância fez com que eu me sentisse um pouco triste. Mas só era triste no velho mundo, lembrei a mim mesma, onde as pessoas ficavam intimidadas pelo amargo remédio de suas vidas. Onde o dinheiro fazia todos permanecerem escravos, onde abotoavam suas camisas até o pescoço, estrangulando qualquer amor que tivessem dentro de si.

* * *

Quantas vezes rememorei esse momento, de novo e de novo, até ele adquirir um ar de importância: o instante em que Suzanne me cutucou para que eu soubesse que o homem se aproximando da fogueira era Russell. Minha primeira reação foi de choque — ele parecera jovem enquanto se aproximava, mas em seguida pude ver que era pelo menos uma década mais velho que Suzanne. Talvez fosse até da idade da minha mãe. Vestia calças Wrangler sujas e uma camisa de camurça, embora seus pés estivessem descalços — como isso era estranho, o fato de todos andarem descalços no mato e sobre merda de cachorro, como se nada estivesse ali. Uma garota se ajoelhou ao lado de Russell, tocando na perna dele. Levei um momento para lembrar o nome dela — meu cérebro estava nebuloso por causa das

drogas —, mas aí me veio, Helen, a garota do ônibus com suas marias-chiquinhas, sua vozinha de bebê. Helen sorriu para ele, encenando algum ritual que não compreendi.

Eu sabia que Helen transava com esse homem. Suzanne também. Deixei a ideia circular pela minha cabeça, imaginando o sujeito arqueado sobre o corpo alvo de Suzanne. Colocando a mão no seio dela. Eu só sabia sonhar com garotos como Peter, os músculos ainda não desenvolvidos sob a pele deles, os pelos esparsos que cultivavam no rosto. Talvez eu fosse dormir com Russell. Experimentei esse pensamento. O sexo ainda era influenciado pelas garotas das revistas do meu pai, tudo muito seco em páginas brilhantes. Uma coisa para contemplar. As pessoas do rancho pareciam estar além disso, amando umas às outras indiscriminadamente, com a pureza e o otimismo de crianças.

O homem ergueu as mãos e trovejou uma saudação: o grupo moveu-se em ondas e espasmos, como um coro grego. Em momentos como esse, eu podia acreditar que Russell já era famoso. Ele dava a impressão de se mover por uma atmosfera mais densa que o resto de nós. Caminhou pelo meio do grupo, dando bênçãos: a mão num ombro, uma palavra sussurrada num ouvido. A festa ainda continuava, mas agora todos estavam voltados para ele, o rosto virado em expectativa, como se acompanhassem o movimento do sol pelo céu. Quando Russell se aproximou de onde Suzanne e eu estávamos, parou e olhou nos meus olhos.

— Você chegou — disse ele.

Como se já estivesse à minha espera. Como se eu estivesse atrasada.

* * *

Eu nunca havia ouvido uma voz como a dele — forte e lenta, nenhuma hesitação. Os dedos dele pressionaram minhas costas de um jeito nada desagradável. Russell não era muito mais alto do que eu, mas era forte e compacto, pressurizado. O cabelo que formava um halo em torno de sua cabeça tinha sido engrossado pela oleosidade e a sujeira até formar uma massa lamacenta. Os olhos dele não pareciam lacrimejar, vacilar ou se desviar. A maneira como as garotas tinham falado dele finalmente fez sentido. O modo como ele me observou, como se quisesse enxergar dentro de mim.

— Evie — disse Russell quando Suzanne me apresentou. — Como Eva. A primeira mulher.

Eu estava com medo de dizer a coisa errada, expor o erro de minha presença.

— É Evelyn, na verdade.

— Nomes são importantes, não são? — respondeu Russell. — E não vejo nenhuma serpente em você.

Mesmo essa leve aprovação já bastou para me dar alívio.

— O que você está achando da nossa celebração do solstício, Evie? — perguntou ele. — Deste nosso lugar?

Durante todo esse tempo, a mão dele estava pulsando uma mensagem em minhas costas que eu não conseguia decifrar. Lancei um olhar de esguelha para Suzanne, percebendo que o céu tinha escurecido sem que eu me desse conta, a noite se tornando mais profunda. Eu me sentia sonolenta por causa da fogueira e da maconha. Não tinha comido nada, e havia um latejar vazio em meu estômago. Ele estava falando muito o meu nome? Eu não sabia dizer. O corpo todo de Suzanne estava voltado para Russell, a mão dela mexendo inquieta no cabelo.

Eu disse que gostava dali. E fiz mais alguns comentários insignificantes e nervosos, mas, mesmo assim, ele estava obtendo outras informações de mim. E nunca deixei de ter essa sensação. Mesmo depois. De que Russell era capaz de ler meus pensamentos com a mesma facilidade de pegar um livro na estante.

Quando eu sorri, ele ergueu meu queixo com a mão.

— Você é uma atriz — declarou. Os olhos eram como óleo quente, e me permiti sentir-me como Suzanne, o tipo de garota que faria um homem se surpreender, querer tocá-la. — É, é isso. Estou vendo. Você tem que estar de pé num penhasco, olhando para o mar.

Eu disse a ele que não era atriz, mas minha avó tinha sido.

— Isso — respondeu ele. Assim que eu disse o nome dela, ele ficou ainda mais atento. — Eu reparei logo de cara. Você se parece com ela.

Depois eu viria a ler que Russell buscava famosos, os semifamosos ou os que andavam com alguma celebridade, pessoas que pudesse seduzir para obter mais recursos, cujos carros pudesse usar e em cujas casas pudesse morar. Como ele deve ter ficado contente com a minha chegada, sem nem mesmo precisar ser persuadida. Russell estendeu o braço para trazer Suzanne para mais perto dele. Quando captei o olhar dela, Suzanne pareceu se retrair. Não tinha me ocorrido, até aquele momento, que ela pudesse estar nervosa quanto a mim e Russell. Uma sensação nova de poder se moveu dentro de mim, como um rápido apertar de uma fita, tão inédita que eu não reconheci o que era.

— E você vai tomar conta da nossa Evie — disse Russell para Suzanne. — Não vai?

Nenhum dos dois olhou para mim. O ar entre eles entrecruzado por símbolos. Russell segurou minha mão por um momento, o olhar dele em mim como uma avalanche.

— Até mais, Evie — disse ele.

Em seguida, algumas palavras sussurradas para Suzanne. Ela voltou até mim com um ar de vitalidade revigorada.

— Russell disse que você pode ficar, se quiser.

Eu senti como ela ficou energizada após ver Russell. Alerta, com a autoridade renovada, me examinando enquanto falava. Eu não sabia se a agitação que senti foi medo ou interesse. Minha avó me contara como fazia para conseguir papéis no cinema — como era rapidamente escolhida em um grupo de candidatas.

"Essa era a diferença", contara ela. "Todas as outras garotas achavam que o diretor estava fazendo a escolha. Mas na verdade era eu dizendo ao diretor, com meu jeitinho secreto, que o papel era meu."

Eu queria isso — uma onda silenciosa, sem origem clara, de mim para Russell. Para Suzanne, para todos eles. Eu queria esse mundo sem fim.

* * *

A noite começava a mostrar facetas mais cruas. Roos estava nua da cintura para cima, os seios pesados enrubescidos pelo calor. Longos silêncios. Um cachorro preto passou trotando para dentro da escuridão. Suzanne sumira para ir buscar mais maconha. Eu ficava procurando por ela, mas me distraía com as luzes e o movimento, os desconhecidos que passavam dançando e sorrindo para mim com uma gentileza franca.

Pequenas coisas deveriam ter me deixado inquieta. Uma garota se queimou, uma faixa de pele do seu braço se enrugando, e ela ficou olhando para a queimadura com vaga curiosidade. O banheiro externo, com seu fedor de merda e desenhos enigmáticos, as paredes forradas com páginas rasgadas de revistas pornô. Guy descrevendo as entranhas quentes dos porcos que estripara na fazenda dos pais, no Kansas.

— Eles sabiam o que estava por vir — contou ele a uma plateia fascinada. — Sorriam quando eu trazia comida e piravam quando eu vinha com a faca.

Ele ajustou a grande fivela do seu cinto, dizendo algo que não consegui ouvir. Mas era o solstício, expliquei para mim mesma, murmúrios pagãos e quaisquer outros incômodos que eu sentisse eram só falha minha em entender o lugar. E havia tantas outras coisas para notar e observar — a música boba que vinha do *jukebox*. A guitarra prateada que refletia o brilho da luz, o chantilly derretido gotejando do dedo de alguém. Os rostos numinosos e fanáticos dos outros.

O tempo era confuso no rancho: não havia relógios nas paredes ou em pulsos, e horas ou minutos pareciam arbitrários, dias inteiros se derramando no nada. Não sei quanto tempo se passou. Quanto tempo fiquei esperando a volta de Suzanne antes de ouvir a voz dele. Bem junto ao meu ouvido, sussurrando o meu nome.

— Evie.

Virei-me e lá estava ele. Contorci-me de felicidade: Russell se lembrara de mim, havia me encontrado no meio de todas aquelas pessoas. Talvez até estivesse à minha procura. Ele pegou minha mão, acariciando a palma,

meus dedos. Eu estava radiante, incerta; eu queria amar tudo.

* * *

O trailer para onde ele me levou era maior que qualquer um dos outros cômodos, a cama revestida de um cobertor felpudo que depois eu perceberia ser um casaco de pele. Era a única coisa bonita no lugar — o chão estava repleto de roupas, latas vazias de refrigerante e cerveja cintilando em meio aos detritos. Um cheiro peculiar no ambiente, com um quê de fermentação. Eu estava sendo deliberadamente ingênua, imagino, fingindo que não sabia o que estava acontecendo. Mas parte de mim realmente não sabia. Ou não parou para pensar bem nos fatos: era subitamente difícil lembrar como eu chegara ali. Aquela viagem sacolejante de ônibus, o açúcar do vinho barato. Onde eu deixara minha bicicleta?

Russell me observava com atenção. Inclinando a cabeça sempre que eu desviava o olhar, me forçando a encará-lo. Ele pôs meu cabelo atrás da minha orelha, deixando os dedos escorregarem para o meu pescoço. As unhas dele estavam grandes, então senti suas bordas.

Eu ri, mas com nervosismo.

— A Suzanne vai chegar logo? — perguntei.

Ele me dissera, perto da fogueira, que Suzanne também viria, mas talvez isso tenha sido só algo que desejei.

— Suzanne está bem — respondeu Russell. — Agora eu quero falar de você, Evie.

Meus pensamentos desaceleraram, assumindo o mesmo ritmo dos flocos de neve pairando no ar. Russell falou devagar e com seriedade, mas me fez sentir como se houvesse esperado a noite inteira pela chance de ouvir o que eu tinha a dizer. Como aquilo era diferente do quarto de Connie, escutando discos de algum outro mundo do qual nunca seríamos parte, músicas que só reforçavam nossa própria e paralisante tristeza. Peter parecia vazio para mim, também. Peter, que era só um garoto, que jantava pão branco com margarina. Isso era real, o olhar de Russell, e o mal-estar lisonjeado dentro de mim era tão prazeroso que eu mal conseguia contê-lo.

— Evie é tímida — disse ele. Sorrindo. — Você é uma garota inteligente. Enxerga muita coisa com esses olhos, não é?

Ele me achava inteligente. Agarrei-me àquilo como se fosse uma prova disso. Eu não estava perdida. Conseguia ouvir a festa do lado de fora. Uma mosca zumbiu num canto, batendo nas paredes do trailer.

— Eu sou como você — continuou Russell. — Era tão inteligente quando mais novo, tão inteligente que, claro, me disseram que eu era burro. — Ele soltou um riso entrecortado. — Eles me ensinaram a palavra *burro*. Ensinaram-me essas palavras, depois me disseram que era isso que eu era.

Quando Russell sorria, seu rosto era tomado de uma alegria que parecia

estranha para mim. Eu sabia que nunca tinha me sentido bem daquele jeito. Desde criança eu havia sido infeliz, e vi, de repente, como isso era óbvio.

Enquanto ele falava, abracei meu corpo. Tudo começou a fazer sentido para mim, o que Russell estava dizendo, a maneira gotejante como as coisas podiam adquirir um sentido. Como as drogas pegavam ideias simples e banais e as costuravam em frases que pareciam cheias de importância. Meu estúpido cérebro de adolescente estava desesperado para achar causalidades, conspirações que inundassem de sentido cada palavra, cada gesto. Eu queria que Russell fosse um gênio.

— Há alguma coisa dentro de você — disse ele. — Uma parte sua que é muito triste. E sabe de uma coisa? Isso me deixa muito triste. Tentaram estragar essa menina tão linda e especial. Fizeram ela ser triste. Só porque eles são.

Senti a pressão de lágrimas nos olhos.

— Mas eles não estragaram, Evie. Porque aqui está você. Nossa Evie tão especial. E você pode deixar toda essa merda antiga para trás.

Ele se sentou no colchão com as solas sujas dos pés descalços no casaco de pele, uma calma estranha no rosto. Esperaria o tempo que fosse necessário.

Não me lembro do que eu disse naquele momento, só que tagarelei nervosamente. Sobre a escola, sobre Connie, sobre as bobagens vazias de uma jovem. Meu olhar percorria o trailer, meus dedos beliscando o tecido do vestido de Suzanne. Os olhos acompanhando o padrão de flores-de-lis da colcha suja que cobria a cama. Lembro que Russell sorria, paciente, esperando que eu perdesse as energias. E eu perdi. O trailer em silêncio, exceto pela minha própria respiração e pelo roçar de Russell se mexendo na cama.

— Eu posso ajudar você — disse ele. — Mas você precisa querer.

Os olhos dele fixos nos meus.

— Você quer, Evie?

As palavras me atravessavam com um desejo científico.

— Você vai gostar disso — murmurou Russell. Abrindo os braços para mim. — Venha aqui.

Aproximei-me dele aos poucos, sentando-me no colchão. Esforçando-me para completar todo o circuito de compreensão. Eu sabia o que estava por vir, mas ainda assim me surpreendeu. A forma como ele abaixou as calças, expondo as pernas curtas e peludas, o pênis em seu punho. A hesitação no meu olhar — ele me observava o observando.

— Olhe para mim — disse ele. A voz era suave, mesmo enquanto sua mão trabalhava furiosamente. — Evie — chamou —, Evie.

A aparência de carne malpassada do seu pau, apertado na sua mão: eu me perguntei onde estava Suzanne. Minha garganta se contraiu. Fiquei confusa a princípio, de ver que era só aquilo que Russell queria. Se masturbar.

Fiquei sentada, tentando dar um sentido àquela situação. Transformei o comportamento de Russell numa prova de suas boas intenções. Russell só estava querendo se aproximar de mim, desfazer meus complexos do velho mundo.

— Nós podemos dar felicidade um ao outro — disse ele. — Você não precisa ficar triste.

Eu me retraí quando Russell empurrou minha cabeça na direção do colo dele. Uma chama de medo desajeitado me preencheu. Ele foi bom em não aparentar irritação quando recuei. O olhar indulgente que me lançou, como se eu fosse um cavalo arisco.

— Não estou tentando machucar você, Evie. — Estendeu novamente a mão para mim. Meu coração batendo mais rápido. — Só quero ficar próximo de você. E você não quer que eu me sinta bem? Eu quero que você se sinta bem.

Quando ele gozou, arquejou alto, um som molhado. A umidade salgada do sêmen na minha boca, o intumescer alarmante. Ele me segurou daquele jeito enquanto se contorcia. Como eu tinha chegado ali, naquele trailer, ido parar na selva escura sem qualquer migalha para seguir de volta para casa, mas aí as mãos de Russell passaram pelos meus cabelos e seus braços me envolveram, me colocando de pé, e ele disse meu nome com intenção e certeza, de uma forma que soou estranha para mim, mas também suave, valiosa, como se pertencesse a uma outra Evie, uma Evie melhor. Era para eu chorar? Eu não sabia. Minha cabeça estava repleta de trivialidades idiotas. Um suéter vermelho que eu emprestara a Connie e nunca pegara de volta. Se Suzanne estaria ou não à minha procura. Uma excitação curiosa em meus olhos.

Russell me deu uma garrafa de Coca-Cola. O refrigerante estava morno e sem gás, mas tomei tudo. Tão inebriante quanto champanhe.

* * *

Senti como se aquela noite inteira fosse algo do destino, eu como o centro de um espetáculo único. Mas Russell me fizera passar por uma série de testes ritualísticos. Aperfeiçoados ao longo dos anos em que tinha trabalhado para uma organização religiosa perto de Ukiah, um centro que distribuía comida, encontrava abrigos e empregos. Atraindo garotas magras e atormentadas, com a faculdade incompleta e pais negligentes, garotas com chefes infernais e sonhos de plástica no nariz. O ganha-pão dele. O tempo que passou na sede do centro, em São Francisco, no antigo quartel de bombeiros. Colecionando seguidoras. Já se tornara um especialista em tristeza feminina — uma certa curvatura dos ombros, uma dermatite nervosa. A inflexão subserviente ao final de cada frase, cílios empapados de tanto chorar. Russell fez comigo a mesma coisa que fez com aquelas garotas.

Primeiro, pequenos testes. Um toque nas minhas costas, um aperto na minha mão. Pequenos modos de derrubar barreiras. E como avançou rápido, baixando as calças até os joelhos. Um ato, imaginei, planejado para reconfortar garotas mais jovens, que ficavam contentes de ao menos não ser sexo. Que podiam ficar completamente vestidas o tempo todo, como se nada fora do comum estivesse acontecendo.

Mas talvez a parte mais estranha — eu gostei, também.

* * *

Caminhei pela festa num silêncio aturdido. O ar na minha pele era insistente, minhas axilas escorregadias de suor. Acontecera. Eu tinha que ficar repetindo para mim mesma que acontecera. Presumi que todos enxergariam isso em mim. Uma aura óbvia de sexo. Eu não estava mais ansiosa, não estava mais vagando pela festa, pressionada por uma carência nervosa, a certeza de que havia algum cômodo escondido ao qual não me era permitido o acesso — essa preocupação tinha sido saciada, e eu andava a passos sonhadores, olhando para os rostos que passavam, dando a eles um sorriso que não pedia nada.

Quando vi Guy dando tapinhas em um maço de cigarros, parei sem hesitar.

— Posso pegar um?

Ele sorriu para mim.

— Se a garota quer um cigarro, ela terá seu cigarro.

Colocou um na minha boca e eu torci para que as pessoas estivessem assistindo.

Finalmente encontrei Suzanne num grupo próximo à fogueira. Quando ela percebeu meu olhar, me deu um sorriso estranho e sem vida. Tenho certeza de que reconheceu a mudança interior que às vezes se vê em garotas jovens, recém-apresentadas ao sexo. É aquele orgulho, eu acho, uma solenidade. Eu queria que ela soubesse. Suzanne estava tonta por efeito de alguma coisa, dava para ver. Não era álcool. Alguma outra coisa, as pupilas dela pareciam devorar as íris, uma renda de rubor rodeando seu pescoço como um colarinho vitoriano surreal.

Talvez Suzanne tenha sentido alguma decepção oculta quando o jogo se completou, quando viu que eu tinha ido com Russell, no fim das contas. Mas talvez ela já esperasse isso. O carro ainda fumegava, o som da festa rompendo a escuridão. Eu sentia a noite se revirar dentro de mim como uma roda.

— Quando é que o carro vai parar de queimar? — perguntei.

Eu não conseguia ver o rosto dela, mas podia senti-la, o ar suave entre nós duas.

— Meu Deus, sei lá — respondeu ela. — De manhã?

Aquela luz trêmula, meus braços e minhas mãos diante de mim pareciam escamosos e reptilianos, e recebi de bom grado essa visão distorcida do meu corpo. Ouvi o ronco da ignição de uma motocicleta, a risada perversa de alguém — tinham atirado um colchão de molas no fogo, e as chamas subiram, mais intensas.

— Você pode dormir no meu quarto se quiser — disse Suzanne. A voz dela não revelava nada. — Eu não ligo. Mas você precisa realmente ficar aqui, se for ficar aqui. Entendeu?

Suzanne estava me perguntando outra coisa. Como naqueles contos de fadas em que um *goblin* só pode entrar na casa de alguém se for convidado pelos moradores. O momento de atravessar a porta, a forma cuidadosa com que Suzanne construía suas frases — ela queria que eu dissesse que estava entendendo. E eu assenti, e disse que entendia. Embora eu não pudesse entender, não de verdade. Eu estava usando um vestido que não era meu, num lugar onde nunca havia estado, e não conseguia enxergar muito além disso. A possibilidade de que a minha vida estivesse pairando à beira de uma felicidade nova e permanente. Pensei em Connie com uma indulgência beatífica — até que ela era uma menina doce, não era —, e mesmo meu pai e minha mãe se enquadraram no escopo de minha generosidade, vítimas de uma doença trágica e desconhecida. Os feixes luminosos dos faróis das motocicletas esbranquiçaram os galhos das árvores e iluminaram os alicerces expostos da casa, o cachorro preto debruçado sobre algum achado que não dava para ver. Alguém ficava tocando a mesma música de novo e de novo. *Hey*, *baby*, diziam os primeiros versos. A música se repetiu vezes suficientes para que aquelas palavras ficassem na minha cabeça, *Hey*, *baby*. Eu pensei nelas com um esforço inespecífico, como o roçar preguiçoso de uma bala de limão nos dentes.

# PARTE DOIS

Acordei para me deparar com uma forte névoa pressionando as janelas, o quarto preenchido por uma luz de dia de neve. Levei um instante para retomar os fatos decepcionantes e familiares — eu estava hospedada na casa de Dan. Era a escrivaninha dele no canto, a mesa de cabeceira com tampo de vidro. O cobertor dele, com uma faixa de cetineta, que puxei para cobrir meu corpo. Lembrei-me de Julian e de Sasha, da parede fina que me separava deles. Não queria pensar na noite anterior. Os gemidos chorosos de Sasha. Os murmúrios obsessivos e balbuciados, "Me come me come mecomemecomemecome", repetidos tantas vezes que deixavam de significar qualquer coisa.

Fiquei encarando a monotonia do teto. Foram imprudentes, como todos os adolescentes são, e a noite não significou nada além daquilo. Mas mesmo assim. A coisa educada a fazer era aguardar no meu quarto até que fossem embora para Humboldt. Deixá-los partir sem se verem obrigados a trocar cortesias matinais.

* * *

Assim que ouvi o carro dar ré na garagem, saí da cama. A casa era minha novamente, e embora eu esperasse alívio, me veio um pouco de tristeza, também. Sasha e Julian seguiam rumo a outra aventura. Voltando ao movimento do resto do mundo. Eu desapareceria em suas mentes — a mulher de meia-idade numa casa esquecida —, só uma nota de rodapé mental ficando cada vez menor à medida que a vida real deles assumia o controle. Eu não tinha percebido, até então, como me sentia solitária. Ou algo menos urgente que a solidão: a falta de olhares pousados em mim, talvez. Quem se importaria se eu deixasse de existir? Aquelas frases bobas que eu me lembrava de ter ouvido Russell dizer — parem de existir, ele insistia, deixem o seu eu desaparecer. E todos nós assentíamos como golden retrievers, a realidade de nossa existência nos distraindo, ansiosos por desmantelar o que parecia permanente.

Pus a chaleira no fogo. Abri a janela para deixar circular uma corrente de ar frio. Recolhi o que me pareceu uma grande quantidade de garrafas de cerveja vazias — teriam bebido mais enquanto eu dormia?

Depois de levar o lixo para fora, o pesado saco de plástico e mais os restos que eu mesma tinha produzido, me surpreendi olhando fixamente para os aglomerados de chorões-das-praias ao longo da saída da garagem. A praia, mais adiante. O nevoeiro tinha começado a se dissipar, e eu podia ver o rastejar das ondas, os penhascos acima com uma aparência enferrujada e seca. Havia algumas pessoas lá fora caminhando, em destaque com suas

roupas de ginástica. A maioria tinha cachorros — aquela era a única praia da proximidade em que se podia andar com cachorros sem coleira. Eu já tinha visto o mesmo rottweiler algumas vezes, o pelo de uma cor mais escura que o preto, seu trote pesado e agitado. Um pitbull matara recentemente uma mulher em São Francisco. Era estranho que as pessoas amassem criaturas que podiam feri-las? Ou era compreensível — talvez amassem os animais especialmente por serem capazes de se conter, pela forma com que abençoavam humanos com uma segurança temporária?

Apressei-me de volta para dentro. Não podia continuar na casa de Dan para sempre. Outro trabalho de acompanhante apareceria em breve. Como isto era familiar — erguer alguém para dentro das águas quentes e persistentes de uma banheira de hidroterapia. Sentar nas salas de espera de consultórios médicos, lendo artigos sobre os efeitos da soja em tumores. A importância de encher seu prato com um arco-íris. As mentiras esperançosas de sempre, trágicas em sua insuficiência. Alguém realmente acreditava nelas? Como se o brilho de seus esforços pudesse distrair a morte, desviá-la de seu caminho até você, manter o touro bufante perseguindo inofensivamente a capa escarlate.

* * *

A chaleira estava assobiando, então a princípio não ouvi Sasha entrar na cozinha. A presença abrupta me causou um sobressalto.

— Bom dia — disse ela.

Um filete de saliva tinha secado ao longo de sua bochecha. Usava um short cavado de moletom, as meias pontilhadas de minúsculos símbolos rosa-shocking que percebi serem caveiras. Ela engoliu em seco, a boca ressecada pelo sono.

— Cadê o Julian? — perguntou ela.

Tentei disfarçar minha surpresa.

— Ouvi o carro sair faz algum tempo.

Ela semicerrou os olhos.

— O quê? — perguntou.

— Ele não disse para você que ia sair?

Sasha notou minha pena. Seu rosto endureceu.

— Claro que disse — respondeu ela depois de um instante. — É, é claro. Ele vai voltar amanhã.

Então ele a tinha deixado. Meu primeiro sentimento foi irritação. Eu não era babá. E, depois, alívio. Sasha era uma criança — não devia mesmo ir com ele até Humboldt. Viajar num jipe, passando por guaritas cercadas de arame farpado até chegar a algum ranchinho de merda em Garberville só para recolher uma sacola de viagem cheia de maconha. Fiquei até um pouco contente pela companhia.

— Eu nem gosto desse tipo de viagem mesmo — disse Sasha, adaptando-se firmemente à situação. — Fico enjoada nessas estradas pequenas. E ele dirige feito um louco, também. Super-rápido.

Ela se recostou no balcão da cozinha, bocejando.

— Cansada? — perguntei.

Ela me contou que estava tentando adotar o sono polifásico, mas teve que desistir.

— Era esquisito demais — disse.

Os mamilos dela estavam visíveis sob o tecido da blusa.

— Sono polifásico? — perguntei, fechando melhor meu robe, num ataque de pudor.

— Thomas Jefferson dormia assim. Em etapas de uma hora, tipo, seis vezes por dia.

— E aí você passa o resto do tempo acordada?

Sasha assentiu.

— Até que é bem maneiro, nos primeiros dias. Mas para mim deu muito errado. Parecia que eu nunca mais conseguiria dormir normalmente.

Eu não estava conseguindo conectar a garota que eu tinha ouvido na noite anterior àquela garota que estava diante de mim, falando sobre experimentos de sono.

— Tem bastante água quente na chaleira, se quiser — falei, mas Sasha balançou a cabeça.

— Não como nada de manhã, que nem uma bailarina. — Lançou um olhar para a janela, o mar um lençol de estanho. — Você nada de vez em quando?

— É bem frio.

Eu só vira surfistas ocasionais se arriscarem naquelas ondas, os corpos revestidos de neoprene, capuzes cobrindo as cabeças.

— Então você já mergulhou? — perguntou ela.

— Não.

O rosto de Sasha agora exibia uma expressão de compadecimento. Como se eu estivesse me furtando de algo obviamente prazeroso. Mas ninguém nadava ali, pensei, me sentindo protetora da minha vida nessa casa emprestada, as órbitas locais dos meus dias.

— E aqui também tem tubarões — acrescentei.

— Eles não chegam a atacar humanos — respondeu Sasha, dando de ombros.

Ela era bonita, como alguém com uma síndrome consumptiva, devorada por um calor interno. Tentei identificar algum resíduo pornográfico da noite anterior, mas não havia nada. O rosto dela tão pálido e sem culpa como uma pequena lua.

* * *

A proximidade de Sasha, ainda que apenas por um dia, forçou alguma normalidade. A inibição inerente à presença de outra pessoa significava que eu não podia me entregar aos impulsos animais, não podia largar cascas de laranja na pia da cozinha. Eu me vesti logo depois do café da manhã, em vez de ficar com meu robe o dia inteiro. Apliquei um pouco de rímel de um tubo quase seco. Eram os trabalhos pertinentes à existência humana, as tarefas cotidianas que aplacavam pânicos maiores, mas morar sozinha me tirara dessa rotina — eu não me sentia substancial o suficiente para justificar esse tipo de esforço.

Fazia anos que eu não morava com alguém, o último fora um homem que dava aulas de inglês para estrangeiros em uma daquelas faculdades fraudulentas que faziam propaganda em pontos de ônibus. Os alunos eram, em sua maioria, estrangeiros ricos que queriam ser desenvolvedores de video games. Era surpreendente pensar nele, em David, rememorar uma época em que imaginei uma vida com outra pessoa. Não o amor, mas a agradável inércia que poderia substituí-lo. A satisfatória quietude que se passava entre nós quando andávamos de carro. A maneira como eu o vira olhar para mim certa vez, enquanto atravessávamos um estacionamento.

Mas então começou — uma mulher que vinha bater na porta do apartamento nas horas mais estranhas. Uma escova de cabelo de cabo de marfim, que tinha sido da minha avó, sumiu do banheiro. Eu nunca chegara a contar certas coisas para David, de forma que qualquer proximidade que tivéssemos automaticamente se corrompeu, a larva se contorcendo dentro da maçã. Meu segredo era guardado bem fundo, mas estava lá. Talvez por essa razão aquilo tenha acontecido, as outras mulheres. Eu havia deixado aberto um espaço para esse tipo de segredo. E até que ponto é possível conhecer outra pessoa, afinal?

* * *

Eu imaginara que Sasha e eu fôssemos passar o dia em um silêncio cortês. Que ela ficaria tão escondida quanto um camundongo. Ela até era educada, mas logo sua presença tornou-se óbvia. Encontrei a porta da geladeira aberta, enchendo a cozinha com um zumbido estranho. O suéter dela jogado na mesa, um livro sobre o Eneagrama de Personalidade largado numa cadeira. A música tocava alto no quarto dela, vinda dos pequenos alto-falantes do laptop. Fiquei surpresa — ela estava escutando um cantor cuja voz triste fora o perpétuo fundo musical de um certo tipo de garota dos meus tempos de faculdade. Garotas já tomadas pela nostalgia, garotas que acendiam velas e ficavam acordadas até tarde fazendo massa de pão, com collants de balé e descalças.

Eu estava acostumada a encontrar restos — os vestígios dos anos sessenta estavam por toda parte naquela área da Califórnia. Farrapos de bandeiras de

oração tibetanas nos carvalhos, furgões eternamente estacionados em campos, sem os pneus. Homens mais velhos de camisa estampada, com suas esposas de casamentos informais. Mas esses eram os fantasmas já esperados dos anos sessenta. Por que Sasha teria algum interesse?

Fiquei contente quando ela trocou a música. Uma mulher cantando acompanhada por um piano eletrônico meio gótico, nada que eu reconhecesse minimamente.

* * *

Naquela tarde, tentei tirar um cochilo. Mas não consegui dormir. Fiquei ali deitada, olhando fixamente para a foto emoldurada na parede acima da escrivaninha: uma duna de areia, um gramado de hortelã ao vento. As macabras teias de aranha nos cantos das paredes. Troquei de posição sob os lençóis, impaciente. Eu estava consciente demais da presença de Sasha no cômodo ao lado. A música do seu laptop não parara a tarde inteira, e às vezes eu podia discernir ruídos digitais em meio às canções: toques curtos e melodias. O que ela estava fazendo — jogando algum jogo no celular? Trocando mensagens com Julian? Tive uma inveja repentina dos meios dela de lidar com a própria solidão.

Bati à porta do quarto dela, mas a música estava alta demais. Tentei de novo. Nada. Fiquei constrangida por demonstrar tanto esforço, já quase voltando apressada para o meu quarto, mas Sasha apareceu na porta. O rosto ainda apático de sono, o cabelo desgrenhado pelo travesseiro — talvez também estivesse tentando cochilar.

— Quer um pouco de chá? — perguntei.

Levou um instante para ela assentir, como se tivesse esquecido quem eu era.

* * *

Sasha não disse nada à mesa. Analisando as unhas das mãos, suspirando com um tédio cósmico. Eu me lembrava daquela pose da minha adolescência — a mandíbula projetada para a frente, olhando para fora da janela do carro como uma prisioneira acusada injustamente, o tempo todo desejando desesperadamente que minha mãe dissesse alguma coisa. Sasha estava aguardando que eu invadisse sua discrição, que lhe fizesse perguntas, e pude sentir os olhos dela em mim enquanto eu servia o chá. Era bom ser observada, mesmo que com suspeita. Usei as xícaras boas, e os biscoitos salgados de trigo sarraceno que distribuí pelos pratinhos estavam só um pouco velhos. Eu queria agradá-la, percebi, pondo o prato gentilmente diante dela.

O chá estava quente demais; houve uma calmaria enquanto nos

debruçávamos até nossas xícaras, meu rosto ficando umedecido pelo leve vapor vegetal. Quando perguntei a Sasha de onde ela era, fez uma careta.

— Concord — respondeu. — É uma merda.

— E você estuda com o Julian na faculdade?

— Julian não está na faculdade.

Eu não tinha certeza se Dan estava ciente disso. Tentei me lembrar das coisas mais recentes que soubera. Quando Dan falava do filho, era com resignação encenada, no papel de pai que não sabia o que fazer. Qualquer problema era relatado com suspiros dignos de um seriado de comédia: "São coisas de garoto." Julian fora diagnosticado com algum distúrbio de comportamento durante o ensino médio, mas Dan falava disso como algo leve.

— Vocês dois estão juntos há muito tempo? — perguntei.

Sasha tomou um pequeno gole de chá.

— Alguns meses — respondeu.

Seu rosto se animou, como se apenas o fato de falar de Julian fosse uma fonte de sustento. Já devia tê-lo perdoado por deixá-la para trás. Garotas eram boas em colorir essas lacunas decepcionantes. Pensei na noite anterior, em seus gemidos exagerados. Pobre Sasha.

Ela provavelmente acreditava que qualquer tristeza, qualquer mínima preocupação relacionada a Julian, era apenas um problema de logística. Tristeza, na idade dela, tinha a agradável textura do aprisionamento: você se debatia e fechava a cara contra as amarras dos pais, da escola e da idade, as coisas que a impediam de alcançar a felicidade que com certeza o esperava. No meu segundo ano da faculdade, tive um namorado que falava ansiosamente sobre fugir para o México — não me ocorreu que não podíamos mais fugir de casa. Tampouco imaginei em que direção estaríamos fugindo, fora a vaga ideia de clima quente e sexo constante. E agora eu era mais velha, e as imagens esperançosas de futuros eus não me traziam mais consolo. Talvez eu sempre vá sentir isso de alguma forma, uma depressão que não se dissipou mas foi ficando mais compacta e familiar, um espaço ocupado, como o triste limbo de quartos de hotel.

— Olha só — falei, me colocando num papel maternal que eu estava risivelmente longe de merecer. — Espero que o Julian esteja sendo legal com você.

— Por que ele não seria legal? — respondeu ela. — Ele é meu namorado. Nós moramos juntos.

Eu podia imaginar muito facilmente o padrão deles para morar juntos. Um apartamento alugado mês a mês com cheiro de refeições congeladas e produtos de limpeza, a cama coberta com o edredom da infância de Julian. Um esforço de menina ao colocar uma vela aromática ao lado da cama. Não que minha vida estivesse muito melhor.

— Talvez a gente pegue um apartamento com máquina de lavar — disse

Sasha, com um novo tom de desafio na voz ao mencionar como era parca sua vida doméstica. — Provavelmente daqui a uns meses.

— E os seus pais aceitam que você more com Julian?

— Eu posso fazer o que quiser. — Ela retraiu as mãos para dentro das mangas do suéter de Julian. — Tenho dezoito anos.

Isso não tinha como ser verdade.

— Além do mais — continuou —, você não era da minha idade quando entrou para aquele culto?

O tom dela foi neutro, mas imaginei uma ponta de acusação.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Sasha se levantou da mesa e caminhou em direção à geladeira. Fiquei observando seu andar afetado, a facilidade com que pegou uma das garrafas de cerveja que os dois tinham trazido. O recorte prateado das montanhas cintilando no rótulo. Ela encontrou meu olhar.

— Quer uma? — perguntou.

Era um teste, percebi. Ou eu podia ser o tipo de adulto que era ignorado ou digno de pena, ou eu podia ser alguém com quem ela talvez pudesse conversar. Assenti, e Sasha relaxou.

— Pense rápido — disse ela, jogando a garrafa para mim.

* * *

A noite caiu depressa, como sempre acontecia no litoral, sem a mediação de prédios para atenuar a mudança. O sol estava tão baixo que era possível olhar diretamente para ele, acompanhando-o se mover para além da nossa vista. Tínhamos tomado algumas cervejas cada uma. A cozinha estava escurecendo, mas nenhuma de nós se levantou para acender as luzes. Tudo mergulhou em uma sombra azul, suave e majestosa, a mobília se simplificando em silhuetas. Sasha perguntou se podíamos fazer uma fogueira na lareira.

— É a gás — respondi. — E está quebrada.

Muitas coisas na casa estavam quebradas ou abandonadas: o relógio da cozinha parou, o puxador de um armário se soltou na minha mão. As pilhas cintilantes de moscas que eu varrera dos cantos. Era preciso sustentar um esforço constante para adiar o declínio. Mesmo a minha presença ao longo das últimas semanas não fizera muita diferença.

— Mas podemos tentar fazer uma fogueira no quintal — propus.

* * *

O terreno arenoso atrás da garagem era protegido do vento, folhas úmidas estavam grudadas no assento das cadeiras de plástico. Em algum momento houvera um círculo demarcado por pedras, reservado para uma fogueira,

mas hoje essas pedras estavam espalhadas em meio às relíquias arqueológicas aleatórias da vida familiar: peças de brinquedos esquecidos, um pedaço de Frisbee com aparência mastigada. Nós nos distraímos com o trabalho de preparação, tarefas que nos permitiam um silêncio compartilhado. Encontrei na garagem uma pilha de jornais de três anos, e um amarrado de lenha adquirido no mercado da cidade. Sasha empurrou cada uma das pedras com os pés, até tornarem a formar um círculo.

— Eu sempre fui ruim nisso — contei. — Tem uma coisa que você precisa fazer, não é? Colocar a lenha num formato específico?

— Tipo uma casa — respondeu Sasha. — É para ficar parecendo uma cabana. — Ela usou o pé para ajustar o círculo. — A gente costumava acampar bastante em Yosemite quando eu era pequena.

Foi Sasha quem de fato acendeu o fogo: agachada na areia, mantendo uma cuidadosa frequência de sopros. Avivando as chamas até arderem com vigor.

Sentamos nas cadeiras de plástico, as superfícies granuladas pela areia e pelo vento. Puxei a minha para mais perto do fogo — queria sentir calor, suar. Sasha estava calada, fitando a agitação das chamas, mas eu podia notar sua mente trabalhando, o lugar distante no qual ela sumira. Talvez estivesse imaginando o que Julian estava fazendo em Garberville. O futon almiscarado em que ele dormiria, usando uma toalha como coberta. Tudo parte da aventura. Como deve ser bom ser um rapaz de vinte anos.

— Aquele negócio de que o Julian estava falando — disse Sasha, pigarreando como se estivesse constrangida, embora seu interesse fosse óbvio. — Você era, tipo, apaixonada por aquele cara ou algo assim?

— O Russell? — perguntei, cutucando a fogueira com uma vara. — Eu não pensava nele dessa forma.

Era verdade: as outras garotas ficavam em volta de Russell, analisando seus movimentos e estados de espírito como se fossem variações meteorológicas, mas na maior parte do tempo ele ficava distante em minha mente. Como um professor adorado cuja vida particular os alunos nunca imaginavam.

— Por que você andava com eles, então? — perguntou ela.

Meu primeiro impulso foi evitar o assunto. Eu teria que definir com clareza todos os detalhes. Recontar toda a fábula da moralidade do começo ao fim: o remorso, os sinais de alerta. Tentei adotar um tom mais objetivo.

— As pessoas caíam nesse tipo de coisa o tempo todo, naquela época — falei. — A Cientologia, a Igreja do Processo do Juízo Final. Aquela terapia da cadeira vazia. Isso ainda existe? — Olhei para Sasha de relance; ela estava esperando que eu prosseguisse. — Em parte foi azar, imagino. Que tenha sido esse o grupo que eu encontrei.

— Mas você ficou.

Pude sentir a força total da curiosidade de Sasha pela primeira vez.

— Havia uma garota. Foi mais por ela do que pelo Russell — falei, hesitante. — Suzanne. — Era estranho dizer o nome dela, deixar que ganhasse vida no mundo. — Ela era mais velha — completei. — Não muito, na verdade, mas parecia ser muito.

— Suzanne Parker?

Olhei fixamente para Sasha através da fogueira.

— Eu procurei algumas coisas hoje — disse ela. — Na internet.

Houve um tempo em que eu perdia horas com esse tipo de coisa. As *fan pages*, ou seja lá como chamavam isso. Os cantos mais estranhos. Um site dedicado aos trabalhos artísticos de Suzanne na prisão. Aquarelas de cordilheiras, nuvens que pareciam cogumelos, as legendas cheias de erros de ortografia. Eu sentira uma pontada ao imaginar Suzanne trabalhando com grande concentração, mas fechei o site assim que vi a foto: Suzanne de jeans e camiseta branca — a calça estufada pela gordura da meia-idade, o rosto uma tela em branco.

A ideia de Sasha se empanturrando daquela abundância macabra me deixou desconfortável. Enchendo-se de detalhes: os relatórios das autópsias, o depoimento que as garotas deram sobre aquela noite, como a transcrição de um pesadelo.

— Não é nada que eu veja como motivo de orgulho — falei.

Recontar as coisas de sempre... era horrível. Não era glamoroso, não era invejável.

— Não havia nada sobre você — disse Sasha. — Nada que eu tenha conseguido encontrar.

Senti um tranco. Eu queria contar alguma coisa valiosa para ela, dando à minha existência um contorno minucioso o bastante para me tornar visível.

— É melhor desse jeito — falei. — Assim os malucos não ficam me procurando.

— Mas você estava lá?

— Eu morei lá. Basicamente. Por algum tempo. Eu não matei ninguém nem nada assim. — Meu riso saiu mecânico. — Obviamente.

Ela estava encolhida dentro do moletom.

— Você fugiu da casa dos seus pais, simples assim?

Havia admiração na voz dela.

— Era uma época diferente — respondi. — Todo mundo vivia de um lado para outro. Meus pais eram divorciados.

— Os meus também são — disse Sasha, se esquecendo de ser tímida. — E você tinha a minha idade?

— Um pouco mais nova.

— Aposto que você era bem bonita. Quer dizer, dã, você é bonita agora também — completou.

Pude ver como ela se orgulhava da própria generosidade.

— Como você conheceu eles? — perguntou Sasha.

Precisei de algum tempo para me organizar, rememorar a sequência dos acontecimentos. "Revisitar" é a palavra que sempre usavam nos artigos publicados a cada aniversário do crime. "Revisitando o horror de Edgewater Road", como se aquele evento conservasse uma existência singular, uma caixa que poderia ser fechada com uma tampa. Como se eu não tivesse deparado com centenas de Suzannes fantasmagóricas, nas ruas ou ao fundo das cenas de filmes.

Respondi a todas as perguntas de Sasha sobre como tinham sido, na vida real, aquelas pessoas que se tornaram totens de si mesmas. Guy despertara menos interesse da imprensa, só um homem fazendo o que homens sempre fizeram, mas as garotas foram transformadas em figuras míticas. Donna era a garota feia, lerda e rude, muitas vezes apresentada como digna de pena. A aspereza faminta de seu rosto. Helen, ex-escoteira da Camp Fire, bronzeada e bonita com suas marias-chiquinhas — ela era o objeto de fetiches, a beldade assassina. Mas foi Suzanne quem levou a pior. Depravada. Malévola. Sua beleza furtiva não ficava bem nas fotos. Parecia feroz e magra demais, como se pudesse ter existido apenas para matar.

Falar de Suzanne provocava uma agitação em meu peito que eu tinha certeza que Sasha podia ver. Parecia vergonhoso. Sentir essa animação inevitável, tendo em vista o que acontecera. O caseiro no sofá, suas tripas enroscadas expostas. Os cabelos da mãe encharcados de sangue. O menino tão desfigurado que a polícia não teve certeza se era menino ou menina. Certamente Sasha lera sobre essas coisas também.

— Em algum momento você achou que poderia ter feito o que elas fizeram? — perguntou.

— Claro que não — respondi por reflexo.

Em todas as vezes que contara a alguém sobre o rancho, poucos haviam me feito essa pergunta. Se eu poderia ter feito aquilo também. Se quase fizera. A maior parte presumia que um nível basal de moralidade me separava delas, como se aquelas garotas pertencessem a outra espécie.

Sasha não disse nada. Seu silêncio parecia um tipo de amor.

— Acho que às vezes eu me pergunto se sim — continuei. — Parece ter sido um acidente eu não ter participado.

— Um acidente?

O fogo estava ficando fraco e intermitente.

— Não havia tanta diferença. Entre mim e as outras garotas.

Era estranho dizer isso em voz alta. Abordar, mesmo que vagamente, a preocupação que eu acalentara todos aqueles anos. O olhar de Sasha não parecia ser de desaprovação ou mesmo de desconfiança. Ela simplesmente olhou para mim, seu rosto atento encarando o meu, como se pudesse acolher minhas palavras e construir um lar para elas.

* * *

Fomos ao único bar da cidade que servia comida. Isso pareceu uma boa ideia, um objetivo no qual podíamos focar. Sustento. Movimento. Tínhamos ficado conversando até o fogo se reduzir a uma pilha brilhante de jornais carbonizados. Sasha chutou areia para cima dos restos, a diligência de escoteira dela me fazendo rir. Eu estava feliz de estar com alguém, apesar de ser um alívio provisório — Julian iria voltar, Sasha iria embora e eu ficaria sozinha de novo. Ainda assim, era bom ser o objeto da admiração de alguém. Porque era isso, em grande parte: Sasha parecia respeitar a menina de quatorze anos que eu tinha sido, achava que eu era interessante, que de alguma forma eu fora corajosa. Tentei corrigi-la, mas um conforto expansivo se espalhara em meu peito, uma reocupação do meu corpo, como se eu tivesse despertado ao crepúsculo de um sono farmacêutico.

Caminhamos lado a lado pelo acostamento da estrada, ao longo do aqueduto. As árvores pontudas eram densas e escuras, mas não fiquei com medo. Aquela noite havia adquirido um estranho ar festivo, e Sasha começara a me chamar de Vee por algum motivo.

— Mama Vee — disse ela.

Sasha parecia um gatinho, afável e meigo, seu ombro quente esbarrando de leve no meu. Quando olhei para ela, vi que estava mordendo o lábio inferior, o rosto voltado para o céu. Mas não havia nada para ver — as estrelas estavam escondidas pela névoa.

Havia alguns banquinhos no balcão do bar, e pouco mais que isso. A costumeira miscelânea de letreiros enferrujados, olhos de néon zumbindo de leve acima da porta. Alguém na cozinha estava fumando — o pão do sanduíche estava úmido de fumaça de cigarro. Ficamos mais um pouco depois que acabamos de comer. Sasha aparentava ter quinze anos, mas ninguém se importou. A bartender, uma mulher de uns cinquenta e poucos anos, parecia grata por qualquer clientela. Tinha um ar de cansaço, o cabelo ressecado por tinturas de farmácia. Tínhamos quase a mesma idade, mas eu não quis olhar no espelho para confirmar as similaridades, não com Sasha ao meu lado, cujas feições tinham a aparência virtuosa e purificada de uma santa em uma medalha religiosa.

Sasha ficou girando em seu banquinho que nem uma criança.

— Olhe só nós duas. — Ela riu. — Arrasando na balada. — Tomou um gole de cerveja, em seguida um de água, um hábito cuidadoso que eu notara, mas isso não impediu que a postura dela ficasse visivelmente relaxada. — Estou meio que feliz porque Julian não está aqui — disse ela.

As palavras pareceram animá-la. A essa altura, eu já sabia que deveria tomar cuidado para não a alarmar, e sim lhe dar espaço para chegar com calma ao que queria dizer. Sasha deu chutinhos distraídos na barra de apoio aos pés do balcão, seu hálito próximo e com cheiro de cerveja.

— Ele não me contou que estava indo embora — confessou ela. — Para Humboldt.

Eu fingi surpresa. Ela deu uma risada fria.

— Não encontrei Julian hoje de manhã e só pensei que ele estivesse, tipo, do lado de fora. Isso é meio estranho, não é? Ele simplesmente sair assim — continuou ela.

— É, sim, estranho.

Talvez cautelosa demais, mas eu estava preocupada em acabar incitando-a a defender Julian.

— Depois ele me mandou uma mensagem pedindo desculpas. Ele achou que já tínhamos conversado sobre isso, imagino.

Ela tomou um golinho de sua cerveja, desenhando uma carinha sorridente na madeira do balcão com o dedo molhado.

— Você sabe por que ele foi expulso de Irvine? — Ela estava meio tonta e meio atenta. — Peraí — disse ela —, você não vai contar para o pai dele, né?

Balancei a cabeça, uma adulta disposta a guardar os segredos de uma adolescente.

— Tudo bem. — Sasha respirou fundo. — Ele tinha um professor de redação que odiava. Era meio babaca, imagino. O professor. Não deixou o Julian entregar um trabalho atrasado, mesmo sabendo que ele não passaria na matéria sem receber essa nota. Então o Julian foi até a casa do cara e fez alguma coisa com o cachorro dele. Deu alguma coisa que fez ele passar mal. Tipo água sanitária ou veneno de rato, não sei o que foi. — Sasha me encarou. — O cachorro morreu. Um cachorro já velho.

Lutei para manter meu rosto sereno. A maneira simples como ela contou, sem qualquer inflexão, deixou a história ainda pior.

— A universidade sabia que tinha sido ele, mas não conseguiram provar — disse Sasha. — Então ele foi suspenso por outras coisas, mas não pôde mais voltar nem nada. É bizarro. — Ela olhou para mim. — Quer dizer, você também não acha?

Eu não sabia o que responder.

— Ele me disse que não quis matar o cachorro nem nada, só deixar ele meio mal. — O tom de Sasha era hesitante, ensaiando a ideia. — Isso não é tão ruim, né?

— Não sei — respondi. — Parece ruim para mim.

— Mas eu moro com ele, sabe — disse ela. — Tipo, ele paga todo o aluguel e tal.

— Sempre há para onde ir — falei.

Pobre Sasha. Pobres garotas. O mundo as engorda com a promessa do amor. Como precisam desesperadamente dele, e quão pouco a maioria delas receberá. As músicas pop melosas, os vestidos que os catálogos descrevem usando palavras como "pôr do sol" e "Paris". E depois esses sonhos lhes são tirados com tanta violência; a mão arrancando os botões das calças jeans, ninguém olhando para o homem que grita com a namorada no ônibus. A tristeza que senti por Sasha me deu um nó na garganta.

Ela deve ter captado a minha hesitação.

— Enfim — disse ela. — Aconteceu já faz um tempo.

Deve ser assim que as mães se sentem, pensei, observando Sasha terminar sua cerveja e enxugar a boca como um garoto. Sentir essa inesperada e infinita ternura por alguém, vinda aparentemente do nada. Quando um dos jogadores de sinuca se aproximou, eu estava pronta para enxotá-lo. Mas Sasha abriu um largo sorriso, exibindo os dentes pontudos.

— Oi — disse ela.

E em seguida o homem estava pagando mais duas cervejas para nós.

Sasha bebeu com firmeza. Alternando entre um tédio distraído e um interesse entusiasmado, fingido ou não, pelo que o homem dizia.

— Vocês duas são de fora da cidade? — perguntou ele.

Os cabelos eram compridos e grisalhos, e ele exibia um anel de turquesa no polegar; mais um fantasma dos anos sessenta. Talvez nossos caminhos até tivessem se cruzado na época, assombrando a mesma trilha gasta. Ele puxou as calças para cima.

— Irmãs?

A voz do homem mal tentava me incluir no espectro de seu interesse, e eu quase ri. Ainda assim, mesmo sentada ao lado de Sasha, eu estava ciente da atenção que sobrava para mim. Era impressionante me lembrar dessa tensão, ainda que sendo de segunda mão. A sensação de ser uma coisa desejada. Talvez Sasha estivesse tão acostumada que nem sequer reparava. Absorta no fluxo intenso de sua própria vida, na certeza de que sua trajetória só iria melhorar.

— Ela é minha mãe — respondeu Sasha.

Os olhos dela estavam firmes, querendo que eu desse continuidade à brincadeira.

E eu dei. Passei o braço por cima dos ombros dela.

— Estamos fazendo uma viagem de mãe e filha — falei. — Passando pela rodovia estadual 1. A caminho de Eureka.

— Aventureiras! — exclamou o homem, dando um tapa na mesa.

O nome dele era Victor, fomos informadas, e o fundo de tela do seu celular era uma figura asteca, ele nos contou, tão cheia de poderes que a mera contemplação de sua imagem fazia você ficar mais inteligente. Estava convencido de que eventos mundiais eram orquestrados por conspirações complicadas e persistentes. Tirou do bolso uma nota de um dólar para nos demonstrar como os *Illuminati* se comunicavam entre si.

— Por que uma sociedade secreta colocaria seus planos em uma moeda comum? — perguntei.

Ele assentiu, como se tivesse previsto a pergunta.

— Para mostrar o alcance do poder deles.

Invejei a certeza de Victor, a sintaxe idiota dos fanáticos. Essa crença — de que o mundo tinha uma ordem visível e tudo o que precisávamos fazer

era procurar pelos símbolos —, como se o mal fosse um código que podia ser decifrado. Ele continuou falando. Os dentes molhados de bebida, o tom acinzentado de um molar morto. Victor tinha várias conspirações para nos explicar detalhadamente, várias informações privilegiadas que podia dividir conosco. Falou de "ficar no mesmo nível". De "frequências escondidas" e "governos ocultos".

— Uau — disse Sasha, sem qualquer emoção. — Você sabia disso, mãe?

Ela me chamava de mãe constantemente, sua voz exagerada e cômica, embora tivesse levado um tempo para eu perceber quão bêbada ela estava. Para perceber quão bêbada eu estava, também. A noite enveredara por águas desconhecidas. Os letreiros de néon falhando, a bartender fumando na porta. Eu a observei pisar no cigarro para apagá-lo, os chinelos escorregando de seus pés. Victor disse que era legal ver como Sasha e eu nos dávamos bem.

— Não é comum ver isso hoje em dia. — Ele assentiu, pensativo. — Mães e filhas que fariam uma viagem juntas. Que são carinhosas que nem vocês duas.

— Ah, ela é ótima — disse Sasha. — Eu amo minha mãe.

Ela me lançou um sorriso maroto antes de aproximar o rosto do meu. A pressão seca dos seus lábios, a leve salmoura de picles na sua boca. O mais casto dos beijos. Mas mesmo assim Victor ficou chocado. Como ela quis que ele ficasse.

— Caramba — disse Victor, ao mesmo tempo enojado e excitado.

Endireitando os ombros volumosos, ajeitando a camisa larga enfiada nas calças. Parecia repentinamente receoso, olhando em volta à procura de apoio, de confirmação, e eu quis explicar que Sasha não era minha filha; mas eu já tinha passado do ponto de me importar, a noite atiçando uma sensação confusa e tola de que eu, de alguma forma, retornara ao mundo depois de um período de ausência, que eu voltara a fixar residência no reino dos vivos.

1969

# 6

Meu pai sempre fora o responsável pela manutenção da piscina — limpando a superfície da água com uma rede, jogando as folhas molhadas em uma pilha. Os frascos coloridos que usava para verificar os níveis de cloro. Ele nunca fora tão assíduo com a manutenção, mas a piscina tinha ficado ruim desde que ele havia ido embora. Salamandras ficavam em volta do filtro. Enquanto eu nadava ao longo da borda, havia uma resistência pegajosa, sujeira se dispersando à minha passagem. Minha mãe estava com o grupo dela. Esquecera a promessa de me comprar um biquíni novo, então eu estava usando o velho, laranja: pálido como um melão-cantalupo, as costuras surradas e frouxas nos buracos para as pernas. A parte de cima era pequena demais, mas o volume adulto que isso dava a meus seios me agradava.

Fazia apenas uma semana desde a festa do solstício, e eu já havia voltado ao rancho outras vezes, já estava roubando dinheiro para Suzanne, nota por nota. Gosto de imaginar que levou mais tempo que isso. Que eu tive que ser convencida ao longo de meses, gradualmente persuadida. Seduzida com o cuidado de quem se dedica a uma relação amorosa. Mas eu era um alvo fácil, ansiosa para me oferecer.

Eu continuava boiando na água, as algas se prendendo aos pelos das minhas pernas como limalhas de ferro a um ímã. As páginas de um livro esquecido se agitavam ao vento no assento da cadeira de praia. As folhas das árvores estavam prateadas e com pontos brilhantes, que nem escamas, tudo preenchido pelo calor preguiçoso de junho. Será que as árvores em torno da minha casa sempre haviam tido aquela aparência, tão estranha e aquática? Ou as coisas já estariam mudando para mim, os detritos melancólicos do mundo normal se transformando na exuberante cenografia de uma outra vida?

* * *

Suzanne me levara de carro para casa na manhã seguinte ao solstício, com a minha bicicleta enfiada no banco de trás. Minha boca estava seca e um pouco estranha de tanto que eu fumara, minhas roupas estavam fedidas do meu suor e cheiravam a cinzas. Eu ficava tirando pedacinhos do cabelo — uma prova da noite anterior que me empolgava, como um passaporte carimbado. Acontecera, afinal, e eu mantive um vívido catálogo de detalhes

felizes: o fato de que eu estava sentada ao lado de Suzanne, nosso silêncio amigável. Meu orgulho perverso por ter estado com Russell. Sentia prazer em recapitular os fatos do ato, até as partes mais confusas e entediantes. A estranha calmaria enquanto Russell fazia seu pau ficar duro. Havia algum poder na crueza das funções humanas. Como Russell me explicara: seu corpo poderia fazer você passar por cima de suas inibições, se você permitisse.

Suzanne fumava constantemente enquanto dirigia, às vezes oferecendo seu cigarro em um sereno ritual. O silêncio entre nós duas não era tenso ou desconfortável. Do lado de fora do carro, as oliveiras iam passando, a terra queimada do verão. Cursos d'água distantes, seguindo para o mar. Suzanne ficou mudando a estação de rádio até desligá-lo abruptamente.

— A gente precisa de gasolina — anunciou.

A gente, ecoei em silêncio, *a gente* precisa de gasolina.

Suzanne encostou o carro num posto Texaco, vazio exceto por uma picape azul e branca puxando um reboque de barco.

— Me passa um cartão — ordenou Suzanne.

Indicou com a cabeça o porta-luvas.

Apressei-me para abrir o compartimento, revelando um amontoado de cartões de crédito. Cada um com um nome diferente.

— O azul — disse ela.

Parecia impaciente. Quando lhe entreguei o cartão, ela reparou que eu estava confusa.

— As pessoas dão os cartões para a gente — explicou. — Ou a gente pega. — Ela indicou o cartão azul com o dedo. — Esse aqui é da Donna. Ela roubou da mãe dela.

— O cartão para comprar gasolina da mãe dela?

— Já salvou nossas peles; a gente teria morrido de fome — continuou Suzanne. Ela me lançou um olhar. — Igual a quando você roubou aquele papel higiênico, não é?

Enrubesci à menção disso. Talvez ela soubesse que eu havia mentido — ou talvez não —, mas eu não tinha como saber pelo rosto enigmático dela.

— Além disso — prosseguiu —, é melhor do que o que eles fariam, comprando mais porcarias, mais coisas, mais eu, eu, eu. Russell está tentando ajudar as pessoas. Ele não julga ninguém, isso não é a onda dele. Não se importa se você é rico ou pobre.

Fazia certo sentido o que Suzanne estava dizendo. Estavam apenas tentando equalizar as forças que atuavam no mundo.

— É ego — continuou, encostada no carro, mas com o olhar atento ao marcador de gasolina: nenhum deles jamais enchia mais que um quarto de tanque. — O dinheiro é ego, e as pessoas não querem abrir mão dele. Só querem se proteger, se agarrar a ele como se fosse um cobertor. Não percebem que são escravas dele. É doentio.

Ela riu.

— O engraçado é que, assim que você dá tudo, assim que você diz "Toma, pode pegar...", é aí que você realmente tem tudo — disse.

Uma das pessoas do grupo tinha sido presa por entrar em uma caçamba de lixo para catar restos, e Suzanne ficou furiosa, recontando a história enquanto dirigia de volta para a estrada.

— Mais e mais estabelecimentos começaram a perceber isso. Uma babaquice. Jogam uma coisa fora e depois ainda a querem. Isso é os Estados Unidos.

— Que babaquice — falei.

O tom da palavra era estranho na minha boca.

— A gente vai dar algum jeito. Em breve. — Suzanne olhou de relance para o retrovisor. — O dinheiro é pouco. Mas não dá para escapar dele. Você provavelmente não sabe como é isso.

Ela não estava desdenhando de mim — falou como se estivesse apenas dizendo a verdade. Reconhecendo a realidade com um dar de ombros afável. Foi aí que a ideia veio à minha mente, totalmente formada, como se eu mesma tivesse pensado nela. E foi assim que ela pareceu, uma solução perfeita, um adorno reluzente ao meu alcance.

— Eu consigo arranjar algum dinheiro — falei, e depois viria a sentir vergonha dessa minha ânsia. — Minha mãe deixa a bolsa largada por aí o tempo todo.

Era verdade. Eu estava sempre topando com dinheiro: nas gavetas, em cima das mesas, esquecido ao lado da pia do banheiro. Eu recebia mesada, mas minha mãe sempre me dava mais, por acidente, ou só fazia um gesto vago na direção de sua bolsa. "Pegue o que precisar", sempre dissera. E eu nunca havia pegado mais do que devia, e sempre tive a consideração de devolver o troco.

— Ah, não — disse Suzanne, jogando a ponta do cigarro pela janela. — Não precisa fazer isso. Mas você é uma boa menina — acrescentou. — Legal da sua parte oferecer.

— Eu quero.

Ela pressionou os lábios, demonstrando incerteza, fazendo meu estômago revirar.

— Não quero que você faça algo que não quer. — Riu um pouco. — Não sou disso.

— Mas eu realmente quero — repeti. — Quero ajudar.

Suzanne não falou nada por um minuto, então sorriu sem olhar na minha direção.

— Tudo bem — disse ela. Não deixei de perceber o tom de teste em sua voz. — Você quer ajudar. Então pode ajudar.

* * *

Minha tarefa fez de mim uma espiã infiltrada na casa da minha mãe, que se tornara uma estúpida mina de ouro. Fui capaz até de pedir desculpas por nossa briga quando nos cruzamos aquela noite no silêncio do corredor. Ela respondeu com um leve dar de ombros, mas aceitou minhas desculpas, sorrindo de um jeito corajoso. Normalmente isso me incomodaria, aquele fraco sorriso corajoso, mas a nova eu baixou a cabeça em um remorso abjeto. Eu estava imitando uma filha, agindo como uma filha agiria. Parte de mim empolgada pelo conhecimento que eu tinha adquirido fora do seu alcance, pela forma como, toda vez que eu olhava ou falava com ela, eu estava mentindo. A noite com Russell, o rancho, o espaço secreto que eu cultivava silenciosamente. Ela podia ficar com a casca da minha antiga vida, com todos os restos ressecados.

— Você chegou tão cedo em casa — disse ela. — Achei que fosse dormir de novo na casa de Connie.

— Não fiquei com vontade.

Era estranho ser lembrada de Connie, ser puxada de volta para o mundo normal. Eu ficara surpresa até de sentir o ordinário desejo por comida. Queria que o mundo se reorganizasse visivelmente em torno da mudança, como um remendo sobre um rasgo.

Minha mãe se enterneceu.

— Estou feliz porque eu queria passar algum tempo com você. Só nós duas. Já faz um tempo, não é? Talvez eu faça um estrogonofe — falou. — Ou almôndegas. O que você acha?

Fiquei desconfiada com a oferta: ela não comprava comida a menos que eu deixasse bilhetes, que ela encontrava na volta de suas reuniões com o grupo. E fazia muito tempo mesmo que a gente não comia carne. Sal disse à minha mãe que comer carne era o mesmo que comer medo, e que ingerir medo fazia a pessoa engordar.

— Almôndegas seriam legais — cedi.

Eu não quis perceber como aquilo a deixou feliz.

* * *

Minha mãe ligou o rádio da cozinha, que tocava o tipo de música leve e calorosa que eu adorava quando era pequena. Anéis de diamante, córregos frescos, macieiras. Se Suzanne ou mesmo Connie me pegassem ouvindo esse tipo de música, eu ficaria envergonhada — eram canções meigas, alegres e ultrapassadas —, mas eu tinha um amor relutante e particular por essas canções, minha mãe cantando junto nas partes que conhecia. Com o rosto corado por um entusiasmo teatral, era fácil se deixar contagiar por aquela alegria. A postura dela fora moldada por anos de competições de hipismo em sua adolescência, sorrindo do alto de lustrosos puros-sangues árabes, os refletores da arena fazendo cintilar os *strass* incrustados em sua

gola. Ela sempre fora tão misteriosa para mim quando eu era jovem. A timidez que eu sentira observando-a andar pela casa, as pantufas que usava à noite roçando no chão. A gaveta de joias cuja proveniência eu a fiz descrever, uma a uma, como um poema.

A casa estava limpa, as janelas dividindo a noite escura, os tapetes felpudos sob meus pés descalços. Isso era o oposto do rancho, e me pareceu que eu deveria me sentir culpada — que era errado estar confortável daquele jeito, querer comer aquela refeição com minha mãe na elegância de nossa cozinha arrumada. O que Suzanne e as outras estariam fazendo naquele mesmo instante? De repente ficou difícil imaginar.

— Como anda a Connie? — perguntou minha mãe, examinando seus cartões de receitas anotadas à mão.

— Bem.

Provavelmente estava. Assistindo à sujeira se acumular no aparelho dentário de May Lopes.

— Sabe — disse minha mãe —, ela também pode vir aqui. Vocês duas têm passado um tempão na casa dela ultimamente.

— O pai dela não se importa.

— Estou com saudade dela — falou minha mãe, embora sempre tivesse parecido confusa ao lidar com Connie, como uma tia solteirona mais ou menos tolerada. — Devíamos fazer uma viagem a Palm Springs ou algo assim. — Ficou claro que ela vinha querendo oferecer isso. — Você pode convidar a Connie, se quiser.

— Não sei.

Poderia ser legal. Connie e eu trocando empurrões no banco traseiro sufocado pelo sol, tomando milk-shake de tâmara da fazenda perto de Indio.

— Hum — murmurou ela. — Poderíamos ir nas próximas semanas. Mas, sabe, querida... — Fez uma pausa. — Frank talvez também venha com a gente.

— Não vou fazer uma viagem com você e o seu namorado.

Ela esboçou um sorriso, mas vi que não estava me dizendo tudo. O rádio estava alto demais.

— Querida — recomeçou ela. — Como vamos poder morar juntos se...

— O quê?

Eu detestei como minha voz soou automaticamente malcriada, perdendo qualquer autoridade.

— Não agora, definitivamente não. — A boca dela se contraiu. — Mas se o Frank se mudar para cá...

— Eu também moro aqui — falei. — Você ia simplesmente deixar ele se mudar para cá, sem nem me dizer?

— Você tem quatorze anos.

— Isso é babaquice.

— Ei! Olha a boca — disse ela, cruzando os braços. — Não sei por que

você está sendo tão grosseira, mas precisa parar com isso, e logo. — A proximidade do rosto suplicante de minha mãe, sua tristeza evidente, incitava em mim um nojo biológico dela, como quando eu sentia um cheiro ferroso no banheiro e concluía que ela estava menstruada. — Estou tentando fazer uma coisa boa, convidando sua amiga para viajar com a gente. Você pode me dar um desconto?

Eu ri, mas era um riso que gotejava a dor da traição. Tinha sido por isso que ela quisera fazer o jantar. E agora eu me sentia pior, porque fui agradada tão facilmente.

— Frank é um escroto.

O rosto dela se enraiveceu, mas minha mãe se forçou a ficar calma.

— Pare com esse comportamento. É a minha vida, está entendendo? Só estou tentando ser um pouquinho feliz — disse ela —, e você precisa me deixar fazer isso. Pode me deixar fazer isso?

Ela merecia sua vida anêmica, com suas incertezas precárias de menininha.

— Beleza — respondi. — Beleza. Boa sorte com o Frank.

Ela estreitou os olhos.

— O que isso quer dizer?

— Esquece. — Eu podia sentir o cheiro da carne crua chegando à temperatura ambiente, um traço cortante de metal frio. Meu estômago se contraiu. — Não estou mais com fome — falei, e deixei minha mãe na cozinha.

O rádio ainda tocava canções sobre primeiros amores, sobre dançar à beira de um rio, a carne já descongelada a tal ponto que agora minha mãe seria obrigada a prepará-la, embora ninguém fosse comer.

* * *

Foi fácil, depois disso, convencer a mim mesma de que eu merecia o dinheiro. Russell dizia que a maioria das pessoas era egoísta, incapaz de amar, e esse parecia ser o caso da minha mãe, e do meu pai também, acomodado com Tamar no condomínio Portofino Apartments, em Palo Alto. Então era uma troca justa, quando eu pensava na questão dessa forma. Como se o dinheiro que eu estava surrupiando, nota a nota, totalizasse algo que pudesse substituir o que fora perdido. Era deprimente demais pensar que talvez nunca tivesse sequer existido. Que nada daquilo tivesse existido — a amizade de Connie. Peter sentindo qualquer coisa por mim além de irritação por conta da obviedade de minha adoração infantil.

Minha mãe deixou a bolsa dela largada pela casa, como sempre, e isso fez o dinheiro ali dentro parecer menos valioso, algo com que ela não se importava o bastante para levar a sério. Ainda assim, era desconfortável remexer naquela bolsa, como se fosse o interior bagunçado do cérebro da

minha mãe. Os lixos eram muito pessoais — o papel de embrulho de uma bala de *butterscotch*, um cartão de mantra, um espelhinho de bolso. Um tubo de creme, da cor de um curativo, que ela passava debaixo dos olhos. Peguei uma nota de dez, que coloquei dobrada dentro do meu short. Mesmo que ela me visse, eu simplesmente diria que estava saindo para comprar comida — por que ela suspeitaria de mim? A filha dela, que sempre fora boa, mesmo que isso fosse mais decepcionante do que ser ótima.

Fico surpresa por ter sentido tão pouca culpa. Pelo contrário — sentia alguma forma de justiça ao me apossar do dinheiro de minha mãe. Eu estava absorvendo um pouco da bravata do rancho, a certeza de que podia me apoderar do que quisesse. Saber das notas escondidas me permitiu sorrir para a minha mãe na manhã seguinte, agir como se não tivéssemos dito as coisas que dissemos na noite anterior. Ficar pacientemente parada de pé quando ela começou a mexer na minha franja sem aviso.

— Não esconda seus olhos — disse ela, seu hálito próximo e quente, os dedos passando pelo meu cabelo.

Eu queria me desvencilhar dela, dar um passo para trás, mas não fiz nada.

— Pronto — falou, satisfeita. — Aí está a minha filhinha meiga.

* * *

Eu estava pensando no dinheiro enquanto batia as pernas dentro da piscina, meus ombros acima da superfície da água. Havia uma pureza naquela tarefa, acumular as notas na minha bolsinha de zíper. Quando eu estava sozinha, gostava de contar o dinheiro, cada nova nota de cinco ou dez era uma alegria especial. Dobrava as notas mais novas por cima das outras, para a pilha ficar com uma aparência melhor. Imaginando o prazer de Suzanne e Russell quando eu levasse o dinheiro para eles, embalada pela doce névoa de devaneios.

Meus olhos estavam fechados enquanto eu boiava, e só os abri quando ouvi uma forte agitação por trás das árvores. Um cervo, talvez. Contraí o corpo, movendo-me inquieta na água. Não achava que pudesse ser uma pessoa: nós não nos preocupávamos com esse tipo de coisa. Não até depois. E de qualquer maneira era um dálmata, a criatura que saiu trotando do meio das árvores e veio até a beirada da piscina. Ele me observou com ar sóbrio, e em seguida começou a latir.

Era um cachorro de aparência estranha, coberto de manchas, e latia com um agudo alarde humano. Eu sabia que ele pertencia aos nossos vizinhos da esquerda, a família Dutton. O pai tinha composto o tema principal da trilha sonora de algum filme, e nas festas eu ouvira a mãe murmurar a melodia, zombando, para um grupo de pessoas. O filho deles era mais novo do que eu — vivia disparando sua arma de ar comprimido no jardim, o cachorro ganindo em um coro agitado. Eu não conseguia lembrar o nome do

cachorro.

— Vá embora — falei, jogando um pouco de água na direção dele. Não queria ter que sair da piscina. — Saia daqui.

O cachorro continuou latindo.

— Vá embora — tentei de novo, mas ele só latiu mais alto.

* * *

Meu shortinho estava úmido por causa do biquíni quando cheguei à casa dos Dutton. Eu havia calçado minhas sandálias de cortiça, encardidas com o contorno dos meus pés, e levara o cachorro segurando-o pela coleira, as pontas do meu cabelo gotejando. Teddy Dutton veio abrir a porta. Tinha uns onze ou doze anos, as pernas cobertas de arranhões e cascas de machucados. Quebrara o braço no ano anterior ao cair de uma árvore, e fora minha mãe quem o levara de carro até o hospital: ela murmurara, em tom sombrio, que os pais daquele garoto o deixavam sozinho tempo demais. Eu nunca tinha passado muito tempo com Teddy — só tínhamos em comum o fato de ambos sermos jovens em festas da vizinhança, todos com menos de dezoito anos arrebanhados em uma marcha forçada para a amizade. Às vezes eu o via passar de bicicleta pela estrada na companhia de um menino de óculos: uma vez ele me deixara acariciar um gatinho que havia encontrado, protegendo a criaturinha debaixo da camisa. Os olhos do gatinho expeliam pus, mas Teddy foi gentil com ele, como uma mamãezinha. Essa fora a última vez que tínhamos nos falado.

— Ei — falei quando Teddy abriu a porta. — O seu cachorro.

Teddy estava me olhando boquiaberto, como se não tivéssemos sido vizinhos durante toda nossa vida. Revirei um pouco os olhos diante do silêncio dele.

— Ele estava no nosso quintal — continuei.

O cachorro tentava se soltar da minha mão.

Teddy levou um instante para falar, mas, antes disso, notei que ele não conseguia evitar olhar para a parte de cima do meu biquíni, para a protuberância exagerada dos meus seios apertados pelo decote. Teddy viu que eu tinha percebido seu olhar, e ficou mais aturdido. Fez cara feia para o cachorro, pegando na coleira dele.

— Coisa feia, Tiki — disse, puxando o animal para dentro da casa. — Muito feia.

A ideia de que Teddy Dutton pudesse ficar nervoso perto de mim foi uma surpresa. Embora eu nem tivesse um biquíni na última vez em que ele me vira, e meus seios agora estivessem maiores, agradando até a mim. Achei o interesse dele quase hilário. Uma vez, um desconhecido tinha mostrado o pau para mim e Connie perto do banheiro do cinema — levara um instante para entendermos por que aquele homem arquejava tanto, como um peixe

fora d'água, mas aí eu vira seu pênis saindo da braguilha como um braço para fora da manga. Ele nos olhara como se fôssemos duas borboletas que ele estava prendendo com alfinetes em um mural. Connie segurara meu braço, então nos viramos e saímos correndo, às gargalhadas, as passas cobertas de chocolate que eu levava na mão começando a derreter. Comentamos o nosso nojo diante daquilo em tons estridentes, mas havia algum orgulho também. A mesma satisfação com que Patricia Bell me perguntara, certa vez, depois da aula, se eu notara como o Sr. Garrison ficara olhando para ela, e se eu não tinha achado aquilo *esquisito*.

— Ele está com as patas molhadas — comentei. — Vai sujar o chão todo.

— Meus pais não estão em casa. Não faz diferença.

Teddy ficou parado na porta, desajeitado, com ar de expectativa; será que achava que iríamos sair juntos?

Ficou ali parado, como os meninos infelizes que às vezes tinham uma ereção diante do quadro-negro sem motivo algum — ele estava obviamente sob o comando de alguma outra força. Talvez a evidência de sexo estivesse visível em mim de uma forma nova.

— Bem — falei. Estava com medo de começar a rir; Teddy parecia tão desconfortável. — Até mais.

Ele pigarreou, tentando forçar uma voz mais grave.

— Desculpe — disse Teddy. — Se por acaso Tiki estava incomodando você.

Como é que eu soube que seria capaz de manipular Teddy? Por que minha mente foi imediatamente para essa opção? Eu só tinha voltado ao rancho duas vezes desde a festa do solstício, mas já começara a absorver certas maneiras de ver o mundo, certos hábitos lógicos. A sociedade era cheia de gente quadrada, Russell dizia para nós, pessoas paralisadas sob o poder de interesses corporativos e dóceis como chimpanzés de laboratório dopados. Nós do rancho funcionávamos em um outro nível, lutando contra aquela chuva de infelicidade, e qual era o problema se você tivesse que manipular pessoas quadradas para alcançar objetivos maiores, mundos maiores? Se você se excluísse daquele velho contrato, Russell disse, se recusasse todas as táticas de medo fraudulentas que as aulas de moral e cívica, os livros de oração e a sala do diretor da escola lhe metiam na cabeça, você conseguiria ver que o certo e o errado não existiam. As equações permissivas dele reduziam esses conceitos a relíquias vazias, como medalhas de um regime que não estava mais no poder.

* * *

Pedi a Teddy alguma coisa para beber. Limonada, imaginei, ou um refrigerante, tudo menos o que ele acabou me trazendo, a mão tremendo de nervosismo ao me entregar o copo.

— Quer um guardanapo? — perguntou ele.

— Não.

A intensidade da atenção dele parecia me expor, e eu ri um pouquinho. Ainda estava começando a aprender como era ser observada. Tomei um gole grande. O copo estava cheio de vodca, turvada por uma dose mínima de suco de laranja. Tossi.

— Seus pais deixam você beber? — perguntei, enxugando a boca com a mão.

— Eu faço o que quero — respondeu ele, orgulhoso e inseguro ao mesmo tempo.

Os olhos de Teddy brilhavam; observei-o decidir o que dizer em seguida. Era estranho assistir a outra pessoa medir as próprias ações, preocupar-se com elas, em vez de ser a pessoa que se preocupa. Teria sido aquilo que Peter sentira na minha presença? Uma paciência limitada, uma sensação de poder inebriante e ligeiramente perturbadora? O rosto sardento de Teddy, corado e ávido — ele era só dois anos mais novo que eu, mas a distância parecia definitiva. Tomei outro longo gole e Teddy pigarreou.

— Eu tenho um pouco de erva, se você quiser — ofereceu ele.

* * *

Teddy me levou até o seu quarto, com um ar de expectativa enquanto eu percorria os olhos por seus pertences de menino. Pareciam arrumados para serem vistos, embora fosse tudo lixo: um relógio antigo cujos ponteiros estavam parados, uma fazenda de formigas havia muito esquecida, empenada e mofando. Um caco lustroso de ponta de flecha, uma jarra cheia de moedas de um centavo verdes e sujas como um tesouro submerso. Normalmente eu teria feito alguma piada para Teddy. Perguntado a ele onde tinha encontrado a ponta de flecha, ou lhe contado sobre a ponta de flecha inteira que eu encontrara, um pedaço de obsidiana afiado o suficiente para tirar sangue. Mas senti uma pressão para preservar um ar altivo de superioridade, como Suzanne naquele dia no parque. Eu já começava a entender que a admiração de outras pessoas exigia algo de você. Que você tinha que se moldar a ela. A maconha que Teddy tirou de debaixo do colchão era marrom e esfarelada, quase impossível de fumar, embora ele me apresentasse o saquinho de plástico com uma dignidade solene.

Eu ri.

— Parece um punhado de terra ou algo assim. Não, obrigada.

Ele pareceu magoado e enfiou o saco no fundo do bolso. Aquele fora seu trunfo, percebi, e ele não esperara esse fracasso. Quanto tempo aquele saquinho teria passado ali, esmagado pelo colchão, à espera de ser usado? Eu subitamente senti pena de Teddy, cuja gola da camisa listrada ficara sem forma pelo acúmulo de sujeira. Pensei comigo mesma que ainda havia

tempo de ir embora. Pousar aquele copo, agora vazio, agradecer casualmente e voltar para minha casa. Havia outras maneiras de conseguir dinheiro. Mas eu fiquei. Ele ficou olhando para mim, sentado na cama, com ar perplexo e atento, como se olhar para outra coisa fosse quebrar o raro encanto da minha presença.

— Posso arranjar uma coisa de verdade para você, se quiser — falei. — Da boa. Conheço um cara.

A gratidão dele foi constrangedora.

— Sério?

— Claro. — Vi como ele me observou enquanto eu ajustava a alça do meu biquíni. — Você tem dinheiro aí? — perguntei.

Ele tinha três dólares no bolso, amarrotados e amolecidos, e não hesitou em me entregá-los. Guardei as notas, toda profissional. Possuir aquela quantia de dinheiro, mesmo que pequena, atiçava uma necessidade obsessiva dentro de mim, um desejo de ver quanto eu valia. A equação me empolgava. Você podia ser bonita, podia ser desejada, e isso podia torná-la valiosa. Eu apreciava a organização desse comércio. E talvez fosse uma coisa que eu já percebia em relacionamentos com homens — aquele quê de desconforto, de ser vítima de um golpe. Pelo menos desse modo o arranjo seria usado para algo útil.

— E os seus pais? — quis saber. — Não guardam dinheiro em algum lugar?

Ele me lançou um olhar rápido.

— Eles estão fora, não estão? — Suspirei, impaciente. — Então quem se importa?

Teddy tossiu. Recompôs o rosto.

— É — disse ele. — Deixe eu dar uma olhada.

* * *

O cachorro veio colado em nossos calcanhares enquanto eu segui Teddy escadas acima. A penumbra do quarto dos pais dele, um quarto que me pareceu tão familiar — o copo de água parada na mesa de cabeceira, a bandeja laqueada com frascos de perfume — quanto estranho, as calças do pai dele largadas num canto, um banquinho estofado encostado ao pé da cama. Eu estava nervosa, e podia ver que Teddy também. Parecia depravado estar no quarto dos pais dele no meio do dia. O sol estava quente do lado de fora das cortinas, seu brilho as delineando.

Teddy entrou no closet, no canto mais distante do quarto, e eu fui atrás. Se ficasse perto dele, eu seria menos intrusa. Ele se pôs nas pontas dos pés e tateou às cegas o interior de uma caixa de papelão. Enquanto ele procurava algo, passei a mão pelas roupas penduradas em extravagantes cabides forrados de seda. As roupas da mãe dele. Blusas com estampa *paisley* e laço

no pescoço, conjuntos justos e sóbrios de tweed. Todos pareciam fantasias, impessoais e não muito reais, até que eu belisquei a manga de uma blusa marfim. Minha mãe tinha uma igual, e aquilo me fez sentir certo desconforto, o dourado familiar da etiqueta da I. Magnin parecendo uma repreensão. Larguei a blusa pendurada em seu cabide.

— Não dá para ser mais rápido? — sibilei para Teddy.

Ele me deu uma resposta abafada, remexendo mais fundo na caixa, até finalmente pescar algumas notas de aparência nova.

Empurrou a caixa de volta para o fundo da prateleira mais alta, respirando com força, enquanto eu contava.

— Sessenta e cinco — falei.

Arrumando bem as notas, dobrando-as para ficarem com uma espessura mais substancial.

— Isso não é o suficiente?

Pude ver pelo rosto dele, pelo esforço com que respirava, que se eu exigisse mais ele daria um jeito de conseguir. Parte de mim quase quis fazer isso. Empanturrar-me desse novo poder, ver até onde eu poderia levá-lo. Mas então Tiki surgiu trotando na porta, dando um susto em nós dois. O cachorro arfava enquanto se encostava nas pernas de Teddy. Até a língua do animal tinha manchas, reparei, o cor-de-rosa enrugado salpicado de preto.

— Isso aqui já está bom — respondi, guardando o dinheiro no bolso.

Meu short úmido exalava um leve cheiro de cloro.

— Quando é que eu vou receber o negócio? — perguntou Teddy.

Levei um segundo para entender o olhar significativo que ele me lançou: a maconha que eu havia prometido. Eu quase esquecera que não tinha simplesmente pedido dinheiro. Quando ele viu minha expressão, se corrigiu.

— Quer dizer, sem pressa. Se o negócio for levar um tempo ou algo assim.

— Difícil dizer.

Tiki estava farejando minhas partes íntimas; afastei seu focinho com mais força do que pretendia, a ponta do seu nariz molhando a palma da minha mão. Meu desejo de sair do quarto se tornou subitamente imenso.

— Vai ser logo, logo, provavelmente — falei, começando a recuar na direção da porta. — Eu trago para cá assim que conseguir.

— Ah, sim — disse Teddy. — Tá certo, beleza.

* * *

Na porta da frente, eu tive a desconfortável sensação de que Teddy tinha sido o convidado e eu, a anfitriã. O mensageiro dos ventos na varanda tilintava uma tênue música. O sol, as árvores e as colinas douradas mais além pareciam prometer grandes liberdades, e eu já conseguia começar a

esquecer o que tinha feito, soterrada por outras preocupações. O agradável e volumoso retângulo das notas dobradas no meu bolso. Quando olhei para o rosto sardento de Teddy, senti uma onda de afeto impulsivo e virtuoso — ele era como um irmão caçula. O modo gentil como tratara aquele gatinho.

— A gente se vê — falei, inclinando-me a fim de beijá-lo na bochecha.

Eu estava me parabenizando pela meiguice do meu gesto, pela gentileza, mas em seguida Teddy moveu os quadris, dobrando um pouco o corpo como uma forma de se proteger; enquanto me afastava, percebi a ereção dele pressionando teimosamente o tecido de sua calça jeans.

# 7

Eu podia percorrer quase todo o caminho de bicicleta. A Adobe Road sem nenhum carro, exceto pela ocasional motocicleta ou trailer para transporte de cavalos. Se um carro passava, geralmente estava a caminho do rancho e então me dava uma carona, com metade da bicicleta para fora de uma das janelas. Garotas de short, sandálias de madeira e brincos de plástico das maquininhas na frente da farmácia Rexall. Rapazes que continuamente perdiam a linha de raciocínio, e então voltavam a si com um sorriso aturdido, como se tivessem retornado de um passeio cósmico. Os menores acenos que trocávamos uns com os outros, sintonizados nas mesmas frequências invisíveis.

* * *

Não é que eu não conseguisse me lembrar da minha vida antes de Suzanne e dos outros, mas fora uma vida limitada e previsível, objetos e pessoas ocupando suas órbitas comedidas. O bolo amarelo que minha mãe fazia para aniversários, denso e frio por causa do freezer. As garotas da escola almoçando no asfalto, sentadas em suas mochilas. Depois que eu conhecera Suzanne, minha vida adquirira um relevo nítido e misterioso, revelando um mundo além do conhecido, a passagem secreta atrás da estante. Eu me surpreendia comendo uma maçã, e até o engolir úmido da fruta me inspirava gratidão. A disposição das folhas de um carvalho acima de mim se condensando com uma clareza de estufa, pistas de um enigma que eu nunca soubera que era possível tentar resolver.

* * *

Eu segui Suzanne, passando pelas motocicletas estacionadas diante da casa principal, grandes e de aparência pesada como vacas. Homens de colete jeans estavam sentados nas pedras próximas, fumando cigarros. O ar era pungente devido às lhamas dentro de seu cercado, o cheiro estranho de feno, suor e merda ressecada pelo sol.

— Oi, gatinhas — disse um dos homens.

Espreguiçou-se de forma que sua barriga pressionou a camisa como se estivesse grávido.

Suzanne sorriu de volta, mas continuou andando, me puxando junto.

— Se você ficar demais por aqui, eles vão cair em cima de você — disse ela, embora ao mesmo tempo endireitasse os ombros de forma a dar destaque aos seios.

Quando lancei um olhar para trás por cima do ombro, o homem me mostrou a língua, rápido como uma serpente.

— Mas Russell pode ajudar todo tipo de pessoa — continuou Suzanne. — E você sabe, os policiais não se metem com os caras das motos. Isso é importante.

— Por quê?

— Porque sim — respondeu ela, como se fosse óbvio. — Os policiais odeiam Russell. Odeiam qualquer um que tente libertar as pessoas do sistema. Mas ficam longe se esses caras estão por aqui. — Balançou a cabeça. — Os policiais estão aprisionados também, isso que é ridículo. Com essas porras de sapatos pretos lustrosos deles.

Concordei com virtuoso entusiasmo: eu estava do lado da verdade. Segui Suzanne até a clareira atrás da casa, na direção do murmúrio de vozes em coro em volta da fogueira. O dinheiro estava dobrado apertado em meu bolso, preso por um elástico, e várias vezes eu quase começara a falar para Suzanne que o trouxera, mas então perdia a coragem, preocupada com a possibilidade de a oferenda ser pobre demais. Finalmente eu a parei, tocando seu ombro antes de nos reunirmos aos outros.

— Posso conseguir mais — falei com nervosismo.

Eu só queria que ela soubesse que o dinheiro existia, imaginando que seria eu a entregá-lo a Russell. Mas Suzanne imediatamente corrigiu essa impressão. Tentei não me importar com a rapidez com que tirou as notas da minha mão, contando-as com os olhos. Vi que ficou surpresa com o montante.

— Boa garota.

* * *

O sol batia nos telhados de latão das construções anexas e dispersava a fumaça que pairava no ar. Alguém acendera um incenso chinês que apagava constantemente. Os olhos de Russell percorreram o rosto de cada um de nós, com o grupo sentado a seus pés, e enrubesci quando ele captou meu olhar — parecia não estar surpreso com meu retorno. A mão de Suzanne tocou de leve as minhas costas, possessivamente, e um silêncio me tomou, como se em um cinema ou em uma igreja. Minha percepção da mão dela era quase paralisante. Donna estava brincando com seu cabelo alaranjado. Entrelaçando partes dele em trancinhas apertadas, usando as unhas para alisar os fios com pontas duplas.

Russell parecia mais jovem quando cantava, seus cabelos bagunçados

presos para trás, e tocava violão de um jeito engraçado, zombeteiro, como um caubói de TV. A voz dele não era a mais bonita que eu já tinha ouvido, mas naquele dia — com as minhas pernas ao sol, a curta grama de aveia embaixo dela —, naquele dia sua voz parecia me cobrir inteira, saturar o ar, de forma que me senti plantada onde estava. Eu não teria sido capaz de me mexer mesmo se quisesse, mesmo que eu conseguisse imaginar que havia qualquer lugar para onde eu pudesse ir.

Na calma que se seguiu à cantoria de Russell, Suzanne se levantou, o vestido já pesado de poeira, e foi pisando com cuidado por entre as pessoas até chegar ao lado dele. O rosto de Russel mudou de expressão enquanto ela sussurrava alguma coisa para ele, que assentiu. Apertando um dos ombros dela com a mão. Eu a vi passar discretamente meu dinheiro para ele, e Russell o guardou no bolso. Deixando seus dedos ali por um momento, como se dando uma benção.

Os olhos dele se franziram.

— Temos boas notícias. Conseguimos alguns recursos, queridos. Porque alguém se abriu para nós, abriu seu coração.

Uma vibração tomou conta do meu corpo. E de uma vez só, tudo pareceu valer a pena — remexer na bolsa de minha mãe. O silêncio do quarto dos pais de Teddy. Foi tão limpa, a forma como aquela preocupação se transmutou numa sensação de pertencimento. Suzanne parecia satisfeita enquanto corria para voltar a se sentar do meu lado.

— A pequena Evie mostrou a nós seu grande coração — disse Russell. — Ela nos mostrou o amor dela, não é?

E os outros se viraram para olhar para mim, uma corrente de boa vontade pulsando em minha direção.

* * *

O restante da tarde passou sob um período letárgico de sol. Os cachorros magros refugiando-se debaixo da casa, as línguas pendendo da boca. Ficamos sentadas sozinhas num degrau da varanda — Suzanne repousou a cabeça em meus joelhos e contou trechos de um sonho que tivera. Pausando para dar fortes mordidas num pedaço de baguete.

— Eu estava convencida de que sabia linguagem de sinais, mas ficou óbvio que não sabia, que eu estava só movendo as mãos no ar. Mas o homem entendia tudo o que eu dizia, como se eu realmente soubesse linguagem de sinais. Mas, depois, acabou que ele estava só fingindo ser surdo — disse ela —, no fim das contas. Então foi tudo falso: ele, eu, a coisa toda.

Ela acrescentou uma risada, um afiado adendo — como eu ficava feliz de ter qualquer notícia vinda de dentro dela, um segredo dado apenas a mim. Eu não saberia dizer quanto tempo passamos sentadas ali, ambas à deriva dos

ritmos da vida normal. Mas era isso que eu queria — que até o tempo parecesse diferente e novo, tomado por um significado especial. Como se ela e eu estivéssemos dentro da mesma canção.

* * *

Nós estávamos, dizia Russell, dando início a um novo tipo de sociedade. Livre do racismo, livre da exclusão, livre da hierarquia. Estávamos a serviço de um amor mais profundo. Era isso que ele dizia, um amor mais profundo, sua voz trovejando daquela casa decrépita nos campos da Califórnia, e nós brincávamos uns com os outros como cachorros, nos revirando, mordendo e sem fôlego de tanto tempo ao sol. A maioria de nós mal era adulta, nossos dentes ainda brancos e novos. Comíamos o que quer que fosse posto à nossa frente. Mingau de aveia que grudava na garganta. Pão com ketchup, carne enlatada. Batatas encharcadas de óleo.

— Miss 1969. — Era como Suzanne me chamava. — A nossa própria miss.

E me tratavam assim, como um brinquedo novo deles, revezando-se em me dar o braço, disputando o direito de trançar meus cabelos longos. Fazendo piadinhas com o internato que eu mencionara, com a minha avó famosa, cujo nome alguns deles reconheceram. Com minhas meias brancas e limpas. Os outros já estavam com Russell havia meses, ou até anos. E essa foi a primeira preocupação que os dias lentamente fizeram nascer em mim. Onde estavam as famílias de todos eles, das garotas como Suzanne? Ou de Helen, com sua vozinha de bebê? Às vezes ela falava de uma casa em Eugene. De um pai que lhe aplicava enemas todo mês e esfregava suas panturrilhas com um bálsamo mentolado depois das aulas de tênis, entre outras práticas higiênicas duvidosas. Mas onde ele estava? Se suas casas deram a elas tudo o que precisavam, por que estavam aqui, dia após dia, seu tempo no rancho se estendendo indefinidamente?

* * *

Suzanne dormia até tarde, mal conseguindo acordar por volta de meio-dia. Grogue e vagarosa, seus movimentos a meia velocidade. Como se sempre fosse haver mais tempo. Àquela altura, eu já vinha dormindo na cama de Suzanne havia algumas noites. O colchão não era confortável, áspero de grãos de areia, mas eu não me incomodava. Às vezes, no meio do sono, ela estendia o braço às cegas para me abraçar, um calor emanando de seu corpo como pão saído do forno. Eu ficava acordada, dolorosamente alerta à proximidade de Suzanne. Ela se revirava durante a noite e acabava chutando as cobertas para baixo, expondo os seios nus.

O quarto dela era escuro e selvagem nas manhãs, enquanto o telhado de

piche da construção ficava com bolhas por causa do calor. Eu já estava vestida, mas sabia que ainda levaríamos mais uma hora para nos juntarmos aos outros. Suzanne sempre levava um longo tempo para ficar pronta, embora seus preparativos fossem mais questão de tempo do que de ação — um lento retorno a si mesma. Eu gostava de ficar no colchão assistindo-a, a maneira doce e inexpressiva como estudava seu reflexo no espelho com um olhar sem direção, como o de um retrato. Seu corpo nu era humilde nesses momentos, infantil até, inclinado em um ângulo pouco lisonjeiro enquanto ela fuçava a sacola de lixo cheia de roupas. Era reconfortante para mim, a humanidade dela. Notar como os seus tornozelos estavam ásperos por causa dos pelos nascentes, ou os pontos pretos dos cravos na sua pele.

Suzanne fora dançarina em São Francisco. A cobra de néon piscante na porta do clube, a maçã vermelha que projetava um brilho estranho sobre as pessoas que passavam. Uma das garotas eliminou as verrugas de Suzanne queimando-as com um bastão de nitrato de prata.

— Algumas das garotas detestavam estar no palco — disse Suzanne, cobrindo sua nudez com um vestido. — Dançar, aquela coisa toda. Mas eu não achava tão ruim.

Avaliou a roupa no espelho, apertando os próprios seios sobre o tecido.

— As pessoas podem ser tão puritanas... — disse ela.

Fez uma expressão lasciva, rindo um pouco de si mesma, e deixou os seios caírem. Então me contou como Russell a comia com suavidade, mas às vezes não, e como era possível gostar dessas duas maneiras.

— Não tem nada de doentio nisso — falou. — Sabe as pessoas que agem de forma tão fresca, que agem como se isso fosse algo malévolo? Elas são as verdadeiras pervertidas. São que nem alguns dos caras que vinham nos ver dançar. Todos com raiva de nós por eles estarem lá. Como se a gente tivesse feito eles caírem em algum truque.

Suzanne não falava com frequência de sua cidade natal ou de sua família, e eu não perguntava. Havia um franzido lustroso na pele da cicatriz em um de seus pulsos, sobre a qual eu a vira passar o dedo com um orgulho trágico, e certa vez ela deixou escapar uma menção a uma rua úmida perto de Red Bluff. Mas logo em seguida percebeu e parou de falar. "Aquela vaca", como chamava a mãe, calmamente. Minha confusa solidariedade se apossou de mim, a justiça cansada no tom de voz dela — achei que ambas sabíamos o que era solidão, apesar de agora isso me parecer tolo. Achar que éramos tão parecidas, sendo que eu crescera em meio a empregados e a meus pais, enquanto ela me contou que algumas vezes havia morado em um carro, dormindo no banco de passageiro reclinado, com a mãe no assento do motorista. Se eu ficava com fome, eu comia. Mas tínhamos outras coisas em comum, Suzanne e eu, uma fome diferente. Às vezes eu tinha tanta vontade de ser tocada que me sentia arranhada pelo desejo. E via a mesma coisa nela: Suzanne se empertigando, como um animal sentindo o cheiro de

comida, quando Russell se aproximava.

* * *

Suzanne foi até San Rafael com Russell para ver uma camionete. Eu fiquei para trás — havia tarefas a serem realizadas, e me entreguei a elas com uma avidez nascida do medo. Não queria dar a eles qualquer pretexto para me mandar embora. Alimentava as lhamas, tirava as ervas daninhas do jardim, esfregava e desinfetava o chão da cozinha. O trabalho era apenas outra maneira de demonstrar amor, oferecer o seu eu.

Encher o bebedouro das lhamas levava um longo tempo, a pressão da água fraca mesmo no máximo, mas era bom estar ao sol. Mosquitos pairavam em torno das partes expostas da minha pele, e eu precisava me sacudir para enxotá-los. Eles não incomodavam as lhamas, que só ficavam ali paradas, os olhos semicerrados com o ardor de estrelas de cinema.

Eu podia ver Guy atrás da casa principal, mexendo no motor do ônibus com a morna curiosidade de um projeto de ciências para a escola. Fazendo intervalos para fumar cigarros e se alongar numa posição de V invertido. Ia até a casa principal de vez em quando pegar outra cerveja do estoque de Russell, verificando no caminho se todo mundo estava cumprindo suas tarefas. Ele e Suzanne funcionavam como monitores, mantendo Donna e os demais na linha com uma palavra ou um olhar. Pareciam versões satélite de Russell, embora a deferência de Guy fosse diferente da de Suzanne. Acho que ele permanecia no rancho porque Russell era um meio de conseguir as coisas que queria — garotas, drogas, um lugar para morar. Não estava apaixonado por Russell, não se encolhia ou arfava em sua presença — Guy era mais um braço direito, e todas as histórias vangloriosas que contava sobre aventuras e provações continuavam a lhe dar destaque.

Aproximou-se da cerca, a cerveja e o cigarro na mesma mão, a calça jeans baixa nos quadris. Eu sabia que ele estava me observando, e me concentrei na mangueira, na água morna enchendo o bebedouro.

— A fumaça mantém eles longe — disse Guy, e me virei como se tivesse acabado de perceber sua presença. — Os mosquitos — completou, estendendo seu cigarro para mim.

— É — respondi —, claro. Obrigada.

Peguei o cigarro por cima da cerca, tomando o cuidado de manter a mangueira apontada para o bebedouro.

— Você viu a Suzanne?

Guy já presumia que eu saberia dos movimentos de Suzanne. Fiquei lisonjeada de ser a guardiã do paradeiro dela.

— Um cara em San Rafael estava vendendo a caminhonete dele — respondi. — Ela foi com o Russell dar uma olhada.

— Hum — disse Guy.

Estendeu a mão para pegar seu cigarro de volta. Parecia achar graça do meu profissionalismo, embora eu tenha certeza de que também percebia a adoração que tomava meu rosto toda vez que eu falava de Suzanne. Meu passo meio trôpego que se tornava apressado para ficar ao lado dela. Talvez ficasse confuso por não ser ele o foco de todo esse desejo — era um rapaz bonito, acostumado à atenção de garotas. Garotas que encolhiam a barriga quando ele enfiava a mão nas calças delas, garotas que acreditavam que as joias que ele usava eram a bela evidência da profundidade emocional inexplorada dentro dele.

— Provavelmente estão no posto de saúde público — disse Guy.

Fez um gesto como se fosse coçar o saco, seu cigarro indo de um lado para outro. Estava tentando me fazer rir de Suzanne, tornar-me cúmplice dele de algum modo; não dei qualquer resposta além de um sorriso frio. Ele reclinou o corpo para trás, se apoiando nos calcanhares de suas botas de caubói. Estudando-me.

— Você pode ir ajudar a Roos — disse, entre os últimos goles de sua cerveja. — Ela está na cozinha.

Eu já tinha terminado as minhas tarefas do dia, e trabalhar com Roos na cozinha quente seria tedioso, mas assenti, com a expressão de um mártir.

Suzanne me contara que Roos se casara com um policial em Corpus Christi, no Texas, o que fazia todo sentido. Ela parecia andar por aí com a solicitude sonhadora de esposas que apanham dos maridos, e até minha oferta de ajudar com a louça a fez se retrair levemente. Esfreguei a maior das panelas da cozinha, da qual emanava um mau cheiro gelatinoso, os restos incolores da comida grudando na esponja. Guy estava me punindo de sua forma mesquinha, mas eu não me importei. Qualquer irritação foi atenuada pelo retorno de Suzanne. Ela entrou correndo na cozinha, sem fôlego.

— O cara deu a caminhonete de graça para o Russell — contou Suzanne, seu rosto animado, olhando em volta à procura de uma plateia. Abriu um armário, vasculhando seu interior. — Foi tão perfeito — continuou ela —, porque o cara estava pedindo, tipo, duzentos dólares. E o Russell disse, todo calmo, "Você devia simplesmente nos dar a caminhonete".

Ela riu, ainda tomada por uma animação residual, e se sentou no balcão. Começando a quebrar as cascas de amendoins empoeirados dentro de um saco.

— O cara ficou bem puto, a princípio, com o Russell simplesmente pedindo a caminhonete. De graça.

Roos estava apenas escutando em parte, enquanto separava os ingredientes para o jantar daquela noite, mas eu fechei a água da torneira, assistindo Suzanne com todo o meu corpo.

— E Russell disse "Vamos só conversar um minuto. Só me deixe contar qual é a minha". — Suzanne cuspiu uma casca de volta para dentro do saco.

— Tomamos um chá com o sujeito, na cabana de troncos estranha dele. Ficamos lá uma hora ou algo assim. Russell deu uma visão geral para o sujeito, explicou tudo. E o cara ficou bem interessado no que estamos fazendo aqui. Mostrou a Russell as fotos da época em que era do exército. Aí disse que a gente podia simplesmente ficar com a caminhonete.

Enxuguei as mãos no meu short, a animação dela me deixando tão tímida que tive que me virar para o outro lado. Terminei de lavar a louça ao som de Suzanne quebrando amendoim após amendoim em seu canto do balcão, aglomerando uma pilha bagunçada de cascas úmidas até acabar com o saco e sair em busca de mais alguém a quem contar sua história.

* * *

As garotas passavam o tempo juntas à beira do riacho porque era um lugar mais fresco, a brisa trazendo uma friagem, embora as moscas fossem ruins. As pedras cobertas de algas, a sombra sonolenta. Russell tinha voltado da cidade na caminhonete nova, trazendo barras de chocolate e revistas em quadrinhos cujas páginas amoleceram nas nossas mãos. Helen comeu o chocolate dela imediatamente e ficou olhando para o resto de nós, espumando de inveja. Embora ela também viesse de uma família rica, nós duas não éramos próximas. Eu a achava entediante, exceto quando estava perto de Russell; nesses casos a infantilidade dela adquiria um alvo direto. Retesando o corpo ao toque dele, como um gato, ela agia como se fosse mais jovem até do que eu era, com um atraso mental que depois viria a parecer patológico.

— Meu Deus. Pare de olhar para mim — disse Suzanne, virando o corpo para afastar seu chocolate de Helen. — Você já comeu o seu. — A silhueta dela na margem a meu lado, seus dedos dos pés enfiados na terra. Sacudindo-se quando um mosquito passava pelo seu ouvido.

— Só uma mordida — choramingou Helen. — Só o cantinho.

Roos ergueu os olhos da cambraia embolada em seu colo. Estava consertando uma camisa que Guy usava para trabalhar, seus pontos miúdos feitos com falta de precisão.

— Pode comer um pouco do meu — disse Donna —, se ficar quieta.

Ela foi pisando com cuidado até Helen, segurando o tablete de chocolate cravejado de amendoins.

Helen deu uma mordida. Quando riu, seus dentes ficaram cobertos de chocolate.

— Ioga de chocolate — decretou.

Qualquer coisa podia ser ioga: lavar a louça, cuidar das lhamas. Fazer comida para Russell. Era para você se deleitar com isso, acomodar-se no que quer que os ritmos fossem ensinar a você.

Despedaçar o eu, oferecer a si próprio como poeira ao universo.

* * *

Todos os livros faziam parecer que os homens forçavam as garotas a fazer as coisas. Isso não era verdade, não o tempo todo. Suzanne brandia sua câmera Swinger como uma arma. Instigando os homens a baixarem as calças jeans. A expor seus pênis, tenros e nus em escuros ninhos de pelos. Os homens sorriam timidamente nas fotos, empalidecidos pelo flash culpado, cabeludos, com olhos úmidos de animal.

"Não tem filme na câmera", dizia Suzanne, embora tivesse roubado uma caixa de filme da loja.

Os rapazes fingiam acreditar nela. Era assim com muitas coisas.

Eu vivia atrás de Suzanne, atrás de todo mundo. Suzanne me deixando desenhar luas e sóis nas suas costas nuas com óleo de bronzear, enquanto Russell tocava algum refrão simples no violão, um tímido fragmento de melodia. Helen suspirando como a criança apaixonada que era, Roos se juntando a nós com um sorriso, um adolescente que eu não conhecia nos observando com um olhar maravilhado e grato, e ninguém precisava dizer nada — o silêncio continha tanta coisa.

* * *

Preparei-me internamente para os avanços de Russell, mas isso só viria a acontecer depois de algum tempo. Russell fazendo um aceno de cabeça misterioso para mim de forma que eu soubesse que deveria segui-lo.

Eu havia lavado as janelas com Suzanne na casa principal — o chão repleto de jornais amassados e vinagre, o rádio transistorizado ligado; até as tarefas assumiam o encanto de horas passadas matando aula. Suzanne cantando junto com o rádio, tendo conversas intermitentes comigo, distraidamente feliz. Ela tinha uma aparência diferente, nessas horas em que trabalhávamos juntas, como se esquecesse de si mesma e, em seu relaxamento, se tornasse a garota que era. É estranho lembrar que ela tinha só dezenove anos. Quando Russell acenou com a cabeça para mim, olhei para ela por reflexo. Pedindo permissão ou perdão, qualquer um dos dois. A calma no rosto dela se tornara uma máscara quebradiça. Esfregando a janela torta com uma nova concentração. Deu de ombros à guisa de despedida quando fui embora, como se não se importasse, embora eu pudesse sentir seu olhar vigilante às minhas costas.

Toda vez que Russell acenava para mim daquela forma, meu coração se contraía, apesar da estranheza. Eu era ávida pelos nossos encontros, ávida para cimentar meu lugar no meio de todos eles, como se fazer o que Suzanne fez fosse um modo de estar com ela. Russell nunca transava comigo — era sempre outra coisa, seus dedos se movendo dentro de mim com um distanciamento técnico que eu atribuía à pureza dele. Seus fins

eram elevados, eu me dizia, sem a mácula de impulsos primitivos.

— Olhe para si mesma — instruía ele, sempre que sentia vergonha ou hesitação em mim. Virando-me de frente para o espelho embaçado do trailer. — Olhe para o seu corpo. Não é o corpo de uma desconhecida — dizia ele calmamente. Quando eu me retraía, inventando alguma desculpa, ele me pegava pelos ombros e me virava novamente para o espelho. — É você. É a Evie. Nada em você a não ser beleza.

E essas palavras tinham efeito sobre mim, mesmo que apenas temporário. Eu era tomada por um transe sempre que via meu reflexo — os seios pendentes, até mesmo a barriga flácida, as pernas marcadas de mordidas de mosquito. Não havia nada a decifrar, nenhum enigma complicado — só o fato óbvio daquele momento, o único lugar onde o amor realmente existia.

Depois ele me passava uma toalha para eu me limpar, e isso parecia uma grande gentileza.

Quando eu tornava a surgir no campo de visão de Suzanne, havia sempre um breve período em que ela era fria comigo. Até seus movimentos eram rígidos, como se estivessem contidos, uma calmaria atrás dos olhos, como alguém adormecido ao volante. Aprendi rapidamente como elogiá-la, como ficar ao lado dela até que se esquecesse de demonstrar desinteresse e se dignasse a me passar seu cigarro. Depois me ocorreria que Suzanne sentia a minha falta quando eu me afastava, e a formalidade dela era um disfarce desajeitado. Embora seja difícil ter certeza — talvez essa seja apenas a explicação que eu inventei.

* * *

As outras partes da vida no rancho vêm e vão em minha memória. O cachorro preto de Guy, chamado por uma série de nomes. Os andarilhos que passaram pelo rancho naquele verão, dormindo lá um ou dois dias antes de partirem. Adeptos do sonho descerebrado, aparecendo a qualquer hora do dia com mochilas de tricô e dirigindo o carro dos pais. Eu não via nada de familiar na velocidade com que Russell os convencia a entregar-lhe suas posses, colocando-os numa posição difícil, de forma que a generosidade deles virava um teatrinho forçado. Eles entregavam os documentos de propriedade dos carros, os talões de cheque, certa vez até uma aliança de ouro, com o alívio aturdido e exausto de uma pessoa que está se afogando e finalmente se entrega ao puxão da maré. Eu era entretida por suas tristes histórias, ao mesmo tempo perturbadoras e banais. Queixas de pais malévolos e mães cruéis, uma similaridade com as histórias que fazia todos nós nos sentirmos vítimas da mesma conspiração.

* * *

Foi um dos poucos dias de chuva naquele verão, e estávamos quase todos dentro de casa, a velha sala com um cheiro úmido e cinzento como o ar do lado de fora. Cobertores quadriculavam o chão. Eu podia ouvir o jogo de beisebol vindo do rádio na cozinha, água da chuva pingando no balde de plástico sob uma goteira. Roos estava fazendo massagem nas mãos de Suzanne, as duas com os dedos escorregadios de creme hidratante, enquanto eu lia uma revista de anos atrás. Meu horóscopo para março de 1967. Um mau humor irritadiço pairava entre nós; não estávamos acostumadas a limitações, a estarmos presas em algum lugar.

As crianças lidavam melhor com a obrigação de ficar do lado de dentro. Só passavam rapidamente por nosso campo de visão, correndo de um lado para outro no cumprimento de suas missões particulares. Ouvimos o barulho da queda de uma cadeira no cômodo ao lado, mas ninguém se levantou para investigar. Além de Nico, eu não sabia a quem pertencia a maioria das outras crianças — todas tinham os pulsos finos, como se murchassem, e manchas de leite em pó em volta da boca. Eu tomara conta de Nico para Roos algumas vezes, segurara o menino nos braços e sentira seu peso suado e agradável. Penteei seus cabelos com meus dedos, desembaracei seu colar de dentes de tubarão. Todas essas tarefas que eu sabia serem maternais, tarefas que agradavam mais a mim do que a ele e me permitiam imaginar que só eu tinha o poder de acalmá-lo. Nico não cooperava com esses momentos de ternura, quebrando o encanto de forma abrupta, como se tivesse captado meus bons sentimentos e se ressentisse deles. Mexendo no pênis pequenino enquanto olhava para mim. Exigindo suco num falsete estridente. Certa vez me bateu com tanta força que me deixou com um hematoma. Eu o via se acocorar e cagar no chão de concreto ao lado da piscina, cocôs que às vezes limpávamos com a mangueira e às vezes não.

Helen desceu as escadas usando uma camiseta com estampa do Snoopy e meias grandes demais para os seus pés, os canos vermelhos acumulados em dobras em torno dos tornozelos.

— Alguém quer jogar Dado Mentiroso?

— Não — respondeu Suzanne.

Por todos nós, presumivelmente.

Helen se jogou numa poltrona quase sem revestimento que tinha perdido as almofadas. Olhou de relance para o teto.

— A goteira não parou — disse ela. Todos a ignoraram. — Alguém pode apertar um baseado? — perguntou. — Por favor?

Quando ninguém respondeu, ela se juntou a Roos e Suzanne no chão.

— Por favor, por favor, por favor? — insistiu, encostando a cabeça no ombro de Roos, se enrodilhando no colo dela como um cachorro.

— Ah, vai, faz logo — disse Suzanne.

Helen se levantou de um salto para ir buscar a caixa de falso marfim onde eles guardavam as coisas, enquanto Suzanne revirava os olhos para mim.

Sorri de volta. Não era tão ruim assim ficar dentro de casa, pensei. Todos aninhados na mesma sala como sobreviventes da Cruz Vermelha, a água do chá fervendo no fogão. Roos trabalhando ao lado da janela, onde a luz era da cor de alabastro, filtrada pela cortina de renda rasgada.

A calma foi interrompida por um grito repentino de Nico, que entrou na sala correndo atrás de uma garotinha com o cabelo cortado em formato de cuia — ela tinha pegado o colar de dentes de tubarão dele, e uma briga irrompeu entre os dois, aos gritos. Lágrimas, arranhões.

— Ei — disse Suzanne sem erguer os olhos, e as crianças se aquietaram, embora continuassem a olhar com raiva uma para a outra.

Respirando com força, como dois bêbados. Tudo parecia estar bem, resolvido rapidamente, até que Nico arranhou o rosto da menina, cortando-o com suas longas unhas, e a gritaria ficou duas vezes pior. A menina cobriu a bochecha com as mãos, berrando, os dentes de leite à mostra. Sustentando uma nota aguda de sofrimento.

Roos se levantou com esforço.

— Querido — disse ela, estendendo os braços —, querido, você precisa ser bonzinho. — Ela deu alguns passos na direção de Nico, que começou a gritar também, sentando-se com força sobre a fralda. — Levanta — disse Roos —, levanta, querido.

Tentou segurá-lo pelos ombros, mas ele amoleceu o corpo e não se deixou erguer. A outra garota ficou calma diante da desobediência de Nico, a maneira como ele se desvencilhou da mãe e começou a bater com a cabeça no chão.

— Querido — disse Roos, falando mais alto —, não, não, não.

Mas ele não parava, os olhos ficando escuros de prazer, como botões.

— Meu Deus.

Helen riu, um riso estranho e persistente.

Eu não sabia o que fazer. Lembrei-me do pânico descontrolado que eu às vezes sentira ao tomar conta de alguma criança, ao perceber que essa criança não pertencia a mim e estava além do meu alcance; mas até Roos parecia paralisada pela mesma preocupação. Como se estivesse esperando a verdadeira mãe de Nico chegar em casa e consertar tudo. Nico estava ficando rosado de tanto esforço, seu crânio batendo no chão. Berrando até escutar passos na varanda: era Russell, e vi o rosto de todos ganhar vida novamente.

— O que é isso? — perguntou Russell.

Estava usando uma das camisas dispensadas por Mitch, grandes rosas sangrentas bordadas ao longo dos ombros. Estava descalço, todo molhado da chuva.

— Pergunte a Roos — chilreou Helen. — O filho é dela.

Roos murmurou alguma coisa, suas palavras ficando mais exaltadas perto do final, mas Russell não respondeu no mesmo tom. A voz dele se mantinha

calma, parecendo traçar um círculo em torno da criança que chorava, da mãe nervosa.

— Relaxem — entoou Russell.

Não deixaria que a irritação de ninguém entrasse, a agitação da sala sendo desviada por seu olhar. Até Nico parecia cauteloso na presença de Russell, seu chilique parecendo ficar mais vazio, como se seu papel estivesse sendo interpretado por um ator substituto.

— Rapazinho — disse Russell —, venha aqui conversar comigo.

Nico lançou um olhar raivoso para a mãe, mas seus olhos eram atraídos irresistivelmente para Russell. Nico projetou seu gordo lábio inferior, pensando.

Russell ficou parado de pé na porta, sem se debruçar avidamente, com um sorriso largo e molhado, como alguns adultos faziam com as crianças, e Nico ficou mais quieto, reduzindo os gritos a um choramingo. Lançando mais um olhar de sua mãe para Russell antes de finalmente correr para ele e se deixar ser pego no colo.

— Esse é o meu rapazinho — disse Russell, com os braços de Nico envolvendo seu pescoço com força, e eu lembro como foi estranho ver o rosto de Russell mudar enquanto ele falava com o menino.

As feições de Russell eram mutáveis, fazendo expressões ridículas e tolas, como um bobo da corte, embora sua voz permanecesse calma. Ele tinha essa capacidade. De mudar a si próprio para se ajustar a outra pessoa, como água assumindo a forma de qualquer recipiente em que é despejada. Ele podia ser todas essas coisas ao mesmo tempo: o homem que colocava os dedos dentro de mim. O homem que conseguia tudo de graça. O homem que às vezes comia Suzanne com força e às vezes a comia com suavidade. O homem que sussurrava para aquele garotinho, a voz tocando levemente o ouvido dele.

Não consegui ouvir o que Russell disse, mas Nico engoliu o choro. Seu rosto estava animado e molhado: parecia feliz só de estar nos braços de alguém.

* * *

Caroline, a prima de onze anos de Helen, fugiu de casa e passou algum tempo no rancho. Estava vivendo no Haight, em São Francisco, mas o policiamento da área havia aumentado: ela pegara uma carona até o rancho, trazendo consigo uma carteira de couro e um casaco gasto de pele de raposa que acariciava com um afeto tímido, como se não quisesse que alguém visse como o amava.

O rancho não ficava tão longe de São Francisco, mas não íamos para lá com muita frequência. Eu fora apenas uma vez com Suzanne, para buscar meio quilo de maconha numa casa que ela chamava, brincando, de

Embaixada da Rússia. Eram amigos de Guy, eu acho, o velho ponto de encontro de Satanistas. A porta da frente era pintada com um preto parecendo piche — ela viu minha hesitação e enganchou o braço no meu.

— Meio sinistro, né? — falou. — Também achei, a princípio.

Quando ela me puxou mais para perto, senti o contato com o osso do seu quadril. Esses momentos de gentileza nunca eram nada menos que fascinantes para mim.

Mais tarde, eu e ela caminhamos até Hippie Hill. Estava cinzenta, sob uma garoa, vazia a não ser pelo cambalear morto-vivo dos viciados em drogas. Tentei ao máximo extrair qualquer vibração que pairasse no ar, mas não havia nada — senti alívio quando Suzanne riu também, interrompendo qualquer busca por um significado.

— Deus do céu — disse ela —, este lugar é um lixo.

Então acabamos de volta no parque, a névoa gotejando audivelmente das folhas de eucalipto.

Eu passava quase todos os dias no rancho, exceto por breves paradas na minha casa para trocar de roupa ou deixar bilhetes para a minha mãe na mesa da cozinha. Bilhetes em que eu sempre assinava: "Da filha que ama você." Expressando um afeto exagerado para o qual minha ausência abria espaço.

Eu sabia que minha aparência estava começando a mudar, as semanas no rancho me revestiam de uma camada de sujeira. Meus cabelos clareavam de tanto sol e ficavam afiados nas pontas, um cheiro de fumaça persistindo mesmo depois que eu os lavava com xampu. Boa parte das minhas roupas havia se tornado propriedade do rancho, transformando-se em conjuntos cujas peças eu frequentemente não conseguia reconhecer como minhas: Helen fazendo palhaçada enquanto vestia minha outrora preciosa blusa de peitilho enfeitado, agora rasgada e manchada de suco de pêssego. Eu me vestia como Suzanne, uma vulgar colcha de retalhos tirada das pilhas comunais, roupas cuja incoerência anunciava uma hostilidade ao resto do mundo. Certa vez eu havia ido até o Home Market com ela, Suzanne usando um shortinho e a parte de cima de um biquíni, e então ficamos observando os outros fregueses se irritarem de indignação, a princípio com olhares de esguelha, mas logo nos encarando abertamente. Ríramos feito doidas, fazendo sons pelo nariz, incapazes de nos conter, como se tivéssemos algum segredo louco, e tínhamos. A mulher que parecera a ponto de gritar com uma repulsa perplexa, estendendo a mão para puxar a filha pelo braço: ela não tinha como saber que seu ódio só aumentava nosso poder.

Eu me preparava para possíveis aparições de minha mãe com abluções devotas: tomava banho, de pé sob a água quente do chuveiro até minha pele se cobrir de marcas vermelhas, meus cabelos escorregadios de tanto condicionador. Colocava uma camiseta comum e um short branco de algodão, algo que eu teria usado quando era mais nova, tentando parecer

limpa e assexuada o suficiente para reconfortar minha mãe. Embora eu talvez não precisasse tentar com tanto afinco — ela não estava olhando para mim com uma atenção que justificasse o esforço. Nas vezes em que chegávamos a jantar juntas, um evento em sua maior parte silencioso, ela revirava a própria comida como uma criança chata. Inventando razões para falar sobre Frank, boletins meteorológicos insípidos sobre sua própria vida. Poderia ter sido qualquer outra pessoa sentada no meu lugar. Certa noite, nem me dei ao trabalho de mudar de roupa, aparecendo na mesa com uma miniblusa frente única de *voile* que deixava minha barriga de fora. Ela não disse nada, passando sua colher pelo arroz no seu prato com um ar distraído, até de repente parecer se lembrar da minha presença. Lançando-me um olhar de soslaio.

— Você está ficando tão magrinha — anunciou, segurando meu pulso antes de deixá-lo cair, como se me medisse com inveja.

Eu dei de ombros, e ela não tocou novamente no assunto.

* * *

Quando eu finalmente o conheci pessoalmente, Mitch Lewis era mais gordo do que eu esperava que alguém famoso seria. Inchado, como se tivesse uma camada de manteiga sob a pele. Seu rosto era emoldurado por costeletas, por plumosos cabelos dourados. Ele trouxe um engradado de *root beer* para as garotas e seis sacos de laranja. Brownies velhos com cobertura de chocolate, em copinhos individuais, pregueados como um chapéu de peregrina colonial. Nugás em latas rosa. Coisas que haviam sobrado de cestas de presente, presumi. Um pacote de maços de cigarros.

— Ele sabe que eu gosto desses — disse Suzanne, abraçando os cigarros junto ao peito. — Ele se lembrou.

Todas falavam de Mitch desse jeito possessivo, como se ele fosse mais uma ideia do que uma pessoa real. Enfeitaram-se e se prepararam para a visita dele com uma ansiedade de menininhas.

— Dá para ver o oceano da banheira de hidromassagem dele — contou Suzanne. — Mitch instalou umas luzes, e a água fica brilhando.

— O pau dele é bem grande — acrescentou Donna. — E, tipo, roxo.

Donna estava lavando as axilas na pia, e Suzanne revirou os olhos.

— Banho de puta — murmurou, mas mudara de roupa, pondo um vestido.

Até Russell molhou os cabelos com água e os penteou para trás, o que lhe conferiu um ar requintado e urbano.

Russell me apresentou a Mitch, dizendo "Nossa pequena atriz", a mão pousada em minhas costas.

Mitch me examinou com um sorriso inquisitivo e presunçoso. Homens faziam isso com tanta facilidade, essa imediata estimativa de valor. E como

pareciam querer que você compactuasse com esse julgamento de si mesma.

— Eu sou o Mitch — disse ele.

Como se eu já não soubesse. A pele dele tinha aparência de nova, sem poros, típica de ricos que comem demais.

— Dê um abraço no Mitch — incentivou Russell, dando-me um empurrãozinho. — O Mitch quer um abraço, que nem o restante de nós. Um pouco de amor faria bem a ele.

Mitch tinha um ar de expectativa, abrindo o embrulho de um presente que já tinha balançado e identificado. Normalmente, eu teria sido devorada pela timidez. Preocupada com meu corpo, com algum erro que pudesse cometer. Mas já estava me sentindo diferente. Eu era uma delas, e isso significava que eu podia sorrir de volta para Mitch, dando um passo à frente para deixar que o corpo dele se juntasse ao meu.

A longa tarde que veio em seguida: Mitch e Russell se revezando ao violão. Helen sentada no colo de Mitch, vestindo a parte de cima de um biquíni. Não parava de dar risadinhas, aconchegando sua cabeça com marias-chiquinhas no pescoço dele. Mitch era muito melhor músico do que Russell, mas tentei não notar isso. Fiquei chapada com uma nova e furiosa concentração, passando do ponto do nervosismo até chegar a um estado de letargia. Sorrindo quase involuntariamente, de forma que minhas bochechas começaram a doer. Suzanne sentada de pernas cruzadas na terra ao meu lado, seus dedos roçando nos meus. Nossos rostos atentos e apoiados entre nossas mãos, lembrando tulipas.

* * *

Era um daqueles dias arrastados que servíamos como oferenda ao nosso sonho comum, uma violência em nossa aversão à vida real; embora a ideia fosse conectar um ao outro, entrar em sintonia, dizíamos a nós mesmos. Mitch tinha trazido um pouco de LSD, que conseguira com um técnico de laboratório de Stanford. Donna misturou a droga com suco de laranja em copos de papel, e nós bebemos como café da manhã, de forma que as árvores pareciam pulsar de energia, as sombras arroxeando e molhadas. Foi curioso, depois, pensar na facilidade com que eu me entregava às coisas. Se houvesse alguma droga rolando, eu tomava. Você vivia o momento — que era quando tudo acontecia naquela época. Éramos capazes de falar do *momento* por horas. Estudá-lo em nossas conversas: a maneira como a luz se propagava, o motivo de alguém estar em silêncio, desconstruir todas as camadas do significado verdadeiro do olhar de alguém. Parecia ser algo importante, nosso desejo de descrever o formato de cada segundo no momento de sua passagem, trazer à tona tudo o que estava escondido e surrá-lo até a morte.

Suzanne e eu estávamos trabalhando nas pulseiras infantis que nós,

garotas, vínhamos trocando umas com as outras, acumulando-as nos braços como jovens alunas de ensino fundamental. Praticando o ponto de tricô em V. Listras vermelhas e brancas como doces em formato de bengalinhas. Eu estava fazendo uma pulseira para Suzanne, gorda e larga, em um padrão *chevron* vermelho vivo com um fundo cor de pêssego. Eu gostava da tranquila coleção de nós, da maneira como as cores vibravam alegres sob os meus dedos. Levantei-me num dado momento para ir buscar um copo d'água para Suzanne, e houve uma gentileza doméstica nesse ato. Eu queria atender a uma necessidade, levar água à sua boca. Suzanne sorriu para mim enquanto bebia, engolindo tão depressa que eu podia ver sua garganta se movendo em ondas.

A prima de Helen, Caroline, estava passando um tempo lá nesse dia. Parecia mais sabida do que eu jamais fora aos onze anos. Suas pulseiras chacoalhavam com o tilintar de metal barato. A blusa de tecido felpudo era do amarelo-claro de uma raspadinha de limão e deixava à mostra sua pequena barriga, embora seus joelhos fossem arranhados e cinzentos como os de um menino.

— Maneiro — disse ela quando Guy pôs um copinho de suco em seus lábios e, como um brinquedo de corda, ficou repetindo essa palavra quando o LSD começou a fazer efeito.

Eu tinha começado a detectar os primeiros sinais em mim também, minha boca se enchendo de saliva. Pensei nos riachos que eu vira transbordando quando criança, no frio mortal da água da chuva ao passar com força por cima das pedras.

Eu podia ouvir Guy falando besteira na varanda. Uma de suas histórias vazias, a droga fazendo sua fanfarronice ecoar. Seus longos cabelos presos num nó escuro na base de seu crânio.

— Um cara estava esmurrando a porta — dizia Guy —, gritando que tinha ido buscar o que era dele, e eu, tipo, ah, nossa, grandes merdas, eu sou o Elvis Presley.

Roos ficava assentindo enquanto ele falava. Semicerrando os olhos sob o sol enquanto o som de Country Joe vinha da casa. Nuvens flutuando pelo azul, delineadas em néon.

— Olhem só a nossa Annie, a Pequena Órfã — disse Suzanne, revirando os olhos na direção de Caroline.

Caroline tinha exagerado no começo, demonstrando um andar cambaleante e entorpecido, mas logo a droga de fato fez efeito e ela ficou de olhos arregalados e um pouco assustada. Era magra o suficiente para que eu pudesse ver a pulsação glandular em sua garganta. Suzanne também a estava observando, e esperei que dissesse alguma coisa, mas ela ficou calada. Helen, supostamente a prima de Caroline, não disse nada também. Estava sob a luz do sol, catatônica, deitada num pedaço de carpete velho, cobrindo os olhos com a mão. Dando risadinhas para ninguém. Finalmente, eu me

aproximei de Caroline, tocando em seu ombro diminuto.

— Como estão as coisas? — perguntei.

Ela não ergueu os olhos até que eu dissesse seu nome. Perguntei de onde ela era; Caroline fechou os olhos com força. Foi a coisa errada a se dizer — claro que foi, trazer à tona todas as coisas ruins de fora do rancho, quaisquer memórias péssimas que podia estar revivendo em dobro naquele momento. Eu não sabia como tirá-la daquele atoleiro.

— Você quer isso? — perguntei, erguendo a pulseira. Ela deu uma olhada. — Só tenho que terminar de fazer, mas é para você.

Caroline sorriu.

— Vai ficar bem bonita em você — continuei. — Vai combinar bem com a sua blusa.

A inquietação nos olhos dela se acalmou. Ela afastou a própria blusa do corpo para examiná-la, abrandando.

— Fui eu que fiz — disse, contornando com o dedo um símbolo da paz bordado na blusa, e pude ver as horas que gastara com aquilo, talvez pegando emprestada a caixa de costura da mãe.

Aquilo parecia fácil: ser gentil com ela, amarrar a pulseira acabada no seu pulso, queimando o nó com um fósforo para a pulseira só sair se fosse cortada. Não reparei em Suzanne olhando para nós, sua própria pulseira ignorada em seu colo.

— Ficou lindo — falei, erguendo o pulso de Caroline. — Nada a não ser beleza.

Como se eu fosse uma ocupante daquele mundo, alguém capaz de mostrar o caminho aos outros. Tanta grandiosidade misturada aos meus sentimentos de gentileza; eu estava começando a preencher os espaços vazios dentro de mim com as certezas do rancho. A serena fartura das palavras de Russell — chega de ego, desligue a mente. Capte o vento cósmico em vez disso. Nossas crenças tão leves e digeríveis quanto os bolos e os pães doces que roubávamos de uma confeitaria em Sausalito, entupindo nossas bocas com aquele amido fácil.

* * *

Nos dias seguintes, Caroline passou a me seguir como um cão sem dono. Parada na porta do quarto de Suzanne, perguntando se eu queria um dos cigarros que mendigara dos motociclistas. Suzanne se levantou e segurou os próprios cotovelos por trás das costas, alongando-se.

— Eles simplesmente deram a você? — perguntou Suzanne em tom de provocação. — De graça?

Caroline me lançou um olhar de relance.

— Os cigarros?

Suzanne riu sem dizer mais nada. Eu ficava confusa nesses momentos,

mas os traduzia como mais evidências: Suzanne era espinhosa com as outras pessoas porque elas não a entendiam tão bem quanto eu.

Eu não falava sobre isso em voz alta para mim mesma, nem sequer pensava muito no assunto. Para onde as coisas estavam indo com Suzanne. O desconforto que aflorava em mim quando ela sumia com Russell. A maneira como eu não sabia o que fazer sem ela, saindo à procura de Donna ou Roos como uma criança perdida. A vez que ela voltou cheirando a suor seco e se limpou sem delicadeza entre as pernas com uma toalhinha, como se não se importasse de eu estar olhando.

Eu me levantei quando vi o nervosismo com que Caroline remexia na pulseira que eu lhe dera.

— Vou aceitar um cigarro — falei, sorrindo para ela.

Suzanne enganchou o braço no meu.

— Mas temos que ir alimentar as lhamas — disse ela. — Você não quer que elas passem fome, quer? Que fiquem fracas?

Hesitei e Suzanne estendeu a mão para brincar com uma mecha do meu cabelo. Vivia fazendo coisas assim: catando carrapichos na minha blusa, certa vez enfiando uma unha entre os meus dentes da frente para desalojar um fragmento de comida. Desrespeitando os limites para deixar claro para mim que eles não existiam.

O desejo de Caroline de ser convidada era tão óbvio que quase senti vergonha. Mas isso não me impediu de seguir Suzanne para fora, encolhendo os ombros como pedido de desculpas a Caroline. Pude senti-la nos observando partir. As atenções reprimidas de uma criança, aquele entendimento sem palavras. Percebi que essa decepção já era algo familiar para Caroline.

* * *

Eu estava examinando o interior da geladeira da minha mãe, os potes de vidro marcados por manchas de alimentos derramados e ressecados. O cheiro de legumes se desfazendo em sacos de plástico. Nada para comer, como de costume. Coisinhas assim me lembravam por que eu preferia estar em outro lugar. Quando ouvi os passos da minha mãe na porta da frente, o chacoalhar das suas joias pesadas, tentei me esgueirar dali sem cruzar com ela.

— Evie — chamou, entrando na cozinha. — Espere apenas um minuto.

Eu estava sem fôlego da viagem de bicicleta do rancho até em casa, e ainda um pouco chapada por causa da maconha. Tentei piscar um número normal de vezes para apresentar a ela uma expressão neutra que não revelasse nada.

— Você está ficando tão bronzeada — disse ela, erguendo meu braço, e dei de ombros.

Ela passou a mão distraidamente nos pelos do meu braço, indo e voltando, e então parou. Houve um momento de desconforto entre nós. Ocorreu-me que ela finalmente se dera conta das pequenas quantias de dinheiro que vinham desaparecendo. Imaginar a raiva dela não me assustava. O ato fora tão absurdo que se refugiava sob a segurança da irrealidade. Eu quase começara a acreditar que nunca tinha realmente morado ali, de tão forte que era meu sentimento de dissociação enquanto me esgueirava pela casa para cumprir minhas tarefas para Suzanne. Minha escavação na gaveta de roupas íntimas da minha mãe, examinando com cuidado os tecidos de seda cor de chá e arremates de renda até encontrar um rolo de notas preso com um elástico de cabelo.

Minha mãe franziu a testa.

— Olha só — começou ela. — Sal viu você na Adobe Road hoje de manhã. Sozinha.

Tentei manter o rosto inexpressivo, mas me senti aliviada — era só uma das tolas observações de Sal. Eu vinha dizendo à minha mãe que estava na casa de Connie. E ainda passava algumas noites em casa, tentando manter o equilíbrio das coisas.

— Sal disse que tem umas pessoas muito estranhas por lá — continuou minha mãe. — Uma espécie de místico ou coisa assim, mas ele parece... — Ela fez uma careta.

Claro — ela amaria Russell se ele morasse numa mansão em Marin, se tivesse gardênias boiando em sua piscina e cobrasse cinquenta dólares de senhoras ricas para ler o mapa astral delas. Ela me parecia tão transparente naquela época, sempre se protegendo contra qualquer coisa que não fosse de bom tom, ao mesmo tempo em que abria a casa para qualquer um que sorrisse para ela. Frank e suas camisas de botões reluzentes.

— Nunca encontrei com ele — falei, minha voz impassível, para que minha mãe soubesse que eu estava mentindo.

A obviedade da mentira ficou pairando no ar, e eu fiquei observando-a buscar uma forma de responder.

— Eu só quis deixar você avisada — disse ela. — Para que saiba que esse sujeito anda por aí. Espero que você e Connie tomem conta uma da outra, entendeu?

Dava para ver como ela queria evitar uma briga, como ela se esforçava para chegar nesse meio-termo. Ela havia me avisado, então cumprira com seu dever. O que significava que ela ainda era a minha mãe. Deixei-a acreditar que isso era verdade — assenti, e ela relaxou. O cabelo de minha mãe estava crescendo. Ela usava uma regata nova de malha, e a pele de seus ombros estava descascando, deixando à mostra a marca de bronzeado de um maiô — eu não tinha ideia de onde ou quando minha mãe nadava. Foi tão rápida a forma como nós duas viramos estranhas uma para a outra, como colegas de quarto nervosas se esbarrando pelos corredores.

— Bem... — disse ela.

Eu vi, por um instante, a minha mãe de sempre, a expressão de amor cansado em seu rosto, mas isso desapareceu quando suas pulseiras fizeram um som tilintante, escorregando por seus braços.

— Tem arroz e missô na geladeira — falou.

Então eu fiz um som com a garganta como se talvez fosse comer aquilo, mas nós duas sabíamos que eu não iria.

# 8

As fotos tiradas pela polícia fazem a casa de Mitch parecer atulhada e sombria, como se destinada ao que aconteceria nela. As vigas grossas e rachadas ao longo do teto, a lareira de pedra, os muitos níveis e corredores, como algo saído das litogravuras de Escher que Mitch colecionava de uma galeria em Sausalito. Na primeira vez em que estive lá, lembro-me de tê-la julgado tão livre e vazia quanto uma igreja de litoral. Havia pouquíssimos móveis, as grandes janelas no formato de *chevrons*. Piso de madeira com os tacos em padrão espinha de peixe, degraus largos e rasos. Da porta da frente já se podia ver o plano negro da baía se estendendo para além da casa, o litoral escuro e rochoso. As casas-barco que se encostavam mansamente, como cubos de gelo.

Mitch nos serviu bebidas enquanto Suzanne abria a porta da geladeira dele. Cantarolava uma musiquinha ao examinar as prateleiras. Fazendo sons de aprovação ou desaprovação, erguendo o papel-alumínio de uma tigela para cheirar algo. Eu ficava muito impressionada com Suzanne em momentos assim. O modo como era destemida diante do mundo, na casa de outra pessoa, e observei a ondulação dos nossos reflexos nas janelas pretas, nossos cabelos soltos na altura dos ombros. Lá estava eu, na cozinha daquele homem famoso. O homem cuja música eu ouvira no rádio. A baía que ficava do outro lado da porta, brilhando como couro envernizado. E como eu estava contente de estar lá com Suzanne, que parecia fazer essas coisas acontecerem.

* * *

Mitch tinha um encontro marcado com Russell no começo daquela tarde — lembro-me de ter reparado que era estranho que Mitch estivesse atrasado. Passava de duas da tarde e ainda estávamos esperando por ele. Eu estava em silêncio, como todos, a quietude entre nós se expandindo. Uma mutuca picou meu tornozelo. Não quis enxotá-la, ciente de Russell a pouco mais de um metro de distância, sentado em sua cadeira com os olhos fechados. Eu podia ouvi-lo cantarolando algo baixinho. Ele tinha resolvido que seria melhor Mitch vê-lo sentado ali, cercado pelas suas garotas, com Guy ao lado, o trovador com sua plateia. Estava pronto para fazer sua performance, o violão apoiado nos joelhos. Balançando os pés descalços.

Havia alguma coisa na maneira como Russell dedilhava o violão, pressionando silenciosamente as cordas — parecia nervoso de um modo que eu ainda não sabia decifrar. Não ergueu os olhos quando Helen começou a sussurrar para Donna, apenas um sussurro bem baixinho. Alguma coisa a respeito de Mitch, provavelmente, ou algo estúpido que Guy dissera, mas quando Helen continuou falando, Russell se levantou. Parou um momento para apoiar o violão na cadeira, se certificando de que estava bem equilibrado, depois caminhou rapidamente até Helen e deu um tapa na cara dela.

Ela soltou um ganido involuntário, um som estranho. A mágoa aturdida de Helen esvaindo-se rapidamente em um pedido de desculpas, piscando rápido para que as lágrimas não escorressem.

Foi a primeira vez que vi Russell reagir daquela maneira, aquele acesso de raiva dirigido a uma de nós. Ele não podia ter batido nela — a estúpida claridade do sol fazia desse gesto algo impossível, àquela hora da tarde. A ideia era absurda demais. Olhei em volta buscando uma confirmação do quanto essa transgressão era assustadora, mas todos estavam olhando enfaticamente para o outro lado, ou seus rostos haviam assumido expressões de desaprovação, como se Helen tivesse feito por merecer. Guy coçou atrás da orelha, suspirando. Até Suzanne parecia entediada pelo que tinha acontecido, como se não tivesse sido diferente de um aperto de mão. O azedume em minha garganta, meu choque súbito e desesperador, parecia uma falha minha.

Em pouco tempo Russell já estava acariciando os cabelos de Helen, ajeitando suas marias-chiquinhas desiguais. Sussurrando alguma coisa no ouvido dela que a fez sorrir e assentir com a cabeça, como uma boneca de olhos viscosos.

* * *

Quando Mitch finalmente apareceu no rancho, com uma hora de atraso, trazia mantimentos muito necessários: uma caixa de papelão cheia de latas de feijão, alguns figos secos e creme de chocolate. Peras duras como pedras, embrulhadas individualmente em papel fino cor-de-rosa. Ele deixou as crianças subirem pelas suas pernas, embora normalmente costumasse se desvencilhar delas.

— Oi, Russell — cumprimentou Mitch.

Uma camada de suor cobria o rosto dele.

— Há quanto tempo, irmão — respondeu Russell. Ele manteve o sorriso firme, mas não se levantou da cadeira. — Como vai o Grande Sonho Americano?

— As coisas vão bem, cara. Desculpe o atraso.

— Faz tempo que não tenho notícias suas — disse Russell. — Está

partindo o meu coração, Mitch.

— Estive ocupado. Muita coisa acontecendo.

— Tem sempre muita coisa acontecendo — respondeu Russell. Olhou para todas nós, trocando um longo olhar com Guy. — Você não acha? Parece que tem muita coisa acontecendo, e é assim que a vida é. Acho que isso só para quando você morre.

Mitch riu, como se tudo estivesse bem. Passando adiante os cigarros que tinha trazido, a comida, como um Papai Noel suarento. Os livros viriam a identificar esse momento como o dia em que as coisas mudaram entre Russell e Mitch, embora eu não soubesse nada disso na hora. Não captei qualquer significado na tensão entre os dois, a fúria de Russell abafada por uma fachada calma e indulgente. Mitch tinha vindo dar a Russell a má notícia de que a gravadora não fecharia o contrato, no fim das contas: os cigarros, a comida, tudo aquilo era para servir de consolo. Fazia semanas que Russell vinha insistindo com Mitch sobre o suposto contrato. Pressionando e pressionando, exaurindo Mitch. Mandando Guy entregar mensagens enigmáticas a Mitch, que podiam oscilar entre ameaçadoras e benignas. Russell estava tentando obter o que acreditava merecer.

Fumamos um pouco de maconha. Donna preparou sanduíches de manteiga de amendoim. Sentei no círculo de sombra projetado por um carvalho. Nico estava correndo de um lado para outro com uma das outras crianças, queixos cobertos por uma crosta de vestígios do café da manhã. Ele bateu com uma vareta numa sacola de lixo, espalhando detritos por todo lado — ninguém reparou além de mim. O cachorro de Guy estava do lado de fora, no prado, as lhamas sapateando de agitação. Eu olhava furtivamente para Helen, que parecia, mais do que tudo, insistentemente feliz, como se aquela interação com Russell tivesse completado um padrão reconfortante.

O tapa deveria ter sido mais alarmante. Eu queria que Russell fosse gentil, então ele era. Eu queria estar perto de Suzanne, então acreditava nas coisas que me permitiam continuar ali. Eu disse a mim mesma que havia coisas que eu não entendia. Reciclei as palavras que ouvira Russell dizer anteriormente e as organizei para formar uma explicação. Às vezes ele precisava nos castigar a fim de demonstrar o seu amor. Ele não quisera fazer isso, mas precisava nos manter seguindo em frente, pelo bem do grupo. O tapa doera nele também.

Nico e a outra criança tinham abandonado a pilha de lixo, acocorando-se na grama com as fraldas pendendo de tão pesadas. Falavam rapidamente um com o outro em vozes sérias com entonações asiáticas, com uma inflexão sóbria e racional, como uma conversa entre dois pequenos sábios. Irrompendo subitamente em risadas histéricas.

* * *

Era um fim de tarde. Bebemos o vinho sujo que vendiam em garrafões na cidade, o sedimento manchando nossa língua, um calor nauseante. Mitch tinha se levantado, pronto para voltar para casa.

— Por que você não vai junto com o Mitch? — sugeriu Russell.

Ele deu um aperto em minha mão num código oculto.

Ele e Mitch teriam trocado um olhar? Ou talvez eu estivesse imaginando ter testemunhado essa interação. A logística desse dia foi encoberta por confusão, de forma que subitamente já era o fim da tarde e Suzanne e eu estávamos levando Mitch de volta para a casa dele, em seu carro, sacolejando pelas estradas secundárias do condado de Marin.

Mitch estava sentado no banco de trás, com Suzanne dirigindo. Eu estava na frente. Toda hora eu via Mitch pelo retrovisor, perdido num vago nevoeiro. Daí ele voltava a si de supetão, olhando para nós com espanto. Não entendi direito o motivo de termos sido escolhidas para levar Mitch em casa. As informações passavam por mim de maneira seletiva, então tudo o que eu sabia é que eu poderia estar junto de Suzanne. Todas as janelas do carro estavam abertas para o cheiro da terra de verão e as luzes secretas de outras casas, outras vidas, ao longo daquela estrada estreita sob a sombra do monte Tamalpais. As espirais de mangueiras de jardim, as belas magnólias. Suzanne dirigia pela pista errada às vezes, e nós gritávamos com um terror feliz e confuso, embora houvesse um exagero em meus gritos: eu não acreditava que alguma coisa ruim pudesse acontecer algum dia, não de verdade.

* * *

Mitch vestiu uma roupa branca que parecia pijama, um souvenir de uma estadia de três semanas em Varanasi. Ele entregou um copo a cada uma de nós duas — captei o aroma médico de gim e de alguma outra coisa também, um traço amargo. Bebi tranquilamente. Estava quase patologicamente chapada, e ficava engolindo em seco, meu nariz se entupindo. Ri um pouco para mim mesma. Parecia tão estranho estar na casa de Mitch Lewis. Em meio a seus altares bagunçados e a seus móveis de aparência nova.

— Os membros do Airplane moraram aqui alguns meses — disse ele. Piscando pesadamente. — Com um daqueles cachorros — continuou, correndo os olhos pela casa. — Aqueles brancos grandões. Como se chamam? Terra-nova? O cachorro esburacou o gramado.

Ele não parecia se importar que o estivéssemos ignorando. Estava desorientado, os olhos vidrados, em silêncio. Abruptamente, se levantou e pôs um disco para tocar. Colocou o volume tão alto que tomei um susto, mas Suzanne riu, estimulando-o a deixar mais alto. Era música de sua própria autoria, o que me deixou constrangida. Sua barriga pesada pressionando a longa camisa, tão maleável quanto um vestido.

— Vocês são divertidas — disse ele tropegamente.

Vendo Suzanne começar a dançar. Os pés sujos dela no carpete branco. Suzanne tinha achado frango na geladeira e arrancara um pedaço, que mastigava enquanto movia os quadris.

— Frango *kona*, frango com vinho, molho de soja e mel — comentou Mitch. — Do Trader Vic's.

A banalidade desse comentário. Suzanne e eu trocamos um olhar.

— O que foi? — perguntou Mitch.

Quando continuamos rindo, ele também riu.

— Isso é divertido — repetia ele por cima da música. Ficava falando de como um ator que ele conhecia gostava daquela canção. — Ele entendeu de verdade — disse. — Não parava de tocar a música. Um cara bem ligado nas coisas.

Era novidade para mim, o fato de que você podia tratar pessoas famosas como se não fossem tão especiais, ver todas as suas facetas decepcionantes ou ordinárias, ou reparar como a cozinha delas cheirava ao lixo que não tinha sido retirado. Os quadrados fantasmas na parede onde outrora estiveram fotos, os discos de ouro encostados junto ao rodapé, ainda embrulhados em plástico. Suzanne se comportava como se só ela e eu fôssemos realmente importantes e tudo isso fosse um joguinho que estávamos fazendo com Mitch. Ele era o cenário de uma história maior, a nossa história, e nós sentíamos ao mesmo tempo pena dele e gratidão, por quanto ele se sacrificava em prol do nosso divertimento.

Mitch tinha um pouco de cocaína, e foi quase doloroso vê-lo espalhar cuidadosamente o pó num livro sobre meditação transcendental, contemplando as próprias mãos com um distanciamento estranho, como se não lhe pertencessem. Separou três carreiras de cocaína e olhou para elas. Remexeu nelas até deixar uma consideravelmente maior que as outras e a aspirou depressa, respirando com força.

— Ahh — disse ele, inclinando-se para trás, seu pescoço irritado e salpicado com os pelos dourados da barba que começava a crescer.

Estendeu o livro para Suzanne, que foi dançando até ele e aspirou uma das carreiras, e eu cheirei a última.

A cocaína me fez querer dançar, então foi o que fiz. Suzanne pegando em minhas mãos, sorrindo para mim. Foi um momento estranho: estávamos dançando para Mitch, mas fui devorada pelos olhos dela, a forma como me incitava a dançar mais. Suzanne assistia aos meus movimentos com prazer.

Mitch estava tentando conversar, contando para nós uma história qualquer sobre sua namorada. Quão solitário ele estava se sentindo desde que ela fora para Marrakesh, alegando que precisava de mais espaço.

— Conversa fiada — repetia ele. — Ah, conversa fiada.

Nós o estávamos tolerando: eu seguia o exemplo de Suzanne, que assentia quando ele falava, mas revirava os olhos para mim ou o incitava bem

alto a nos contar mais. Ele estava falando de Linda naquela noite, embora o nome dela não significasse nada para mim. Eu mal estava escutando: tinha pegado uma caixinha de madeira cheia de bolinhas prateadas e a inclinei, tentando fazer as bolinhas caírem em buracos pintados de forma a parecerem bocas de dragões.

Linda viria a ser ex-namorada dele na época dos assassinatos, com apenas vinte e seis anos, embora essa idade me parecesse vaga naquele período, como o som de alguém batendo numa porta distante. O filho dela, Christopher, tinha cinco anos, mas já estivera em dez países, carregado nas viagens da mãe como a sacola onde ela guardava suas joias em forma de escaravelho. As botas de caubói de couro de avestruz que ela recheava com revistas enroladas para não perderem o formato. Linda era uma beldade, embora eu tivesse certeza de que, com o tempo, seu rosto ficaria vulgar ou barato. Ela dormia na cama com seu garotinho de cabelos dourados, como um ursinho de pelúcia.

* * *

Eu estava com uma sensação tão serena de que o mundo girava em torno de Suzanne e de mim que Mitch era só um fundo cômico — eu nem considerei outras possibilidades. Eu tinha ido ao banheiro, usado o estranho sabonete preto de Mitch e espiado em seu armário de remédios, repleto de frascos de hidromorfona. O brilho do esmalte da banheira, o cheiro de água sanitária no ar, foi assim que eu deduzi que ele tinha uma faxineira.

Eu havia acabado de fazer xixi quando alguém abriu a porta do banheiro sem bater. Tomei um susto, tentando me cobrir por reflexo. Vi o homem lançar um rápido olhar para as minhas pernas nuas antes de recuar de volta para o corredor.

— Peço desculpas. — Eu o ouvi dizer do outro lado da porta.

Uma sequência de passarinhos coloridos de pelúcia, pendendo do teto, balançava suavemente ao lado da pia.

— Peço mil desculpas — insistiu o homem. — Eu estava procurando o Mitch. Sinto muito por incomodá-la.

Senti-o hesitar do outro lado da porta, e em seguida dar leves tapinhas na madeira antes de ir embora. Puxei meu short de volta. A adrenalina que se espalhara pelo meu corpo diminuiu, mas não desapareceu. Era provavelmente só um amigo de Mitch. Eu estava agitada por causa da cocaína, mas não com medo. O que fazia sentido: ninguém pensou naquele momento que desconhecidos pudessem ser algo que não amigos. Só pensariam isso depois. Nosso amor sem limite uns pelos outros, o universo inteiro uma gigantesca rede de segurança.

* * *

Eu me daria conta, alguns meses depois, de que aquele homem deveria ser Scotty Weschsler. O caseiro que morava na casa dos fundos, uma cabana de painéis brancos de madeira equipada com um fogareiro portátil e um aquecedor. O homem que limpava os filtros da banheira de hidromassagem, regava o gramado e checava toda noite se Mitch não tinha tomado uma overdose. Com sua calvície precoce e os óculos de aro fino de metal. Scotty fora cadete em uma academia militar na Pensilvânia antes de abandoná-la e ir para a Costa Oeste. Nunca se livrou de seu idealismo de cadete: escrevia cartas para a mãe falando das sequoias, do Oceano Pacífico, usando palavras como "majestoso" e "esplendoroso".

Ele seria o primeiro. O que tentou resistir, sair correndo.

Eu gostaria de poder ter extraído mais de nosso breve encontro. Gostaria de acreditar que, quando ele abriu a porta, eu senti um calafrio por causa do que estava por vir. Mas para mim, na hora, fora só o vislumbre de um desconhecido, e pensei nisso muito pouco. Nem sequer perguntei a Suzanne quem o homem era.

* * *

A sala de estar estava vazia quando voltei. A música tocando altíssima, um cigarro fumegando no cinzeiro. A porta de vidro que dava para a baía estava aberta. Fiquei surpresa com a súbita proximidade da água quando saí para a varanda, a muralha de luzes borradas: São Francisco em um nevoeiro.

Não havia ninguém na margem. Depois ouvi, vindo da água, um eco distorcido. E lá estavam os dois, chapinhando em meio às ondas, a água espumando em volta de suas pernas. Mitch ainda usando sua roupa branca, agora parecendo lençóis encharcados, Suzanne com o que chamava de "seu vestido de Compadre Coelho". Meu coração deu um solavanco — eu queria me juntar a eles. Mas algo me manteve plantada no mesmo lugar. Continuei de pé nas escadas que desciam até a areia, sentindo o cheiro da madeira amaciada pelo mar. Eu sabia o que estava por vir? Assisti a Suzanne tirar seu vestido, desvencilhando-se dele com embriagada dificuldade, e logo em seguida Mitch estava em cima dela. Abaixando a cabeça para lamber seu seio nu. Os dois se desequilibrando na água. Fiquei assistindo por mais tempo do que me pareceu correto. Minha mente estava agitada e sem rumo quando virei as costas e voltei para dentro da casa.

* * *

Diminuí o volume da música. Fechei a porta da geladeira, que Suzanne deixara aberta. A carcaça despedaçada do frango. Frango *kona*, como Mitch insistira em dizer: a visão daquilo me deixou um pouco nauseada. A carne rosada demais emanando frio. Eu sempre seria assim, pensei, a pessoa que

fechava a geladeira. A pessoa que ficava assistindo dos degraus, como um fantasma, enquanto Suzanne deixava Mitch fazer o que quisesse. O ciúme começou a oscilar em minhas entranhas. A estranha pontada quando imaginei os dedos dele dentro dela, o sabor de água salgada que ela teria. Confusão, também — quão rápido as coisas haviam mudado e eu me tornara a pessoa de fora novamente.

O prazer químico na minha cabeça já tinha desvanecido, então tudo o que eu reconhecia era a ausência dessa sensação. Eu não estava cansada, mas não queria ficar sentada no sofá esperando que eles voltassem. Encontrei um quarto destrancado que parecia ser de hóspedes: nenhuma roupa no armário, uma cama com os lençóis ligeiramente amassados. Tinham o cheiro de outra pessoa, e havia um único brinco de ouro na mesa de cabeceira. Pensei na minha própria casa, no peso e na sensação das minhas próprias cobertas — e então senti um súbito desejo de dormir na casa de Connie. Encaixada nas costas dela em nossa posição ritual e costumeira, seus lençóis estampados com gordos arco-íris de desenho animado.

Fiquei deitada na cama, atenta ao som de Suzanne e Mitch entrando no outro cômodo a qualquer momento. Como se eu fosse o namorado fortão de Suzanne, aquela mesma raiva justificada crescendo. Não era dirigida a ela, não exatamente — eu odiava Mitch com uma ferocidade que me mantinha completamente acordada. Eu queria que ele soubesse que ela estivera rindo dele mais cedo, que soubesse o exato grau de pena que eu sentia dele. Como era impotente a minha raiva, uma onda sem lugar para ir, e como isso era familiar: meus sentimentos estrangulados dentro de mim, amargos e furiosos, como pequenos bebês malformados.

* * *

Tive quase certeza, depois, de que aquele era o mesmo quarto em que Linda e seu filhinho estavam dormindo. Embora eu saiba que havia outros quartos, outras possibilidades. Linda e Mitch já tinham se separado antes da noite dos assassinatos, mas ainda eram amigos. Mitch tinha mandado entregar uma girafa gigante de pelúcia no dia do aniversário de Christopher, uma semana antes. Linda só estava na casa de Mitch porque seu apartamento em Sunset tinha sido tomado por mofo — ela planejara ficar na casa dele por duas noites. Em seguida, ela e Christopher ficariam em Woodside com o namorado dela, um homem que era dono de uma cadeia de restaurantes de frutos do mar.

Depois dos assassinatos, eu vira esse homem em um programa de entrevistas: o rosto vermelho, passando um lenço nos olhos. Perguntei-me se ele havia feito as unhas. Ele contou ao apresentador que vinha planejando pedir Linda em casamento. Mas quem sabe se isso era mesmo verdade?

* * *

Por volta das três da manhã, bateram à minha porta. Era Suzanne, que entrou de supetão no quarto sem esperar que eu atendesse. Estava nua, trazendo com ela um cheiro de água salgada e fumaça de cigarro.

— Oi — disse ela, dando puxões em minhas cobertas.

Eu estivera semiadormecida, embalada pela mesmice do teto escuro, e ela era como uma criatura saída de um sonho, entrando bruscamente no quarto, com aquele cheiro. Os lençóis ficando úmidos quando subiu na cama e engatinhou para o meu lado. Acreditei que ela viera por mim. Para ficar comigo, em um gesto de desculpas. Mas como essa ideia desapareceu depressa, quando captei a urgência dela, seu olhar drogado e vidrado — eu sabia que aquilo era por ele.

— Vem — disse Suzanne, e riu. Seu rosto parecendo algo novo sob aquela estranha luz azul. — É lindo — continuou ela —, você vai ver. Ele é delicado.

Como se isso fosse o melhor que se podia esperar. Sentei-me para trás na cama, agarrando as cobertas.

— O Mitch é um escroto — falei.

Era claro para mim que estávamos na casa de um desconhecido. Aquele quarto de hóspedes vazio e grande demais, com suas desagradáveis emanações gasosas de outros corpos.

— Evie — disse ela. — Não aja desse jeito.

A proximidade dela, seus olhos se movendo no escuro. Com quanta serenidade Suzanne pressionou minha boca na dela, a língua passando pelos meus lábios. Correndo a ponta pelas reentrâncias dos meus dentes, sorrindo na minha boca, e dizendo alguma coisa que não consegui ouvir.

Eu podia sentir o sabor da cocaína em sua boca, do mar salgado. Fui beijá-la de novo, mas ela já tinha se afastado, sorrindo como se aquilo fosse um jogo, como se tivéssemos feito algo engraçado e irreal. Brincando de leve com o meu cabelo.

Fiquei feliz em distorcer os significados, em deliberadamente entender errado os símbolos. Fazer o que Suzanne me pedia parecia o melhor presente que eu poderia dar a ela, um meio de destrancar seus próprios sentimentos recíprocos. E ela estava aprisionada, à sua maneira, que nem eu, mas nunca enxerguei isso, indo facilmente nas direções que ela me indicava. Como o brinquedo de madeira, tilintando com a bolinha de prata que eu inclinara e incitara para dentro dos buraquinhos pintados, tentando conseguir a queda ganhadora.

* * *

O quarto de Mitch era grande, e o piso de azulejos era frio. A cama ficava

em cima de uma plataforma esculpida com figuras balinesas em relevo. Ele deu um sorriso amplo quando me viu atrás de Suzanne, mostrando por um instante os dentes, e abriu os braços para nós, o peito nu uma espuma de pelos. Suzanne foi direto até ele, mas eu sentei na beirada da cama, com as mãos no colo. Mitch ergueu o corpo, apoiando-se nos cotovelos.

— Não — disse ele, dando tapinhas no colchão. — Aqui. Venha aqui.

Fui deitar do lado dele. Eu podia sentir a impaciência de Suzanne, a forma como grudava nele que nem um cachorrinho.

— Não quero você ainda — disse Mitch a ela.

Eu não conseguia ver o rosto de Suzanne, mas pude imaginar que aquilo havia doído.

— Pode tirar isso? — Mitch deu tapinhas em minha calcinha.

Eu estava envergonhada: era uma calcinha grande e infantil, com o elástico frouxo. Baixei-a dos meus quadris até chegarem aos joelhos.

— Ah, meu Deus — disse Mitch, erguendo-se para sentar na cama. — Você pode abrir um pouquinho suas pernas?

Obedeci. Ele se agachou em cima de mim. Eu podia sentir o rosto dele perto do meu púbis de criança. Seu nariz tinha o calor molhado de um animal.

— Não vou encostar em você — disse Mitch, e eu sabia que era mentira. — Meu Deus — sussurrou.

Ele convocou Suzanne com um gesto. Murmurando baixo, ajeitando nossos corpos como se fôssemos bonecas. Fazendo comentários minuciosos para ninguém em especial. Suzanne olhava para mim como uma estranha naquele quarto estranho, como se a parte dela que eu reconhecia tivesse se afastado.

Mitch chupou a minha língua para dentro da boca dele. Eu podia ficar parada, na maior parte do tempo, enquanto Mitch me beijava, e aceitar sua língua invasiva com uma sensação de distância vazia, e até seus dedos dentro de mim como algo curioso e sem significado. Mitch ergueu o corpo e se lançou para dentro de mim, grunhindo um pouco quando ficou difícil. Ele cuspiu na mão e esfregou a saliva em mim, e então tentou de novo, e como foi súbito, ele metendo entre minhas pernas, e eu constantemente pensando comigo mesma, com alguma surpresa e incredulidade, que aquilo estava de fato acontecendo, e então senti a mão de Suzanne deslizar para perto e segurar a minha.

Talvez Mitch tenha empurrado Suzanne na minha direção, mas eu não vi. Quando Suzanne me beijou novamente, fui tranquilizada pela sensação de que era por mim, que aquele era o nosso meio de ficarmos juntas. Que Mitch estava em segundo plano, a desculpa necessária que permitia a boca ávida dela, a pressão dos seus dedos. Eu podia sentir meu próprio cheiro e o dela também. Um som vindo do fundo de sua garganta que acreditei ser dirigido a mim, como se o prazer dela estivesse em uma frequência que

Mitch fosse incapaz de ouvir. Ela puxou minha mão para o seu seio, estremecendo quando toquei no mamilo. Fechando os olhos como se eu tivesse feito algo bom.

Mitch saiu de cima de mim para poder assistir. Massageando a cabeça molhada de seu pau, o colchão inclinando sob seu peso.

Continuei beijando Suzanne, tão diferente de beijar homens. O amasso vigoroso deles passava a ideia de um beijo, mas não aquela comunicação. Fiz de conta que Mitch não estava lá, embora pudesse sentir seu olhar, sua boca tão aberta quanto o porta-malas escancarado de um carro. Fiquei nervosa quando Suzanne tentou abrir minhas pernas, mas ela ergueu os olhos para mim, sorrindo, então eu deixei. A língua dela foi hesitante a princípio, mas aí ela usou os dedos também, e senti constrangimento com o quanto fiquei molhada, com os barulhos que eu fiz. Minha mente colapsando com um prazer tão estranho que eu não sabia do que chamá-lo.

Mitch comeu nós duas depois disso, como se pudesse corrigir nossa óbvia preferência uma pela outra. Suando muito, estreitando os olhos de esforço. A cama se movendo para longe da parede.

Quando acordei de manhã e vi minha calcinha embolada e manchada no piso de ladrilho do quarto de Mitch, um constrangimento tão incontrolável borbulhou em mim que eu quase chorei.

* * *

Mitch nos levou de carro de volta para o rancho. Eu estava calada, olhando pelas janelas. As casas que passavam pareciam havia muito adormecidas, os carros chiques ocultos sob suas capas bege. Suzanne estava sentada na frente. Ela virava para sorrir para mim de tempos em tempos. Um pedido de desculpas, dava para ver, mas meu rosto era uma pedra, meu coração, um punho cerrado. Uma dor à qual eu não me entreguei por completo.

Eu estava tentando manipular os sentimentos negativos, imagino, como se minha bravata e a indiferença com que eu pensava sobre Suzanne pudessem prevenir a tristeza. Então eu tinha transado: e daí? Não era nada de mais, só mais uma função do corpo humano. Que nem comer, algo rotineiro e acessível a todos. Todas as insistências fervorosas e delicadas para esperar, fazer de si mesma um presente para seu futuro marido: havia um alívio na simplicidade do ato em si. Fiquei observando Suzanne do banco traseiro, observei-a rir de alguma coisa que Mitch disse e baixar o vidro da janela. O cabelo dela sacudido pelo vento.

* * *

Mitch estacionou no rancho.

— Até mais, meninas — disse ele, erguendo a palma da mão rosada.

Como se tivesse nos levado para tomar um sorvete, algum programa inocente, e agora nos devolvesse ao berço da casa dos nossos pais.

Suzanne fora imediatamente à procura de Russell, separando-se de mim sem dizer uma palavra. Eu viria a me dar conta, depois, que devia ter ido relatar tudo para Russell. Informá-lo de como Mitch tinha agido, se o deixáramos feliz o suficiente para fazê-lo mudar de ideia. Mas, na hora, eu só percebi o abandono.

Tentei me manter ocupada, descascando alho na cozinha com Donna. Esmagando cada dente entre a lâmina da faca e a superfície do balcão, como ela me ensinara. Donna girou o sintonizador do rádio de uma extremidade à outra e então de volta, captando vários graus de estática e alguns alarmantes fragmentos de Herb Alpert. Finalmente desistiu e voltou a sovar uma pilha de massa escura.

— Roos passou vaselina no meu cabelo — disse Donna. Balançou a cabeça e seus cabelos quase não se mexeram. — Vai ficar bem macio depois que eu lavar.

Não respondi. Donna percebeu que eu estava pensando em outra coisa, e me avaliou.

— Ele mostrou a você o chafariz no pátio atrás da casa? — perguntou. — Ele mandou trazer lá de Roma. A casa de Mitch tem umas energias bem fortes — continuou ela —, cheia de íons, por causa do oceano.

Corei, tentando me concentrar em separar o alho de suas cascas amadeiradas. O zumbido do rádio pareceu desagradável de repente, poluente, o locutor falando depressa demais. Todas elas já tinham ido, percebi, para a estranha casa à beira-mar de Mitch. Eu tinha me enquadrado em algum padrão, sido definida, nitidamente, como uma garota, proporcionando um valor conhecido. Havia algo quase reconfortante naquilo, uma clareza de propósito, ao mesmo tempo que era humilhante. Não entendia como era possível alguém esperar por algo além daquilo.

Eu não vira o chafariz. Não mencionei isso.

Os olhos de Donna estavam brilhando.

— Sabe — disse ela —, os pais de Suzanne são bem ricos, na verdade. Propano, ou algo assim. Ela nunca foi sem-teto nem nada, também. — Continuava sovando a massa no balcão enquanto falava. — Não foi parar em hospital nenhum. Nada dessas merdas que ela diz. Só se cortou com um clipe de papel, num dia em que ficou muito louca.

Eu estava enjoada com o fedor dos restos de comida amolecendo na pia. Dei de ombros, como se não me importasse muito.

Donna continuou:

— Você não está acreditando em mim. Mas é verdade. A gente estava em Mendocino. Na casa de um plantador de maçãs. Ela tinha tomado LSD demais, simplesmente começou a se machucar com aquele clipe até a gente fazer ela parar. Mas ela nem sangrou.

Quando não respondi, Donna jogou a massa com força dentro de uma tigela. Socando-a para o fundo.

— Pense o que quiser — esbravejou ela.

* * *

Suzanne apareceu no quarto dela mais tarde, enquanto eu trocava de roupa. Eu me encolhi, cobrindo protetoramente meus seios nus: Suzanne percebeu e pareceu prestes a zombar de mim, mas se conteve. Vi as cicatrizes no seu pulso, mas não me permiti fazer as perguntas embaraçosas — Donna estava só com ciúmes. Esqueça Donna, com seu cabelo duro de vaselina, nojento e sujo como o de um rato.

— Ontem à noite foi uma viagem — disse Suzanne.

Eu me afastei quando ela tentou passar um braço à minha volta.

— Ah, vai, você gostou. Eu vi.

Fiz uma cara de nojo — ela riu. Mantive-me ocupada alisando os lençóis, como se houvesse um jeito de fazer aquela cama ser algo além de um ninho úmido.

— Ah, tudo bem — disse Suzanne. — Eu trouxe uma coisa para animar você.

Achei que ela fosse me pedir desculpas. Mas aí me ocorreu — ela ia me beijar de novo. O quarto escuro ficou sem ar. Eu quase senti acontecer, uma inclinação imperceptível para a frente — mas Suzanne só jogou sua bolsa em cima da cama, as franjas se espalhando pelo colchão. A bolsa estava preenchida por um peso estranho. Ela me lançou um olhar triunfante.

— Vai — disse ela. — Olhe aí dentro.

Suzanne bufou diante da minha teimosia e abriu ela mesma a bolsa. Não entendi o que estava dentro, a estranha cintilação metálica. As quinas afiadas.

— Tire da bolsa — incitou Suzanne, impaciente.

Era um disco de ouro emoldurado em vidro, muito mais pesado do que eu esperara.

Ela me cutucou.

— Passamos a perna nele, hein?

O olhar de expectativa dela — era para esse olhar explicar alguma coisa? Li o nome gravado na plaqueta. Mitch Lewis. Álbum *Sun King*.

Suzanne começou a rir.

— Ah, você devia ver a cara que está fazendo agora — disse ela. — Você não sabe que eu estou do seu lado?

O disco brilhava vagamente no quarto escuro, mas nem o belo cintilar de seus adornos egípcios conseguiu me animar — era só um artefato daquela casa estranha, nada de tão valioso. Logo de cara o peso já estava deixando meus braços cansados.

# 9

O estrépito na varanda de madeira me deu um susto, seguido do som da risada da minha mãe se esvaindo, dos passos pesados de Frank. Eu estava na sala de estar, reclinada na cadeira do meu avô e lendo uma das revistas *McCall's* da minha mãe. Aquelas fotos de presuntos genitalmente lisos, rodeados por fatias de abacaxi. Lauren Hutton encostada num penhasco rochoso, usando um sutiã da Bali. Minha mãe e Frank estavam barulhentos, entrando na sala, mas pararam de falar assim que me viram. Frank com suas botas de caubói, minha mãe engolindo o que quer que estivera dizendo.

— Querida.

Os olhos dela estavam opacos, seu corpo oscilando só o suficiente para eu perceber que estava embriagada e tentando disfarçar, embora seu pescoço rosado, exposto por uma blusa de *chiffon*, fosse entregá-la de um jeito ou de outro.

— Oi — respondi.

— O que você está fazendo em casa, querida? — Minha mãe se aproximou para me envolver com os braços, e eu deixei, apesar do cheiro metálico de álcool que ela exalava, do aroma murcho do seu perfume. — Connie está doente?

— Não.

Dei de ombros. Voltando a ler minha revista. A página seguinte: uma garota usando uma túnica amarelo-manteiga, ajoelhada sobre um caixote branco. Anúncio da Moon Drops.

— Você geralmente entra e sai daqui tão depressa — disse ela.

— Eu só senti vontade de ficar em casa — respondi. — Aqui não é minha casa também?

Minha mãe sorriu, alisando o meu cabelo.

— Você é uma garota tão bonita, não é? Claro que é sua casa. Ela não é uma garota bonita? — perguntou, virando-se para Frank. — Uma garota tão bonita — repetiu ela, para ninguém.

Frank sorriu de volta, mas parecia inquieto. Eu detestava esse conhecimento indesejado, a forma como eu começara a notar cada mínima mudança no equilíbrio de poder e controle, as fintas e os golpes. Por que relacionamentos não podiam ser recíprocos, o interesse de ambas as pessoas crescendo de modo estável e na mesma proporção? Fechei a revista com força.

— Boa noite — falei.

Eu não queria imaginar o que ia acontecer mais tarde, as mãos de Frank no *chiffon*. Minha mãe ainda com a consciência de apagar as luzes, ávida pela clemência da escuridão.

* * *

Eram essas as fantasias que eu alimentava: que, passando algum tempo longe do rancho, eu pudesse provocar uma repentina aparição de Suzanne, sua vontade de que eu retornasse para junto dela. A solidão da qual eu podia me empanturrar, como os biscoitos salgados que eu comia aos pacotes, saboreando com prazer a pontada de sódio em minha boca. Sempre que assistia *A Feiticeira*, eu sentia uma nova irritação por Samantha. Aquele nariz empinado, a maneira como fazia o marido de bobo. O desespero do amor idiota dele tornando-o fonte de piadas. Parei uma noite para examinar a foto de estúdio da minha avó que ficava pendurada no corredor de entrada, sua cabeça coberta de cachos laqueados. Ela era bonita, emanando saúde. Só os seus olhos eram sonolentos, como se recém-despertados de sonhos floridos. A compreensão era revigorante — não nos parecíamos em nada.

Fumei um pouco de maconha do lado da janela aberta, e então me masturbei até ficar cansada, lendo um gibi ou uma revista, não importava qual dos dois fosse. Eram só as formas de corpos, meu cérebro livre para fazer o que quisesse com elas. Eu podia ver o anúncio de uma Dodge Charger, com uma garota sorridente usando um chapéu de caubói branco como a neve, e projetá-la furiosamente em posições obscenas. O rosto dela ficando frouxo e aumentado, chupando e lambendo, o queixo molhado de saliva. Era para eu ter entendido aquela noite com Mitch, levado as coisas numa boa, mas eu só tinha minha raiva rígida e formal. Aquele disco de ouro idiota. Tentei com muito esforço extrair um novo significado, como se tivesse deixado de perceber algum sinal importante, um olhar significativo que Suzanne tivesse me lançado pelas costas de Mitch. Aquela cara de bode dele, pingando suor em mim de forma que eu precisava virar o rosto para longe.

* * *

Na manhã seguinte, eu fiquei satisfeita em encontrar a cozinha vazia — minha mãe estava tomando banho. Pus açúcar no meu café, depois me acomodei na mesa com um pacote de biscoitos salgados. Eu gostava de esmigalhar um biscoito na boca e depois inundar a massa de amido com café. Eu estava tão absorta nesse ritual que a presença repentina de Frank me assustou. Ele puxou a outra cadeira, aproximando-a da minha enquanto se sentava. Vi-o examinar os restos de biscoito, incitando uma vaga vergonha

em mim. Eu estava prestes a me esgueirar dali e ir embora, mas ele falou antes que eu conseguisse fazer isso.

— Grandes planos para hoje? — perguntou.

Tentando me tratar com camaradagem. Torci a ponta do pacote de biscoito para fechá-la e espanei as migalhas das mãos, subitamente meticulosa.

— Sei lá — respondi.

Como a fachada de paciência se esvaiu rápido.

— Vai ficar aqui de cara fechada? — perguntou ele.

Dei de ombros. Era exatamente o que eu ia fazer.

Um músculo em sua bochecha tremeu.

— Pelo menos saia um pouco — disse ele. — Você fica naquele quarto como se estivesse trancada lá dentro.

Frank não estava usando suas botas, só as meias extremamente brancas. Engoli um inevitável impulso de rir; era ridículo ver um homem adulto de meias. Ele reparou minha boca se contraindo e ficou irritado.

— Tudo é engraçado para você, não é? — disse ele. — Faz o que bem entende. Você acha que a sua mãe não percebe o que está acontecendo?

Meu corpo enrijeceu, mas não ergui os olhos. Havia tantas coisas às quais ele podia estar se referindo: ao rancho, ao que eu e Russell fizemos. Mitch. Às formas como eu pensava em Suzanne.

— Ela ficou bem confusa no outro dia — continuou Frank. — Está dando falta de um dinheiro. Sumiu da bolsa dela.

Eu sabia que minhas bochechas tinham ficado coradas, mas permaneci quieta. Estreitando os olhos para a mesa.

— Dê um descanso para ela — disse Frank. — Hum? Ela é uma boa mulher.

— Não estou roubando. — Minha voz soou aguda e falsa.

— Pegando emprestado, digamos assim. Eu não vou contar a ela. Eu entendo. Mas você devia parar com isso. Ela ama muito você, sabe?

Não havia mais barulho do chuveiro, o que significava que minha mãe apareceria em breve. Tentei avaliar se Frank realmente não iria dizer nada — ele estava tentando ser legal, percebi, não me colocar numa encrenca. Mas eu não queria me sentir grata. Imaginá-lo tentando ser paternal comigo.

— O festival da cidade ainda está rolando — disse Frank. — Hoje e amanhã. Talvez você possa ir lá, se divertir um pouco. Tenho certeza de que isso deixaria sua mãe feliz. Você se ocupando.

Quando minha mãe entrou na cozinha, enxugando as pontas do cabelo com a toalha, imediatamente adotei uma postura mais animada, ajustando meu rosto a uma expressão de quem estava escutando Frank.

— Você não acha, Jeanie? — disse ele, olhando para minha mãe.

— Não acho o quê? — perguntou ela.

— Que Evie deveria ir dar uma olhada no festival da cidade. Aquela coisa

lá de centenário. Se ocupar com algo.

Minha mãe encarou aquela ideia dele como se fosse um clarão de brilhantismo.

— Não sei se é o centenário, exatamente... — comentou ela.

— Bem, festival da cidade — interrompeu Frank —, centenário, o que quer que seja.

— Mas é uma boa ideia — disse ela. — Você vai se divertir bastante.

Eu podia sentir Frank me observando.

— Sim — respondi —, beleza.

— É bom ver vocês dois tendo uma conversa legal — acrescentou minha mãe timidamente.

Fiz uma careta ao recolher minha caneca e os biscoitos, mas minha mãe não notou: já tinha se inclinado para beijar Frank. Seu roupão se abrindo, de forma que vi um triângulo sombreado do peito manchado de sol e tive que desviar os olhos.

* * *

A cidade estava comemorando cento e dez anos de existência, no fim das contas, e não cem; o fato de o número não ser redondo pareceu contribuir para a pobreza dos festejos. Até mesmo chamar aquilo de festival parecia excessivamente generoso, embora a maior parte da população estivesse lá. Haviam realizado um leilão beneficente no parque e uma peça sobre a fundação da cidade no anfiteatro da escola, os membros do grêmio estudantil suando dentro de figurinos do departamento de teatro. Haviam fechado a rua principal para o tráfego, então me descobri no meio de uma multidão de pessoas empurrando e agarrando pela promessa de lazer e diversão. Maridos cujos rostos estavam tensos diante de suas infelizes obrigações, ladeados por filhos e esposas que precisavam de bichos de pelúcia. Que precisavam de limonada sem cor e azeda, e cachorros-quentes e espigas de milho feitas na grelha. Todas essas provas de bons momentos. O rio já estava repleto de lixo, a lenta deriva de sacos de pipoca, latas de cerveja e leques de papel.

Minha mãe ficara impressionada com a milagrosa habilidade de Frank de me fazer sair de casa. Exatamente como Frank queria que ela ficasse. Para que ela pudesse imaginar como ele se encaixaria bem no papel de pai. Eu estava tendo o nível exato de divertimento que esperara ter. Tomei uma raspadinha, o copo de papel amolecendo até o xarope vazar pelas minhas mãos. Joguei o resto fora, mas minhas mãos ficaram grudentas, mesmo depois de as enxugar na bermuda.

Eu me desloquei em meio à multidão, entrando e saindo das áreas sombreadas. Vi alguns meninos e meninas que eu conhecia, mas estavam apenas em segundo plano na escola, ninguém com quem eu já tivesse

passado algum tempo. Ainda assim, não pude evitar ficar recitando nomes e sobrenomes em minha mente: Norm Morovich, Jim Schumacher. Meninos de fazenda, em sua maioria, cujas botas fediam a podridão. Suas respostas em voz baixa nas aulas, falando apenas quando chamados especificamente, o anel humilde de sujeira que eu via nos chapéus de caubói pousados de cabeça para baixo em suas mesas. Eram educados e virtuosos, com uma aura que aludia a vacas leiteiras, campos de trevo e irmãzinhas menores. Totalmente diferentes da população do rancho, que teria pena de rapazes que ainda respeitavam a autoridade dos pais ou limpavam as próprias botas no capacho antes de entrar na cozinha das mães. Perguntei-me o que Suzanne estaria fazendo naquele momento — nadando no riacho, talvez, ou passando o tempo com Donna ou Helen ou talvez até com Mitch, uma ideia que me fez morder o lábio, puxando um pedaço de pele ressecada com os dentes.

* * *

Eu precisava ficar só mais um pouco no festival, e aí poderia ir para casa. Frank e minha mãe satisfeitos com minha saudável dose de atividade social. Tentei caminhar na direção do parque, mas estava tudo lotado — o desfile tinha começado, a parte de trás das picapes cheias de maquetes de papel crepom do prédio da prefeitura. Funcionários de banco e garotas vestidas de índia acenando do alto de plataformas móveis, o som violento e opressivo da banda marcial. Desvencilhei-me da multidão e caminhei em volta. Atendo-me às ruas menores e mais sossegadas. O som da banda marcial ficou mais alto, o desfile descendo a East Washington. As risadas que ouvi, agudas e teatrais, penetraram a minha concentração: eu soube, antes de erguer os olhos, que eram dirigidas a mim.

Era Connie. Connie e May. A primeira com uma sacola de rede pendendo do pulso. Pude ver uma lata de refrigerante de laranja e outras compras abarrotadas dentro, o contorno de um biquíni sob a blusa de Connie. Codificado nesses detalhes estava todo o dia simples delas — o tédio do calor, o refrigerante de laranja perdendo o gás. Os biquínis secando na varanda.

Meu primeiro sentimento foi de alívio, como a familiaridade de chegar na frente da minha própria casa. Em seguida veio um desconforto, o encadeamento dos fatos. Connie estava com raiva de mim. Não éramos mais amigas. Observei-a superar sua surpresa inicial. May estreitou os olhos famintos, ávida por drama. O aparelho dentário engrossando sua boca. Connie e May trocaram algumas palavras sussurradas, e então Connie se aproximou um pouco de mim.

— Oi — disse ela cautelosamente. — Como vão as coisas?

Eu esperara raiva, zombaria, mas Connie estava agindo normalmente, até

um pouco feliz de me ver. Fazia quase um mês que não nos falávamos. Olhei para o rosto de May em busca de algum sinal, mas estava insistentemente impassível.

— Tudo normal — respondi.

Eu deveria ter sido fortalecida pelas últimas semanas, a existência do rancho reduzindo a importância dos nossos dramas habituais, mas como é rápido o retorno das velhas lealdades, o impulso de pertencer ao rebanho. Eu queria que elas duas gostassem de mim.

— É, com a gente também — disse Connie.

A súbita gratidão que senti por Frank — foi bom eu ter vindo, bom estar em torno de pessoas como Connie, que não eram complicadas ou confusas como Suzanne, mas simplesmente uma amiga, alguém que eu conhecia muito além de mudanças diárias. A forma como nós passáramos horas assistindo à televisão até piscarmos de dor de cabeça, e espremendo espinhas das costas uma da outra sob a luz crua do teto do banheiro.

— Que troço sem graça, hein? — perguntei, indicando o desfile com um gesto. — Cento e dez anos.

— Tem um monte de gente esquisita por aqui. — May farejou o ar e me perguntei se, de alguma forma, ela estava me incluindo naquilo. — Perto do rio. Eles estavam fedendo.

— É — disse Connie, em um tom mais gentil. — A peça também foi bem idiota. O vestido de Susan Thayer era quase transparente. Todo mundo viu a roupa íntima dela.

As duas trocaram um olhar. Senti ciúme de suas memórias compartilhadas, de como deviam ter sentado juntas na plateia, entediadas e inquietas ao sol.

— Talvez a gente vá dar um mergulho — falou Connie.

A afirmação soou vagamente hilariante para as duas, e eu sorri junto, hesitante. Como se tivesse entendido a piada.

— Hum. — Connie pareceu confirmar alguma coisa silenciosamente com May. — Você quer vir com a gente?

Eu deveria ter percebido que aquilo não ia acabar bem. Que estava acontecendo com facilidade demais, que a minha deserção não seria tolerada.

— Para dar um mergulho?

May se adiantou, assentindo.

— É, no Clube Meadow. Minha mãe pode levar a gente de carro. Quer vir?

A ideia de ir com elas era um anacronismo tão absurdo, como se um universo alternativo estivesse se descortinando, no qual eu e Connie ainda éramos amigas e May Lopes estava nos convidando para um mergulho no Clube Meadow. Dava para comprar milk-shake lá e queijo-quente com queijo queimado saindo pelas bordas. Gostos simples, comida para crianças,

tudo podendo ser pago ao assinar o nome da mãe ou do pai. Eu me permiti me sentir lisonjeada, me lembrando de uma tranquila familiaridade com Connie. A casa dela tão conhecida por mim que eu nem precisava pensar em onde no armário ficava cada tigela, cada copo de plástico, as bordas roídas pela máquina de lavar louça. Quão boa pareceu, quão descomplicada, a forte marcha de nossa amizade.

Foi nesse momento que May veio na minha direção, jogando em mim o refrigerante de laranja: o líquido atingiu de viés o meu rosto, de maneira que não me encharcou, só respingou em mim. Ah, pensei, sentindo um frio na barriga. Ah, é claro. O estacionamento oscilou. O refrigerante de laranja estava morno, e eu podia sentir o cheiro dos aditivos químicos, o gotejar repulsivo no asfalto. May deixou cair a lata quase vazia, que rolou um pouco e então parou. O rosto dela brilhava como uma moeda, e ela parecia assustada pela própria audácia. Connie estava mais insegura, seu rosto uma lâmpada intermitente, sua atenção só voltando à potência completa quando May chacoalhou a sacola como um sinal de alarme.

O líquido mal roçara meu rosto. Poderia ter sido pior, um verdadeiro banho em vez daquela débil tentativa, mas de alguma forma eu senti um anseio pelo banho. Queria que aquele evento tivesse sido tão grande e brutal quanto a humilhação que eu estava sentindo.

— Tenha um bom verão — cantarolou May, dando o braço para Connie.

E então as duas estavam caminhando para longe, as sacolas balançando e suas sandálias pisando de forma barulhenta na calçada. Connie virou para olhar para mim, mas vi May dar um puxão nela, com força. O som de *surf music* vazou da janela aberta de um carro que passava do outro lado da rua — pensei ter visto Henry, o amigo de Peter, ao volante, mas talvez tenha sido minha imaginação. Projetando uma rede mais vasta de conspiração sobre minha humilhação infantil, como se isso deixasse tudo melhor.

* * *

Mantive uma calma insana no rosto, com medo de alguém estar me observando, alerta a sinais de fraqueza. Embora eu tivesse certeza de que estava óbvio — uma tensão em minhas feições, uma insistência magoada de que eu estava bem, tudo estava bem, que aquilo tinha sido só um mal-entendido, brincadeiras de menina entre amigas. *Ha ha ha*, como as risadas gravadas em *A Feiticeira*, reagindo à expressão de horror no rosto de marzipã de Darrin, despindo-a de qualquer significado.

Tinham sido apenas dois dias sem Suzanne, mas eu já escorregara de volta para a entediante rotina da vida adolescente — os dramas idiotas de Connie e May. As mãos frias de minha mãe, súbitas em meu pescoço, como se estivesse tentando me fazer amá-la no susto. Aquele festival horrível e minha cidade horrível. A raiva que eu sentia de Suzanne era difícil de

reavivar, um suéter velho guardado em algum lugar e raramente lembrado. Eu podia pensar em Russell dando um tapa em Helen, e isso se manifestava como um pequeno detalhe ao fundo de certos pensamentos, uma memória alarmante. Mas eu sempre achava maneiras de dar sentido a tudo.

Voltei para o rancho no dia seguinte.

* * *

Encontrei Suzanne em seu colchão, debruçada atentamente sobre um livro. Ela nunca lia, e era estranho vê-la imóvel e tão concentrada. A capa estava rasgada e tinha um pentagrama futurista desenhado, as letras do título brancas e grossas.

— Isso é sobre o quê? — perguntei da porta.

Suzanne ergueu os olhos, sobressaltada.

— Tempo — respondeu. — Espaço.

A visão dela me trouxe imagens da noite com Mitch, mas estavam fora de foco, como o reflexo de um reflexo. Suzanne não disse nada sobre a minha ausência. Sobre Mitch. Tudo o que ela fez foi suspirar e largar o livro. Deitou-se na cama, examinando suas unhas. Beliscando a pele da parte superior de seu braço.

— Flácida — declarou, aguardando que eu protestasse. Como sabia que eu faria.

* * *

Tive dificuldade para dormir naquela noite, revirando-me no colchão. Eu tinha voltado para ela. Tão alerta a quaisquer sinais nas expressões de seu rosto que chegava a passar mal, observando-a, mas me sentia feliz também.

— Fico contente por estar de volta — sussurrei, a escuridão me permitindo dizer as palavras.

Suzanne riu um pouquinho, semiadormecida.

— Mas você sempre pode voltar para casa.

— Talvez eu nunca volte.

— Evie é livre.

— Estou falando sério. Não quero ir embora nunca mais.

— É isso que todas as crianças dizem quando a colônia de férias acaba.

Eu podia ver o branco dos olhos dela. Antes que eu conseguisse dizer qualquer coisa, ela soltou um súbito e pesado suspiro.

— Estou morrendo de calor — anunciou.

Chutou o lençol para longe e se virou de costas para mim.

# 10

O tique-taque do relógio era alto na casa dos Dutton. As maçãs na cesta pareciam pálidas e velhas. Eu podia ver as fotos no console da lareira: os rostos familiares de Teddy e seus pais. Sua irmã, que se casara com um vendedor da IBM. Eu estava constantemente esperando que a porta da frente se abrisse, que alguém identificasse nossa intrusão. A luz do sol recaiu sobre uma estrela de papel dobrado na janela, fazendo-a brilhar. A Sra. Dutton devia tê-la prendido com fita ali, para deixar sua casa mais bonita.

Donna sumiu dentro de outro cômodo, depois reapareceu. Ouvi o ruído de gavetas, de coisas sendo remexidas.

Naquele dia, eu vi a casa dos Dutton como se pela primeira vez. Reparando que a sala de estar era acarpetada. Que a cadeira de balanço tinha no assento uma almofada bordada em ponto de cruz que parecia feita à mão. As antenas instáveis da TV, um cheiro no ar que parecia pot-pourri envelhecido. Tudo estava banhado pela consciência de que a família estava ausente: a disposição dos papéis na mesinha baixa, um frasco de aspirina destampado na cozinha. Nada daquilo fazia sentido sem a animação da presença dos Dutton, como os traços borrados de imagens em 3-D antes de os óculos as colocarem em foco.

Donna estendia constantemente as mãos para tirar algo do lugar: coisas pequenas. Um vaso de flores azul deslocado dez centímetros para a esquerda. Um mocassim chutado para longe do seu par. Suzanne não tocava em nada, pelo menos não a princípio. Estava pegando as coisas com os olhos, absorvendo tudo — as fotos emolduradas, o caubói de cerâmica. O caubói fez Donna e Suzanne darem risadinhas, e eu sorri também, mas não entendi a piada; só senti uma sensação estranha no estômago, a crueza da luz vazia do sol.

* * *

Mais cedo naquela tarde, nós três tínhamos saído para vasculhar lixo. Estávamos dirigindo um carro emprestado, um Trans Am, possivelmente de Mitch. Suzanne ligou o rádio na estação KFRC, o som de K. O. Bailey na grande 610. Tanto Suzanne quanto Donna pareciam cheias de energia, e eu também. Feliz de estar de volta com elas. Suzanne parou o carro na frente de um Safeway com uma vitrine imensa, um lugar que me era familiar, a

inclinação de seu telhado verde. Era onde minha mãe às vezes fazia compras.

— Hora do grude grudento — anunciou Donna, rindo.

Ela pulou por cima da borda da caçamba, ávida como um animal, amarrando a saia em um nó em torno dos quadris para poder escavar bem fundo. Donna se divertia com isso, feliz de chafurdar no lixo, aqueles ruídos esmigalhados e molhados.

No caminho de volta para o rancho, Suzanne fez um anúncio.

— Hora de uma viagenzinha — disse, recrutando Donna em alto e bom som para o plano.

Gostei de saber que ela estava pensando em mim, tentando me apaziguar. Percebi um novo desespero em relação a ela, depois de Mitch. Eu estava mais consciente do modo como ela prestava atenção às coisas, de como fazê-la manter os olhos em mim.

— Para onde? — perguntei.

— Você vai ver — respondeu Suzanne, trocando um olhar com Donna. — É tipo nosso remédio, uma curazinha para tudo.

— Ohh — disse Donna, inclinando-se para a frente. Ela pareceu ter entendido imediatamente do que Suzanne estava falando. — Sim, sim, sim.

— Precisamos de uma casa — falou Suzanne. — Essa é a primeira coisa. Uma casa vazia. — Ela lançou um olhar para mim. — Sua mãe está fora, não está?

Eu não sabia o que elas iam fazer. Mas senti uma onda de alarme, já naquele momento, e tive o bom senso de poupar minha própria casa. Mudei de posição no assento.

— Ela vai estar lá o dia todo.

Suzanne emitiu um murmúrio decepcionado. Mas eu já estava pensando em outra casa que poderia estar vazia. E a ofereci a elas, tranquilamente.

Dei as coordenadas para Suzanne, assistindo às ruas ficarem mais e mais familiares. Quando ela parou o carro e Donna saiu e cobriu de lama os dois primeiros números da placa do automóvel, só fiquei um pouco preocupada. Reuni uma coragem desconhecida, uma sensação de ultrapassar limites, e tentei me entregar à incerteza. Eu estava trancada dentro de meu corpo de um modo que não me era familiar. Era a consciência, talvez, de que eu faria o que quer que Suzanne quisesse. Aquele foi um pensamento estranho — de que havia só aquela sensação banal de ser levada pelo rio luminoso do que quer que fosse acontecer. De que pudesse ser fácil assim.

Suzanne estava dirigindo de um modo errático, passando direto por uma placa de "Pare" e sem olhar para a estrada por longos períodos, entregue a um devaneio particular. Fez a curva e entrou na minha própria rua. Os portões eram como um colar de contas familiar, um seguido do outro.

— Ali — falei, e Suzanne reduziu a velocidade do carro.

As janelas da casa dos Dutton estavam com as cortinas fechadas, e um

caminho pavimentado de pedras descrevia uma linha até a porta da frente. Nenhum carro na garagem coberta, só o reflexo molhado de óleo no asfalto. A bicicleta de Teddy não estava no quintal — ele também estava fora. A casa parecia vazia.

* * *

Suzanne estacionou um pouco mais à frente na rua, deixando o carro quase fora de vista, enquanto Donna caminhava rapidamente para o lado da casa. Eu segui Suzanne, mas ficando um pouco para trás e arrastando as sandálias na terra.

Ela se virou para mim.

— Você vem ou não?

Eu ri, mas tenho certeza de que ela percebeu o esforço que isso exigiu.

— Eu só não entendo o que estamos fazendo.

Ela inclinou a cabeça de lado e sorriu.

— Você realmente se importa?

Eu estava com medo e não sabia dizer por quê. Zombei de mim mesma por deixar minha mente vagar com ímpeto até o pior dos cenários. O que quer que elas fossem fazer — roubar, provavelmente. Eu não sabia.

— Depressa — disse Suzanne. Estava ficando irritada, dava para ver, embora continuasse sorrindo. — Não podemos simplesmente ficar paradas aqui.

As sombras da tarde começavam a se alongar em meio às árvores. Donna ressurgiu no portão lateral de madeira.

— A porta dos fundos está aberta — disse ela.

Senti um frio na barriga: não havia meio de parar o que estava para acontecer. E então apareceu Tiki, correndo na nossa direção, soltando alarmados latidinhos agudos. Balançava o corpo inteiro, os ombros magros se contorcendo.

— Merda — murmurou Suzanne.

Donna também recuou.

O cachorro poderia ter sido desculpa suficiente, suponho, e devíamos ter corrido de volta para o carro e voltado para o rancho. Parte de mim queria isso. Mas outra parte queria realizar o impulso doentio em meu peito. Os membros da família Dutton me pareciam perpetradores, também, assim como Connie, May e os meus pais. Todos isolados por seu egoísmo, sua estupidez.

— Esperem — falei. — Ele me conhece.

Eu me agachei, estendendo a mão. Mantendo meus olhos no cachorro. Tiki se aproximou, farejando a minha palma.

— Muito bem, Tiki — falei, fazendo carinho nele, coçando seu pescoço, então os latidos pararam e entramos na casa.

* * *

Eu não conseguia acreditar que nada tinha acontecido. Que nenhum carro de polícia estivesse vindo com a sirene uivando atrás de nós. Mesmo depois de termos entrado tão facilmente nos domínios dos Dutton, transpondo as fronteiras invisíveis. E por que tínhamos feito isso? Invadido sem motivo o interior inviolado de uma casa? Só para provar que podíamos? A aparência calma no rosto de Suzanne enquanto ela tocava nas coisas dos Dutton estava me deixando confusa, uma ação estranha, mesmo que eu emanasse uma esquisita e incompreensível animação. Donna estava examinando algum tesouro da casa, um bibelô de cerâmica branca. Olhei mais de perto e vi que era uma bonequinha holandesa. Como eram estranhos, os detritos da vida das pessoas removidos de seus contextos. Fazia com que até coisas preciosas parecessem lixo.

A agitação que eu sentia me fez lembrar de uma tarde, quando eu era mais nova, meu pai e eu sobre as águas do lago Clear. Meu pai com os olhos semicerrados sob a luz forte do meio-dia, o branco das suas coxas em seu short de banho. Ele apontando para uma sanguessuga na água, agitada e inchada de sangue. Ele ficou contente, cutucando a sanguessuga com um pedaço de pau para fazê-la se mexer, mas eu fiquei assustada. Aquela sanguessuga negra causou algum incômodo em minhas entranhas, algo que eu senti novamente, ali, na casa dos Dutton, o olhar de Suzanne se encontrando com o meu do outro da sala de estar.

— Está gostando? — perguntou ela. Sorrindo um pouco. — Bem louco, não é?

Donna apareceu na porta da cozinha. Seus antebraços reluziam, cobertos de um líquido grudento, e ela segurava um triângulo de melancia, o rosa esponjoso de um órgão.

— Meus cumprimentos — disse ela, mastigando aquele fruto molhado.

Havia uma percolação quase selvagem que Donna emanava como um mau cheiro, o vestido com a bainha esfarrapada de tão pisada: como ela parecia deslocada ao lado da mesa de centro encerada, das cortinas bem-arrumadas. Gotas do suco da melancia caíram no chão.

— Tem mais na pia — disse ela. — É bem boa.

Donna tirou uma semente preta da boca, segurando-a delicadamente entre o indicador e o polegar, e então jogou o caroço no canto da sala.

* * *

Só ficamos lá cerca de meia hora, embora tenha me parecido muito mais. Ligando e desligando a TV. Folheando a correspondência na mesinha lateral. Segui Suzanne escada acima, perguntando-me onde estava Teddy naquele momento, onde estavam seus pais. Teddy ainda estaria esperando

que eu lhe trouxesse drogas? Tiki perambulava pelo corredor. Percebi, com um baque, que eu conhecia a família Dutton minha vida inteira. Debaixo das fotos penduradas na parede, eu podia distinguir a linha do papel de parede começando a descascar, as florezinhas cor-de-rosa. A marca de dedos.

Eu viria a pensar com frequência naquela casa. Como procurei me convencer de que era uma coisa inocente: diversão inofensiva. Eu estava sendo imprudente, querendo reconquistar a atenção de Suzanne, sentir que estávamos novamente juntas contra o mundo. Estávamos abrindo uma minúscula fenda na vida da família Dutton, só para que vissem a si próprios de um modo diferente, mesmo que apenas por um instante. Para que percebessem uma ligeira perturbação, tentassem lembrar quando tinham mudado os sapatos de lugar ou colocado o relógio na gaveta. Aquilo só poderia ser bom, eu disse a mim mesma, a perspectiva forçada. Estávamos fazendo um favor a eles.

* * *

Donna estava no quarto dos pais, com uma camisola comprida de seda por cima de seu vestido.

— Vou precisar do Rolls-Royce às sete — disse ela, fazendo esvoaçar o tecido ondulante, de cor champanhe.

Suzanne bufou. Eu podia ver um vidro adornado de perfume tombado na mesa de cabeceira e os tubos dourados dos batons, parecendo cartuchos de balas de pistola espalhados pelo carpete. Suzanne já estava revistando a cômoda, enfiando a mão dentro das meias-calças cor de pele, criando protuberâncias obscenas. Os sutiãs eram pesados e de aparência medicinal, rígidos em suas armações. Peguei um dos batons e tirei a tampa, sentindo o aroma de talco daquele vermelho-alaranjado.

— Ah, isso mesmo — disse Donna, ao me ver. Ela pegou um batom também e fez um biquinho caricato, fingindo aplicá-lo. — A gente devia deixar um recadinho — continuou ela, olhando em volta.

— Nas paredes — sugeriu Suzanne.

A ideia a deixava animada, dava para ver.

Eu quis protestar: deixar uma marca parecia quase violento. A Sra. Dutton teria que esfregar a parede para limpar aquilo, embora fosse provável que uma marca fantasma ficasse para sempre, o resultado de tanto esfregar. Mas fiquei calada.

— Um desenho? — perguntou Donna.

— Faz um coração — sugeriu Suzanne, chegando mais perto. — Eu faço.

Nesse momento eu tive uma visão surpreendente de Suzanne. O desespero que transpareceu, a súbita sensação de um grande espaço escuro pulsando dentro dela. Não imaginei do que aquele espaço escuro seria

capaz; só senti meu desejo de estar perto dele aumentar.

Suzanne pegou o batom da mão de Donna, mas ainda não tinha encostado a ponta na parede cor de marfim quando escutamos um barulho na entrada da casa.

— Merda — disse Suzanne.

As sobrancelhas de Donna estavam erguidas em ligeira curiosidade: o que aconteceria em seguida?

A porta da frente se abriu. Senti um gosto ruim na boca, o anúncio rançoso do medo. Suzanne também parecia assustada, mas seu medo era distante e bem-humorado, como se estivéssemos brincando de pique-esconde e apenas aguardando até que os outros nos encontrassem. Eu soube que era a Sra. Dutton quando ouvi o som dos saltos altos.

— Teddy? — chamou ela. — Você está em casa?

Elas tinham parado o carro do rancho mais adiante na rua, mas ainda assim tenho certeza de que a Sra. Dutton reparou no veículo desconhecido. Talvez tenha achado que fosse um amigo de Teddy, um antigo colega da vizinhança. Donna estava dando risadinhas, a mão pressionando a boca. Olhos arregalados de júbilo. Suzanne fez uma expressão exagerada pedindo silêncio. Minha pulsação soava alta nos meus ouvidos. Escutei os passos de Tiki atravessando os cômodos no andar de baixo, a Sra. Dutton falando meigamente com ele, a respiração ofegante do cachorro em resposta.

— Olá? — disse ela.

O silêncio que se seguiu pareceu obviamente perturbador. Ela viria para o andar de cima em breve, e então o que aconteceria?

— Vamos — sussurrou Suzanne. — Vamos sair pelos fundos.

Donna estava rindo em silêncio.

— Merda — disse ela. — Merda.

Suzanne largou o batom na cômoda, mas Donna continuou usando a camisola, ajeitando as alças.

— Você vai primeiro — disse ela a Suzanne.

* * *

Não havia saída a não ser passando pela Sra. Dutton na cozinha.

Ela provavelmente estava se perguntando sobre a lambança rosada de melancia na pia, as manchas pegajosas no piso. Talvez começando a perceber o distúrbio no ar, a sensação de estranhos na casa. A mão nervosa coçando o pescoço, um súbito desejo de ter o marido a seu lado.

Suzanne saiu correndo escada abaixo, comigo e com Donna logo atrás. O barulho de nossos passos enquanto passamos correndo pela Sra. Dutton, atravessando a cozinha em disparada. Donna e Suzanne estavam rindo de se acabar; a Sra. Dutton gritando de medo. Tiki correu latindo atrás de nós, rápido e agitado, as unhas tamborilando no chão. A Sra. Dutton recuou,

claramente assustada.

— Ei, parem! — exclamou ela. — Mas sua voz oscilou.

A Sra. Dutton esbarrou num banquinho e perdeu o equilíbrio, caindo sentada com força no piso de azulejos da cozinha. Eu olhei para trás enquanto corria — lá estava ela caída no chão. O reconhecimento endureceu seu rosto.

— Estou vendo você! — gritou ela do chão, lutando para se pôr de pé, sua respiração descontrolada. — Estou vendo você, Evie Boyd.

# PARTE TRÊS

Julian voltou de Humboldt trazendo um amigo que queria carona até Los Angeles. O nome dele era Zav. Parecia vagamente rastafári, pelo modo como pronunciava o nome, embora Zav fosse estranhamente branco, com uma massa lodosa de cabelo alaranjado preso por um elástico feminino. Era muito mais velho que Julian, talvez com uns trinta e cinco anos, mas se vestia como um adolescente: as mesmas bermudas cargo compridas demais, a camiseta extremamente gasta. Andava pela casa de Dan com um olhar semicerrado, avaliando, pegando um boi esculpido em osso ou marfim e então pondo de volta no lugar. Contemplou uma foto de Julian no colo da mãe, na praia, depois recolocou o porta-retratos na prateleira, dando risadinhas para si mesmo.

— Tudo bem ele passar esta noite aqui, não é? — perguntou Julian, como se eu estivesse tomando conta deles.

— A casa é sua.

Zav veio apertar a minha mão.

— Obrigado — disse, balançando nossas mãos com vigor —, isso é muito gentil da sua parte.

* * *

Sasha e Zav pareciam se conhecer, e logo os três estavam conversando sobre um bar mal iluminado perto de Humboldt cujo dono era um plantador grisalho. Julian estava com o braço em torno de Sasha, o ar adulto de um homem que voltara das minas. Era difícil imaginá-lo fazendo mal a um cachorro, ou fazendo mal a qualquer pessoa. Sasha estava obviamente contente por estar perto dele. Ela tivera um comportamento de menininha o dia todo, mantendo-se reservada, nenhum sinal de nossa conversa na noite anterior. Zav disse alguma coisa que a fez rir, uma risada bonita e contida. Cobrindo parcialmente a boca, como se não quisesse expor os dentes.

Eu tinha planejado andar até a cidade para jantar, deixá-los em paz, mas Julian me viu indo em direção à porta.

— Ei, ei, ei — disse ele.

Todos se viraram para me olhar.

— Eu vou um pouquinho até a cidade — falei.

— Você devia comer com a gente — disse Julian.

Sasha assentiu, grudando o corpo no dele. Dedicando-me a meia atenção desleixada de alguém vagando na órbita da pessoa que ama.

— A gente tem um monte de comida — acrescentou ela.

Eu dei as costumeiras desculpas sorridentes, mas por fim tirei o casaco. Já me acostumando com a atenção.

* * *

Tinham parado para fazer compras no caminho de volta de Humboldt: uma pizza congelada gigante e um pouco de hambúrguer barato numa bandeja de isopor.

— Um banquete — disse Zav. — Tem proteína, cálcio. — Ele tirou um frasco de comprimidos do bolso. — Tem legumes.

Começou a enrolar um baseado na mesa, um processo que envolveu múltiplas folhas de seda e bastante meticulosidade na construção. Zav se afastou para contemplar seu trabalho a distância, depois acrescentou mais uma pitada do frasco, a sala ficando marinada com o fedor de maconha úmida.

Julian estava fazendo a carne no fogão, o bife perdendo seu brilho. Ele cutucava os hambúrgueres crus com uma faca de manteiga, empurrando e farejando. Culinária de dormitório de faculdade. Sasha deslizou a pizza para dentro do forno, amassando o embrulho plástico em uma bola. Colocando toalhas de papel diante de cada cadeira, uma memória suburbana de tarefas domésticas, de pôr a mesa para o jantar. Zav tomava uma cerveja e acompanhava o trabalho de Sasha com um divertimento desdenhoso. Ainda não tinha acendido o baseado, embora o girasse entre os dedos com óbvio prazer.

Fiquei escutando enquanto ele e Julian conversavam sobre drogas com a intensidade de profissionais, trocando estatísticas como dois corretores de ações. Maconha de estufa *versus* maconha cultivada ao sol. Comparando os níveis de THC de cada variedade. Aquilo não era nada parecido com as drogas que eu usava para me divertir na minha juventude, maconha plantada do lado de pés de tomate, distribuída em frascos de conserva. Você podia pegar sementes de um broto e plantá-las você mesma, se quisesse. Trocar uma trouxinha de maconha por gasolina suficiente para chegar até a cidade. Era estranho ouvir drogas sendo reduzidas a uma questão de números, uma *commodity* de valor conhecido em vez de um portal místico. Mas talvez a maneira como Zav e Julian enxergavam as coisas fosse melhor, cortando fora todo o idealismo tolo.

— Puta que pariu — disse Julian. A cozinha cheirava a cinzas e amido queimado. — Merda, merda, merda.

Ele abriu o forno e tirou a pizza com as mãos nuas, praguejando enquanto a jogava no balcão. Estava preta e fumegante.

— Caramba — disse Zav —, e essa era das boas. Das mais caras.

Sasha ficou desesperada. Foi correndo consultar o verso da caixa da pizza.

— Pré-aquecer o forno a 230 graus — leu ela. — Eu fiz isso. Não estou entendendo.

— Que horas você pôs a pizza no forno? — perguntou Zav.

Os olhos de Sasha seguiram para o relógio na parede.

— Esse relógio está parado, idiota — disse Julian. Ele agarrou a caixa e a enfiou no lixo. Sasha parecia prestes a cair no choro. — Enfim — disse ele, enojado, pegando um pedaço da crosta queimada do queijo, e depois esfregando os dedos para limpá-los.

Pensei no cachorro do professor. Aquele pobre animal, mancando em círculos. Com o sistema circulatório cheio de veneno. Todas as outras coisas que Sasha provavelmente não me contara.

— Posso preparar outra coisa — falei. — Tem macarrão no armário.

Tentei atrair o olhar de Sasha. Querendo estabelecer entre mim e ela um misto de advertência e compaixão. Mas Sasha estava fora de alcance, ferida pelo seu fracasso. A cozinha ficou em silêncio. Zav rolando o baseado entre os dedos, esperando para ver o que aconteceria.

— Bem, tem bastante carne — disse Julian, finalmente, a raiva desaparecendo de vista. — Não é nada de mais.

Ele esfregou as costas de Sasha sem nenhuma delicadeza, achei, embora aparentemente o movimento tivesse o objetivo de reconfortá-la, trazendo-a de volta ao mundo. Quando ele a beijou, ela fechou os olhos.

* * *

Tomamos uma das garrafas de vinho de Dan no jantar, o sedimento se acumulando nos espaços entre os dentes de Julian. Depois disso, cerveja. O álcool contrabalançou a gordura no nosso hálito. Eu não sabia que horas eram. As janelas estavam negras, o vento estreitando-se por entre as frestas. Sasha juntava os fragmentos molhados do rótulo do vinho em uma pilha meticulosa. Eu podia sentir os rápidos olhares dela para mim de tempos em tempos, enquanto a mão de Julian acariciava sua nuca. Ele e Zav mantiveram uma conversa constante por todo o jantar, Sasha e eu recaindo num silêncio familiar desde a adolescência: o esforço para se inserir na aliança entre Zav e Julian não valia a pena. Era mais simples ficar só observando os dois, ou observar Sasha, que agia como se o fato de simplesmente ficar sentada ali fosse suficiente.

— Porque você é um cara legal — repetia Zav. — Você é um cara legal, Julian, e é por isso que eu não faço você me pagar adiantado. Você sabe que eu tenho que cobrar adiantado do McGinley, do Sam, de todos esses retardados.

Estavam bêbados, os três, e talvez eu também estivesse, o teto da cozinha cinzento de fumaça expelida. Tínhamos fumado um baseado grosso, uma inclinação sexual tomando conta de Zav. Os olhos semicerrados de plena satisfação. Sasha retraíra-se ainda mais para dentro de si, embora tivesse aberto o zíper de seu casaco, o peito sem sinais de sol e riscado por desvanecidas veias azuis. A maquiagem dos seus olhos estava mais carregada que antes: eu não sabia quando ela a havia retocado.

Levantei-me quando acabamos de comer.

— Tenho umas coisas para fazer — falei.

Esboçaram algum esforço para me fazer ficar, mas eu recusei. Fechei a porta do quarto, embora fragmentos da conversa deles ainda chegassem a mim.

— Eu respeito você — dizia Julian a Zav —, sempre respeitei, cara, desde que a Scarlet me disse: "Você tem que conhecer esse cara."

Demonstrava uma admiração extravagante, a tendência da pessoa chapada de sempre tirar conclusões otimistas.

Zav respondeu, retomando o bate-bola de praxe. Eu podia ouvir o silêncio de Sasha.

* * *

Quando passei pela sala depois, nada tinha realmente mudado. Sasha ainda escutava a conversa dos dois como se em algum momento fosse fazer um teste a respeito. O barato de Julian e Zav tinha chegado a um estado extenuado, suas testas molhadas de suor.

— Estamos falando alto demais? — perguntou Julian.

Aquelas boas maneiras estranhas, a facilidade com que ele subitamente as demonstrava.

— De jeito nenhum — respondi. — Só vim pegar um pouco d'água.

— Sente aqui com a gente — disse Zav, me analisando. — Vamos conversar um pouco.

— Não, tudo bem.

— Vamos, Evie — disse Julian.

A estranha intimidade do meu nome saindo da boca dele me surpreendeu.

A mesa estava estampada com os círculos úmidos das garrafas, os vestígios do jantar. Comecei a recolher os pratos.

— Você não precisa fazer isso — disse Julian, afastando-se um pouco para que eu pudesse pegar seu prato.

— Você cozinhou — falei.

Sasha deu um pio de agradecimento quando acrescentei o prato dela à pilha. O telefone de Zav acendeu, vibrando na mesa. Alguém estava ligando: a foto desfocada de uma mulher de roupa íntima apareceu na tela.

— É a Lexi? — perguntou Julian.

Zav confirmou com a cabeça, ignorando a ligação.

Julian e Zav trocaram um olhar: eu não quis percebê-lo. Zav arrotou. Os dois riram. Eu podia sentir o cheiro da memória de carne mastigada.

— Benny anda trabalhando com alguma merda de computador — disse Zav. — Ficou sabendo?

Julian deu um tapa na mesa.

— Porra, não pode ser.

Levei os pratos até a pia, juntando as bolinhas de toalhas de papel do balcão. Varrendo as migalhas para a palma da minha mão.

— Ele está gordo para caralho — disse Zav —, é hilário.

— Benny é aquele cara da sua escola? — perguntou Sasha.

Julian fez que sim com a cabeça. Enchi a pia de água. Observando Julian deslocar o corpo para se postar de frente para Sasha, encostando os joelhos nos dela. Ele a beijou na têmpora.

— Vocês dois são umas figuras — disse Zav.

O tom dele tinha um traço provocativo. Mergulhei os pratos na água. Uma película de gordura se formou na superfície.

— Eu simplesmente não entendo por que você fica com o Julian — continuou Zav, dirigindo-se a Sasha. — Você é gostosa demais para ele.

Sasha deu uma risadinha, embora eu tenha olhado por cima do ombro e a visto se esforçar para calcular uma resposta.

— Quer dizer, ela é uma beldade — disse Zav a Julian —, não estou certo?

Julian sorriu de um modo que me pareceu um sorriso de filho único, uma pessoa que acreditava que sempre conseguiria o que quisesse. Provavelmente sempre conseguira. Os três estavam iluminados como se numa cena de um filme que eu era velha demais para assistir.

— Mas Sasha e eu nos conhecemos, não é? — Zav sorriu para ela. — Eu gosto da Sasha.

Ela manteve um sorriso neutro no rosto, os dedos arrumando a pilha de rótulos rasgados.

— Sasha não gosta dos peitos dela — disse Julian, massageando a nuca da namorada —, mas eu vivo dizendo a ela que são bonitos.

— Sasha! — Zav simulou indignação. — Você tem peitos lindos.

Enrubesci, apressando-me a terminar de lavar a louça.

— Sim — disse Julian, ainda com a mão no pescoço de Sasha. — Zav diria a você se não tivesse.

— Eu sempre digo a verdade — disse Zav.

— É mesmo — confirmou Julian. — É verdade.

— Mostre para mim — disse Zav.

— São pequenos demais — respondeu Sasha.

A boca dela estava apertada como se zombasse de si mesma, e se remexeu na cadeira.

— Nunca vão ficar caídos, então isso é bom — disse Julian, fazendo cócegas no ombro dela. — Deixa o Zav ver.

O rosto de Sasha ficou vermelho.

— Mostra, amor — insistiu Julian, uma aspereza em sua voz me fazendo olhar na direção deles.

Meu olhar cruzou com o de Sasha; me convenci de que a expressão em

seu rosto era de súplica.

— Vamos, rapazes, parem com isso — falei.

Os dois se viraram para mim com uma expressão bem-humorada de surpresa. Embora eu acredite que estivessem de olho em meus movimentos desde o começo da conversa, que minha presença fazia parte do jogo.

— Que foi? — disse Julian, seu rosto subitamente inocente.

— Sosseguem — falei para ele.

— Ah, está tudo bem — disse Sasha. Rindo um pouco, seus olhos fixos em Julian.

— O que exatamente a gente está fazendo? — perguntou Julian. — Por que exatamente a gente precisa "sossegar"?

Ele e Zav riram — como os antigos sentimentos voltaram depressa, a humilhante inquietação interior. Cruzei os braços, olhando para Sasha.

— Vocês estão incomodando ela.

— Sasha está ótima — respondeu Julian. Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela; ela sorriu fracamente e com esforço. — E, além disso — continuou ele —, você devia mesmo estar nos dando lição de moral?

Senti um aperto no coração.

— Você não, tipo, matou alguém? — disse Julian.

Zav sugou os dentes, e então soltou um riso nervoso.

Minha voz soou estrangulada.

— Claro que não.

— Mas você sabia o que eles iam fazer — disse Julian. Sorrindo com a agitação da captura. — Você estava lá com o Russell Hadrick e aquela merda toda.

— Hadrick? — perguntou Zav. — Vocês estão de sacanagem?

Tentei conter o tom histérico tomando conta da minha voz.

— Eu não estava exatamente com eles.

Julian deu de ombros.

— Não foi o que pareceu.

— Vocês não acreditam nisso de verdade — falei.

Mas não havia nenhuma abertura na expressão de qualquer um deles.

— Sasha disse que você falou isso para ela — continuou Julian. — Que você poderia ter participado também.

Inspirei com força. Aquela traição patética: Sasha contara a Julian tudo o que eu dissera.

— Então, mostra para a gente — disse Zav, virando-se de volta para Sasha. Eu já voltara a ser invisível. — Mostra para a gente os famosos peitos.

— Você não precisa mostrar — falei para ela.

Sasha olhou por um instante em minha direção.

— Não é nada de mais — disse ela, o tom de voz gotejando frieza e óbvio desdém.

Afastou o decote do peito e olhou pensativa para dentro da camisa.

— Viu só? — disse Julian, sorrindo enfaticamente para mim. — Escute a Sasha.

* * *

Eu fora a um dos recitais de Julian quando Dan e eu ainda éramos próximos. Julian devia ter uns nove anos. Ele era bom no violoncelo, eu lembrava, seus bracinhos executando o pesaroso trabalho de adulto. As narinas com uma camada de muco, o instrumento cuidadosamente equilibrado. Não me parecia possível que o menino que produzira aqueles belos sons nostálgicos fosse o mesmo quase homem que observava Sasha agora, um verniz de frieza em seus olhos.

Ela abaixou a blusa, o rosto corado mas sobretudo em devaneio. O puxão impaciente e profissional que deu quando a gola prendeu no sutiã. Em seguida, os dois seios pálidos ficaram expostos, a pele marcada pelos contornos do sutiã. Zav exclamou em aprovação. Estendendo a mão para tocar um mamilo rosado com o polegar, enquanto Julian assistia.

Qualquer utilidade que eu pudesse ter ali já se fora havia muito.

1969

# 11

Fui flagrada; é claro que fui.

A Sra. Dutton no chão de sua cozinha, anunciando o meu nome como uma resposta certa. E eu hesitei só por um instante — uma reação perplexa e apática ao meu próprio nome, saber que eu deveria ajudá-la, caída no chão —, mas Suzanne e Donna já estavam longe, e quando essa percepção me atingiu as duas já tinham quase desaparecido. Suzanne se virou para trás a tempo de ver a Sra. Dutton fechar uma mão trêmula, agarrando meu braço.

* * *

As declarações sofridas e incrédulas da minha mãe: eu era um fracasso. Um caso patológico. Ela ostentava o ar de crise como se fosse um lisonjeiro casaco novo, o extravasar de sua raiva uma performance para um júri invisível. Ela queria saber quem invadira a casa dos Dutton comigo.

— Judy viu duas garotas com você — disse ela. — Talvez três. Quem eram?

— Ninguém.

Eu administrava a rigidez do meu silêncio como um pretendente a um matrimônio, cheio de sentimentos honrados. Antes que ela e Donna desaparecessem, ainda tentei transmitir com o olhar uma mensagem a Suzanne: eu assumiria a responsabilidade. Ela não precisava se preocupar. Eu entendia por que elas haviam me deixado para trás.

— Era só eu — insisti.

A raiva estava fazendo minha mãe confundir as palavras.

— Você não pode ficar nesta casa e cuspir mentiras.

Eu podia ver como ela estava abalada com essa nova e confusa situação. Sua filha nunca fora um problema antes, sempre andara na linha sem resistir, tão meticulosa e contida quanto aqueles peixes que limpam os próprios aquários. E por que ela deveria esperar outra coisa ou sequer se preparar para a possibilidade?

— Você passou o verão inteiro me dizendo que estava indo para a casa da Connie — disse minha mãe, quase gritando. — Disse isso tantas vezes. Na minha cara. E adivinha só? Eu liguei para o Arthur. Ele disse que faz meses que você não aparece lá. Quase dois meses.

Nesse momento minha mãe parecia um animal, seu rosto estranho pela

fúria, uma torrente arquejante de lágrimas.

— Você é uma mentirosa. Você mentiu antes. E está mentindo sobre isso, também.

Os punhos dela estavam cerrados com força. Ela constantemente os erguia e então os deixava cair para os lados.

— Eu estava com uns amigos — respondi com raiva. — Tenho outros amigos além da Connie.

— Outros amigos. Sei. Você estava era trepando com algum namorado ou Deus sabe o quê. Sua mentirosa asquerosa. — Mal estava olhando para mim, suas palavras tão compulsivas e febris quanto as obscenidades murmuradas por um tarado. — Talvez eu deva levar você para o centro de detenção juvenil. É isso que você quer? Está claro para mim que eu simplesmente não consigo mais controlá-la. Vou deixar eles ficarem com você. Ver se conseguem dar um jeito em você.

Afastei-me de supetão, mas mesmo no corredor, mesmo com a porta do meu quarto fechada, eu ainda podia ouvir a amarga cantilena de minha mãe.

* * *

Frank foi convocado como reforço: assisti da minha cama enquanto ele soltava a porta do meu quarto das dobradiças. Trabalhou com cuidado e em silêncio, embora tenha levado algum tempo. Tirou a porta devagar, como se fosse de vidro e não de madeira quase oca e barata. Então a encostou na parede delicadamente. Depois ficou parado por um momento no batente vazio. Chacoalhando os parafusos na mão, como se fossem dados.

— Desculpe por isso — disse ele, como se fosse apenas um trabalhador contratado, o homem da manutenção cumprindo os desejos de minha mãe.

Eu não quis perceber a genuína gentileza nos olhos dele, quão rápido aquilo fez minha construção odiosa de Frank se esvair de qualquer calor verdadeiro. Consegui pela primeira vez imaginá-lo no México, ligeiramente queimado de sol, deixando os pelos de seu braço ficarem platinados. Tomando um refrigerante de limão enquanto supervisionava sua mina de ouro — imaginei uma caverna com o interior revestido de pedras douradas.

Fiquei na expectativa de que Frank contasse à minha mãe sobre o dinheiro roubado. Acrescentando mais problemas à lista. Mas ele não contou. Talvez tivesse visto que ela já estava irritada o suficiente. Frank manteve uma vigília silenciosa à mesa ao longo dos muitos telefonemas entre minha mãe e meu pai, enquanto eu entreouvia do corredor. As queixas estridentes dela, todas as perguntas esmagadas pelo tom agudo de pânico. Que tipo de pessoa invade a casa de um vizinho? Uma família que eu conhecera ao longo da vida inteira?

— Sem motivo — acrescentou ela, com a voz esganiçada. Houve uma

pausa. — Você acha que eu não perguntei a ela? Você acha que eu não tentei?

Silêncio.

— Ah, claro, sim, aposto que sim. Você quer tentar?

E então fui mandada para Palo Alto.

* * *

Passei duas semanas no apartamento do meu pai. Com uma lanchonete Denny's do outro lado da rua, os lares do Portofino Apartments tão quadrados e vazios quanto a casa da minha mãe era espalhada e densa. Tamar e meu pai tinham se mudado para o maior dos apartamentos, e em toda parte era possível ver as naturezas-mortas da vida adulta que ela tinha tão obviamente organizado: uma tigela com frutas de cera no balcão, o carrinho de bar com suas garrafas de bebida ainda por abrir. O carpete marcado pelos rastros discretos do aspirador.

Suzanne me esqueceria, pensei, o rancho seguiria em frente sem mim e eu ficaria sem nada. Meu senso de perseguição se empanturrava e engordava com essas preocupações. Suzanne era como a namorada que um soldado deixa na cidade natal, a distância tornando-a simples e perfeita. Mas talvez uma parte de mim estivesse aliviada. De passar um tempo longe. A casa dos Dutton tinha me abalado, a expressão vazia que eu vira no rosto de Suzanne. Eram pequenas pontadas, pequenas agitações e desconfortos internos, mas ainda assim estavam ali.

O que eu esperava quando fui viver com meu pai e Tamar? Que meu pai fosse tentar investigar os motivos daquele meu comportamento? Que me castigasse, que agisse como um pai? Ele parecia sentir que me castigar era um direito a que ele renunciara, e me tratou com a educação cortês que normalmente se dedica a um pai ou mãe mais velhos.

Ficou espantado quando me viu — fazia mais de dois meses desde nosso último encontro. Ele pareceu se lembrar de que deveria me dar um abraço e deu um passo largo na minha direção. Percebi que seu cabelo estava mais cheio em volta das orelhas, e eu nunca tinha visto aquela sua camisa de caubói antes. Eu sabia que minha aparência estava diferente também. Meu cabelo estava mais longo e rebelde nas pontas, como o de Suzanne. O vestido que eu tinha pegado no rancho estava tão gasto que dava para passar meu polegar através do tecido da manga. Meu pai fez menção de me ajudar com a mala, mas antes que ele conseguisse eu já tinha erguido a bagagem para o banco de trás.

— Mas obrigada — falei, tentando sorrir.

As mãos dele se abriram rapidamente num gesto de "tudo bem", e quando ele sorriu de volta para mim foi com um ar de quem pede desculpas, como um estrangeiro que precisa que lhe repitam as direções. Meu cérebro,

para ele, era um misterioso truque de mágica a que ele só podia assistir maravilhado. Nunca se dando o trabalho de deduzir onde ficava o compartimento secreto. Enquanto nos acomodávamos nos assentos, senti que ele estava juntando forças para seguir o roteiro paterno.

— Não preciso trancar você no seu quarto, não é? — perguntou, com um riso travado. — Nada de invadir a casa de alguém, certo?

Quando assenti, ele relaxou visivelmente. Como se tivesse tirado algum obstáculo do caminho.

— É uma boa hora para você nos visitar — continuou, como se tudo aquilo fosse um planejamento voluntário. — Agora a casa já está arrumada. Tamar é bem meticulosa com os móveis e tudo o mais. — Ligou a ignição, já deixando para trás qualquer menção a meus problemas. — Ela foi longe, até o mercado das pulgas de Half Moon Bay, para comprar um carrinho de bar.

Houve um breve momento em que senti vontade de estender a mão para ele, de desenhar uma linha que me ligasse ao homem que era meu pai, mas o momento passou.

— Pode escolher a estação de rádio — ofereceu ele, parecendo tão tímido comigo quanto um rapaz me convidando para dançar.

* * *

Nos primeiros dias, nós três havíamos ficado nervosos. Eu acordava cedo para arrumar minha cama no quarto de hóspedes, tentando recolocar as almofadas decorativas na posição original. Minha vida se limitava à minha bolsinha e à minha sacola de roupas, uma existência que eu tentava manter tão ordenada e invisível quanto podia. Como se estivesse acampando, pensei, como uma pequena aventura de autossuficiência. Na primeira noite, meu pai trouxe para casa um pote de sorvete com faixas de chocolate. Cavou generosas porções. Tamar e eu só comemos um pouco, mas ele fez questão de tomar mais uma tigela. Olhando constantemente para nós, como se pudéssemos confirmar seu próprio prazer. Suas mulheres e seu sorvete.

Tamar foi a surpresa. Tamar e seu short de malha e a camiseta de uma faculdade da qual eu nunca ouvira falar. Depilando as pernas no banheiro com um complicado aparelho que enchia o apartamento com uma umidade de cânfora. Seus unguentos e óleos para o cabelo, as unhas cujas superfícies lunares ela estudava procurando sinais de deficiências nutricionais.

A princípio, ela me pareceu contrariada com a minha presença. O abraço desajeitado que me ofereceu, como se estivesse aceitando com pesar a tarefa de ser minha nova mãe. Eu fiquei decepcionada também. Ela era só uma garota, não a mulher exótica que eu outrora havia imaginado — tudo o que antes eu pensara ser tão especial nela na verdade era só prova do que Russell chamaria de viagem careta. Tamar fazia o que era esperado dela. Trabalhava

para o meu pai, usava seu terninho. Louca para ser a esposa de alguém.

Mas então a formalidade dela rapidamente se dissolveu, a fachada de adulta que ela vestia tão temporariamente quanto uma fantasia. Ela me deixou mexer na bolsinha acolchoada em que guardava seus artigos de maquiagem, frascos bagunçados de perfume, enquanto olhava para mim com o orgulho de uma autêntica colecionadora. Ela insistiu em me dar uma das blusas dela, com mangas boca de sino e botões de pérola.

— Não é mais o meu estilo. — Deu de ombros, puxando um fio solto da blusa. — Mas vai ficar boa em você, tenho certeza. Tipo elisabetana.

E realmente ficou boa. Tamar sabia essas coisas. Sabia os valores calóricos da maioria dos alimentos, e os recitava em tom sarcástico, como se zombasse do próprio conhecimento. Preparava vindalho de legumes. Potes de lentilha coberta com um molho amarelo que emanava um brilho peculiar. O tubo de antiácido que meu pai engolia como se fossem balas. Tamar oferecia o rosto para o meu pai beijar, mas o enxotava quando ele tentava segurar sua mão.

— Você está todo suado — dizia.

Quando meu pai via que eu tinha notado, ria um pouco, mas parecia constrangido.

Ele achava graça da nossa conspiração. Mas às vezes acabávamos rindo dele. Uma vez Tamar e eu estávamos conversando sobre a banda Spanky and Our Gang, e ele se juntou à conversa. Achando que estávamos falando da série antiga The Little Rascals. Tamar e eu trocamos um olhar.

— É uma banda — disse ela. — Sabe, daquele rock and roll que os jovens gostam.

E a expressão confusa e órfã do meu pai nos fez rir de novo.

* * *

Eles tinham um toca-discos chique que Tamar com frequência dizia querer mudar para outro canto ou aposento da casa por diversos motivos acústicos ou estéticos. Constantemente mencionava planos de instalar pisos de carvalho, de aplicar frisos de gesso nas junções da parede com o teto e até de trocar os panos de prato da casa, embora só o planejamento já parecesse satisfazê-la. A música que ela botava era mais suave que a pauleira que tocava no rancho. Jane Birkin e seu marido com aparência de sapo, Serge.

— Ela é bonita — falei, examinando a capa do disco.

E era mesmo, bronzeada como uma noz e com o rosto delicado, aqueles dentes de coelho. Serge era nojento. As canções dele sobre a Bela Adormecida, uma garota que lhe parecia especialmente desejável porque os olhos dela estavam sempre fechados. Por que Jane amaria Serge? Tamar amava meu pai, as garotas amavam Russell. Esses homens que não pareciam em nada com os garotos de quem me disseram que eu deveria gostar.

Garotos com peitos sem pelos e de feições macias, com sardas nos ombros. Eu não queria pensar em Mitch porque isso me fazia pensar em Suzanne — aquela noite tinha acontecido em algum outro lugar, em uma casinha de bonecas em Tiburon com uma piscininha e um gramadinho verde. Uma casa de bonecas que eu podia olhar de cima, erguendo o telhado para ver seus cômodos segmentados como as câmaras do coração. A cama do tamanho de uma caixa de fósforos.

Tamar era diferente de Suzanne, mais fácil. Não era uma pessoa complicada. Não ficava observando tanto no que eu prestava atenção, não me dava deixas para apoiar suas declarações. Quando queria que eu saísse do caminho, ela dizia. Eu relaxei, uma sensação que não me era familiar. Ainda assim, sentia falta de Suzanne — Suzanne, de quem eu me lembrava como em sonhos de abrir uma porta em um cômodo esquecido. Tamar era doce e gentil, mas o mundo pelo qual ela se movimentava parecia um cenário de TV: limitado, direto e mundano, com as simbologias e estruturas da normalidade. Café da manhã, almoço e jantar. Não havia uma lacuna assustadora entre a vida que ela levava e o que pensava dessa mesma vida, um abismo escuro que eu frequentemente sentira em Suzanne, e talvez em mim mesma também. Nenhuma de nós duas era capaz de participar completamente dos nossos dias, embora mais tarde Suzanne viesse a participar de um jeito de que nunca poderia voltar atrás. Quero dizer que não acreditávamos plenamente que aquilo bastasse, o que nos era oferecido, e Tamar parecia aceitar o mundo alegremente, como o fim do caminho. Seus planos não eram para deixar as coisas diferentes — ela estava só rearrumando as mesmas quantidades conhecidas, calculando a nova ordem das coisas como se a vida fosse um imenso mapa de assentos numerados.

* * *

Tamar estava preparando o jantar enquanto esperávamos a chegada do meu pai. Ela parecia mais jovem do que de costume — o rosto lavado com uma loção de limpeza que, segundo me explicou, continha proteínas reais de leite, para evitar rugas. Os cabelos molhados e escurecendo os ombros da camiseta grande que usava, seu short de algodão com bordas de renda. Ela parecia pertencer a um dormitório de universidade, comendo pipoca e bebendo cerveja.

— Me passa uma tigela?

Passei o recipiente e Tamar separou uma porção de lentilhas.

— Sem tempero picante. — Revirou os olhos. — Para o estômago dos que têm coração sensível.

Tive uma lembrança amarga da minha mãe fazendo isso pelo meu pai: pequenos consolos, pequenos ajustes, fazendo o mundo espelhar as vontades dele. Comprando para ele dez pares de meias iguais para que nunca usasse

uma diferente em cada pé.

— É quase como se ele fosse uma criança às vezes, sabe? — disse Tamar, salpicando uma pitada de açafrão. — Certa vez passei um fim de semana fora e quando voltei não tinha nada para comer a não ser carne-seca e uma cebola. Ele acabaria morrendo se tivesse que cuidar de si mesmo. — Olhou para mim. — Mas eu provavelmente não devia contar essas coisas para você, não é?

Tamar não estava sendo cruel, mas aquilo me surpreendeu — a facilidade dela de desmantelar meu pai. Não me ocorrera antes, não de verdade, que ele pudesse ser motivo de piada; alguém que podia cometer erros ou se comportar como uma criança ou tropeçar desamparado pelo mundo, precisando de direção.

Nada de terrível aconteceu entre mim e meu pai. Não houve um momento singular do qual eu pudesse me lembrar, nenhuma briga aos gritos ou portas batidas. Foi só a sensação que eu tive, uma sensação que foi se infiltrando em tudo até se tornar óbvia, de que ele era apenas um homem normal. Como qualquer outro. De que ele se preocupava com o que as pessoas pensavam dele, seus olhos buscando o espelho ao lado da porta. A maneira como tentava aprender francês usando fitas cassete, e eu o ouvia repetir baixinho algumas palavras para si mesmo. A maneira como sua barriga, que estava maior do que eu lembrava, às vezes podia ser entrevista pela abertura de suas camisas. Expondo segmentos de pele rosada como a de um recém-nascido.

— E eu amo o seu pai — disse Tamar. Suas palavras eram cautelosas, como se sua voz estivesse sendo gravada. — Amo mesmo. Ele me convidou seis vezes para jantar até que eu aceitasse, mas sempre de um modo tão gentil. Como se ele soubesse que eu diria sim mesmo antes de eu saber.

Ela pareceu se dar conta — ambas estávamos pensando na mesma coisa. Meu pai estava morando na minha casa na época. Dormindo na cama com a minha mãe. Tamar se retraiu, obviamente esperando que eu dissesse isso, mas não consegui alimentar nenhuma raiva. Isso que era estranho — eu não odiava o meu pai. Ele desejara uma coisa. Assim como eu queria Suzanne. Ou assim como minha mãe queria Frank. Você queria coisas e não conseguia se conter, porque só havia a sua vida, só você mesmo com quem acordar, e como você poderia dizer a si próprio que o que queria era errado?

* * *

Tamar e eu estávamos deitadas no carpete com os joelhos dobrados, a cabeça virada na direção do toca-discos. Minha boca ainda sentia a acidez do suco de laranja que tínhamos caminhado quatro quarteirões para comprar, num quiosque. Os saltos de madeira das minhas sandálias batendo na calçada, Tamar tagarelando feliz na escuridão quente do verão.

Meu pai entrou em casa e sorriu, mas pude ver que a música o irritava, o ritmo deliberadamente irregular.

— Vocês podem diminuir o volume? — pediu ele.

— Ah, qual é? — respondeu Tamar. — Não está tão alta.

— É — ecoei, animada com a novidade de ter uma aliada.

— Viu? — continuou Tamar. — Escute sua filha.

Ela estendeu a mão às cegas para me dar um tapinha no ombro. Meu pai saiu da sala sem dizer nada, então voltou um minuto depois e ergueu a agulha do toca-discos, a sala ficando abruptamente silenciosa.

— Ei! — disse Tamar, sentando-se no chão, mas ele já estava indo embora, e ouvi o chuveiro ser aberto no banheiro. — Vá se foder — murmurou Tamar. Ela se levantou, a textura do tapete marcada na parte de trás das pernas. Lançou-me um olhar. — Desculpe — falou com ar distante.

Ouvi sua voz dizer algo bem baixo na cozinha. Estava ao telefone, e observei seus dedos se enroscando constantemente nos anéis do fio do aparelho. Tamar estava rindo, cobrindo a boca, mantendo o fone próximo aos lábios. Tive a desconfortável certeza de que estava rindo do meu pai.

Não sei quando foi que entendi que Tamar iria deixá-lo. Não naquele momento, mas pouco tempo depois. A mente dela já estava em outro lugar, escrevendo uma vida mais interessante para si mesma, uma em que meu pai e eu seríamos o cenário de uma anedota. Um desvio no curso de uma viagem maior e mais correta. A nova decoração de sua própria história. E quem meu pai teria então, para quem haveria de ganhar dinheiro, para quem traria sobremesa ao voltar para casa? Imaginei-o abrindo a porta do apartamento vazio depois de um longo dia no trabalho. A maneira como os cômodos estariam exatamente do mesmo jeito que ele teria deixado, imperturbados pelo viver de outra pessoa. E que haveria um momento, antes de acender a luz, em que ele talvez fosse imaginar uma vida diferente revelada no interior da escuridão, algo além das bordas solitárias do sofá, as almofadas ainda mantendo os contornos de seu próprio corpo sonolento.

* * *

Muitos jovens fugiam de casa: naquele tempo você podia fazer isso só por estar entediado. Nem precisava de uma tragédia. Decidir voltar para o rancho não foi difícil. Minha outra casa não era mais uma opção, com a absurda possibilidade de minha mãe me arrastar até a polícia. E o que havia na casa do meu pai? Tamar, a maneira como ela insistia em uma aliança juvenil. O pudim de chocolate depois do jantar, ainda frio da geladeira, assim como nossa cota diária de prazer.

Talvez, antes do rancho, aquela vida pudesse ter sido suficiente.

Mas o rancho era a prova de que você podia viver em uma condição mais rara. De que podia passar por cima dessas mesquinhas fragilidades humanas

e chegar a um amor maior. Eu acreditava, como fazem os adolescentes, na natureza absolutamente correta e superior do meu amor. Meus próprios sentimentos formando a definição. Amor daquele tipo era algo que meu pai e até Tamar jamais poderiam compreender, e estava claro que eu tinha que ir embora.

* * *

No tempo em que eu passara assistindo à TV o dia inteiro na escuridão abafada e superaquecida do apartamento de meu pai, o rancho fora azedando. Embora só depois eu viesse a perceber até que ponto. O problema era o contrato com a gravadora — não ia acontecer, e isso não era algo que Russell conseguia aceitar. As mãos de Mitch estavam atadas, ele disse a Russell; não tinha como obrigar a gravadora a mudar de ideia. Mitch era um músico de sucesso, um guitarrista talentoso, mas não tinha esse tipo de poder.

Isso era verdade — foi por esse motivo que minha noite com Mitch pareceu digna de pena, um girar de rodas sem chão. Mas Russell não acreditava em Mitch, ou àquela altura não fazia mais diferença. Mitch tinha se transformado no conveniente hospedeiro de uma doença universal. Os longos discursos raivosos de Russell, vociferando enquanto andava de um lado para outro, que iam aumentando de frequência e duração, pondo toda a culpa em Mitch, aquele Judas gordo. As armas de calibre .22 foram trocadas por pistolas Colt Buntline, Russell alimentando nos outros o frenesi da traição. Russell nem se dava mais o trabalho de esconder sua raiva. Guy estava trazendo anfetamina para o rancho; ele e Suzanne correndo para a casa do sistema da bomba de água e voltando com os olhos pretos como amoras. A prática de tiro ao alvo nos troncos das árvores. O rancho nunca pertencera ao restante do mundo à sua volta, mas estava ficando cada vez mais isolado. Sem jornais, sem televisão, sem rádio. Russell começou a recusar visitantes e a enviar Guy junto das garotas em todas as saídas para revirar caçambas de lixo. Uma concha se endurecendo ao redor daquele lugar.

Posso imaginar Suzanne acordando, naquelas manhãs, sem uma noção da passagem dos dias. A situação da comida ficando cada vez mais precária, tudo com leves sinais de deterioração. Eles não consumiam muita proteína, os cérebros funcionando à base de carboidratos simples e o ocasional sanduíche de manteiga de amendoim. A anfetamina que inibia os sentimentos de Suzanne — ela deve ter agido pela eletricidade filtrante de seu próprio entorpecimento, como se estivesse se locomovendo pelo fundo do oceano.

Todos, depois, achariam inacreditável que qualquer envolvido com o rancho pudesse ter continuado naquela situação. Uma situação tão

obviamente ruim. Mas Suzanne não tinha mais nada: ela entregara completamente sua vida a Russell, e àquela altura era como algo que ele podia segurar nas próprias mãos, girando-a de um lado para outro, calculando o peso. Suzanne e as outras garotas tinham perdido a capacidade de fazer certos julgamentos, a musculatura sem uso de seus egos ficando flácida e inútil. Já fazia tanto tempo desde que qualquer uma delas tinha vivido em um mundo onde o certo e o errado existiam em qualquer forma real. Quaisquer instintos que já houvessem possuído — a leve fisgada nas entranhas, uma pontada de preocupação — haviam se tornado inaudíveis. Se é que algum dia esses instintos tinham sido detectáveis.

Elas não tinham uma grande altura da qual cair — eu sabia que o simples fato de ser uma garota incapacitava sua habilidade de acreditar em si mesma. Sentimentos pareciam completamente indignos de confiança, como palavras sem nexo formadas num tabuleiro ouija. Minhas visitas ao médico da família, na infância, eram eventos estressantes por esse motivo. Ele me fazia perguntas gentis: como eu estava me sentindo? Como eu descreveria a dor? Era mais aguda ou mais espalhada? Eu apenas olhava para ele em desespero. Eu precisava *ser informada*, esse era o sentido de ir ao médico. Para ser examinada, passar por uma máquina que pudesse sondar minhas entranhas com precisão irradiada e me informar qual era a verdade.

É claro que as garotas não foram embora do rancho: existe muita coisa que pode ser suportada. Quando eu tinha nove anos, quebrei o pulso ao cair de um balanço. O estalo chocante, a dor que chegava a escurecer a visão. Mas, mesmo assim, mesmo com meu pulso inchando de sangue aprisionado, eu insistia em dizer que estava bem, que aquilo não era nada, e meus pais acreditaram em mim até o médico lhes mostrar a chapa de raio X, o osso completamente partido.

## 12

Assim que acabei de arrumar minha sacola de roupas, o quarto de hóspedes já dava a impressão de jamais ter sido ocupado — minha ausência rapidamente absorvida, o que talvez fosse o sentido de quartos como aquele. Imaginei que Tamar e meu pai já tivessem saído para o trabalho, mas, quando cheguei à sala, ele grunhiu do sofá.

— Tamar saiu para comprar suco de laranja ou uma besteira dessas — disse ele.

Ficamos sentados juntos no sofá assistindo televisão. Tamar demorou bastante para voltar. Meu pai não parava de esfregar o queixo recém-barbeado, o rosto parecendo malpassado. Os comerciais me constrangeram com seu sentimentalismo estridente, a forma como pareciam zombar do nosso silêncio desconfortável. Meu pai medindo nervosamente o silêncio. A forma como, um mês antes, eu teria ficado tensa de expectativa. Revirando a minha vida em busca de alguma experiência que pudesse mostrar a ele. Mas eu não conseguia mais me dar esse trabalho. Agora eu conhecia meu pai mais do que nunca, e ao mesmo tempo ele se tornara um estranho ainda maior — era apenas um homem, sensível à comida picante, fazendo adivinhações sobre mercados estrangeiros. Esforçando-se para aprender francês.

Ele se pôs de pé no momento em que ouviu a chave de Tamar virar na fechadura.

— Era para a gente ter saído meia hora atrás — disse ele.

Tamar olhou para mim de relance, trocou a bolsa de ombro.

— Desculpe. — E lançou a ele um sorriso apertado.

— Você sabia a hora que a gente tinha que ir — acusou ele.

— Eu pedi desculpas.

Ela pareceu, por um instante, genuinamente arrependida. Mas então seus olhos se desviaram irresistivelmente para a televisão, ainda ligada, e, embora tenha tentado voltar a demonstrar atenção, pude ver que meu pai tinha percebido.

— Você nem me trouxe suco de laranja — falou ele, a voz trêmula de mágoa.

* * *

Um jovem casal foi o primeiro a me dar carona. O cabelo da garota era cor de manteiga e ela vestia uma blusa amarrada na cintura, se virando para mim constantemente para sorrir e me oferecer pistaches que tirava de um saco. Beijava o rapaz de uma forma que eu podia ver sua língua agitada.

Eu nunca tinha viajado de carona antes, não de verdade. Eu ficava nervosa de ter que ser o que estranhos esperavam de uma garota com cabelo longo, seja lá o que fosse — eu não sabia que grau de indignação eu devia manifestar em relação à guerra, de que maneira falar sobre os estudantes que atiravam pedras na polícia ou sequestravam aviões de passageiros, exigindo ser levados para Cuba. Eu sempre estivera fora disso tudo, como se assistisse a um filme sobre o que deveria ter sido a minha própria vida. Mas era diferente agora que eu estava no caminho de volta para o rancho.

Eu ficava imaginando o momento em que Tamar e meu pai, chegando em casa de volta do escritório, perceberiam que eu tinha de fato ido embora. Eles entenderiam aos poucos, Tamar provavelmente chegando a essa conclusão mais rápido que meu pai. O apartamento vazio, sem nenhum sinal dos meus pertences. E talvez meu pai fosse ligar para a minha mãe, mas o que eles poderiam fazer? Que castigo poderiam me impor? Eles não sabiam para onde eu tinha ido. Eu me pusera fora do alcance deles. Até a preocupação deles era empolgante, a seu modo: chegaria um momento em que teriam que se perguntar por que eu tinha ido embora, algum vago sentimento de culpa vindo à tona, e então teriam que senti-lo em toda a sua força, mesmo que fosse apenas por um segundo.

O casal me deixou em Woodside. Fiquei esperando no estacionamento do Cal-Mart até conseguir carona com um homem que dirigia um Chevrolet que chacoalhava muito, a caminho de Berkeley para entregar uma peça de motocicleta. Toda vez que ele passava por algum buraco no asfalto, o porta-luvas preso por fita isolante batia e voltava. As árvores repletas de folhas passavam pela janela, sob a intensa luz do sol, a extensão violeta da baía mais além. Eu segurava minha bolsa no colo. O nome dele era Claude, e parecia encabulado pelo fato de seu nome não condizer em nada com sua aparência.

— Minha mãe gostava daquele ator francês — murmurou ele.

Claude fez questão de mexer na carteira e me mostrar fotos de sua filha. Era uma garota gordinha, com o dorso do nariz rosado. Seus cachos compridos fora de moda. Claude pareceu sentir minha pena, pegando subitamente a carteira de volta.

— Nenhuma de vocês, garotas, devia fazer isso — disse ele.

Balançou a cabeça, e vi como sua expressão mudou de leve, mostrando preocupação comigo, um reconhecimento, pensei, de como eu era corajosa. Embora eu já devesse saber que, quando homens dizem para você tomar cuidado, muitas vezes estão se baseando no filme sinistro que passa em seus próprios cérebros. Algum devaneio violento os impelindo a fazer exortações

culpadas para que você "volte para casa em segurança".

— Sabe, eu queria ter sido como você — disse Claude. — Livre e tranquilo. Apenas viajando por aí. Eu sempre tive um emprego.

Ele voltou o olhar para mim antes de tornar a focar na estrada. A primeira pontada de desconforto — eu ficara boa em decifrar certas expressões masculinas de desejo. Um pigarro, um quê de avaliação no olhar.

— Nenhum de vocês trabalha, né? — perguntou ele.

Ele estava fazendo uma provocação bem-humorada, provavelmente, mas eu não sabia dizer com certeza. Havia uma acidez em seu tom de voz, uma pontada de ressentimento genuíno. Talvez eu devesse ter sentido medo dele. Daquele homem mais velho que viu que eu estava sozinha, que sentia que eu devia algo a ele, o que era a pior coisa que um homem como aquele poderia sentir. Mas eu não estava com medo. Estava protegida, uma hilária e intocável animação tomando conta de mim. Eu estava voltando para o rancho. Eu veria Suzanne. Claude mal me parecia uma pessoa real: um palhaço de papel, inócuo e risível.

* * *

— Aqui está bom? — perguntou Claude.

Ele tinha parado perto do campus de Berkeley, a torre do relógio e as casas que se sucediam nas encostas como degraus, deixando mais densas as colinas além. Desligou a ignição. Senti o calor do lado de fora, o fluxo próximo do tráfego.

— Obrigada — falei, recolhendo minha bolsinha e a sacola de roupa.

— Calma aí — disse ele quando comecei a abrir a porta. — Só sente aqui comigo um pouco, está bem?

Suspirei, mas me recostei no banco. Eu podia ver as colinas secas acima de Berkeley e me lembrei, com um leve choque, do breve período de inverno em que as colinas ficavam verdes, gordas e úmidas. Eu nem conhecia Suzanne na época. Podia sentir Claude me olhando de esguelha.

— Escute. — Ele coçou o pescoço. — Se você precisa de algum dinheiro...

— Não preciso de dinheiro. — Eu não estava com medo, dando de ombros numa despedida rápida e abrindo a porta. — Obrigada de novo — falei. — Pela carona.

— Espere — disse ele, agarrando o meu pulso.

— Vai se foder — respondi, desvencilhando meu braço do punho dele, um ardor pouco familiar em minha voz.

Antes de bater a porta, vi o rosto fraco e balbuciante de Claude. Eu estava andando para longe, sem fôlego. Quase rindo. A calçada irradiando um calor constante, a pulsação da luz abrupta do sol. Aquela interação me deixou animada, como se de repente me tivesse sido permitido mais espaço no

mundo.

— Sua vaca — gritou Claude, mas não me virei para olhar.

* * *

A Telegraph Avenue estava lotada: pessoas vendendo mesas de incenso ou joias antigas, bolsinhas de couro penduradas na cerca de um beco. A cidade de Berkeley estava reformando todas as suas estradas naquele verão, então pilhas de entulho se aglomeravam nas calçadas, trincheiras rachando o asfalto como em um filme sobre catástrofe. Um grupo de pessoas usando túnicas até os pés me ofereceu panfletos. Rapazes sem camisa, seus braços marcados por leves hematomas, me olharam de cima a baixo. Garotas da minha idade carregavam bolsas feitas de tapete que ficavam batendo em seus joelhos enquanto andavam e usavam longos casacos de veludo no calor de agosto.

Mesmo depois do que acontecera com Claude, eu não estava com medo de pegar carona. Claude era só uma mosca inofensiva no canto de minha visão, pacificamente à deriva para o nada. Tom foi a sexta pessoa que eu abordei, dando tapinhas em seu ombro enquanto ele se curvava para entrar no carro. Pareceu lisonjeado pelo meu pedido de carona, como se fosse um pretexto que eu inventara para ficar perto dele. Apressou-se para espanar com a mão o assento do passageiro, fazendo chover migalhas silenciosas no carpete.

— Podia estar mais limpo — disse ele.

O tom era de desculpas, como se eu possivelmente fosse exigente.

* * *

Tom dirigia seu pequeno carro japonês exatamente na velocidade máxima permitida, olhando por cima do ombro antes de trocar de pista. A camisa xadrez estava ficando mais fina nos cotovelos, mas era limpa e estava para dentro da calça, com uma juventude em seus pulsos magros que me comoveu. Ele me levou o caminho inteiro até o rancho, embora ficasse a uma hora de Berkeley. Disse que estava indo visitar amigos do curso pré-universitário em Santa Rosa, mas mentia mal: pude ver seu pescoço ficar rosado. Era bem-educado, um aluno de Berkeley. Fazendo o curso para ingressar na faculdade de medicina, embora gostasse de sociologia também, e de história.

— Lyndon B. Johnson — disse. — Esse é que foi um bom presidente.

Tinha uma família grande, fiquei sabendo, e uma cachorra chamada Sister, e dever de casa demais: ele estava fazendo um curso de verão, tentando cumprir os pré-requisitos para a faculdade. Ele me perguntou o que eu estudava. O engano dele me animou — deve ter achado que eu

tinha pelo menos dezoito anos.

— Não estou na faculdade — respondi.

Eu ia explicar que ainda estava no ensino médio, mas Tom imediatamente ficou na defensiva.

— Pensei em fazer isso também — disse ele —, largar os estudos, mas antes vou terminar o curso de verão. Já paguei tudo. Quer dizer, queria não ter pagado, mas...

E não terminou a frase, olhando para mim até eu entender que queria o meu perdão.

— Que pena — respondi, o que lhe pareceu suficiente.

Ele pigarreou.

— Então, você tem um emprego ou algo assim? Já que não está na universidade? — perguntou. — Putz, talvez isso seja uma pergunta rude. Não precisa responder.

Dei de ombros, demonstrando tranquilidade. Embora talvez estivesse de fato me sentindo tranquila a bordo daquele carro, como se minha presença no mundo pudesse não deixar marcas. Aquelas formas simples de suprir minhas necessidades. Conversando com desconhecidos, lidando com situações.

— O lugar para onde estou indo agora... estou morando lá — expliquei. — Somos um grupo grande. Cuidamos uns dos outros.

Os olhos dele estavam na estrada, mas ouvia com atenção enquanto eu explicava como era o rancho. A estranha casa antiga, as crianças. A tubulação improvisada que Guy tinha armado no jardim, uma bagunça de canos entrelaçados.

— Parece a International House — disse ele. — Onde eu moro. No alojamento estudantil somos quinze. Tem um quadro de tarefas no corredor, e a gente se reveza nas piores.

— É, talvez — falei, embora eu soubesse que o rancho não tinha nada a ver com a International House e seus estudantes de filosofia discutindo quem tinha deixado de lavar os pratos do jantar, uma garota polonesa mordiscando pão preto e chorando por um namorado distante.

— Quem é o dono da casa? — perguntou ele. — É tipo uma instituição ou algo assim?

Era estranho explicar Russell a alguém, lembrar que havia reinos inteiros onde Russell ou Suzanne não figuravam.

— O álbum dele vai ser lançado perto do Natal, provavelmente — lembro-me de ter dito.

Continuei falando sobre o rancho, sobre Russell. A maneira como mencionei o nome de Mitch, igual a Donna aquele dia no ônibus, de forma calculada e cuidadosa. Quanto mais nos aproximávamos do rancho, mais animada eu ficava. Como um cavalo que dispara com saudades do estábulo, ignorando o cavaleiro.

— Parece legal — disse Tom.

Dava para ver que tinha sido energizado pelas minhas histórias, uma vivacidade sonhadora em suas feições. Encantado por aqueles contos de fadas sobre outros mundos.

— Você podia ficar um tempo lá — falei. — Se quiser.

Tom se animou com a proposta, a gratidão o deixando tímido.

— Só se eu não for incomodar — disse ele, o rubor se espalhando por suas bochechas.

* * *

Imaginei que Suzanne e os outros ficariam felizes comigo por trazer essa pessoa nova. Para engrossar as fileiras, aquela velha história. Um admirador embasbacado para somar sua voz à nossa e contribuir para a despensa coletiva. Mas havia outra coisa, também, que eu queria prolongar: o silêncio limpo e agradável no carro, o ar quente que fazia o couro emanar vapor. A imagem distorcida de mim mesma nos retrovisores laterais, na qual eu só distinguia a quantidade de cabelo, a pele sardenta do meu ombro. Assumi a forma de uma garota. O carro atravessou a ponte, cruzando o véu de cheiro de merda que pairava sobre o aterro sanitário. Eu podia ver a extensão de outra rodovia distante, ladeada por água, e as planícies pantanosas antes do súbito mergulho no vale, o rancho escondido em meio a suas colinas.

* * *

Àquela altura, o rancho que eu tinha conhecido era um lugar que não existia mais. O fim já havia chegado: cada interação era seu próprio canto fúnebre. Mas havia um ímpeto esperançoso grande demais em mim para que eu notasse. A agitação em meu peito quando o carro de Tom entrou na estradinha de acesso ao rancho: só haviam se passado duas semanas, um tempo nada longo, mas a sensação de voltar era arrebatadora. E quando vi que tudo continuava ali, ainda vivo, estranho e meio irreal como sempre, só então percebi como eu me preocupara com o fato de que tudo tivesse acabado. As coisas que eu amava, a casa milagrosa — como o casarão de *E o Vento Levou...*, percebi, ao vê-la de novo. O retângulo arenoso da piscina, cheia até a metade, com suas abundantes algas e concreto exposto: tudo aquilo podia voltar a ser meu.

Enquanto Tom e eu saíamos do carro e caminhávamos para o rancho, senti um instante de hesitação, percebendo como os jeans de Tom eram limpos demais. Talvez as garotas fossem implicar com ele, talvez tivesse sido má ideia convidá-lo. Eu disse a mim mesma que tudo ficaria bem. Eu o observei enquanto ele absorvia a cena — li a expressão dele como a de alguém que estava impressionado, embora devesse estar notando o

abandono, os esqueletos de carros depredados. A carcaça seca de um sapo morto, boiando na superfície da piscina. Mas esses eram detalhes que não me pareciam mais notáveis, como as feridas nas pernas de Nico, nas quais ficavam grudados fragmentos de cascalho. Meus olhos já estavam habituados à textura da decadência, então eu pensei que tinha entrado de volta no círculo de luz.

# 13

Donna parou quando nos viu. Um ninho de roupas para lavar em seus braços, emanando o mesmo cheiro do ar empoeirado.

— En-cren-ca — entoou ela. "Encrenca", uma palavra de um mundo há muito esquecido. — Aquela mulher simplesmente agarrou você, hein? — disse ela. — Caramba. Foda.

Ela exibia olheiras em forma de meia-lua, suas feições mais fundas e vazias, embora esses detalhes fossem eclipsados pela onda de familiaridade. Parecia feliz de me ver, mas quando lhe apresentei Tom, ela me lançou um olhar.

— Ele me deu carona — expliquei, para dar uma ajuda.

O sorriso de Donna vacilou, e ela ajeitou as roupas nos braços.

— Tudo bem eu estar aqui? — sussurrou Tom para mim, como se eu tivesse algum poder.

O rancho sempre recebera bem os visitantes, fazendo-os passar por um corredor polonês de atenção brincalhona, e eu não conseguia imaginar por que isso teria mudado.

— Sim — respondi, virando-me para Donna. — Não é?

— Bem — disse Donna. — Eu não sei. Você devia falar com a Suzanne. Ou com o Guy. É.

Ela deu uma risadinha ausente. Estava agindo de modo estranho, embora para mim parecesse ser o jeito habitual de Donna — eu até conseguia sentir afeto por aquilo. Um movimento no meio da relva atraiu a atenção dela: um lagarto correndo em busca de sombra.

— Russell viu um puma uns dias atrás — observou ela para ninguém em especial. Arregalando os olhos. — Que loucura, né?

* * *

— Olha só quem voltou — disse Suzanne, com uma pitada de raiva em sua saudação. Como se eu tivesse sumido para tirar férias. — Imaginei que você tivesse esquecido o caminho de volta.

Mesmo tendo visto a Sra. Dutton me deter, ela ficava olhando de relance para Tom, como se tivesse sido ele o motivo de eu ter ido embora. Pobre Tom, que percorrera o quintal gramado com os passos hesitantes de um visitante de museu. Seu nariz franzindo com os cheiros animais, a latrina

entupida. O rosto de Suzanne apresentava a mesma confusão distante que o de Donna: não conseguiam mais imaginar um mundo onde você podia ser castigado. Senti-me subitamente culpada pelas noites com Tamar, as tardes inteiras em que eu nem sequer pensara em Suzanne. Tentei fazer a estadia no apartamento do meu pai soar pior do que realmente fora, como se eu tivesse sido vigiada a todo momento e sofrido castigos intermináveis.

— Deus do céu — bufou Suzanne. — Que merda.

* * *

A sombra da casa do rancho se estendia pela grama como se fosse um estranho cômodo externo, e nos instalamos sob essa benção, uma fileira de mosquitos pairando à luz leve da tarde. O ar tinha a vibração de um parque de diversões — os corpos familiares das outras garotas esbarrando no meu, me fazendo voltar a mim mesma. Um breve brilho metálico por entre as árvores — Guy estava atravessando de carro o terreno atrás da casa, vozes altas ecoando e desaparecendo. A imagem sonolenta das crianças chapinhando em um emaranhado de poças rasas: alguém tinha esquecido de fechar a água da mangueira. Helen estava enrolada num cobertor, levantado até o queixo como uma gola de lã, e Donna ficava tentando puxar o cobertor para expor seu corpo de rainha do baile por baixo, o hematoma na coxa de Helen. Eu estava atenta a Tom, sentado timidamente no chão de terra, mas em geral me sentia animada com a silhueta familiar de Suzanne ao meu lado. Ela estava falando depressa, uma fina camada de suor em seu rosto. O vestido dela estava imundo, mas seus olhos brilhavam.

Tamar e meu pai nem estavam em casa ainda, eu me dei conta, e como era engraçado eu já estar no rancho quando eles nem sabiam que eu tinha ido embora. Nico andava em um triciclo que era pequeno demais para ele, enferrujado e retinindo enquanto ele pedalava com força.

— Que menino bonitinho — disse Tom.

Donna e Helen riram.

Tom não teve certeza do que fora engraçado em seu comentário, mas seus olhos piscaram como se estivesse disposto a aprender. Suzanne puxou um talo de grama de aveia do chão, sentada em uma velha poltrona trazida de dentro de casa. Eu estava atenta à chegada de Russell, mas não o via em lugar algum.

— Ele deu um pulo na cidade — disse Suzanne.

Nós duas nos viramos ao som de um grito estridente: era só Donna tentando plantar bananeira na varanda, os pés agitados chutando o ar. Ela derrubou a cerveja de Tom, embora tenha sido ele a pedir desculpas, correndo os olhos em volta como se em busca de um esfregão.

— Meu Deus — disse Suzanne. — Relaxa.

Ela limpou as mãos suadas no vestido, seus olhos um pouco inquietos —

a anfetamina a deixava rígida como um gato de porcelana. As garotas do ensino médio tomavam para permanecer magras, mas eu nunca tinha experimentado: parecia ir contra a onda mais sossegada que eu associava ao rancho. Deixava Suzanne mais distante do que de costume, uma mudança que eu não queria admitir para mim mesma. Presumi que ela só estivesse irritada. Seu olhar nunca chegando a focar nas coisas, parando quando estava prestes a fazê-lo.

Estávamos conversando como sempre fizéramos, passando de mão em mão um baseado que fez Tom tossir, mas ao mesmo tempo eu estava percebendo outras coisas com uma ligeira inquietação — o rancho estava menos povoado do que antes, sem desconhecidos vagando com pratos vazios nas mãos, perguntando a que horas o jantar ficaria pronto. Balançando os cabelos para trás e mencionando a longa viagem de carro até Los Angeles. Também não vi Caroline em lugar nenhum.

— Ela era estranha — disse Suzanne, quando perguntei sobre Caroline. — Tipo, dava para ver as entranhas dela através da pele. Ela foi para casa. Umas pessoas vieram buscá-la.

— Os pais dela?

A ideia parecia absurda, que qualquer habitante do rancho sequer tivesse pais.

— Está tranquilo — respondeu Suzanne. — Uma van estava indo para o norte, acho que até Mendocino ou algo assim. Ela conhecia eles de algum lugar.

Tentei imaginar Caroline de volta na casa dos pais, onde quer que fosse. Mas não fui muito além desses pensamentos, ela a salvo e em outro lugar.

Tom estava claramente desconfortável. Eu tinha certeza de que ele estava acostumado a estudantes universitárias com emprego de meio expediente, cartões da biblioteca e cabelos com pontas duplas. Helen, Donna e Suzanne eram duras, emanando uma aura ácida que também me atingiu ao retornar de duas semanas de água encanada milagrosa e proximidade com os cuidados obsessivos de Tamar, a escovinha especial de nylon que ela usava apenas em suas unhas. Eu não queria reparar na hesitação em Tom, que parecia querer se encolher toda vez que Donna se dirigia diretamente a ele.

— Então, quais são as novidades sobre aquele disco? — perguntei em voz bem alta.

Esperava que a menção reconfortante de sucesso desse forças à fé de Tom. Porque o rancho ainda era o rancho, e tudo o que eu tinha dito era verdade; bastava ele se abrir. Mas Suzanne me lançou um olhar estranho. Os outros esperando que ela desse o tom da resposta. Porque as coisas não tinham ido bem, esse era o significado do olhar.

— Mitch é um traidor filho da puta — disse ela.

Eu fiquei chocada demais para absorver completamente a intensidade do ódio de Suzanne: como Russell podia não ter conseguido o contrato? Como

Mitch podia não ter enxergado o que Russell tinha, aquela aura estranha e eletrizante, o ar em volta dele murmurando? Qualquer que fosse o poder de Russell, será que era específico do rancho? Mas a raiva exagerada de Suzanne me recrutou de volta, também.

— O Mitch surtou, sei lá por quê. Ele mentiu. Essa gente... — disse Suzanne. — Esses cretinos de merda.

— Ninguém mexe com o Russell — afirmou Donna, assentindo. — Dizer uma coisa e depois voltar atrás. O Mitch não sabe como o Russell é. O Russell não precisaria nem erguer um dedo.

Russell tinha dado um tapa em Helen, daquela vez, como se não fosse nada. A reorganização desconfortável que eu precisara fazer, o esforço mental para ver as coisas de maneira diferente.

— Mas o Mitch pode mudar de ideia, não é? — perguntei.

Quando finalmente olhei na direção de Tom, ele não estava prestando atenção, seu olhar fixo em algum ponto além da varanda.

Suzanne deu de ombros.

— Não sei. Ele disse ao Russell para não telefonar mais. — Ela bufou. — Foda-se ele. Simplesmente desapareceu como se não tivesse feito promessas.

Eu estava pensando em Mitch. O desejo dele, naquela noite, deixando-o embrutecido, de forma que não se importara com minhas caretas de dor, com meus cabelos presos debaixo de seu braço. Seu olhar anuviado que nos mantinha indistintas, nossos corpos apenas o símbolo de corpos.

— Mas está tranquilo — disse Suzanne, forçando um sorriso. — Não é...

Ela foi interrompida pela surpresa súbita de Tom, que se levantou de supetão. Ele desceu da varanda apressadamente, correndo a toda na direção da piscina. Berrando algo que não consegui distinguir. A camisa saindo para fora das calças, seu grito nu e vulnerável.

— Qual é o problema dele? — perguntou Suzanne.

E eu não soube responder, corando com um constrangimento desesperado que se transformou em medo: Tom continuava gritando, descendo apressadamente os degraus para a piscina.

— O garoto — dizia ele —, o menino.

Nico: imaginei a forma silenciosa do seu corpo na água, seus pequenos pulmões preenchidos. Senti a varanda oscilar. Quando chegamos correndo à beirada da piscina, Tom já tirando o menino da água viscosa, ficou imediatamente claro que Nico estava bem. Estava tudo certo. Nico se sentou na grama, gotejando, um olhar ressentido em seu rosto. Esfregava os olhos com os punhos, empurrando Tom para longe. Estava chorando mais por causa de Tom que por qualquer outro motivo, o homem estranho que gritara com ele, que o arrastara para fora da piscina quando ele estava apenas se divertindo.

— Que ideia foi essa? — perguntou Donna a Tom.

Deu tapinhas vigorosos na cabeça de Nico, como se o menino fosse um

cachorro comportado.

— Ele pulou na piscina.

O pânico de Tom estava reverberando pelo seu corpo inteiro, a calça e a camisa ensopadas. O som de sucção dos sapatos molhados.

— E daí?

Tom estava de olhos arregalados, não entendendo que tentar explicar só deixaria a coisa pior.

— Achei que ele tinha caído na piscina.

— Mas tem água lá dentro — disse Helen.

— Aquela coisa molhada — acrescentou Donna, dando risadinhas zombeteiras.

— O menino está bem — falou Suzanne. — Você o assustou.

— *Glug glug glug*. — Helen foi tomada por um acesso de riso. — Você achou que ele tinha morrido, ou algo assim?

— Ele poderia ter se afogado — respondeu Tom, a voz ficando aguda. — Ninguém estava tomando conta dele. Ele é pequeno demais para saber nadar de verdade.

— A sua cara — disse Donna. — Meu Deus, você está em pânico, não é?

A visão de Tom torcendo a camisa para livrá-la do fedor biológico da água da piscina. O lixo espalhado pelo pátio refletindo a luz. Nico se levantou, balançando o cabelo. Fungando um pouco, com sua estranha dignidade infantil. As garotas estavam rindo, todas elas, então Nico saiu andando tranquilo, ninguém notando que ele partira. E eu fingi que não tinha me preocupado também, que eu soubera que tudo estava bem, porque Tom parecia patético, seu pânico tão aparente que não tinha para onde recuar, e até o menino estava com raiva dele. Fiquei com vergonha de tê-lo levado até ali, por ele ter causado toda aquela comoção, e Suzanne me encarava, para que eu soubesse exatamente quão estúpida a ideia fora. Tom olhou para mim à procura de alguma ajuda, mas viu a distância em meu rosto, a maneira como baixei os olhos de volta para o chão.

— Eu só acho que vocês deviam tomar cuidado — disse Tom.

Suzanne bufou pelo nariz.

— Nós devíamos tomar cuidado?

— Eu fui salva-vidas — disse ele, com a voz falhando. — As pessoas podem se afogar mesmo em água rasa.

Mas Suzanne não estava escutando, fazia uma careta para Donna. A repulsa compartilhada delas parecendo incluir também a mim, pensei. Não consegui aguentar aquilo.

— Relaxe — falei a Tom.

Ele parecia magoado.

— Este lugar é horrível.

— Então você devia ir embora — respondeu Suzanne. — Isso não parece uma boa ideia?

A vibração de anfetamina dentro dela, o sorriso vazio e maldoso; estava sendo mais cruel do que precisava.

— Posso conversar com você por um minuto? — perguntou Tom para mim.

Suzanne riu.

— Ai, cacete. Lá vamos nós.

— Só um minuto — disse ele.

Quando hesitei, Suzanne deu um suspiro.

— Vai conversar com ele — falou ela. — Deus do céu.

Tom se afastou das outras e eu o segui com passos curtos, como se a distância pudesse prevenir contágio. Eu ficava olhando de relance para o grupo, e as garotas estavam voltando para a varanda. Eu queria estar entre elas. Estava furiosa com Tom, aquela calça ridícula, aquele cabelo de palha.

— O que foi? — perguntei, impaciente, com os lábios contraídos.

— Não sei — disse Tom. — Só acho que... — Ele hesitou, lançando um olhar na direção da casa, puxando a camisa. — Você pode voltar comigo agora mesmo, se quiser. Tem uma festa hoje à noite. Na International House.

Eu conseguia imaginar. Os biscoitos salgados, os grupos reunidos em volta de tigelas de gelo derretendo. Falando do SDS, Estudantes por uma Sociedade Democrática, e comparando livros que estavam lendo. Dei levemente de ombros, um movimento minúsculo. Ele pareceu ter entendido a falsidade do gesto.

— Talvez eu deva anotar meu telefone para você — disse Tom. — É o telefone do corredor do dormitório, mas você pode pedir para me chamarem.

Eu podia ouvir a risada dura de Suzanne pairando no ar.

— Não precisa — respondi. — De qualquer maneira, aqui não tem telefone.

— Elas não são legais — disse Tom, olhando nos meus olhos.

Parecia um padre rural logo depois de um batismo, a calça molhada grudando nas pernas, o olhar solene.

— Como é que você sabe? — perguntei, com um calor alarmante crescendo em minhas bochechas. — Você nem conhece elas.

Tom fez um gesto frustrado com as mãos.

— Isso aqui é um lixão — balbuciou —, você não consegue ver isso?

Ele indicou a casa em ruínas, o mato excessivamente crescido. Os carros depredados, os tambores de óleo e as toalhas de piquenique abandonadas ao mofo e aos cupins. Eu vi tudo, mas não absorvi nada: já tinha me endurecido em relação a ele, e não havia mais nada a dizer.

* * *

A partida de Tom permitiu às garotas se aprofundarem em suas naturezas sem a ruptura do olhar de um forasteiro. Nada mais de conversas pacíficas e sonolentas, nada mais de agradáveis períodos de silêncio tranquilo.

— Cadê o seu amigo especial? — perguntou Suzanne. — O seu velho camarada?

A aparência vazia dela, a perna agitada, embora o rosto se mantivesse sem expressão.

Tentei rir como elas, mas eu não sabia por que ficava inquieta com a ideia de Tom voltando para Berkeley. Ele tinha razão quanto ao lixo no quintal — havia mais do que antes —, e talvez Nico pudesse realmente ter se machucado, e então o que teria acontecido? Percebi que todas elas tinham ficado mais magras, não só Donna, os cabelos delas quebradiços, os olhos opacos e exauridos. Quando sorriam, eu vislumbrava as línguas esbranquiçadas dos famintos. Embora não tenha sido de modo consciente, coloquei muita esperança no retorno de Russell. Querendo que ele amarrasse as pontas soltas dos meus pensamentos.

— Destruidora de corações — disse ele quando me avistou. — Você foge o tempo todo — continuou — e parte nossos corações quando nos deixa para trás.

Tentei me convencer, ao ver a familiaridade do rosto de Russell, que o rancho ainda era o mesmo lugar, mas quando ele me abraçou vi algo manchando a linha de sua mandíbula. Eram costeletas. Não eram pontilhadas, como cabelo, e sim uniformes. Olhei mais de perto. Estavam desenhadas nele, percebi, com algum tipo de carvão ou delineador. Isso me incomodou; a perversidade, a fragilidade daquela fraude. Como um garoto que eu conhecera em Petaluma, que roubava maquiagem de lojas para cobrir suas espinhas. A mão de Russell massageou meu pescoço, me passando um formigamento de energia. Eu não sabia dizer se ele estava com raiva ou não. E o grupo assumiu imediatamente uma posição de sentido no momento em que ele chegou, alinhando-se atrás dele como uma ninhada de patinhos famintos. Tentei puxar Suzanne de lado, enganchar meu braço no dela como nos velhos tempos, mas ela apenas sorriu, distante e desfocada, e então de repente se desvencilhou, extremamente concentrada em seguir Russell.

* * *

Descobri que Russell viera atormentando Mitch nas últimas semanas. Aparecendo na casa dele sem avisar. Enviando Guy para derrubar as latas de lixo dele, de forma que Mitch chegava em casa e encontrava o jardim coberto de caixas de cereal achatadas, fragmentos de papel parafinado e folhas de papel-alumínio engorduradas com restos de comida. O caseiro de Mitch também vira Russell por lá, uma única vez — Scotty contou a Mitch

que tinha visto um sujeito estacionar perto do portão, olhando para a casa, e quando Scotty pedira que ele fosse embora, Russell sorrira e afirmara ser o antigo dono da casa. Russell também havia aparecido na casa do engenheiro de som, exigindo receber as fitas da gravação com Mitch. A mulher do sujeito estava em casa. Mais tarde ela se lembraria de ter ficado irritada com o som da campainha: o filho recém-nascido do casal estava dormindo no quarto de trás. Quando ela abriu a porta, lá estava Russell com seus jeans Wrangler sujos, o sorriso enquanto estreitava os olhos.

O marido tinha contado a ela histórias daquela sessão de gravação, e, portanto, ela sabia quem Russell era, mas não ficou com medo. Não de verdade. Ele não era um homem assustador à primeira vista, e quando ela lhe disse que o marido não estava em casa, Russell deu de ombros.

— Eu podia só pegar as fitas rapidinho — disse ele, tentando olhar para dentro da casa por cima do ombro dela. — Entro e saio, simples assim.

Foi aí que ela ficou um pouco nervosa. Afundando os pés em suas velhas pantufas, ouvindo o choro do bebê cujo som chegava pelo corredor.

— Ele deixa essas coisas no trabalho — retrucou ela, e Russell acreditou.

A mulher se lembrou de ter ouvido um barulho no quintal mais tarde naquela noite, algum movimento no meio das rosas, mas quando olhou pela janela não viu nada além do cascalho da entrada da garagem, o gramado curto iluminado pela lua.

* * *

Minha primeira noite de volta ao rancho não foi em nada como as outras. As anteriores tinham sido vivas, com uma doçura juvenil em nossos rostos — eu estava acariciando o cachorro, que vagava entre nós pedindo carinho, dava uma boa coçadinha atrás de suas orelhas, o agitar de minha mão estimulando em mim um ritmo alegre. E houvera algumas noites estranhas, também, quando todos nós tínhamos tomado LSD ou Russell precisava confrontar algum motociclista bêbado, usando toda a sua lógica cheia de reviravoltas. Mas eu nunca tinha sentido medo. Aquela noite foi diferente, em volta do círculo de pedras com uma fraca fogueira acesa no meio. Ninguém deu atenção quando as chamas se apagaram, a energia turva de todos dirigida a Russell, que se movia como um elástico prestes a arrebentar.

— Essa aqui — disse Russell. Ele estava andando de um lado para outro, tocando uma canção rápida. — Acabei de compor e já é um sucesso.

O violão estava desafinado, emitindo notas fora de tom. Russell não pareceu notar. Sua voz apressada e frenética.

— E aqui vai outra — disse ele.

Girou a cravelha do violão antes de dedilhar uma série de acordes dissonantes.

Tentei atrair o olhar de Suzanne, mas a atenção dela estava em Russell.

— Isso aqui é o futuro da música — falou ele por cima do barulho. — Eles acham que sabem o que é bom porque têm músicas tocando no rádio, mas isso não quer dizer porra nenhuma. Eles não têm amor verdadeiro no coração.

Ninguém parecia reparar que as palavras dele perdiam a sensatez: todos ecoavam o que ele dizia, suas bocas se mexendo com sentimentos compartilhados. Russell era um gênio, fora o que eu dissera a Tom — e eu podia imaginar como o rosto de Tom teria assumido uma expressão de pena se ele estivesse ali para ver Russell. Isso me fez odiar Tom, porque eu podia ouvir, também, todos os momentos nas músicas durante os quais era possível perceber que eram rudimentares, e nem mesmo rudimentares, mas simplesmente ruins: um sentimentalismo açucarado, as palavras sobre amor tão simplistas quanto as de um aluno de ensino fundamental, um coração desenhado por uma mãozinha rechonchuda. Sol, flores e sorrisos. Mas eu não conseguia admitir isso completamente, nem mesmo àquela altura. A aparência do rosto de Suzanne enquanto o assistia — eu queria ficar com ela. Eu achava que amar alguém representava uma espécie de proteção, como se a outra pessoa fosse entender a escala e a intensidade dos seus sentimentos e reagir de acordo. Isso me parecia justo, como se justiça fosse uma medida com a qual o universo se preocupasse.

* * *

Às vezes eu tinha sonhos, e acordava deles achando que alguma imagem ou acontecimento fora verdadeiro, carregando essa convicção comigo do mundo dos sonhos para a vida real. E como era chocante me dar conta de que eu não era casada, de que eu não tinha descoberto o segredo de como voar, e assim vinha uma tristeza real.

O momento em que Russell disse a Suzanne para ir à casa de Mitch Lewis e dar-lhe uma lição — eu pensei muitas vezes que tinha testemunhado isso: a noite negra, o canto calmo e ritmado dos grilos, e todos aqueles carvalhos sinistros. Mas é claro que eu não tinha. Eu lera tanto sobre a história que acreditava poder imaginá-la com clareza, uma cena com as cores exageradas de uma memória de infância.

No momento da conversa, eu estava no quarto de Suzanne. Irritada, desesperada pelo retorno dela. Eu tentara falar com Suzanne em diversos momentos daquela noite, dando puxõezinhos no braço dela, tentando atrair seu olhar, mas ela ficava me afastando. "Mais tarde", respondia, e só isso já foi suficiente para que eu imaginasse a promessa dela se tornando realidade na escuridão do seu quarto. Senti um aperto no peito quando ouvi passos entrando no cômodo, minha mente se inflando com a ideia — Suzanne tinha chegado —, mas então senti um impacto macio de raspão e meus olhos se abriram: era apenas Donna. Ela jogara um travesseiro em mim.

— Bela Adormecida — disse, dando risadinhas zombeteiras.

Tentei reassumir uma postura de repouso sereno; os lençóis superaquecidos com os movimentos nervosos do meu corpo, os ouvidos atentos a qualquer som do retorno de Suzanne. Mas ela não veio para o quarto naquela noite. Esperei o máximo que pude, alerta a cada rangido ou barulho, antes de ser tomada pelo remendo letárgico do sono indesejado.

Na verdade, Suzanne passara a noite com Russell. O ar do trailer dele provavelmente ficara abafado com o sexo, Russell revelando seus planos em relação a Mitch, ele e Suzanne encarando o teto. Consigo imaginá-lo rondando a ideia por um longo tempo antes de entrar nos detalhes, de forma que Suzanne começasse a pensar que ela tivera a mesma ideia, que também era ideia dela.

— Minha cachorrinha demoníaca — murmurou ele em um tom amoroso para Suzanne, os olhos agitados por uma mania que podia ser confundida com amor.

Era estranho pensar que Suzanne pudesse ficar lisonjeada naquele momento, mas certamente ficou. A mão dele coçando o couro cabeludo dela, o mesmo prazer agitado que os homens gostam de incitar em cães, e posso imaginar como a pressão começou a crescer, um desejo de seguir um rumo maior.

— Tem que ser grande — disse Russell. — Algo que não possam ignorar.

Eu posso vê-lo enrolando o dedo em uma mecha do cabelo de Suzanne e puxando, bem levemente, de forma que ela não soubesse se a fisgada que sentia era dor ou prazer.

A porta que ele abriu, persuadindo Suzanne a entrar.

* * *

Suzanne passou o dia seguinte inteiro distraída. Andando sozinha de um lado para outro, sua expressão anunciando pressa, ou tendo conversas urgentes e sussurradas com Guy. Eu estava com ciúme, desesperada por não conseguir competir com a fração dela que pertencia a Russell. Ela se fechara, e eu era uma preocupação distante.

Tentei atenuar minha confusão, pensando em explicações esperançosas, mas, quando eu sorria para Suzanne, os olhos dela piscavam, demorando a me reconhecer, como se eu fosse uma desconhecida vindo lhe devolver um livro que esquecera. Eu notava uma dureza em seus olhos, uma introspecção sombria. Mais tarde eu viria a entender que isso era a preparação.

O jantar consistiu de feijões requentados com sabor de alumínio, as raspas queimadas da panela. Bolo de chocolate da confeitaria, endurecido e coberto de glacê velho. Quiseram comer dentro de casa, então nos sentamos no piso cheio de farpas, com os pratos no colo. Forçando uma postura curva e primitiva de homens da caverna — ninguém pareceu comer muito.

Suzanne espetou um dedo no bolo e assistiu à massa se quebrar em migalhas. Os olhares trocados de um lado a outro da sala estavam repletos de hilaridade contida, uma conspiração de festa surpresa. Donna entregando um trapo a Suzanne com ar expressivo. Eu não estava entendendo nada, um deslocamento patético me mantinha cega e ávida.

Eu reunira forças para me obrigar a ter uma conversa com Suzanne. Mas quando ergui os olhos do conteúdo nojento do meu prato, vi que ela já estava se levantando, os movimentos ditados por informações que me eram invisíveis.

Estavam indo a algum lugar, percebi quando a alcancei, seguindo os movimentos do feixe da lanterna dela. A pontada, o engasgo de desespero: Suzanne ia me deixar para trás.

— Deixe eu ir também — pedi.

Eu tentava acompanhar os passos dela, seguindo a rápida ruptura que ela traçava na grama. Eu não conseguia ver o rosto de Suzanne.

— Ir aonde? — perguntou ela, a voz impassível.

— Aonde você estiver indo — respondi. — Eu sei que você está indo a algum lugar.

A resposta quase cantarolada, em tom de provocação:

— Russell não pediu para você ir.

— Mas eu quero ir — falei. — Por favor.

Suzanne não chegou a dizer sim, exatamente. Mas diminuiu a marcha para que eu pudesse acompanhar seus passos, um novo caminhar para mim, movido por um propósito.

— Você devia mudar de roupa — disse ela.

Olhei para baixo, tentando discernir o que a ofendera: minha blusa de algodão, minha saia comprida.

— Bote roupas escuras — disse ela.

# 14

A viagem de carro foi tão silenciosamente hesitante e inacreditável quanto uma longa doença. Guy ao volante, Helen e Donna do lado dele. Suzanne sentada no banco de trás, olhando para fora, e eu bem do lado dela. A noite caíra profunda e escura, o carro passando sob os postes de luz. O brilho sulfuroso deles deslizando pelo rosto de Suzanne, os demais tomados de um estupor. Às vezes me parece que eu nunca desci daquele carro. Que uma versão de mim está sempre lá.

Russell ficou no rancho aquela noite. O que nem me pareceu estranho. Suzanne e os outros eram os espectros que o serviam, sendo soltos no mundo — sempre fora assim. Guy era como se fosse seu assistente em um duelo; Suzanne, Helen e Donna nunca hesitavam. Era para Roos ter ido também, mas não foi — ela alegaria, depois, que tivera um mau pressentimento e ficara para trás, mas não sei se isso é verdade. Teria sido detida por Russell, sentindo nela alguma virtude obstinada capaz de mantê-la presa ao mundo real? Roos tinha Nico, um filho. Roos, que se transformaria na principal testemunha de acusação contra as outras, subindo à tribuna com um vestido branco e o cabelo repartido ao meio.

Não sei se Suzanne disse a Russell que eu também estava indo — ninguém jamais respondeu a essa pergunta.

O rádio do carro estava ligado, tocando a estranha e risível trilha sonora da vida de outras pessoas. Outras pessoas que estavam se preparando para dormir, mães que jogavam no lixo os últimos restos de frango do jantar. Helen tagarelava sobre uma baleia que tinha encalhado em Pismo, perguntando se não achávamos que era verdade que aquilo era o sinal da iminente chegada de um grande terremoto. Ela se ajoelhou no banco, como se a ideia a animasse.

— A gente teria que se mudar para o deserto — disse ela.

Ninguém estava mordendo sua isca: um silêncio tomara conta do carro. Donna murmurou alguma coisa, e Helen fechou a boca, o maxilar contraído.

— Pode abrir a janela? — pediu Suzanne.

— Estou com frio — choramingou Helen com sua voz de bebê.

— Vai logo — disse Suzanne, dando um tapa nas costas do banco da frente. — Estou derretendo nessa merda.

Helen baixou a janela e o carro se encheu de ar, aromatizado de fumaça

de escapamento. Do sal do mar tão próximo.

E lá estava eu junto delas. Russell tinha mudado, as coisas haviam azedado, mas eu estava com Suzanne. A presença dela fazia com que eu conseguisse confinar minhas preocupações. Como a criança que acredita que a vigília da mãe à cabeceira da cama basta para espantar os monstros. A criança incapaz de decifrar que a mãe talvez esteja com medo também. A mãe que entende que não pode fazer nada para proteger a criança a não ser oferecer seu próprio e fraco corpo em troca.

* * *

Talvez uma parte de mim soubesse para onde as coisas estavam indo, um cintilar nas profundezas da escuridão: talvez eu tivesse sentido a possível trajetória e seguido em frente mesmo assim. Mais tarde naquele verão, e em vários momentos ao longo de minha vida, eu buscaria respostas nas areias daquela noite, tateando às cegas.

Tudo o que Suzanne tinha me dito era que íamos fazer uma visita a Mitch. Suas palavras demonstravam um gume de crueldade que eu nunca ouvira antes, mas mesmo assim minha mente só foi até ali: íamos fazer o que tínhamos feito na casa dos Dutton. Realizaríamos uma perturbadora intromissão psíquica para que Mitch ficasse com medo, só por um minuto, e tivesse que reorganizar o mundo em sua mente. Ótimo — o ódio de Suzanne por ele permitia e inflamava o meu próprio. Mitch, com seus dedos gordos e invasivos, a tagarelice titubeante e sem sentido que ele mantinha enquanto assistia a nós duas. Como se suas palavras mundanas pudessem nos enganar, evitar que notássemos como o olhar dele gotejava imundície. Eu queria que ele se sentisse fraco. Ocuparíamos a casa de Mitch como espíritos travessos vindos de outra dimensão.

Porque eu sentia mesmo isso, é verdade. A sensação de que alguma coisa unia todos nós, naquele carro, o sopro fresco de outros mundos chegando à nossa pele e aos nossos cabelos. Mas eu nunca pensei, sequer uma vez, que esse outro mundo pudesse ser a morte. Eu não acreditaria realmente nisso até que os noticiários dissecassem o ímpeto resoluto do que aconteceu. Depois disso, claro, a presença da morte parecia colorir tudo, como uma névoa inodora que preenchia o carro e pressionava as janelas, uma névoa que inalamos e exalamos e que deu forma a cada palavra que dissemos.

* * *

Não tínhamos ido muito longe, talvez uns vinte minutos de distância do rancho, Guy dirigindo com cuidado pelas curvas fechadas e escuras das colinas, emergindo depois nas longas extensões vazias da planície, onde começou a acelerar. Os aglomerados de eucaliptos pelos quais passávamos, o

frio do nevoeiro do lado de fora.

Minha atenção aguçada capturava tudo num preciso tom âmbar. O rádio, o movimento dos corpos, o perfil de Suzanne. Era isso que eles sentiam o tempo todo, imaginei, aquela rede de presenças mútuas como algo próximo demais para se identificar. Só a sensação de ser carregado pela correnteza fraternal, de fazer parte.

Suzanne mantinha a mão pousada no assento, entre nós duas. Aquela visão familiar mexia comigo, fazendo-me lembrar de como a mão dela me buscou e me agarrou na cama de Mitch. A superfície manchada das unhas dela, quebradiças com a dieta pobre.

Eu estava doente de uma esperança tola, acreditava que um dia permaneceria no abençoado foco da atenção dela. Tentei encostar em sua mão. Um leve toque em sua palma, como se eu tivesse um bilhete para lhe passar. Suzanne teve um leve sobressalto, arrancada de um transe que eu não notara até quebrá-lo.

— Que foi? — ralhou ela.

Meu rosto perdeu toda a habilidade de disfarçar qualquer expressão. Suzanne deve ter percebido a enorme carência de amor. Deve tê-la avaliado, como se jogasse uma pedra no interior de um poço — mas não houve um som indicando a profundidade. Os olhos dela ficaram opacos.

— Pare o carro — ordenou Suzanne.

Guy continuou dirigindo.

— Pare — repetiu Suzanne.

Guy olhou para trás, e em seguida parou no acostamento da pista da direita.

— Qual é o problema... — comecei a falar, mas Suzanne me interrompeu.

— Saia — disse ela, abrindo a porta.

Moveu-se depressa demais para eu detê-la, o filme sendo projetado mais rápido, o som ficando para trás.

— Ah, pare com isso — respondi, tentando soar como se estivesse achando a brincadeira engraçada.

Suzanne já tinha descido do carro, esperando que eu saísse. Ela não estava brincando.

— Mas aqui não tem nada — falei, correndo os olhos em desespero pela rodovia.

Suzanne estava se remexendo, impaciente. Olhei para os outros em busca de ajuda. Seus rostos estavam iluminados pela luz do teto, suas feições endurecidas de forma que pareciam tão frios e desumanos quanto estátuas de bronze. Donna desviou o olhar, mas Helen me observava com uma curiosidade clínica. Guy se remexeu no banco do motorista, ajustando o retrovisor. Helen disse alguma coisa bem baixinho. Donna fez um "shhh" para que ela se calasse.

— Suzanne — falei —, por favor.

O impotente tom agudo em minha voz.

Ela não disse nada. Quando finalmente me arrastei de lado pelo assento e saí, Suzanne nem hesitou. Curvou-se, entrou de volta no carro e depois fechou a porta, a luz do teto sendo desligada e devolvendo todos à escuridão.

E aí eles foram embora.

Eu estava sozinha, compreendi, e ao mesmo tempo em que alimentava algum desejo ingênuo — eles voltariam, era só uma brincadeira, Suzanne jamais me deixaria daquele jeito, não de verdade —, sabia que eu tinha sido lançada para longe. Podia apenas me distanciar, pairar em algum ponto acima das árvores, olhando para baixo, para uma garota parada sozinha no escuro. Ninguém que eu conhecesse.

# 15

Houve boatos de todo tipo naqueles primeiros dias. Howard Smith noticiou, erroneamente, que Mitch Lewis fora assassinado, embora esse engano viesse a ser corrigido mais depressa que os outros boatos. David Brinkley noticiou que seis vítimas tinham sido esfaqueadas, baleadas e deixadas no gramado da casa. Em seguida o número foi corrigido para quatro. Brinkley foi o primeiro a alegar a presença de capuzes, cordas para forca e símbolos satânicos, uma confusão que começou por causa do coração na parede da sala de estar. Desenhado com o canto de uma toalha, encharcada com o sangue da mãe.

A confusão fazia sentido — é claro que leriam um significado macabro naquela forma, presumiriam alguma simbologia enigmática e sinistra. Era mais fácil imaginar que fossem os restos de uma missa negra do que acreditar na verdade: era só um coração, igual ao que uma garota apaixonada rabiscaria em um caderno.

* * *

Um quilômetro e meio estrada acima, cheguei a uma saída nos arredores de um posto Texaco. Atravessei a claridade das lâmpadas de enxofre, o som que produziam igual a bacon fritando. Fiquei nas pontas dos pés, de olho na estrada. Quando finalmente desisti de esperar que alguém viesse me buscar, liguei para o número do meu pai em um telefone público. Tamar atendeu.

— Sou eu — falei.

— Evie — disse ela. — Graças a Deus. Onde você está? — Eu podia imaginá-la na cozinha, enroscando o fio do telefone nos dedos, aglomerando os anéis do cabo. — Eu sabia que você ia ligar logo. Eu disse ao seu pai que você ligaria.

Expliquei onde estava. Ela deve ter percebido como minha voz estava falhando.

— Estou saindo agora — disse ela. — Fique exatamente onde está.

Sentei no meio-fio para esperar, apoiando-me nos joelhos. O ar estava fresco com os primeiros sinais do outono, e a constelação de luzes de freio percorria a estrada 101, os grandes caminhões inclinando um pouco para trás enquanto ganhavam velocidade. Eu constantemente pensava em desculpas que Suzanne poderia dar, alguma explicação para aquele comportamento que fizesse sentido. Mas não havia nada a não ser a

conclusão terrível e imediata — nós nunca tínhamos sido próximas. Eu não tinha significado nada para ela.

Podia sentir olhos curiosos me fitando, os caminhoneiros que compravam sementes de girassol na loja do posto e cuspiam tabaco no chão. Seus portes paternos e os chapéus de caubói. Eu sabia que estavam avaliando os fatos de minha solidão. Minhas pernas nuas, meu cabelo comprido. Meu estado de choque furioso devia produzir alguma aura protetora, advertindo-os — eles me deixaram em paz.

Finalmente avistei um Plymouth branco que se aproximava. Tamar não desligou a ignição. Sentei no banco do carona, me atrapalhando com a porta, tamanha a minha gratidão por ver o rosto conhecido de Tamar. O cabelo dela estava molhado.

— Não tive tempo de secar — disse.

O olhar que ela me lançou foi gentil, mas confuso. Pude ver que ela queria fazer perguntas, mas possivelmente soube que eu não daria explicações. O mundo secreto que adolescentes habitam, vindo à tona de tempos em tempos só quando forçados, treinando os pais para saberem que os filhos irão se ausentar. Eu já tinha desaparecido.

— Não se preocupe — disse ela. — Ele não contou para a sua mãe que você foi embora. Eu disse a ele que você ia aparecer, e aí seu pai só a deixaria preocupada sem motivo.

Minha tristeza já estava aumentando, a ausência meu único contexto. Suzanne tinha me abandonado de vez. Uma queda sem atrito, o choque de errar o degrau da escada. Tamar vasculhou a bolsa com uma das mãos até encontrar uma caixinha de ouro revestida de couro cor-de-rosa. Parecia um porta-cartões. Tinha um único baseado dentro, e ela indicou o porta-luvas com a cabeça — encontrei um isqueiro.

— Não conte para o seu pai, está bem? — Ela tragou, com os olhos na estrada. — Ele pode acabar me botando de castigo também.

* * *

Tamar tinha dito a verdade: meu pai não ligara para a minha mãe, e, embora trêmulo de raiva, estava constrangido também, sua filha um animal de estimação que ele esquecera de alimentar.

— Você poderia ter se machucado — disse ele, como um ator tentando adivinhar suas falas.

Tamar deu-lhe tapinhas calmos nas costas antes de encaminhar-se para a cozinha, e então se serviu de um copo de Coca-Cola. Deixando-me sozinha com a respiração quente e nervosa dele, pestanejando e com o rosto assustado. Ele ficou olhando para mim do outro lado da sala de estar, sua exaltação diminuindo aos poucos. Tudo o que tinha acontecido — eu não sentia medo daquilo, da raiva castrada do meu pai. O que ele poderia fazer

comigo? O que poderia tirar de mim?

E em seguida eu estava de volta ao meu quarto insípido em Palo Alto, a luz do abajur tão impessoal quanto a do quarto de hotel de um viajante a negócios.

* * *

O apartamento estava vazio quando saí do quarto na manhã seguinte, meu pai e Tamar já no trabalho. Um dos dois — provavelmente Tamar — tinha deixado um ventilador ligado, e uma planta que parecia artificial tremia com a corrente de ar. Faltava apenas uma semana até que eu tivesse que ir para o internato, e sete dias me pareciam tempo demais para passar no apartamento do meu pai, sete jantares a enfrentar, mas, ao mesmo tempo, me parecia injustamente breve — eu não teria tempo de formar hábitos, criar um contexto. Eu só poderia esperar.

Liguei a televisão, uma trilha sonora reconfortante enquanto eu vasculhava a cozinha. A caixa de Rice Krispies no armário tinha só uma pequena camada de cereal sobrando: comi aos punhados, depois amassei a caixa vazia. Enchi um copo de chá gelado, equilibrei uma pilha de biscoitos salgados com a quantidade e espessura prazerosas de fichas de pôquer. Levei a comida para o sofá. Antes que eu pudesse me recostar, as imagens na tela me paralisaram.

O tumulto de imagens, aumentando e se espalhando.

A busca pelo criminoso ou criminosos ainda sem resultados. O âncora informou que Mitch Lewis não estava disponível para entrevista. Os biscoitos reduzidos a farelos pelas minhas mãos molhadas.

* * *

Só depois do julgamento as coisas entraram em foco, aquela noite se organizando na sequência que hoje me é familiar. Cada detalhe e cada sinal revelados ao público. Há ocasiões em que tento adivinhar que papel eu teria feito. Qual parcela pertenceria a mim. É mais fácil pensar que eu não teria feito nada, como se eu pudesse tê-los detido, a minha presença como uma âncora que manteria Suzanne no mundo humano. Esse era o desejo, a parábola mais convincente. Mas havia outra possibilidade que me acompanhava, persistente e invisível. O bicho-papão debaixo da cama, a serpente ao pé da escada: talvez eu pudesse ter feito algo, também.

Talvez pudesse ter sido fácil.

* * *

Eles tinham seguido direto para a casa de Mitch depois de me deixarem na

beira da estrada. Mais meia hora dentro do carro, trinta minutos que talvez tenham sido energizados por minha expulsão dramática, o grupo consolidado com seus autênticos peregrinos. Suzanne curvada sobre os braços cruzados, apoiados no banco da frente, emitindo uma eletricidade anfetamínica, uma certeza lúcida. Guy deixando a rodovia e enveredando pela estrada de duas pistas, passando pela lagoa. Os motéis baratos, revestidos de estuque, perto da rampa de saída, os eucaliptos erguendo-se altos e deixando o ar picante. Helen alegou, em seu depoimento no tribunal, que foi este o primeiro momento em que ela expressou reservas aos demais. Mas eu não acredito nisso. Se alguém estava se questionando, era só internamente, uma fina bolha flutuando e estourando em seus cérebros. A dúvida deles se desvanecendo da mesma forma que os detalhes de um sonho. Helen se deu conta de que tinha deixado sua faca em casa. Suzanne gritou com ela, segundo os autos do processo, mas o grupo descartou qualquer plano de voltar para buscá-la. Já estavam sendo levados pela correnteza, sob o controle de um impulso maior.

* * *

Estacionaram o Ford no acostamento da rua, nem se preocupando em escondê-lo. Enquanto iam até o portão de Mitch, suas mentes pareciam considerar e executar os mesmos movimentos, como se fossem um único organismo.

Posso imaginar a cena. A casa de Mitch vista do caminho de cascalho no quintal. O fundo calmo da baía, a proa da sala. Tudo era familiar para eles. O mês que tinham passado morando com Mitch antes de eu os conhecer, acumulando contas de entrega em domicílio e se contaminando com molusco contagioso nas toalhas úmidas. Mas ainda assim. Acho que naquela noite podem ter tido uma visão nova da casa, facetada e brilhante como um cristal. Seus habitantes já condenados, tão condenados que o grupo podia sentir quase uma tristeza antecipada por eles. Pelo modo como estavam completamente indefesos contra movimentos maiores, suas vidas já redundantes, como uma fita que teve o conteúdo sobreposto por estática.

* * *

Tinham a expectativa de encontrar Mitch. Todo mundo sabe dessa parte: que Mitch tinha sido chamado para ir até Los Angeles trabalhar numa música que tinha feito para *Stone Gods*, o filme que nunca foi lançado. Pegara o último avião da Trans World Airlines saindo do Aeroporto Internacional de São Francisco com destino a Burbank, deixando sua casa nas mãos de Scotty, que tinha cortado a grama naquela manhã, mas ainda não limpara a piscina. A ex-namorada de Mitch pedindo um favor,

perguntando se ela e Christopher podiam passar duas noites lá, só duas noites.

Suzanne e os demais tinham ficado surpresos ao encontrar desconhecidos na casa. Ninguém que já tivessem visto. E aquele podia ter sido o momento de abortar a missão, um olhar de consenso trocado entre eles. O retorno ao carro em um silêncio desalentado. Mas eles não deram meia-volta. Fizeram o que Russell tinha lhes dito para fazer.

Criar uma cena. Fazer algo de que todos ouviriam falar.

* * *

As pessoas na casa principal estavam se preparando para dormir, Linda e o seu filhinho. Ela fizera espaguete para o jantar do menino e pegara uma garfada da tigela dele, mas não se dera o trabalho de preparar nada para si própria. Estavam dormindo no quarto de hóspedes — a bolsa acolchoada que ela usava para viagens de fim de semana despejava roupas no chão. O lagarto de pelúcia encardido de Christopher, com seus olhos negros de botão.

Scotty tinha convidado sua namorada, Gwen Sutherland, para vir ouvir uns discos e usar a banheira de hidromassagem de Mitch enquanto ele estava fora. A mulher tinha vinte e três anos, era recém-formada na College of Marin e conhecera Scotty em um churrasco em Ross. Gwen não era particularmente atraente, mas era gentil e amigável, o tipo de garota a quem rapazes sempre pedem que costure botões nas suas camisas ou apare os seus cabelos.

Os dois tinham tomado umas cervejas. Scotty fumou um pouco de maconha, mas Gwen não. Passaram a noite no minúsculo chalé de caseiro onde Scotty mantinha um padrão de limpeza militar — os lençóis que forravam seu futon esticados com a precisão de uma cama de hospital.

* * *

Suzanne e os outros depararam com Scotty primeiro. Cochilando no sofá. Suzanne se separou dos demais para investigar o som de Gwen no banheiro, enquanto Guy, acenando com a cabeça, mandou Helen e Donna vasculharem a casa principal. Guy cutucou Scotty para acordá-lo. O caseiro fungou, despertando de um sonho. Scotty estava sem os óculos — que deixara pousados no peito quando adormeceu —, e deve ter achado que Guy fosse Mitch, voltando mais cedo que o previsto.

— Desculpe — disse Scotty, pensando na piscina —, desculpe.

Tateando às cegas à procura de seus óculos.

Em seguida Scotty os colocou no rosto desajeitadamente e viu a faca brilhando na mão de Guy.

* * *

Suzanne encontrou a garota no banheiro. Gwen estava debruçada sobre a pia, jogando água no rosto. Quando endireitou o corpo, viu uma forma no canto de seu campo de visão.

— Oi — disse Gwen, com o rosto pingando.

Era uma garota que fora bem-criada. Amigável mesmo quando surpreendida.

Talvez Gwen tenha achado que fosse alguma amiga de Mitch ou de Scotty, embora poucos segundos depois deva ter ficado óbvio que algo estava errado. Porque a garota que sorriu de volta para ela (porque Suzanne de fato, claramente, sorriu de volta) tinha olhos que pareciam um muro.

* * *

Helen e Donna encontraram a mulher e o garoto na casa principal. Linda ficou nervosa, a mão trêmula inquieta junto ao pescoço, mas acompanhou as duas. Linda estava de calcinha, com uma camiseta comprida — deve ter achado que, caso ficasse calada e fosse educada, ficaria tudo bem. Tentava reconfortar Christopher com os olhos. A mão gordinha dele na dela, as unhas por cortar. O menino só viria a chorar mais tarde; Donna disse que ele pareceu interessado a princípio, como se aquilo fosse uma brincadeira. Pique-esconde ou pique-corrente.

* * *

Tento imaginar o que Russell estaria fazendo enquanto tudo isso acontecia. Talvez tenham acendido uma fogueira no rancho e ele estivesse tocando violão sob a luz do fogo tremeluzente. Ou talvez tenha levado Roos ou alguma outra garota para o seu trailer, e estivessem dividindo um baseado e assistindo à fumaça subir devagar e pairar junto ao teto. A garota se deleitando com o toque da mão dele, com aquela atenção singular, embora, é claro, a mente de Russell estivesse longe dali, em uma casa à beira-mar na Edgewater Road. Eu consigo ver seu dar de ombros travesso, o desejo de revirar os olhos brilhantes e frios como maçanetas.

— Eles quiseram fazer aquilo — diria ele mais tarde. Rindo na cara do juiz. Rindo tanto que chegava a engasgar. — Você acha que eu os forcei a fazer algo? Você acha que estas mãos fizeram uma única coisa que seja?

O guarda precisou tirá-lo da sala de tribunal, de tanto que Russell ria.

* * *

Reuniram todos na sala de estar da casa principal. Guy fez com que se

sentassem no sofá grande. Os olhares trocados entre as vítimas que não sabiam, ainda, que eram vítimas.

— O que vocês vão fazer com a gente? — perguntava Gwen constantemente.

Scotty revirou os olhos, agoniado e suando, e Gwen riu — talvez tenha visto, de repente, que Scotty não tinha como protegê-la. Que ele era só um jovem, os óculos embaçados, os lábios tremendo, e que ela estava longe de sua própria casa.

Ela começou a chorar.

— Cale a boca — disse Guy. — Meu Deus.

Gwen tentou conter os soluços, tremendo em silêncio. Linda tentou manter Christopher calmo, mesmo enquanto as garotas amarravam todos eles. Donna dando um nó em uma toalha apertada em torno das mãos de Gwen. Linda abraçando Christopher uma última vez antes de Guy separar os dois. Gwen se sentou no sofá com a saia erguida, gemendo sem parar. A pele exposta de suas coxas, o rosto ainda molhado. Linda murmurando para Suzanne que podiam pegar todo o dinheiro que tinha na bolsa, tudo, que se simplesmente a levassem até um banco ela podia conseguir mais. A voz de Linda estava calma e estável, tentando manter o controle, embora, é claro, ela não tivesse nenhum.

* * *

Scotty foi o primeiro. Ele se debateu quando Guy amarrou suas mãos com um cinto.

— Peraí — disse. — Ei!

Scotty resistiu ao ser agarrado de forma bruta.

E Guy perdeu a cabeça. Enfiando a faca com tanta força que o cabo se partiu em dois. Scotty se debateu, mas só conseguiu desabar no chão, tentando rolar para proteger a barriga. Uma bolha de sangue se formando em seu nariz e sua boca.

* * *

As mãos de Gwen tinham sido amarradas frouxamente — assim que a lâmina afundou em Scotty, a mulher se soltou e saiu correndo pela porta da frente. Gritando com uma estridência de desenho animado que parecia fingimento. Ela tinha quase chegado ao portão quando tropeçou e caiu na grama. Antes que conseguisse se levantar, Donna já estava em cima dela. Agachada sobre suas costas, enfiando a faca até Gwen perguntar, em tom educado, se podia morrer logo.

* * *

Mataram a mãe e o filho por último.

— Por favor — disse Linda, em tom neutro.

Até aquela altura, acho, torcia por clemência. Era muito bonita e muito jovem. Tinha um filho.

— Por favor — implorou ela. — Eu posso conseguir dinheiro para vocês.

Mas Suzanne não queria dinheiro. As anfetaminas tensionavam seu rosto, uma pulsação encantatória. O coração da bela mulher como um motor em seu peito — o aceleramento narcótico, desesperado. Linda deve ter acreditado, como pessoas bonitas costumam fazer, que havia uma solução, que ela seria salva. Helen a segurou no chão — suas mãos nos ombros de Linda a princípio hesitantes, como se fosse uma má parceira de dança, mas então Suzanne ralhou com Helen, impaciente, e ela segurou com mais força. Os olhos de Linda se fecharam porque sabia o que estava por vir.

* * *

Christopher tinha começado a chorar. Agachado atrás do sofá; ninguém precisou segurá-lo. A cueca saturada com o cheiro acre de urina. Seu choro era formado por gritos, um extravasar de todos os sentimentos. A mãe dele no carpete não se mexia mais.

Suzanne se agachou no chão, estendendo as mãos para ele.

— Vem cá — disse ela. — Vem.

Essa é a parte que não está descrita em lugar algum, mas a que imagino com mais frequência.

Como as mãos de Suzanne já deviam estar salpicadas de sangue. O morno fedor médico do cadáver em suas roupas e no cabelo. E eu consigo imaginar, porque eu conhecia cada detalhe de seu rosto. O ar místico e sereno dela, como se estivesse se movendo sob água.

— Vem — disse uma última vez, e o menino foi devagar na direção dela.

E então ele estava no colo de Suzanne, que o segurou ali, a faca como um presente que ela lhe dava.

* * *

Quando a reportagem acabou, eu estava sentada. O sofá parecia ter sido recortado do restante do apartamento, ocupando um espaço sem ar. Imagens borbulhavam e se ramificavam como galhos em um pesadelo. O mar indiferente para além da casa. As filmagens dos policiais uniformizados, saindo pela porta da frente de Mitch. Não havia por que se apressarem, dava para ver — estava tudo acabado. Ninguém seria salvo.

Entendi que aquela notícia era muito maior que eu. Que eu só estava absorvendo o primeiro vislumbre. Busquei uma saída, algum trinco escondido: talvez Suzanne tivesse se separado do grupo, talvez não estivesse

envolvida. Mas todos esses desejos frenéticos já traziam o eco de sua própria resposta. Claro que ela tinha participado.

As possibilidades passavam por minha cabeça. O motivo de Mitch não estar em casa. Como eu podia ter me envolvido no que estava por vir. Como eu podia ter ignorado todos os avisos. Minha respiração saía espremida pelo esforço de tentar não chorar. Eu podia imaginar como Suzanne ficaria impaciente com minha tristeza. Sua voz tranquila.

*Por que você está chorando?*, ela me perguntaria. *Você nem fez nada.*

* * *

É estranho imaginar o período de tempo durante o qual os crimes permaneceram sem solução. Que o ato chegou a existir separadamente de Suzanne e dos outros. Mas, para o restante do mundo, foi assim. Eles não seriam presos até muitos meses depois. A chacina — tão próxima, tão horrenda — deixou todo mundo doente de histeria. Casas foram reformadas. Subitamente não eram mais seguras, seu caráter familiar jogado na cara de seus donos, como se para provocá-los — veja só, esta é a sua sala de estar, sua cozinha, e veja como ajuda tão pouco, essa familiaridade. Veja como ela significa pouco no fim das contas.

Os noticiários seguiram aos berros ao longo do jantar. Eu me virava a qualquer sinal de movimento, mas eram só as imagens da televisão ou a luz de um farol de carro atravessando as janelas do apartamento. Meu pai estava coçando o pescoço enquanto víamos TV, e a expressão em seu rosto não me era familiar — estava com medo. Tamar não parava de falar no assunto.

— O menino — dizia ela. — Não seria tão horrível se não tivessem matado o menino.

Eu tinha uma certeza paralisante de que eles enxergariam aquilo em mim. A ruptura no meu rosto, o silêncio óbvio. Mas não enxergaram. Meu pai trancou a porta do apartamento e depois a checou de novo antes de dormir. Eu fiquei acordada, minhas mãos inertes e úmidas à luz do abajur. Haveria a mais simples divergência entre os resultados? Se a face luminosa dos planetas tivesse orbitado de outra maneira, ou se uma maré diferente tivesse devorado a margem do litoral naquela noite — seria essa a membrana que separava os mundos onde eu tinha ou não tinha participado daquilo? Quando tentei dormir, o filme mental de violência me fez abrir os olhos. E havia outra coisa, também, me repreendendo bem ao fundo — mesmo com tudo aquilo, eu sentia a falta dela.

* * *

A lógica dos assassinatos era oblíqua demais para ser decifrada, envolvendo facetas demais, pistas falsas demais. Tudo o que a polícia tinha eram os

corpos, as cenas de morte espalhadas pela casa como anotações fora de ordem. Teria sido algo aleatório? Teria sido Mitch o alvo? Ou Linda, Scotty ou até mesmo Gwen? Mitch conhecia tanta gente, tinha a quantidade de inimigos e amigos ressentidos típica de uma celebridade. O nome de Russell foi mencionado, por Mitch e por outros, mas foi só um entre muitos. Quando a polícia finalmente foi investigar o rancho, o grupo já tinha abandonado a casa, viajando de ônibus por vários terrenos de camping ao longo do litoral, escondendo-se no deserto.

Eu não sabia o tempo que a investigação tinha perdido, como a polícia se deteve na investigação de trivialidades — um chaveiro no gramado que descobriram pertencer a uma faxineira, o antigo empresário de Mitch mantido sob vigilância. A morte atribuía uma primazia forçada ao que era insignificante, sua luz desordenada transformando tudo em evidência. Eu sabia o que tinha acontecido, então me pareceu que a polícia também devia saber, e fiquei aguardando a prisão de Suzanne, o dia em que a polícia viria à minha procura — porque eu tinha deixado minha sacola de roupas no rancho. Porque aquele aluno de Berkeley, Tom, acabaria associando os assassinatos ao ódio com que Suzanne tinha falado de Mitch, e entraria em contato com a polícia. Meu medo era real, mas não tinha fundamento — Tom só sabia meu primeiro nome. Talvez tenha realmente falado com a polícia, bom cidadão que era, mas não deu em nada — a polícia era inundada por ligações e cartas, todo tipo de gente assumindo responsabilidade ou dizendo ter alguma informação especial sobre o caso. Minha sacola de roupas era só uma sacola comum, e não tinha nada que me identificasse. As coisas dentro dela: as roupas, um livro sobre o Cavaleiro Verde da lenda do Rei Artur. Meu batom Merle Norman. Os pertences de uma criança querendo aparentar uma estatura adulta. E é claro que as garotas deviam ter vasculhado a sacola, jogado fora o livro inútil e ficado com as roupas.

Eu tinha contado muitas mentiras, mas esta conquistava um silêncio maior. Pensei em contar a Tamar. Contar ao meu pai. Mas então eu imaginava Suzanne, mexendo numa unha da mão, seu súbito olhar penetrante na minha direção. Eu não disse nada a ninguém.

* * *

O medo que se seguiu aos assassinatos não é difícil de lembrar. Mal fiquei sozinha durante a semana anterior à minha ida para o internato, andando sempre atrás de Tamar ou do meu pai pela casa, olhando pela janela à procura do ônibus preto. Passava as noites acordada, como se meu esforço de vigília pudesse nos proteger, minhas horas de sofrimento uma oferenda retribuída na mesma proporção. Parecia inacreditável que Tamar ou meu pai não percebessem como eu estava pálida, e subitamente desesperada pela

companhia deles. Esperavam que a vida seguisse seu curso. Coisas precisavam ser feitas, e eu me vi carregada pela logística delas com a indiferença que tomara o lugar do que quer que me fazia ser Evie. Meu amor por balas de canela, as coisas com que eu sonhava — tudo isso fora substituído por esse novo eu, um indivíduo que fora trocado por outro e que assentia quando falavam com ele, lavava e enxugava a louça do jantar, as mãos ficando vermelhas sob a água quente.

Antes de ir para o internato, tive que passar na casa da minha mãe para encaixotar as coisas do meu quarto. Minha mãe tinha encomendado o uniforme de Catalina para mim — encontrei duas saias azul-marinho e uma blusa de marinheiro dobradas na minha cama, o tecido fedendo a sabão industrial, como toalhas de mesa alugadas. Não me dei o trabalho de experimentar as roupas, enfiando-as na mala por cima de um par de tênis. Eu não sabia o que mais levar, e isso não parecia ser importante. Fiquei olhando para o quarto, em transe. Todas as minhas coisas que outrora eu tanto amara — um diário com capa de vinil, um amuleto com uma pedra zodiacal, um livro de desenhos a lápis — me pareciam defuntas e sem valor, drenadas de qualquer força animadora. Era impossível imaginar que tipo de garota poderia ter um dia gostado dessas coisas. Usado um amuleto no pulso ou escrito relatos sobre seus dias.

— Precisa de uma mala maior? — perguntou minha mãe da porta, dando-me um susto. Seu rosto parecia amassado, e eu podia sentir o cheiro do quanto ela tinha fumado. — Pode levar a minha vermelha, se quiser.

Imaginei que ela enxergaria a mudança em mim, mesmo que meu pai ou Tamar não enxergassem. A gordura infantil em meu rosto tinha desaparecido, uma dura raspagem de minhas feições. Mas ela não mencionou nada.

— Essa aqui está boa — respondi.

Minha mãe fez uma pausa, correndo os olhos pelo meu quarto. A mala quase vazia.

— O uniforme coube? — perguntou.

Eu nem tinha experimentado, mas assenti, exaurida, com uma nova tendência à aquiescência.

— Ótimo, ótimo.

Quando ela sorriu, seus lábios se racharam e de repente aquilo foi demais para mim.

* * *

Eu estava enfiando livros no armário quando encontrei duas fotos Polaroid embaçadas, escondidas debaixo de uma pilha de revistas velhas. A súbita presença de Suzanne no meu quarto: seu sorriso quente e selvagem, o relevo dos seus seios. Eu era capaz de me obrigar a sentir repulsa por ela, eletrizada

pela anfetamina e suando do esforço do massacre, e ao mesmo tempo era puxada por uma irresistível correnteza — ali estava Suzanne. Eu deveria me livrar da foto, sabia disso, a imagem já carregada com o ar culpado de evidência. Mas não consegui. Virei a foto e a enterrei em um livro que nunca mais leria novamente. A segunda foto era da parte de trás da cabeça de alguém que se virava para longe, e eu olhei para a imagem por um longo momento antes de me dar conta de que aquela pessoa era eu.

# PARTE QUATRO

Sasha, Julian e Zav foram embora cedo, e então fiquei sozinha. A casa tinha a aparência que sempre tivera. Só a cama no quarto ao lado, os lençóis emaranhados e cheirando a sexo, indicava que mais alguém tinha estado ali. Eu lavaria os lençóis na máquina da garagem. Iria dobrá-los e guardá-los nas prateleiras do armário, varrer o quarto, devolvendo-o à sua insipidez anterior.

* * *

Caminhei pela areia fria naquela tarde, pontilhada por fragmentos de conchas e os buracos cavados pelos siris. Eu gostava de sentir o vento nos ouvidos. O vento estava espantando as pessoas — alunas do curso pré-universitário dando gritinhos enquanto seus namorados perseguiam uma canga esvoaçante. Famílias finalmente desistindo e indo para o carro, carregando cadeiras dobráveis e uma pipa barata retorcida, já quebrada. Eu estava usando um suéter por cima do outro e aquele volume fazia com que eu me sentisse protegida, meus movimentos mais lentos. A cada metro eu deparava com tiras imensas e emaranhadas de algas, trançadas e grossas como uma mangueira de bombeiro. A purgação de uma espécie alienígena, aparentemente não deste mundo. Chamava-se *kelp*, alguém me dissera, *bull kelp*. Saber seu nome não a deixou menos estranha.

Sasha mal chegara a se despedir. Grudada na lateral do corpo de Julian, a expressão dura em seu rosto parecendo ser uma proteção contra a pena que eu sentia. Ela já tinha se ausentado, eu sabia, ido para aquele outro lugar da sua mente onde Julian era doce e gentil e a vida era divertida, ou, se não divertida, *interessante*, e isso não era valioso, não significava alguma coisa? Tentei sorrir para ela, enviar uma mensagem por um fio invisível. Mas nunca fora a mim que ela queria.

* * *

A neblina era mais densa em Carmel, descendo sobre o campus de meu internato como uma nevasca. A torre da capela, o mar próximo. Eu havia começado a escola naquele setembro, exatamente como fora planejado. Carmel era um lugar à moda antiga, e minhas colegas pareciam muito mais jovens do que eram. Minha companheira de quarto com sua coleção de suéteres de *mohair* organizados por cor. As paredes do dormitório amaciadas por tapeçarias, os deslocamentos sorrateiros depois do toque de recolher. A cantina em que trabalhavam as alunas do último ano, vendendo batatas fritas, refrigerantes e doces, e a maneira como todas as meninas se comportavam como se aquilo fosse o auge da sofisticação e da liberdade, ter

a permissão de comerem na cantina das nove às onze e meia nos fins de semana. Apesar do que diziam, das vanglórias e dos seus caixotes de discos, minhas colegas de turma me pareciam infantis, até mesmo as que vinham de Nova York. Ocasionalmente, quando a neblina obscurecia as torres da capela, algumas garotas não conseguiam mais se orientar e se perdiam.

Nas primeiras semanas, fiquei observando as garotas, que gritavam umas para as outras pelo pátio, suas mochilas às costas ou pendendo das mãos. Eu sentia como se as visse através de um vidro, como as adolescentes travessas bem-alimentadas e bem-amadas das séries de detetive, que amarravam fitas em seus rabos de cavalo e usavam blusas de guingão nos fins de semana. Escreviam cartas para casa e falavam de gatinhos que amavam e irmãs mais novas que as tratavam com adoração. As salas de uso comum eram o domínio das pantufas e dos roupões, de garotas que comiam chocolates *Charleston Chews* dos frigobares e se agrupavam em frente à televisão até parecerem ter absorvido psicologicamente os raios catódicos. O namorado de alguém morreu em um acidente de alpinismo na Suíça: todas se aglomeraram à volta dela, alvoroçadas com a tragédia. As demonstrações dramáticas de apoio alimentadas pelo ciúme — a má sorte era rara o suficiente para ser glamorosa.

Eu tinha a preocupação de estar marcada. Um subtexto assustador se tornando visível. Mas a estrutura da escola — suas particularidades, sua característica quase municipal — parecia penetrar na penumbra. Para minha surpresa, fiz amigas. Uma garota na aula de poesia. Minha companheira de quarto, Jessamine. Meu medo era percebido pelas outras como um ar rarefeito, meu isolamento uma consequência do cansaço e da experiência.

Jessamine vinha de uma cidade de criadores de gado, perto de Oregon. Seu irmão mais velho lhe enviava revistas em quadrinhos em que super-heroínas tiravam o uniforme e faziam sexo com polvos, ou com cachorros que pareciam de desenho animado. Ele comprava as revistas de um amigo no México, contou Jessamine, e ela gostava daquela violência boba, lendo as revistas com a cabeça pendendo na lateral da cama.

— Essa aqui é muito louca.

Ela ria, jogando uma revista para mim.

Eu tentava disfarçar uma ligeira náusea causada pelo sangue espirrando em forma de estrela e os seios arfantes.

— Estou fazendo uma dieta em que divido toda a minha comida — explicara Jessamine para mim, me dando um dos chocolates Mallomars que guardava na gaveta de sua escrivaninha. — Eu costumava jogar fora metade de tudo, mas aí o dormitório teve uma infestação de ratos e eu tive que parar.

Ela me lembrava de Connie, o mesmo jeito tímido de descolar a camisa da barriga. Connie, que devia estar no ensino médio em Petaluma. Subindo e descendo aqueles degraus baixos, almoçando nas mesinhas de piquenique

cheias de farpas. Eu não fazia mais ideia de como pensar nela.

Jessamine era ávida por minhas histórias de casa, imaginando que eu morava à sombra do letreiro de Hollywood. Numa casa de um rosa cor de sorvete, típica dos ricaços da Califórnia, um jardineiro varrendo a quadra de tênis. Não fazia diferença que eu insistisse em repetir para ela que tinha vindo de uma cidade produtora de laticínios: outros fatos eram mais importantes, como a identidade da minha avó. As suposições que Jessamine fez sobre os motivos do meu silêncio no começo do ano letivo, todas elas — eu me permiti entrar no papel. Falei de um namorado, apenas um de uma série de muitos.

— Ele era famoso — falei. — Não posso dizer quem é. Mas passei algum tempo morando com ele. O pau dele era roxo — contei, rindo, e Jessamine riu também.

Lançou-me um olhar invejoso e maravilhado. A mesma maneira como eu olhava para Suzanne, talvez, e como era fácil continuar contando histórias, uma narrativa baseada em meus desejos, pegando emprestado o que havia de melhor no rancho e moldando em um novo formato, como um origami. Um mundo onde tudo acontecera como eu quis.

Eu tinha aulas de francês com uma professora bonita que acabara de ficar noiva, e ela deixava as garotas populares experimentarem sua aliança. Minhas aulas de educação artística eram com a Srta. Cooke, que levava seu dever muito a sério com uma ansiedade de primeiro emprego. O contorno da maquiagem que eu às vezes podia ver ao longo de seu maxilar me fazia sentir pena dela, embora ela tentasse ser gentil comigo. Ela não fazia comentários quando me notava com o olhar distante ou com a cabeça repousada nos braços cruzados. Uma vez me levou para fora do campus para tomar um milk-shake e comer um cachorro-quente que tinha gosto de água morna. Ela me contou que havia vindo de Nova York para assumir aquele emprego, descrevendo como o asfalto da cidade refletia a luz do sol, como o cachorro do seu vizinho cagava as escadas do edifício, como ela tinha ficado um pouco maluca.

— Eu comia só os cantinhos da comida da minha colega de apartamento. E de repente não sobrava mais nada, e eu passava mal. — Os óculos da Srta. Cooke diminuíam os seus olhos. — Eu nunca me senti tão triste, e não tinha um motivo real para isso, sabe?

Ela aguardou, obviamente esperando que eu respondesse à sua história com alguma das minhas. Esperando algum conto triste e digerível sobre um namorado que fora embora de minha cidade natal, ou de uma mãe hospitalizada, as fofocas cruéis de uma colega de quarto escrota. Uma situação que ela pudesse reinterpretar para mim com cores heroicas, a partir de uma perspectiva mais velha e sábia. A ideia de contar mesmo a verdade à Srta. Cooke fazia minha boca se estreitar com uma hilaridade surreal. Ela sabia dos assassinatos ainda não solucionados — todos sabiam. As pessoas

passaram a trancar as portas e a instalar ferrolhos reforçados, comprando cães de guarda a preços inflacionados. A polícia, desesperada, não conseguira nada de Mitch, que fugira amedrontado para o sul da França, embora sua casa só viesse a ser demolida no ano seguinte. Peregrinos tinham começado a passar de carro diante do portão, na esperança de captar o horror como se fosse um vapor pairando no ar. Sentados em seus carros com o motor ligado em ponto morto até serem enxotados pelos vizinhos nervosos. Na ausência de Mitch, os detetives estavam seguindo pistas vindas de traficantes de drogas, esquizofrênicos e donas de casa entediadas. Chegaram até a contratar um médium para caminhar pelos aposentos da casa de Mitch se esforçando para captar vibrações.

— O assassino é um homem solitário de meia-idade. — Eu ouvira o médium declarar em um programa que atendia os telefonemas dos ouvintes. — Foi punido na juventude por uma coisa que não fez. Estou captando a letra *K*. Estou captando a cidade de Vallejo.

Mesmo que a Srta. Cooke acreditasse em mim, o que eu contaria a ela? Que eu não dormia bem desde agosto porque estava com muito medo do território desprotegido dos sonhos? Que eu acordava convencida de que Russell estava no quarto — ensopada e engasgando na minha tentativa de respirar, o ar parado como se fosse uma mão sobre minha boca? Que o pavor do contágio estava em mim? Que havia algum universo paralelo em que aquela noite não tinha acontecido, em que eu insistia com Suzanne para irmos embora do rancho? Em que a mulher loura e seu filhinho andavam pelo corredor de algum mercado empurrando o carrinho de compras, planejando um jantar para o domingo, cansados e mal-humorados? Em que Gwen enrolava uma toalha nos cabelos úmidos, passando creme nas pernas? Scotty limpando os filtros da banheira de hidromassagem, os regadores automáticos do gramado girando em silêncio, uma canção pairando no quintal vinda de um rádio próximo.

As cartas que eu escrevia para a minha mãe eram números teatrais forçados, a princípio. Depois, passaram a ter um fundo de verdade.

As aulas eram interessantes.

Eu tinha amigas.

Na semana seguinte, iríamos visitar o aquário e assistir ao pulsar das águas-vivas em seus tanques iluminados, suspensas na água como lenços delicados.

* * *

Quando cheguei à extremidade mais distante da praia em minha caminhada, o vento tinha aumentado. A praia vazia, todas as pessoas fazendo piqueniques e passeando com seus cachorros tinham ido embora. Fui andando por cima das pedras, voltando para a faixa principal de areia.

Seguindo a linha entre a encosta e as ondas. Eu já fizera essa caminhada muitas vezes. Eu me perguntei aonde Sasha, Julian e Zav teriam chegado àquela altura. Provavelmente ainda estavam a uma hora de Los Angeles. Sem precisar nem parar para pensar, eu sabia que Julian e Zav estavam nos assentos dianteiros e Sasha no banco de trás. Eu podia imaginá-la se inclinando para a frente de tempos em tempos, pedindo que uma piada fosse repetida ou indicando para eles alguma placa engraçada à beira da estrada. Tentando fazer campanha por sua própria existência, antes de finalmente desistir e se recostar de volta no banco. Deixando que o som da conversa dos dois se misturasse até virar um barulho incoerente, enquanto observava a estrada, os pomares pelos quais passavam. Os galhos reluzindo com as fitas prateadas que espantavam os passarinhos.

* * *

Eu estava passando pela sala comunal com Jessamine, a caminho da cantina, quando uma garota disse: "Sua irmã está lá embaixo, procurando você." Nem ergui os olhos; aquilo não podia ser dirigido a mim. Mas era. Levei um instante para entender o que podia estar acontecendo.

Jessamine pareceu magoada.

— Eu não sabia que você tinha uma irmã.

* * *

Acho que eu já sabia que Suzanne viria até mim.

O suave transe do meu dia a dia na escola não era desagradável, da mesma forma que um braço ou perna ficando dormentes não é desagradável. Até o braço ou a perna voltarem a sentir. Aí vêm o formigamento, as fisgadas do retorno — ver Suzanne recostada à sombra da entrada do dormitório. Os cabelos desgrenhados, os lábios tensos — sua presença escancarou as portas do tempo.

Tudo retornou à minha mente. Meu coração acelerou, incontrolável, com uma leve pontada de medo. Mas o que Suzanne poderia fazer? Era de dia, a escola estava repleta de testemunhas. Eu a vi observar o alvoroço do lugar, as professoras indo dar aulas particulares, as meninas atravessando o pátio com sacolas de tênis e com hálito de achocolatado, prova viva do empenho de mães invisíveis. Havia uma distância curiosa, animal, no rosto de Suzanne, uma avaliação do lugar estranho onde ela estava.

Endireitou o corpo quando me aproximei.

— Olhe só para você — disse ela. — Toda limpinha.

Percebi uma aspereza nova em seu rosto; uma bolha de sangue debaixo da unha.

Eu não disse nada. Não conseguia. Eu não parava de tocar nas pontas do

meu cabelo. Estava mais curto — Jessamine o havia cortado no banheiro, estreitando os olhos enquanto lia as instruções passo a passo de uma matéria de revista.

— Você parece feliz em me ver — disse Suzanne. Sorrindo.

Sorri de volta, mas foi algo vazio. O que, de algum modo oblíquo, pareceu agradar Suzanne. O meu medo.

Eu sabia que deveria fazer alguma coisa — ficamos paradas ali debaixo do toldo, aumentando a chance de alguém parar para me perguntar algo, ou se apresentar à minha irmã. Mas eu não conseguia me mexer. Russell e os outros não podiam estar muito longe — estariam me observando? As janelas dos prédios pareciam vivas, minha mente imaginando atiradores de tocaia e o olhar de Russell a distância.

— Me mostre o seu quarto — anunciou Suzanne. — Quero ver.

* * *

O quarto estava vazio, Jessamine ainda na cantina, e Suzanne passou por mim e entrou antes que eu pudesse impedi-la.

— Simplesmente adorável — disse ela com uma voz aguda, simulando um sotaque britânico.

Sentou-se na cama de Jessamine. Quicando repetidamente no colchão. Olhou para o pôster preso na parede com fita adesiva, uma paisagem havaiana, o oceano e o céu irreais separando uma faixa açucarada de praia. Uma coleção da enciclopédia *World Book* que Jessamine nunca tinha aberto, presente do pai dela. Jessamine guardava uma pilha de cartas numa caixa de madeira entalhada, e Suzanne imediatamente levantou a tampa, folheando a correspondência.

— Jessamine Singer — leu em um dos envelopes. — Jessamine — repetiu. Deixou a tampa se fechar e levantou. — Então essa é a sua cama.

Ela remexeu no meu cobertor com uma mão zombeteira. Senti um aperto no estômago, uma imagem de nós duas nos lençóis de Mitch. Os cabelos grudados na testa e no pescoço dela.

— Você gosta daqui?

— É ok. — Eu ainda estava parada à porta.

— Ok — repetiu Suzanne, sorrindo. — Evie diz que a escola é só ok.

Eu não tirava os olhos das mãos dela. Perguntando a mim mesma o que exatamente tinham feito, como se a porcentagem fizesse alguma diferença. Ela acompanhou a direção dos meus olhos: deve ter entendido o que eu estava pensando. Levantou-se abruptamente.

— Agora é minha vez de mostrar uma coisa para você — disse Suzanne.

* * *

O ônibus estava parado em uma rua secundária, logo depois do portão da escola. Eu podia ver a movimentação de gente no interior. Russell e quem mais ainda estivesse com ele — presumi que fossem todos. Tinham repintado o capô, mas todo o resto continuava igual. O ônibus animalesco e indestrutível. Minha súbita certeza: eles me cercariam. Iriam me encurralar em um canto.

Se alguém tivesse nos visto ali de pé no declive, teríamos parecido amigas. Conversando num sábado, minhas mãos nos bolsos, Suzanne protegendo os olhos do sol.

— A gente vai passar um tempo no deserto — anunciou Suzanne, observando a inquietação que devia ser visível no meu rosto.

Senti os confins precários de minha própria vida: uma reunião do Clube de Francês naquela noite — Madame Guevel tinha prometido tarteletes amanteigadas. A maconha mofada que Jessamine queria fumar depois do toque de recolher. Mesmo sabendo de tudo, alguma parte minha queria ir embora? O hálito úmido de Suzanne, suas mãos frescas. Dormindo no chão, mascando folhas de urtiga para refrescar nossas gargantas.

— Ele não está bravo com você — disse ela, seus olhos mantendo um contato intenso com os meus. — Ele sabe que você não diria nada.

E era verdade: eu não tinha dito nada. Meu silêncio me mantendo no reino do invisível. Eu sentira medo, sim. Talvez você pudesse atribuir parte do meu silêncio a esse medo, um medo que eu ainda poderia evocar em mim mesma mais tarde, depois da prisão de Russell, Suzanne e os outros. Mas era outra coisa, também. Eu não conseguira parar de pensar em Suzanne. Que às vezes coloria os mamilos com batom barato. Suzanne, que andava de um lado para outro de forma tão bruta, como se soubesse que você estava tentando tirar algo dela. Eu não contei nada a ninguém porque queria mantê-la a salvo. Porque quem mais a amava? Quem tinha segurado Suzanne nos braços e dito a ela que o seu coração, pulsando em seu peito, estava ali de propósito?

Minhas mãos estavam suando, mas eu não podia enxugá-las na minha calça jeans. Tentei entender aquele momento, guardar na mente uma imagem de Suzanne. Suzanne Parker. Os átomos se reorganizando na primeira vez em que a tinha visto no parque. A forma como sua boca sorrira na minha.

Ninguém jamais tinha olhado para mim antes de Suzanne, não de verdade, e então ela se tornara minha definição. Seu olhar amaciando meu interior com tamanha facilidade que mesmo fotografias dela pareciam dirigidas a mim, inflamadas por um significado só meu. Era diferente de Russell, a maneira como ela me olhava, porque esse olhar também o continha: fazia com que ele e todos os demais parecessem menores. Tínhamos estado com homens, os tínhamos deixado fazer o que quisessem. Mas eles nunca conheceriam as partes de nós mesmas que escondíamos

deles — nunca sentiriam a ausência ou mesmo saberiam que havia algo mais que deveriam estar procurando.

Suzanne não era uma boa pessoa. Eu entendia isso. Mas eu mantinha esse conhecimento longe de mim. O que o legista dissera, que os dedos anelar e mínimo da mão esquerda de Linda tinham sido decepados porque ela tentara proteger o rosto.

Suzanne pareceu me olhar como se pudesse haver alguma explicação, mas então um leve movimento por trás do para-brisa do ônibus atraiu sua atenção — mesmo àquela altura, ela ainda se mantinha alerta a cada gesto de Russell — e um ar profissional tomou conta dela.

— Está bem — disse, apressada pelo tique-taque de um relógio invisível. — Estou indo nessa.

Eu quase desejara uma ameaça. Alguma indicação de que ela talvez fosse voltar, de que eu devia temê-la ou podia chamá-la de volta com a combinação certa de palavras.

Só tornei a vê-la em fotografias e reportagens. Mas, mesmo assim, nunca consegui imaginar sua ausência como algo permanente. Suzanne e os outros sempre existiriam para mim; eu acreditava que jamais morreriam. Que iriam pairar para sempre no segundo plano da vida cotidiana, circulando pelas rodovias e à beira dos parques. Impelidos por uma força que jamais cessaria ou diminuiria.

Suzanne dera de ombros ligeiramente, naquele dia, antes de descer o declive gramado e desaparecer dentro do ônibus. O lembrete estranho em seu sorriso. Como se tivéssemos um encontro marcado, ela e eu, em algum horário e lugar definidos, e ela soubesse que eu me esqueceria de ir.

* * *

Eu queria acreditar que Suzanne me pusera para fora do carro porque vira uma diferença entre nós. Porque era óbvio para ela que eu não conseguiria matar ninguém, Suzanne ainda lúcida o suficiente para entender que ela era o motivo de eu estar no carro. Quis me proteger do que iria acontecer. Essa era a explicação fácil.

Mas havia um fato que complicava tudo.

O ódio que ela deve ter sentido para fazer o que tinha feito, golpear várias e várias vezes com a faca como se tentasse se livrar de uma doença enlouquecedora: ódio como esse não me era totalmente estranho.

O ódio era fácil. As constantes permutações ao longo dos anos: um desconhecido em um parque de diversões que pegou em minhas genitais por cima do short. Um homem na calçada que fingiu que ia me atacar e riu quando eu recuei. A noite em que um homem mais velho me levou a um restaurante chique quando eu ainda nem tinha idade para gostar de ostras. Menos de vinte anos. O dono se sentou à nossa mesa, e também um cineasta

conhecido. Os homens começaram uma conversa animada sem uma deixa de entrada para mim: fiquei remexendo no meu pesado guardanapo de pano, bebi água. Olhando para a parede.

— Coma os seus legumes — dissera o cineasta de repente. — Você ainda é uma garota em crescimento.

O cineasta quis que eu soubesse o que eu já sabia: eu não tinha poder. Viu minha carência e a usou contra mim.

O ódio que senti por ele foi imediato. Como o primeiro gole de um leite já estragado — a podridão corroendo as narinas, inundando todo o crânio. O cineasta riu de mim e os outros também, o homem mais velho que depois colocaria minha mão em seu pau enquanto me levava de carro para casa.

Nada disso era raro. Coisas como essa aconteceram centenas de vezes. Talvez mais. Acho que Suzanne reconheceu o ódio que vibrava por trás do meu rosto de garota. É claro que minha mão anteciparia o peso de uma faca. A resistência exata de um corpo humano. Havia tanto a ser destruído.

Suzanne me impedira de fazer o que eu teria sido capaz de fazer. E assim me soltou no mundo como um avatar da garota que ela não seria. Ela jamais iria para um internato, mas eu ainda poderia ir, e ela me mandou para longe dela como uma mensagem para o seu eu alternativo. Foi isso que Suzanne me deu: o pôster do Havaí na parede, a praia e o céu azul como o mínimo denominador comum da fantasia. A chance de assistir a aulas de poesia, de deixar o saco de roupa suja do lado de fora da minha porta e comer bife nos dias de visita dos pais, encharcados de sal e sangue.

Foi um presente. O que eu fiz com ele? A vida não se passara como eu outrora havia imaginado. Completei o internato, fiz dois anos de faculdade. Persisti através daquela década vazia em Los Angeles. Primeiro enterrei minha mãe, depois meu pai. O cabelo dele ralo e fino como o de uma criança. Paguei contas, fiz compras e fui ao oftalmologista enquanto os dias se desfaziam como fragmentos de pedra se desprendendo da face de um penhasco. A vida um recuar contínuo para longe da beirada.

Houve momentos de esquecimento. O verão em que fui visitar Jessamine em Seattle depois que ela teve seu primeiro bebê — quando eu a vi à minha espera na calçada, com os cabelos para dentro do casaco, a costura dos anos se desfez e eu me senti, por um momento, como a menina gentil e sem culpa que eu tinha sido. O ano com o homem do Oregon, nossa cozinha compartilhada repleta de plantas e cobertores indianos nos assentos do nosso carro, cobrindo os rasgos. Comíamos pão árabe frio com manteiga de amendoim e caminhávamos pela grama molhada. Acampando nas colinas em volta do Hot Springs Canyon, bem ao sul do litoral, perto de um grupo que conhecia todas as letras do *The People´s Song Book*. Uma pedra aquecida pelo sol na qual nos deitamos para secar da água do lago, nossos corpos deixando um borrão conjunto na pedra.

Mas a ausência tornou a surgir. Quase fui esposa, mas perdi o homem.

Quase pude ser reconhecida como uma amiga. E aí não fui mais. As noites em que eu apagava a luz da mesa de cabeceira e me descobria em uma escuridão indiferente e solitária. As vezes que eu pensei, com uma fisgada de horror, que nada disso fora um presente. Suzanne conseguira a redenção que se seguia a uma sentença, os grupos de estudo da Bíblia na prisão, entrevistas no horário nobre da TV e um diploma de faculdade por correspondência. E a mim coube a apagada história de espectadora, uma fugitiva sem um crime, em parte querendo e em parte temendo que alguém viesse à minha procura.

* * *

Foi Helen, no fim das contas, que acabou falando. Tinha só dezoito anos, ainda carente de atenção — fico surpresa que tenham escapado da prisão por tanto tempo. Helen fora presa em Bakersfield por usar um cartão de crédito roubado. Só uma semana em uma cadeia local e ela teria sido solta, mas não conseguiu deixar de se gabar para a companheira de cela. A televisão operada por moedas na sala comunal exibia um boletim especial sobre a investigação em curso dos assassinatos.

— A casa é muito maior do que parece nessas imagens — disse Helen, segundo a companheira de cela.

Posso imaginar Helen: casual, projetando o queixo para a frente. A companheira de cela deve tê-la ignorado a princípio. Revirando os olhos diante das bobagens de menininha. Mas então Helen continuou, e de repente a mulher estava ouvindo com atenção, calculando o dinheiro da recompensa, uma redução de sua pena. Estimulando a menina a contar mais, a continuar falando. Helen deve ter ficado lisonjeada com a atenção, expondo a história inteira. Talvez até exagerando, prolongando os espaços assombrados entre as palavras, como se contasse uma história de fantasmas em uma festa de pijama. Todos nós queremos ser vistos.

* * *

Acabariam todos presos até o final de dezembro. Russell, Suzanne, Donna, Guy, os outros. A polícia invadindo o acampamento deles em Panamint Springs: sacos de dormir de flanela rasgada e lonas azuis de nylon, as cinzas mortas da fogueira. Russell saiu correndo quando eles chegaram, como se pudesse escapar de todo um esquadrão de policiais. Os faróis dianteiros dos carros de polícia brilhando no rosa pálido da manhã. Como foi digna de pena, a imediata captura de Russell, forçado a se ajoelhar na relva com as mãos na cabeça. Guy algemado, aturdido ao descobrir que havia limites para a presunção que o levara às suas conquistas até aquele ponto. As crianças pequenas foram encaminhadas para a van do serviço social, enroladas em

cobertores e recebendo sanduíches frios de queijo. As barrigas distendidas e as cabeças borbulhando de piolhos. As autoridades não sabiam quem tinha feito o quê, ainda não, então Suzanne era apenas mais uma naquele bando de garotas magras. Garotas que cuspiam na terra como cães raivosos e amoleciam o corpo quando os policiais tentavam algemá-las. Havia uma dignidade insana na resistência delas — nenhuma delas tentara sair correndo. Mesmo no fim, as garotas tinham sido mais fortes do que Russell.

Nevaria em Carmel naquela mesma semana, uma finíssima camada branca. As aulas foram canceladas, o gelo sendo esmigalhado sob as solas de nossos sapatos enquanto atravessávamos o terreno da escola usando jaquetas jeans. Parecia ser a última manhã na Terra, e contemplamos o céu cinzento como se mais daquele milagre estivesse vindo, mas tudo se derreteu em menos de uma hora.

* * *

Eu estava na metade do caminho de volta para o estacionamento da praia quando vi o homem. Andando na minha direção. Talvez a uns cem metros de distância. Tinha a cabeça raspada, revelando os contornos agressivos do crânio. Usava uma camiseta, o que era estranho — a pele corada com o vento. Eu não quis sentir o nervosismo que tomou conta de mim. Uma análise inevitável dos fatos: eu estava sozinha na areia. Ainda longe do estacionamento. Não havia mais ninguém por perto além de mim e daquele homem. O penhasco claramente delineado, cada estriamento e aglomerado de líquens. O vento espalhando meus cabelos pelo rosto, desordenado e vulnerável. Reorganizando a areia em faixas. Continuei andando na direção dele. Obrigando-me a manter o passo firme.

A distância entre nós era de cinquenta metros, agora. Os braços dele pareciam cheios de cavidades, de tantos músculos. O fato bruto de seu crânio nu. Reduzi a velocidade, mas não importava — o homem continuava a avançar com vigor na minha direção. A cabeça dele balançava a cada passo, um insano espasmo rítmico.

Uma pedra, pensei, loucamente. Ele vai pegar uma pedra. Vai abrir o meu crânio, meu cérebro vai vazar pela areia. Vai apertar meu pescoço com as mãos até destruir minha traqueia.

As coisas estúpidas que me ocorreram:

Sasha e sua boca salgada e infantil. A maneira como o sol iluminava o alto das árvores que ladeavam o acesso da casa de minha infância. Se Suzanne sabia que eu pensava nela. Como a mãe devia ter implorado, no fim.

O homem estava chegando cada vez mais perto. Minhas mãos, inertes e molhadas. Por favor, pensei. Por favor. A quem eu me dirigia? Ao homem? A Deus? A quem quer que cuidasse dessas coisas.

E então ele estava à minha frente.

Ah, pensei. Ah. Porque era apenas um homem normal, inofensivo, marcando com a cabeça o ritmo dos fones brancos em seus ouvidos. Apenas um homem caminhando pela praia, curtindo a música, o sol fraco através da névoa. Ele sorriu para mim quando passou, e eu sorri de volta, como você sorriria para qualquer estranho, para qualquer pessoa que não conhecesse.

# AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a Kate Medina e Bill Clegg por sua inestimável orientação. Obrigada também a Anna Pitoniak, Derrill Hagood, Peter Mendelsund, Fred e Nancy Cline, e a meus irmãos e irmãs: Ramsey, Hilary, Megan, Elsie, Mayme e Henry.

# SOBRE A AUTORA



© MEGAN CLINE

Emma Cline nasceu na Califórnia, Estados Unidos. Seus trabalhos de ficção já figuraram na *Granta* e na *Paris Review*, e, em 2014, Cline foi agraciada com o Paris Review Plimpton Prize. *As garotas* é seu romance de estreia.

# LEIA TAMBÉM




*Um amor incômodo*
Elena Ferrante




*Circo invisível*
Jennifer Egan




*Ruby*
Cynthia Bond